

LAURA KINSALE

Autora de Flores da Tempestade

O Caçador de Sonhos

Um homem atravessa o deserto guiado por um rapaz beduíno.
Não sabe que as vestes do guia escondem uma mulher formidável...

ASA

The background of the cover is a soft-focus photograph of a man and a woman in a desert setting. The man, on the left, has dark, wavy hair and a beard, and is wearing a white shirt with a dark vest. The woman, on the right, has light brown hair and is looking up at him. They are standing in front of rolling sand dunes under a blue sky with light clouds.



Ficha Técnica

Título original: THE DREAM HUNTER

Autor: Laura Kinsale

Traduzido do Inglês por Ana Álvares

ISBN: 9789892339979

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 1994, 2013, Hedgehog, Inc.

Publicado por acordo com a autora,

representada por BAROR INTERNATIONAL, INC.,

Armonk, Nova Iorque, EUA.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

PRÓLOGO



Londres, 1838

—O que lhe parece que terão feito ao pobre diabo?

— Decapitaram-no, imagino — replicou o visconde Winter com indiferença. Se a população não o tiver matado à pedrada.

— Valha-nos Deus. — Sir John Cottle, angustiado, fitou o visconde, enquanto este, mau grado a solenidade das altas e imponentes janelas que o enquadravam, permanecia com as longas pernas estiradas numa pose relaxada, acompanhado de um decantador de xerez. À luz fosca daquela tarde de neblina de dezembro, o rosto de Lord Winter possuía a elegante gravidade e o olhar firme e impenetrável dos homens acostumados à companhia do sol e da distância. A austeridade da sua expressão era acentuada por duas sobrancelhas muito escuras de pendor diabólico, maçãs do rosto proeminentes e disposição inflexível da boca e do maxilar. Em cima da mesa e no chão, viam-se alguns livros da extensa coleção do clube.

Sir John passou os olhos ausentes por títulos tão sugestivos como *Narrative of an Expedition in H.M.S. Terror on the Arctic Shores*, *Voyages dans l'Amérique Sud* e *Around Cape Horn: Scenes, Incidents and Adventures of the Passage from the Journal of Captain W. M. Alexander*. Não estava realmente na biblioteca do clube, nem sequer eram os livros que o preocupavam; a sua mente vagueava por cenas orientais de barbárie e violência. Voltou-se aflito para Lord Gresham, seu companheiro de corridas.

— Sinto-me responsável. Mesmo oriundo de Nápoles, ele era cristão. Talvez seja melhor deixarmos as coisas como estão, Gresham.

— Deixe-se de disparates. — Um rubor vivo tingia o rosto esguio de Lord Gresham. — O italiano afirmou que conseguia fazer-se passar por maometano. Custou-nos o resgate de um rei. Se não sabia o que fazia, paciência! Nós perdemos o nosso dinheiro e ele perdeu a vida.

— Decapitado, por amor de Deus! Não sei se...

— Quer o cavalo, não é? — Lord Gresham olhou Sir John com uma expressão determinada.

— Sim! Claro que sim! — declarou Sir John, mordiscando o bigode com sinais de perturbação nos olhos azul-claros. — Mas ditar a sentença de morte de um segundo homem... — Olhou o visconde, de novo debruçado sobre os livros, claramente mais interessado em tirar notas do que em seguir a conversa. — O que acha, Winter?

O visconde não desviou o olhar das suas anotações.

– Se não sabia o risco que corria, o seu italiano era um idiota – comentou.

– Mas será que é um empreendimento impossível? – perguntou Sir John. – Há anos que o tipo estava no Oriente.

– Falava árabe como um nativo – acrescentou Lord Gresham –, e não ficava a dever a nenhum em aparência.

Lord Winter, a quem um leve sorriso curvava um canto da boca, tirou os olhos do livro.

– Como é que sabe?

Os dois homens voltaram-se para ele.

– Bom – disse Sir John –, ele vestiu a parafernália de beduíno para nos mostrar. Um turbante e coisas que tais.

– Um turbante! – O visconde Winter ergueu uma sobrancelha, abanou a cabeça e regressou às suas anotações.

Sir John lançou um olhar fulminante a Lord Gresham.

– Eu bem lhe disse que, antes de mais, devíamos ter consultado o Winter! – exclamou, com uma ferocidade que contrastava com o rosto redondo e prazenteiro. – Como é que podíamos avaliar se o homem sabia realmente do que falava?

– Bem, estamos a consultá-lo agora – devolveu Lord Gresham, crispado. – É precisamente este o busílis, Winter. Precisamos de alguém que nos oriente. Alguém no Cairo ou em Damasco que consiga encontrar-nos um agente para ir ao deserto e nos trazer o animal. Mas os cônsules estão decididos a dificultar as coisas colocando obstáculos estúpidos. Tínhamos esperança de que pudesse recomendar-nos algum nome.

Lord Winter ergueu os olhos. O seu intenso azul-cobalto contrastava de forma admirável com as pestanas escuras e a pele bronzeada.

– Estão a perder o vosso tempo e dinheiro, cavalheiros. Duvido muito de que este cavalo exista.

– Temos um documento... – principiou Sir John.

– Do vosso desditoso italiano? – interrompeu o visconde. – Um *pedigree*, talvez? Em linha contínua até aos estábulos de Salomão, de veracidade atestada por xeiques de cabelos brancos... esse tipo de coisa?

– Bem... Sim. Esse tipo de coisa.

– Poderei tentar-vos com um tapete voador? – perguntou Lord Winter com toda a educação.

Sir John balbuciou um protesto. Lord Gresham disse:

– Se o lesse...

– Oh, não tenho dúvida de que se trata de uma história muito bonita. Nenhum beduíno mentiria sobre a linhagem de um cavalo, pois todos conhecem cada animal como se fosse a própria mãe, mas, para vosso deleite, com o maior dos entusiasmos incorreriam em inflamado perjúrio, mesmo no papel: assinado, selado e por três vezes abençoado por Alá. Quanto pagaram ao italiano?

– Um milhar – respondeu Lord Gresham com franqueza. – Sim, sim, sei bem que nos toma por idiotas, Winter, mas acontece que o papel não nos chegou através do italiano. – Baixou a voz. – Foi o meu cunhado, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que mo deu. Vinha num pacote que fora intercetado em Jeddah à mistura com uns documentos secretos ou algo semelhante. – Fez um gesto vago com a mão. – Turcos e egípcios, movimentação de tropas, esse tipo de coisas. O Palmerston interessa-se por isto, pobre diabo. Mas não se interessa por cavalos e, depois de mandarem traduzir

os documentos, e de concluírem que não se tratava de nenhum tipo de código, disse ao Harry que podia atirar o papel ao lume, se quisesse.

A expressão de desinteresse abandonou o olhar de Lord Winter, que observou os dois fervorosos atletas que o haviam procurado.

– Onde está esse papel?

Lord Gresham enfiou a mão no bolso e imediatamente apresentou um documento envelhecido, atado com um cordão grosseiro. Entregou-o ao visconde sem proferir palavra.

Lord Winter passou os olhos pelos caracteres árabes ondulantes. Os outros dois homens debruçaram-se, expectantes, sobre o documento e a biblioteca do clube ficou mergulhada em silêncio. Lord Winter terminou a leitura, enrolou o papel e devolveu-o, com o rosto inexpressivo.

– Mais uma vez, sugiro vivamente que preservem o vosso dinheiro e o vosso tempo.

– Parece-lhe um engodo? – perguntou Lord Gresham.

– Não, julgo que é verdade. – O visconde ficou mais sério. – Trata-se de uma mensagem destinada a Abbas Pasha. Este homem é sobrinho do vice-rei do Egito e tem uma paixão por cavalos do deserto. É um jovem príncipe que observa muito à risca a tradição de Gengis Khan: qualquer um que o ludibrie em questões de cavalos pode esperar ter as solas dos pés marcadas a ferro quente.

– Então esta égua chamada *Colar de Pérolas* existe mesmo! E está perdida, algures na península arábica. Tem de existir alguém com capacidade de a encontrar. Se o visconde pudesse pelo menos indicar-nos de que tipo de homem precisamos e onde poderemos encontrá-lo.

– A carta diz que nunca houve cavalo mais rápido, Winter! – interpelou Sir John, esfuziante. – Já deve ter ouvido que eu e o Gresh comprámos o *Vento da Noite* no ano passado. É um relâmpago! Por Deus, arrasou com todos os cavalos com que correu. E é de sangue quente, também, descendente de terceira geração daquela mesma linhagem oriental. Não há um único puro-sangue neste país que esteja à altura dele, mas se conseguirmos esta égua, com a qual resgatar o sangue do deserto, sei que teremos um cruzamento como o mundo nunca viu.

– Não nos pouparemos a nada para a localizar – declarou Lord Gresham.

– Não existe a menor possibilidade de a localizarem – afirmou o visconde em tom definitivo, recostando-se na poltrona e reabrindo o livro. – Acreditem em mim.

– Mas se diz que é verdadeira, aquela carta...

Sir John ergueu os olhos, interrompendo imediatamente o discurso quando um cavalheiro elegante parou ao lado da poltrona de Lord Winter.

– É evidente que o encontraria aqui – disse o homem com frieza.

O rosto do visconde Winter não apresentou qualquer alteração. No entanto, ele pousou o livro e levantou-se, sem precisar de olhar para trás para identificar o próprio pai.

– É apenas o Traveller's Club – declarou, estendendo a mão ao conde Belmaine. – Não é propriamente um bordel.

O conde ignorou o cumprimento e dirigiu um breve aceno de cabeça aos companheiros de Lord Winter. Era extremamente parecido com o filho, exceto na palidez do rosto e das mãos e na constituição menos robusta de um homem que solicitava em menor medida a força física. Os seus lábios torceram-se de aversão ao examinar os volumes espalhados à volta da poltrona do visconde.

– Faria o obséquio de me dar uma palavra em privado?

– Como desejar – replicou Lord Winter.

– Que sítio repugnante – sentenciou o aristocrata, conduzindo o filho até um canto reservado da

biblioteca.

– Desassocie-se – sugeriu Lord Winter em tom cordial.

– E perco a única oportunidade que me resta de dialogar com o meu estimado herdeiro? Ficaria condenado a esquecer-me do seu aspeto. Presumo que a sua mãe já se tenha esquecido.

– Não tenho essa sorte – observou o seu estimado herdeiro. – Ainda na semana passada conseguiu encurralar-me muito bem em Piccadilly, com uma daquelas enfadonhas debutantes que trata de desencantar.

– Concluo então que a sua mãe está condenada a encontrá-lo na rua – disparou o conde. – Já que não se digna a visitá-la em casa!

– Pois bem, a coragem abandona-me. – Lord Winter dirigiu ao pai um olhar seco. – A bem dizer, não é que tenhamos grande assunto de que falar. Desinteressa-me profundamente saber o que a mãe serviu no seu último jantar de gala ou qual a rapariga que prefere para minha noiva, e ela só está interessada nos meus defeitos. Tópico que, como saberá, está sobejamente gasto e não se presta a mais conversação.

– Julgaria que o afeto que um filho nutre, naturalmente, pela mãe...

– Sim, já todos sabemos há muito tempo que sou um filho completamente desnaturado! – interveio o visconde com impaciência na voz. – Vou mandar fazer o meu retrato de perfil em *silhouette* para ela pendurar na sala de visitas e indicar a todas as pessoas das suas relações como prova da minha existência.

– É muito atencioso da sua parte – ironizou o conde. – Mas não o procurei para o felicitar pela sua reconhecida amabilidade para com a sua mãe. Acabo de chegar da Real Sociedade Geográfica. Procurou o bolso interior do casaco. – Vai ter a honra de ser o primeiro a ver os nomes escolhidos para a expedição do capitão Ross à Antártida.

A expressão do visconde Winter alterou-se subtilmente. Continuou a fitar o pai. O conde atirou duas folhas dobradas para cima de uma mesa que estava entre os dois.

Ficaram meio abertas. *H.M.S. Terror*, era o título de uma; *H.M.S. Erebus* o da outra, encabeçando uma lista de nomes. Lord Winter não precisava de os ler. O seu nome não figuraria em nenhuma das duas.

– Hoje é o seu aniversário, se bem me recordo – prosseguiu o conde. – Este é o meu presente.

Lord Winter continuava sem dizer nada. Assomara-lhe ao rosto uma expressão de distância e indiferença, um olhar de amarga contenção.

O pai deixou embalar o discurso.

– Pelas minhas contas, faz hoje trinta e um anos. Se eu tivesse um neto, ele teria dez.

Lord Winter comprimiu mais os lábios. Semicerrou os olhos sombrios.

– Se eu tivesse um neto – prosseguiu o conde, baixinho –, dar-lhe-ia a minha bênção para cavar a sua sepultura no gelo da Antártida. Ou na areia do seu precioso deserto da Arábia, ou nalguma selva fedorenta... Ou em qualquer outro lugar inóspito onde entenda acabar com a sua vida.

Com deliberada demora, o visconde Winter pegou nas listas, segurando-as com alarmante docilidade. Vários membros do clube, dispersos pelos cantos mais afastados da biblioteca, ergueram os olhos, para logo voltarem a inclinar a cabeça, zelosos, sobre os seus livros. Sir John e Lord Gresham envolveram-se diligentemente numa disputa sobre a qualidade do xerez do clube.

– Como não é o caso – prosseguiu o conde com venenosa teimosia –, enquanto for o meu único herdeiro, solteiro e sem filhos, vejo-me obrigado a preocupar-me consigo e a acabar com estes

planos tão interessantes com que engendra a sua própria morte.

– A sua dedicação paterna é admirável, como sempre – murmurou o visconde Winter, devolvendo os papéis ao pai. – Espero que não tenha tido de vender muitos votos na Câmara dos Lordes para concretizar os seus intentos. A minha retirada da lista da expedição rendeu uma boa maquia à Real Sociedade, imagino?

– Passamos o Natal em Swanmere – disse o conde, a propósito de nada.

– Não vale a pena incomodar as criadas para arejarem o meu quarto. Estarei fora.

Belmaine empertigou-se, de olhos no filho, rangendo os dentes por trás de um sorriso.

– Não receie – devolveu polidamente. – Não incomodaria um guardador de porcos por sua causa.

Lord Winter fez uma vénia.

– Permita-me que lhe deseje um bom dia.

– Bom dia – disse o conde, dando meia-volta e seguindo. – Já próximo dos pilares da entrada, parou e olhou para trás. – Desejo-lhe um feliz aniversário.

O visconde Winter, imóvel como um vulto de pedra, não emitiu qualquer resposta.

O conde Belmaine estava decidido a manter o tom sarcástico, mas olhou para o filho alto, para o rosto belo e indiferente que não traía um laivo de afronta nem de emoção, o olhar imperturbável igualmente críptico, e não conseguiu sacrificar todos os laços. Perguntou, enraivecido com a sua própria debilidade:

– Dar-me-á a honra de saber para onde vai?

– E dar-lhe a possibilidade de tomar medidas para me impedir? – indagou o visconde friamente. – Não, não me parece.

O conde refreou a ira, consciente de que as suas provocações poderiam desencadear reações imprevisíveis. Não considerava impossível que o visconde aparecesse em casa com uma qualquer mulher enfeitada oriunda de um bordel e que a apresentasse aos pais como sua esposa. Não compreendia nem o sentido de humor nem a febre de errância do filho, mas aprendera com alguma dificuldade a nunca desconsiderar um ou a outra.

– Feliz Natal, então – devolveu secamente.

– O mesmo para o senhor – rematou Lord Winter.

O pai partiu, deixando a comprida sala em absoluto silêncio, sem sequer se ouvir o virar de uma página. O visconde ficou a vê-lo sair, com o rosto perfeitamente sereno. Depois, regressou à mesa, junto à janela, onde Sir John e Lord Gresham continuavam a aguardar entre as pilhas de livros e de anotações.

Lord Winter voltou a ocupar a poltrona. Serviu-se de xerez, fitando a bebida com ar pensativo, bebendo um gole e pousando o copo.

– Cavalheiros – disse, discretamente –, sinto-me inclinado, afinal, a prestar-lhes assistência material na questão do vosso cavalo árabe. – Um lampejo de cinismo avivou os seus olhos peculiares quando os ergueu. – Na verdade, tratarei pessoalmente do assunto.



A biblioteca do clube permaneceu silenciosa depois de Sir John e Lord Gresham se despedirem entre veementes e efusivos agradecimentos. Durante a tarde inteira, ouviu-se apenas o sibilar do fogo, o voltar de página do visconde e os suaves roncoss do diplomata francês, esticado num dos

sofãs com um jornal vienense aberto sobre o rosto. Por fim, quando, no andar de cima, começou a ouvir-se o burburinho da hora do jantar, este sinal pareceu insinuar-se na mente do visconde, que se levantou e espreguiçou, escolhendo um livro para levar consigo e deixando os restantes abertos em cima da mesa.

Subiu as escadas duas a duas, cruzando-se com outros membros do clube que as desciam. Três homens encontravam-se comodamente recostados junto à porta da sala de jantar, enquanto um deles dava as últimas baforadas no cachimbo.

– Aqui está ele! – declarou um, olhando de esguelha para o visconde. – O nosso nobre Senhor do Deserto!

Lord Winter parou e olhou os homens um a um.

– Aqui estou eu – disse. – Boa noite – rematou, prosseguindo.

– É tão antissocial, este Winter.

Todos lhe sorriram. Pareciam ser bem-intencionados, mas ele sentiu-se dominar por aquele afetado distanciamento, tão familiar. Dirigiu-lhes um meio sorriso.

– Uma mente inquieta, receio.

– Bem, meu caro, faça uma pausa e jante connosco.

Lord Winter hesitou, inclinando, finalmente, a cabeça.

– Muito agradecido, mas seria uma companhia abominável. – Ergueu a mão num cumprimento breve e passou por eles entrando na sala de jantar.

A mesa habitual, só para um, não ficava distante, apenas alguns passos para lá da porta. Quando se sentava, uma excentricidade acústica revelou-lhe claramente as vozes dos homens por cima da toada das conversas.

– O tipo é mesmo muito solitário.

– Conhecem-no? Nunca o vi com ninguém.

– Raramente fica por cá tempo suficiente para alguém lhe pôr a vista em cima. Passa a vida a vaguear pelos desertos da Síria, mas agora está de partida para o polo Sul.

– Para o polo Sul, meu Deus. Um intrépido entre os acomodados viajantes deste clube. Onde estudou?

– Entre governantas e tutores, imagino. Seria arriscado mandá-lo para a escola. É o herdeiro do Belmaine, não sabe?

– Ah! – A sílaba única testemunhou um mundo de descobertas. – Belmaine!

– O único filho. Não há mais herdeiros. Uma fortuna de todo o tamanho... Para não falar no título, claro. Sortudo dum raio.

– Deve ser muito agradável ter um pedestal só para si.

– Parece cair bem ao filho da mãe. Perguntei-lhe se queria jantar connosco, não perguntei? – Houve uma pausa e um encolher de ombros quase audível. – Uma companhia abominável, como disse o próprio.

Lord Winter folheou rapidamente algumas páginas do livro e começou a ler.

CAPÍTULO 1



Síria, 25 de junho de 1839

O reverendo Thomson ficara compreensivelmente abalado. Aliás, passaram-se alguns instantes até conseguir recompor-se depois de ver um monte de ossos humanos empilhados do lado de fora da cripta, com um crânio por cima, iluminados apenas por dois círios espetados nas órbitas da caveira sorridente. Sombras estrambólicas projetavam-se sobre o caixão de madeira à volta do qual se reuniram, em massa, os rostos lúgubres de esgazeados servos de Maomé.

Não previra perder-se nos meandros do jardim labiríntico que os muros de Dar Joon continham. Mas já passavam duas horas da meia-noite e, depois de os criados, com os seus turbantes e bigodes caídos, pegarem no caixão para transportarem Lady Hester Stanhope até à sua última morada, Mr. Thomson deixara-se ficar mais uns instantes para se familiarizar com os ritos fúnebres da Igreja de Inglaterra e poder assim conduzi-los sem embarcar em desrespeitosas hesitações nem necessidades de remexer nos livros.

Fora, contudo, uma inconsciência. Imediatamente após o cortejo fúnebre, com os seus archotes e lampiões, abandonar o pátio, desaparecendo na selva escura que Lady Hester designara como jardim, um vento quente inoportuno deixara o missionário americano na completa escuridão. Este fora obrigado a prosseguir às apalpadelas por um labirinto de caminhos sinuosos, onde as vozes sopradas e o brilho ténue e esporádico de um archote pareciam invariavelmente estar mesmo do outro lado de um tabique ou de uma curva que aparentemente não levava a lado nenhum. Durante algum tempo vagueara, tropeçando em raízes e afastando trepadeiras de jasmim, até deparar, por fim, com o caramanchão.

A visão macabra que se ofereceu aos seus olhos causou-lhe uma enorme agitação, mas Mr. Moore, o cônsul inglês, chegou-se ao seu lado indicando os ossos com um gesto vago e murmurou:

– Deixe lá o homem. É só um francês.

Mr. Thomson revirou os olhos na direção do cônsul, qual cavalo agitado.

– Estou a ver – disse.

– Dá pelo nome de capitão Loustenau – sussurrou Mr. Moore. – Tirei-o de lá para ficar com mais espaço para ela. O pobre diabo veio cá de visita, teve uma dor de barriga e morreu de repente. Há anos. Ela não quis separar-se dos ossos dele. – Encolheu ligeiramente os ombros. – Um patife preguiçoso e aproveitador, segundo dizem. Mas bastante ao gosto dela, se é que me entende.

Mr. Thompson aclarou a garganta em tom interrogativo.

– Jovem e bem-parecido – desenvolveu Mr. Moore.

– Ah – disse Mr. Thomson em tom dúbio.

– O velho Barker era cônsul nos dias de glória dela – acrescentou Mr. Moore num murmúrio sugestivo –, e ele costumava dizer que o Michael Bruce era o sacana mais atraente que nascera do ventre de uma mulher.

– Pois – disse o missionário.

Mr. Moore dirigiu-lhe um olhar zombeteiro.

– Era amante dela, está a ver?

Mr. Thomson franziu os lábios.

– Enfiou-o na cama quando ele tinha vinte e três anos, nem mais – observou o cônsul. – Ela tinha... Deveria ter uns trinta e quatro ou trinta e cinco, pelo menos. Solteirona por direito. Percorreram juntos a Turquia e a Síria juntos, aqueles dois. Ela era independente como um homem; não dava um chavo pelo que pudessem pensar dela. Andava de calças e montava um cavalo como um paxá da Turquia. Nunca chegou a casar-se com o Bruce, embora se dissesse que ele lho suplicava. Obrigou-o a deixá-la aqui sozinha. O velho Barker dizia que ela se gabava disso e que o considerava um nobre sacrifício, para que ele pudesse regressar a casa e tornar-se um Grande Homem. – Mr. Moore abanou a cabeça. – É bom de ver que ele nunca chegou a consegui-lo.

– Compreendo – disse Mr. Thomson. – Que... singular.

Os dois homens contemplaram o caixão, cada qual pensando no cadáver branco ressequido com que se depararam depois da veloz cavalgada diurna desde Beirute, jazendo destapado sob o calor opressivo. Mr. Thomson sentiu que devia tecer algum comentário sobre o preço do pecado, mas aquele final patético, o morrer abandonada entre estrangeiros infiéis, o lixo e as ruínas da sua fortaleza do deserto, parecia castigo suficiente para uma transgressão que provavelmente datava de há um quarto de século. Mr. Moore pensou meramente que era inacreditável que a velha Hester Stanhope, a Rainha Louca do Deserto, um dia tivesse tido o poder de escravizar um arrasa-corções do gabarito de Bruce, ou assim o pintavam. Embora Mr. Moore nunca lhe tivesse posto os olhos em cima enquanto viva, conhecia bem Lady Hester de reputação, para não mencionar o pleito incessante com qualquer cônsul inglês, incluindo ele próprio, que teve a infelicidade de ser destacado para a sua órbita de influência. Mas a imaginação de Mr. Moore fraquejava quando tentava dar a Lady Hester outra representação que não a de velha reclusa recitadora de profecias que interferia constantemente com os assuntos do consulado, enviando cartas mordazes a toda a gente e queixando-se das suas dívidas do alto do santuário inviolável do seu reduto na montanha.

– Uma mulher diabólica – murmurou. – E de língua bem afiada, deixe-me que lhe diga.

– Que Deus tenha piedade da sua alma – entoou o missionário.

– Ámen – devolveu Mr. Moore. – É melhor prosseguir, com este calor.

Mr. Thomson recuperou a compostura, pegou no livro de orações e começou a ler. Enquanto as palavras possantes ecoavam no caramanchão, aproximou-se da luz trémula outro cavalheiro inglês.

O cônsul olhou de relance para ele, inclinou a cabeça, cortês, e voltou a baixar os olhos piedosos. O reverendo Thomson fez uma pausa na recitação, não fosse tratar-se de alguém com algum afeto pela falecida e que procurasse consolação posicionando-se mais perto do caixão. Mas o retardatário não se juntou a eles, colocando-se um pouco afastado tanto dos criados como dos oficiantes.

Era um homem alto, bem constituído, envergando botas e um casaco de caça inglês, com um frasco

de pólvora preso no cinto cruzado sobre o peito. O seu cabelo era tão escuro como a entrada da cripta. À luz inquieta os seus olhos pareciam pretos como carvão e a aparência do homem, no seu geral, para os nervos já debilitados do reverendo Thomson, desconfortavelmente satânica.

– Lord Winter – murmurou Mr. Moore num sopro.

Como o nome não tinha qualquer ressonância para o missionário americano, e como Lord Winter retribuía com um olhar silencioso o cumprimento de Mr. Thomson, este retomou o ofício. O reverendo ainda se sentia incomodado, mas constatava que aquele bizarro funeral, assim como alguns outros incidentes ocorridos durante a sua permanência entre os desventurados do Oriente, que ele registara no seu diário, pelo menos não desmereceriam compilação num volume de memórias de viagem, chegado o tempo oportuno.

Lord Winter, por sua parte, não manifestava qualquer sombra de surpresa ou perturbação face à novidade da cena. Um silêncio respeitoso acompanhou a descida do corpo à terra e só uma das criadas negras deu mostra, no seu choro contido, de verdadeira tristeza. Ao lado desta, muito quieto e direito, estava um rapaz beduíno, de cabelo comprido, revoltado e ondulado, os pés descalços sujos, punhal à cintura e um mosquete de roda pousado no ombro como se assomasse à cerimónia naquele momento, qual jovem pantera do deserto. O olhar atento de Lord Winter deteve-se nele um segundo, reparando na feminilidade das pestanas delineadas com *kohl*, os lábios cheios e o queixo delicado tão peculiar nos nómadas jovens da arábia, e prosseguiu. Conhecedor dos «bedu»¹, sabia bem que aquela fragilidade superficial não passava de uma ilusão e que o rapaz seria capaz dos esforços mais árduos e de bárbaro banditismo. Mas não era ele o homem que Lord Winter procurava.

Era evidente que este escolhera não agraciar o grupo com a sua presença. O visconde Winter não deixou que a ausência do homem fosse fonte de preocupação pois não era de espantar que a presença de estrangeiros tivesse desmobilizado o sujeito de penetrar nos muros de Dar Joon.

Uma expressão de sarcasmo surgiu no rosto de Lord Winter quando o cônsul abriu a bandeira do Reino Unido sobre o caixão de Lady Hester. De todos os seus inimigos, eram os missionários e cônsules ingleses quem ela detestava com mais vigor. Teria ficado louca de raiva se se soubesse deposta no túmulo sob a bandeira da União pela mão de um padre cristão.

Embora a presença do visconde no funeral de Lady Hester fosse obra do acaso, tendo coincidido com o seu compromisso na fortaleza da montanha, reconhecia uma sensação de arrependimento por não a ter procurado uma vez mais antes da morte dela. Mas o sentimento plasmou-se num sorriso sombrio. Não. Se tivesse sabido que o fim estava próximo, teria contratado os beduínos mais selvagens que conseguisse encontrar e engendrado um ataque àquele sítio, para que ela morresse a lutar.

Sempre fora isso que quisera. Dissera-lho.

Ele devia ter correspondido.

Terminado o serviço, reposta a ossada do francês, agora ao lado do caixão de Lady Hester, e selada a cripta, Mr. Moore voltou-se prontamente e estendeu-lhe a mão.

– Boa noite, senhor! Ou bom dia, receio. Que fatalidade. Foi um gesto generoso, ter vindo.

– Andava por cá – respondeu Lord Winter, de forma breve.

Mr. Thomson perguntou em tom esperançoso:

– Era amigo da falecida?

– Sim – disse Lord Winter. Fez uma pausa. – Tive essa honra.

– Uma senhora notável, tenho a certeza – disse o reverendo Thomson, soturno.

– Deveras – acudiu o cônsul. – Uma vida extraordinária. Acompanha-nos à aldeia, para uma ceia, senhor? Dizem-me que temos camas à nossa disposição.

– Por muito tentador que isso me pareça – disse Winter –, hoje à noite prefiro ficar aqui, se mo permitir.

Mr. Moore fez um ar de perplexidade.

– Aqui? Mas terei de fechar este sítio. Os criados não poderão ficar.

– Talvez – sugeriu o missionário, cuidadoso – Lord Winter deseje, nesta triste ocasião, ficar a sós, e refletir.

– Com certeza. Claro – concedeu Mr. Moore lançando um olhar desconfiado ao pesaroso, desabituação que estava de pensar no mui honorável Arden Mansfield, visconde Winter, como homem de grande sentimento. – Bom, se é esse o caso, suponho que seja permissível.

– Obrigado. – Lord Winter inclinou a cabeça. – Fico-lhe muito agradecido.

Mr. Moore pareceu a ponto de tecer algum breve comentário, mas conteve-se. Limitou-se a fazer um sorriso sensato e a devolver a vénia.

De facto, teria sido para o cônsul uma grande surpresa saber a que ponto Lord Winter lamentava aquela morte. Uma vez escorraçada a leva de criados, de archotes em punho – pretensamente com vista a alumiar, para o missionário e Mr. Moore, a descida íngreme e esburacada, mas, a bem da verdade, com o propósito muito mais valoroso de desencorajar a presença de espíritos da noite e de hienas – Lord Winter barrou o portão e voltou a percorrer o negro jardim até à sepultura. Colheu uma rosa de um arbusto desregrado, fitando com ar melancólico a terra revolvida pelos passos e as pedras sujas à entrada da cripta. A imundície daquele sítio testemunhava a negligência de décadas. E, contudo, apesar dos escombros, continuava a ser Dar Joon, o fabuloso palácio da Rainha do Deserto.

O deserto – e Lady Hester: tinham sido ambos a chama dos seus sonhos de rapaz, a alma e o alento da idade adulta. Aos olhos de Arden, nem as brumas de Inglaterra, nem os jardins perfeitos de Swanmere eram tão reais como o ar agreste do deserto. E nenhuma mulher se impusera ao seu espírito como Lady Hester Stanhope.

Não se lembrava de um momento da sua vida em que ela não tivesse estado presente. Quando tinha cinco anos, ela enfrentara beduínos salteadores e atravessara o deserto para se tornar a primeira mulher inglesa a entrar em Palmira; quando Arden vestia ainda casaca curta e atazanava as trutas do pai com um pau e um fio, ela já buscara tesouros nas ruínas de Ascalão; enquanto ele aprendia a montar o seu primeiro pónei, ela comandava as tropas de um paxá, espalhando devastação pelo deserto, na retaliação sanguinária pelo assassinato de um amigo; antes de ele se fazer homem ela enfrentara um emir, desafiando o soberano a enviar o filho para acertar contas com ela, para que pudesse matá-lo com as suas próprias mãos. Vestira-se como se vestem os turcos e os homens das tribos do deserto; dera guarida a feridos drusos e a albaneses rebeldes, a órfãos e a mamelucos derrotados. Quando Ibrahim Pasha, conquistador absoluto, todo-poderoso, exigiu que ela lhe entregasse os seus inimigos, ela dissera apenas: *Venha buscá-los*. E ele não ousara tentar.

Ela nunca desapontara Arden, embora a idade a tivesse imbuído de impossível metafísica e de enlevos astrológicos e mágicos. No seu ocaso, era mais majestosa do que qualquer outra mulher com que ele se tivesse cruzado. Dizia-se que ela afirmara ser a noiva do novo Messias, mas Arden nunca ouvira dela tais palavras – apenas que entraria em Jerusalém ao seu lado. Era dona de uma prepotência inabalável e de uma sagacidade mordaz, tinha uma mente vulnerável a profecias

absurdas, mas fora o coração de uma leoa que defendera o cume daquela montanha, sozinha entre as cruéis tiranias do Oriente, isento de leis que não as suas.

Arden atirou a rosa branca aos pés da cripta. Ele nascera demasiado tarde, Hester Stanhope estava morta. Nunca na sua vida seria capaz de encontrar uma mulher de igual carisma e, naquela noite, a solidão e a inquietude indefiníveis que o impeliam – que sempre o impeliam a buscar os lugares mais vazios e selvagens da Terra, como se pudesse lá encontrar o pedaço da sua alma que lhe fora negado à nascença – eram mais contundentes do que nunca.

Murmurando uma imprecação, apagou a candeia e afastou-se da cripta. À luz das estrelas, andou à deriva pelos pátios silenciosos, tentando acertar nos trilhos sinuosos que o conduziriam ao alojamento dos estrangeiros, onde previra fazer a sua cama, perdendo-se por duas vezes no labirinto de tabiques e passagens. De súbito, mais repentinamente do que esperara, ao fazer uma curva deparou com um pátio relvado.

Parou. No silêncio, chegou até ele o som de alguém a chorar; não se tratava de um simples choro, porém, mas de terríveis soluços que anunciavam uma alma à beira do desespero.

Ajustando os olhos à escuridão, viu o brilho ténue de uma luz que, por uma porta aberta, recaía no pátio. Intrigado por aquele inesperado sinal de ocupação num compartimento que, supostamente, teria sido selado como todos os outros, Lord Winter atravessou o pátio, deixando que o bater das botas anunciasse a sua chegada. Espreitou o sítio de onde emanava o desesperado lamento e observou uma figura vestida com uma aba encardida às riscas, acorada numa atitude de profunda tristeza, entre baús abertos e caixas repletas de papéis.

Lord Winter não fez qualquer tentativa de se dissimular, colocando-se em frente à entrada. Ainda assim, quando falou, o rapaz recuou de um salto derrubando um banco e fazendo voar um monte de papéis. O estrondo pareceu um tiro a ecoar nas paredes de pedra.

– Que a paz esteja contigo. – Lord Winter apresentou um cumprimento em árabe, reconhecendo o rapaz beduíno de cabelo ondulado e mosquete primitivo. O jovem não disse nada, limitando-se a fitá-lo, temeroso, respirando pesadamente entre soluços.

O jovem beduim tinha todas as razões para estar aflito, pois o cônsul interditara a permanência a qualquer criado. Nenhuma pessoa minimamente familiarizada com os beduínos acreditaria que aquela cria de ladrões do deserto pudesse ter ficado para trás por outros motivos que não o furto, por mais que ela chorasse. O rapaz continuava alerta, como se pudesse ser atacado a qualquer momento.

Lord Winter recebeu o olhar assustado com um encolher de ombros.

– *Ma'aleyk*, que nada de mal te aconteça, pequeno lobo. Bebe um pouco do meu café.

Se esperara que a atitude hospitaleira suscitasse um mínimo de docilidade ou afabilidade por parte do seu interlocutor, Lord Winter enganara-se. O rapaz não parecia muito dado a confianças. Continuou de pé, silencioso, entre o caos de papéis fantasmagórico.

– *Yallah!* – Arden deu meia-volta. – Continua com o saque, então. Deus é grande!

– Lord Winter – exclamou o rapaz, com uma voz envolvente, num inglês perfeito. – Não sou nenhum ladrão!

O efeito de ouvir o seu próprio nome em língua inglesa fluente nos lábios daquele catraio manhoso foi mais surpreendente do que Arden gostaria de reconhecer. Olhou para trás, de sobancelha alçada.

– Senhor – principiou o rapaz em tom de desespero –, vai entregar-me ao cônsul?

– É-me indiferente se roubas este lixo todo – respondeu Lord Winter, regressando ao inglês. – Mas parece que as leais serviçais já se encarregaram de despachar tudo até à última colher.

– Não estou a roubar – insistiu o rapaz.

Lord Winter encostou-se à ombreira da porta, dirigindo-lhe um olhar de ceticismo.

– Como queiras.

– O cônsul...

– Meu filho – interrompeu Winter –, se julgas que digo tudo o que sei a Mr. Moore e afins, enganas-te muito quanto ao meu carácter. Até ele se espantaria, diria eu. Lady Hester ensinou-te inglês?

O rapaz hesitou, mas respondeu em árabe:

– Sim *ma'alem*. Alá seja louvado!

– Parece ter sido excecionalmente bem-sucedida. Há quanto tempo estavas ao seu serviço?

Face às perguntas insistentes, contudo, o rapaz remeteu-se à timidez.

– Há muitos verões, *ma'alem* – murmurou ele, baixando a cabeça.

Pela voz e o rosto imberbe, Arden não lhe dava mais do que quinze anos; talvez até menos do que isso. Mais alto do que era habitual nas crianças daquelas tribos, com o olhar puro e árido do deserto, tudo nele era beduíno, desde as mãos pequenas e graciosas que espreitavam das mangas esfarrapadas aos dois cachos entrançados que, roçando o rosto, lhe desciam até ao ombro, emblema do jovem nómada galante que era, até ao enorme punhal curvo que trazia amarrado à cintura. Fino como um junco, com o rosto pensativo inchado pelas lágrimas e a pele macia tingida pelo sol.

Arden estava disposto a gostar dele, apenas porque era beduíno, um espécimen da raça mais livre à face da Terra.

– Anda, pequeno, bebe da minha bebida, e que o Senhor te dê a vida – insistiu.

O rapaz olhou-o por entre as pestanas húmidas. Os olhos grandes e escuros, cheios de lágrimas, pareciam relutantes em aceitar o convite. Lord Winter não estava especialmente familiarizado com a ciência do pranto, pois pouco convivia com crianças e, além disso, procurava a companhia feminina com um único propósito, fruto do distanciamento e desdém que nutria pela condição das mulheres em geral e da violenta antipatia que dirigia em particular às jovens flores inglesas, cheirosas e desfalecentes, que tão amiúde lhe eram apresentadas, na esperança de que ele cumprisse o seu aristocrático dever e seleccionasse uma para sua esposa. Mas, atendendo aos lábios trémulos e olhos lacrimejantes, receou, naquele caso, a iminência de uma recaída.

– Pequeno lobo, não chores, és um árabe – ordenou, para conter a enxurrada iminente. A repreensão severa pareceu ter o efeito oposto, porém, pois o rapaz desatou a soluçar, escondendo o rosto entre as mãos.

Algo desconcertado, Lord Winter observou a figura esguia por um instante. Pousou a espingarda em cima do ombro e empurrou a porta.

– Como te aprouver. – Regressou ao pátio, deixando o rapaz entregue ao pranto persistente.

¹ Do árabe, nómada. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 2



O destroçado indivíduo que Lord Winter abandonara ao seu pranto deixou-se cair entre as pilhas de papéis inúteis. Zenobia ainda tremia com o desespero da descoberta, incapaz de conter o choro que tanta aversão causara a Lord Winter.

Lord Winter! Se pelo menos se tratasse do fiel Dr. Meryon, ou do gentil Monsieur Guys, do consulado francês, ou até de um dos viajantes alemães; se pelo menos tivesse sido outra pessoa e não Lord Winter, com aquela fria indiferença e disposição tão mordaz como a da sua mãe.

Estava certa de que ele a entregaria ao cônsul por roubo, e que este a entregaria ao Emir Bechir para que ele lhe cortasse a mão, se julgasse que ela era um rapaz do deserto, ou exigisse os milhares de libras que eram devidas aos credores de Lady Hester, caso descobrisse quem ela verdadeiramente era. Os ingleses tinham retirado a pensão à mãe para pagar as dívidas que esta acumulara, e Lady Hester, furiosa, escrevera à rainha de Inglaterra em pessoa, a abdicar da sua cidadania numa nação de escravos. Mas, e se o cônsul descobrisse que Lady Hester tinha uma filha, quem sabe o que poderiam fazer-lhe para recuperar o dinheiro? O cônsul diria aos judeus prestamistas, aos mercadores turcos e à rainha inglesa. Ela poderia chegar a ser vendida como escrava para pagar as dívidas, pois por baixo das vestes andrajosas a sua pele era branca, logo, valiosa, a única riqueza que Lady Hester deixara. Zenia nunca teria possibilidade de escapar, de chegar a Inglaterra para procurar o seu pai; nunca veria um país inteiro que parecia um jardim; nunca lhe seria dado estar entre o seu próprio povo nem ter um vestido a sério, como os vestidos que usavam as damas inglesas.

A ideia do vestido originou uma nova torrente de lágrimas. Tinha vinte e cinco anos e nada nos pés. Não foi uma surpresa para Zenia, Lord Winter tê-la confundido com um rapaz beduíno. Na sua infância, a mãe nunca lhe permitira vestir outra coisa que não roupa de homem turca. Só Miss Williams, a criada de Lady Hester, abandonada pela sua despótica senhora à mercê dos infiéis, costurara secretamente para Zenia roupas inglesas e, quando Lady Hester dormia, deixava a rapariguita treinar as vénias e os maneirismos de Inglaterra. Mas Miss Williams morrera e Zenia fora mandada para o deserto, para junto dos beduínos e, desde então, nunca mais tivera vestidos, sapatos ou meias. Os «bedu» deram a Zenia um mosquete, um camelo e um nome árabe, e passaram a consultá-la sobre magia pois ela era a filha da rainha dos *Englezys*.

Abraçou-se a si própria, enrolando as mãos e os pés calejados nas dobras da túnica. Oh, uma verdadeira princesa, ela: princesa da terra da fome sem lei, miserável rainha de nada.

Ainda que por escassos e esperançosos dias, quando Lady Hester a convocara a regressar a Dar Joon, ela tivesse acreditado que a mãe desejava a sua presença, fosse por solidão ou por afeto, ou que pensava enviá-la para Inglaterra, rapidamente as otimistas conjecturas foram clarificadas. Zenia não teve permissão para mudar de roupa, nem sequer para a trocar, pois não havia dinheiro. Os espiões de Lady Hester, desse por onde desse, eram pagos; havia prendas para os paxás e comida para os dervixes mendicantes; mas não havia dinheiro para comprar roupa nova para Zenia. Durante os últimos cinco anos, ela atendera aos alucinados caprichos da mãe e vivera escondida atrás dos tabiques, ouvindo Lady Hester comentar com os convidados ingleses que recebia esporadicamente que preferia dormir com mulas de carga do que com mulheres, o que arrancou a Lord Winter uma gargalhada e a resposta imediata de que era demasiado severa, que dormir era o único empreendimento que, a seu ver, era tolerável realizar com os elementos do sexo feminino.

Se pelo menos não tivesse sido Lord Winter a aparecer!

Zenia agarrou na miniatura que trazia ao pescoço, escondida pelas pregas puídas da aba riscada. Era a sua única possessão, uma ligação frágil: a única coisa, por vezes, que a convencia de que, apesar de tudo, ela não era aquele rapaz beduíno andrajoso. Vários anos antes, num dos seus ataques histéricos de melancolia, Lady Hester atirara, da sua janela, a pequena recordação para o penhasco, mas Miss Williams mandara Hanah Massad apanhá-la. A dama de companhia da mãe, sempre atenciosa, depositara o pequeno retrato nas mãos de Zenia com um olhar assustado, sussurrando:

– Este é o seu pai. Não se esqueça! Ela não pode saber que a menina sabe!

O medo nos olhos da sua única amiga deixara uma impressão profunda naquela criança. Todos temiam o temperamento de Lady Hester e os seus castigos orientais. Era sem hesitação que aplicava o «bastinado» a um criado transgressor, ordenando que lhe flagelassem as solas dos pés até ficar aleijado, e sempre se orgulhara da força com que conseguia esbofetear o rosto de alguma criada imprudente. Zenia circulava pelo quarto da mãe sempre discreta e apreensiva; rápida a atender a ordens, e todos os dias se via escarnecida pela sua sensaboria e falta de espírito.

Prevenida, Zenia sempre tivera um cuidado extremo em esconder a miniatura da mãe. Guardava-a como a um tesouro. Só no maior secretismo a retirava da proteção dos andrajos, memorizando os traços do jovem atraente de olhos belos, adivinhando um sorriso terno na expressão do seu rosto, como se contemplasse, ao longe, algo bem-amado. Nos sonhos de Zenia, era para ela que ele olhava. No interior da miniatura havia uma madeixa de cabelo e um rolo de papel, em que se lia, numa caligrafia desalinhada: *Para o meu amor mais profundo, a criatura mais magnífica à face da Terra. Sempre seu, Mic. Bruce.*

O amor mais profundo era a mãe dela, claro. A criatura mais magnífica à face da Terra. Mas o sorriso dele... Zenia apertou a miniatura contra o peito e reclamou só para ela aquele sorriso terno.

Levantou-se, agarrando com força a relíquia, engolindo as lágrimas. Limpou o rosto com a manga, devolveu os papéis aos respetivos baús e apagou a candeia, indo enrolar-se num canto com o mosquete avariado. Em vida, a mãe nunca tolerara que Zenia mencionasse um possível regresso a Inglaterra. Uma vez, porém, em que se dedicara a relembrar a infância passada entre os mais valorosos estadistas de Inglaterra do seu tempo, depois de fumar o fragrante narguilé e relatar ao Dr. Meryon respeitadas histórias sobre o tio, Mr. Pitt, e o avô, Lord Chatham, ambos primeiros-ministros, Lady Hester, imitando o cecear de Lord Byron e rindo da forma como Lamartine beijara o seu *poodle*, chamara Zenia a altas horas da noite jurando-lhe que havia dinheiro de lado para ela poder ir para casa.

Naquele momento, sentia-se uma grande imbecil por ter acreditado na sua mãe. Lady Hester sempre tivera o dom de comandar a imaginação daqueles que se dedicavam a ouvi-la discorrer durante aquelas noites longas. Zenia fora demasiado crédula, pois aquilo era o que desejava acima de tudo. Agora não acreditava que aquelas economias especiais, escondidas algures como Lady Hester tanto insistira, alguma vez tivessem existido. Ou, se tivessem, o dinheiro há muito que fora gasto em pistolas de duelo ou arreios entrançados a ouro, para oferecer a algum paxá de falinhas mansas ou, não menos provável, roubado pelas vorazes criadas de Lady Hester.

Teria de ser ela a concretizar os seus planos. Ainda que não tivesse um tostão, nem sapatos, nem a mínima ideia de onde ele vivia, nem sequer se vivia, Zenobia não vacilava no seu propósito. Detestava o deserto e Dar Joon. Iria para casa, a casa onde nunca estivera. Procuraria o pai em Inglaterra e teria a vida que era a sua, a de uma inglesa.

Encostando os ombros à parede, procurou uma posição mais confortável. Nos últimos quatro dias não se deitara para dormir, passando-os à cabeceira da mãe, enquanto Lady Hester, enrolada nas suas túnicas brancas esvoaçantes, tossia e respirava a custo, e os criados rondavam por Dar Joon a roubar o que quer que ainda restasse. Com voz roufenha, a mãe incitara-a a impedi-los, mas assim que Zenia se levantara Lady Hester gritara-lhe que voltasse.

Agora, ali aninhada naquele canto, Zenia receava dormir. Dar Joon tinha entradas secretas e por vezes os lobos trepavam os muros. Nunca estivera tão só e desejou ter ido para a aldeia com os outros. Agora, no meio da escuridão e dos demónios, não poderia sair. O choro desenfreado da mãe assombrava-a assim que ela fechava os olhos, tecendo sonhos vívidos, deixando-a trémula de medo de que pudesse acordar e deparar com o fantasma de Lady Hester gritando por si. Vozes pareciam ecoar nos quartos vazios e mãos brancas em vestes claras estendiam-se para a agarrar.

O estampido de um tiro fê-la estremecer. Subitamente, as vozes tornaram-se reais, acompanhadas de gritos e passos de corrida. Acocorou-se mais ainda, de olhos fixos na porta. A luz balançou enchendo de sombras fantásticas o jardim lá fora.

Um vulto com roupagens orientais de cor branca entrou apressadamente pela porta. Zenia arquejou. Era a mãe! Sentindo a pedra morder-lhe as costas, cravou o olhar no fantasma da mãe. Imobilizada pelo terror, viu que esta desaparecia nas sombras negras, à entrada. Por um instante viu o cintilar do metal, mas também este se perdeu nas trevas. Ouviu o gatilho de uma arma.

– Pequeno lobo! – sibilou uma voz de homem.

As palavras em língua inglesa alarmaram-na e Zenia abafou a respiração ofegante. Não queria responder, nem revelar a sua posição.

– Sabes como sair daqui? – sussurrou ele. – Estão no portão principal e no túnel que sai do estábulo.

Zenia estava demasiado assustada para responder. Ouviu vozes ríspidas e o estrondo de uma porta a abrir a pontapé.

– Maldito sejas. Estás aqui? – murmurou ele.

– Sim – sussurrou ela.

– Então vê se trataas de me ajudar!

– Ao lado da fonte – respondeu ela, num sopro trémulo. – Por baixo da vinha.

Ele praguejou baixinho em inglês.

– Não há nada mais perto?

– Não, senhor.

– Indica o caminho.

Ela continuou encostada à parede, estremecendo.

– Vens? – insistiu ele baixinho. – Não são tipos respeitáveis, pequenote. São desertores.

Desertores! Ela agarrou no mosquete avariado e levantou-se, tremendo como varas verdes. Ouvia os outros a aproximarem-se. Quando os dois saíram para o pátio, a luz tornou-se imediatamente mais forte.

Zenia viu novamente o metal refulgir, quando Arden fez mira de trás da porta. A explosão fê-la saltar; um clarão amarelo iluminou o rosto dele, ferindo os olhos dela e dando lugar à escuridão e gritos irados.

– Vai! – comandou Lord Winter. Zenia pôs-se em movimento, tropeçando nas caixas até chegar à porta. Ele agarrou-lhe o braço no escuro, arrastando-a para o pátio.

Alguém embateu nela. Ela abafou um grito e encostou-se a Lord Winter. Sentiu o movimento do corpo dele ao mesmo tempo que outras mãos a agarravam; ouviu uma pancada forte, um grunhido e os dedos deixaram de a apertar. Quando Lord Winter recuperava o equilíbrio, a coronha da arma acertou nela, embatendo-lhe com força no pescoço, e os canos das armas dos dois prenderam-se um no outro, mas ela avançou atabalhoadamente até ao muro do pátio.

Lord Winter acompanhou-a de muito perto. Zenia sentiu os pés afundarem-se na terra quando dobrou uma esquina, servindo-se da memória e da intuição para encontrar o caminho, pois nada via. A mão de Lord Winter agarrava-lhe o ombro.

Ouviu-se um tiro atrás deles, que ecoou pelos muros. Zenia embateu numa raiz, tropeçando. Torceu o tornozelo e caiu redonda no chão, sentindo uma dor aguda subir-lhe pela perna e os espinhos de uma roseira a cravarem-se-lhe nas mãos e no rosto.

Lord Winter pegou nela, mas logo sentiu outro corpo, num caos de empurrões e embates. Ficou sem saber se seria uma faca ou se seriam espinhos o que lhe rasgava a pele. Rodou sobre si própria e colocou-se a muito custo sobre os joelhos, apoiada no mosquete, enquanto mais uma arma detonava no seu ouvido. O momento seguinte ficou-lhe gravado na retina como uma natureza morta: Lord Winter apoiado num joelho com a arma ao nível do cotovelo; da boca da arma saiu uma bola de fogo brilhante, apontada à queima-roupa ao peito de um homem barbudo. A imagem que se seguiu escondeu o resto, mas ela ouviu o som pesado do corpo a tombar sobre as rosas.

Tentou correr, caindo novamente sobre o joelho quando o tornozelo cedeu. Lord Winter amparou-a. Fazendo muleta do mosquete avariado, a coxear gravemente, Zenia seguiu apalpando o caminho com a mão livre.

De repente, foi contra a fonte, sentindo o mármore e a água. Tateando uma amálgama de madressilvas, procurou a porta oculta.

Uma luz ergueu uma sombra no muro.

– Para baixo! – ordenou rispidamente Lord Winter, e ela obedeceu sem perda de tempo. Passou os dedos pela parede, à procura, temendo que ele não tivesse munições na arma. Ele não podia ter recarregado a espingarda enquanto corriam, e ela não lhe vira pistolas.

Enquanto pensava nisto, ele disparou – duas vezes, numa sucessão rápida. A luz desapareceu.

Os dedos dela encontraram o trinco de madeira. Abriu o alçapão.

– Aqui está! – sussurrou.

Ele entrou atrás dela, remexendo as videiras, descendo pelo buraco inclinado. Zenia escorregou de barriga, com os pés à frente e o mosquete ao lado. Ao chegar ao fundo, afastou o arbusto com o pé

bom, deixando-se deslizar para vencer o muro. À luz das estrelas, o vale e as montanhas calcárias compunham uma visão branca e silenciosa, e o penhasco que se seguia à muralha, descia entre sombras por rochas desordenadas.

O tornozelo latejante doía-lhe tanto que lhe custava respirar. Lord Winter avançou para a sua frente, com o lenço árabe enrolado na cabeça esvoaçando sobre os ombros, o rosto oculto pelas sombras.

Zenia tentou levantar-se, mas soltou um breve queixume. Aprendera, contudo, há muito tempo, que no deserto os que ficavam para trás eram facilmente esquecidos. Levada pelo desespero, seguiu, coxeando, atrás dele, tentando pisar as suas pegadas no solo agreste. Contornaram o portão principal e a aldeia, por um caminho de cabras que mal se via. Valendo-se das mãos, dos pés e das unhas, Zenia arrastou-se por entre os pedregulhos.

Seguiu o passo ágil dele o máximo de tempo que conseguiu, perdendo terreno a cada penoso avanço, até, por fim, o deixar afastar-se tanto que perdeu a sombra ténue do seu vulto.

Ficou sozinha no escuro. Continuou no seu passo vacilante o mais rápido que conseguiu, mesmo depois de alcançar o fundo do vale, temendo o que pudesse encontrar se parasse e olhasse para trás. A noite incitava a presença de coisas assustadoras; e, naquela noite, em que descera à cripta, a sua mãe estava irada, Zenia sentira-o. Lady Hester sabia que a filha se preparava para a deixar. A mãe escolhera Dar Joon deliberadamente, pelo isolamento a que estava votado; para desencorajar os criados de fugir porque nada mais havia do que a aldeia minúscula onde facilmente seriam encontrados e resgatados à força. Entre Zenia e o solo de Inglaterra erguia-se um país montanhoso e seco, assombrado por chacais, lobos e a guerra civil. Ela só tinha a roupa que trazia no corpo, um mosquete avariado sem pólvora e um pavor imenso de percorrer sozinha aquelas terras infestadas de demónios. Um grito feroz irrompeu do cume sobranceiro. Ela tropeçou, caindo de joelhos e tentando erguer-se novamente, a custo, procurando ouvir para lá da sua própria respiração ofegante. Os seus esforços revelaram-se infrutíferos, mas, quando solicitou o apoio do mosquete, um chagal uivou. Ela olhou para trás, na direção de Dar Joon. A lua acabava de aparecer, projetando frias sombras que pareciam ganhar vida e que se alongavam pelo chão até ela, obrigando-a a fechar os olhos para não desatar a chorar.

Então, ouviu o som de cascos. Um som que saía da escuridão e ecoava nas pedras à sua volta, impossibilitando-a de discernir de que direção. Tentou erguer-se penosamente ao sentir o animal ao seu lado, um volume escuro e enorme, um *djinn*, um diabo irascível que se materializara na noite, transportando a mãe dela com as suas vestes claras e esvoaçantes. Os cascos quase lhe acertaram, detendo-se numa saraivada de pedras e poeira. Zenia gritou e tentou fugir atabalhoadamente, mas o tornozelo falhou, numa dor lancinante que lhe tirou o fôlego e lhe toldou a visão.

Quando deu por si, tinha o rosto dorido pousado na rocha, o corpo torcido por cima do mosquete e a voz calma de Lord Winter a dizer-lhe para não ser um choramingas.

– Um *djinn* – soluçou, agarrada à túnica dele. – Estava ali um *djinn*.

– Disparates! – Sentiu um braço firme por baixo do ombro. – De pé.

Zenia, sem conseguir afastá-lo, tremia. Esforçou-se por se levantar, mas o tornozelo continuava a ceder ao seu peso. A dor fazia-a ver tudo desfocado.

– Um demónio...

– Está tudo bem, pequeno lobo – replicou ele, com brusquidão. – Estou aqui.

Quando olhou para o seu rosto austero iluminado pelo luar, o corpo alto e a largura dos ombros,

Zenia experimentou uma conversão de espírito tão completa quanto precipitada. Já não via o visconde Winter das tiradas mordazes e negro desdém. Deixara de ver nele mais um dos misteriosos amigos da mãe; não via um homem cujo temperamento sombrio sempre a deixara apreensiva, mesmo do outro lado de um biombo.

Via o seu salvador.

Lord Winter fora até Dar Joon. E além de tudo o que ele pudesse ser, também não tinha medo de demónios.

CAPÍTULO 3



— Estamos nas montanhas – gritou o jovem magro, tentando endireitar-se na sela, afastando-se de Lord Winter. O visconde limitou-se a puxá-lo para si, segurando o corpo esguio contra o peito sem grande esforço. O tronco delgado do rapaz tremia como uma folha, tão delicado que surpreendera Arden quando resgatara o jovem do chão.

– Que trinca-espigas me saíste – observou. – Tenho de ver se comes mais vezes, senão ainda te leva uma rabanada de vento.

– Estamos nas *montanhas*! – bufou novamente o rapaz.

– Já mo tinhas dito. – Lord Winter contemplou as montanhas irregulares à luz fria da madrugada, sempre atento ao que o cercava, o que não se devia apenas à vista espetacular. A mula subia penosamente por uma passagem estreita, ao lado das ruínas de uma quinta queimada, arrastando um burro de carga renitente pelo meio dos rebentos que surgiam por entre as cinzas. – Tens mais alguma revelação a fazer?

– Temos de voltar para trás! – exclamou o rapaz. – Não pode ir por aqui!

– É por aqui que pretendo ir – replicou calmamente Arden.

– Então é um louco!

De repente, o seu passageiro tentou agarrar as rédeas com toda a determinação.

– Aqui matam-nos!

O passo da mula oscilou e desnorteou-se quando Lord Winter agarrou nas mãos intronetidas do rapaz, segurando-as com firmeza. O visconde sossegou o animal confuso, enquanto algumas pedras rolavam pela encosta íngreme que os ladeava.

– Volte para trás! – gritou o rapaz, debatendo-se na sua prisão. – O senhor não sabe, não compreende... Esta terra é a morte!

– Estás irritado hoje, não estás? – Arden soltou-lhe as mãos, parou a mula e assentou os pés numa minúscula mancha de plantas de cevada queimadas. – Com fome, imagino. E o teu tornozelo deve doer-te, embora não pareça caso para muito sofrimento.

O rapaz beduíno agarrou nas rédeas. Sem parecer importar-se com o cabelo que o vento lhe espalhava pelo rosto, fincava desenfreadamente os pés nas costelas da mula, na tentativa de incitar o animal a subir.

– Por infelicidade... – Lord Winter deu espaço ao rapaz. – Se pensas fugir, devo avisar-te que levas contigo um burro carregado.

O rapaz olhou por cima do ombro, para o burrico que, com infinita determinação, mordiscava o arbusto mais próximo.

– Receio que não consigas ser muito rápido, com o burro a reboque – observou o visconde, dando uma palmada afetuosa no traseiro da mula. – Mesmo que conseguisses persuadi-la a galopar, o que também não é muito certo. Ainda não tive o privilégio de a ver atingir mais do que um trotar competente.

Obrigada a concluir o mesmo, ou pior, Zenia deixou as rédeas escorregar dos dedos entorpecidos pelo pavor e pelo frio. Sentia-se desorientada, como se acordasse de um pesadelo esgotante no alto dos caminhos escarpados de Jabal Lebanon, nas montanhas, isso mesmo, no território dos drusos rebeldes, onde não se atreveria a descer do dorso do animal e a fazer-se sozinha ao caminho, por mais que se tivesse atrevido a enfrentar o cônsul e Dar Joon. Sentia o tornozelo torcido a latejar. As montanhas estavam infestadas de renegados dos exércitos egípcios, de quintas abandonadas, pilhadas e destruídas por saqueadores drusos e metouleys, empenhados em vingar-se do seu próprio emir.

Lord Winter parecia completamente indiferente à perigosa situação em que se encontravam, embora a Zenia parecesse muito estranha toda aquela placidez. Ele vestia-se como um árabe, com um albornoz branco esvoaçante e um *keffiyeh* que trazia amarrado à cabeça com um cordão dourado simples. Os seus olhos, de um azul profundo e límpido, possuíam uma expressão de dureza e de competência que não podia ser produto da inexperiência. Ao ombro, trazia uma espingarda, uma arma como Zenia nunca vira, com uma madeira acetinada laboriosamente gravada a ouro e prata e um mecanismo de disparo estranho e desconhecido: uma arma que captaria a atenção de qualquer árabe que a contemplasse. Em coldres, na sela, seguiam duas pistolas, de conceção semelhante, e um mosquete de pederneira; tudo do melhor e pronto para fazer estragos.

Obviamente que Lord Winter sabia para onde ia e o que tencionava fazer. Olhando-o, o significado daquela indumentária e equipagem impressionou profundamente Zenia.

– *Wellah!* – exclamou esta em árabe. – Porque usa essas roupas?

– Ah... Não me apresentei? – respondeu ele com fluência, abrindo uma vénia. – Tens à tua frente Abu Haj Hasan, *O Magrebino de Sevilha*, mouro espanhol regressado à religião dos seus antepassados. Fiz a peregrinação a Meca e deambulo agora pelo deserto, por onde me levam Alá e a minha vontade. – Sorriu-lhe, trocista e desarmante. – Por graça de Deus, a minha mãe foi uma princesa branca de Al-Andaluz. Como terás reparado, tenho os olhos dela.

– Senhor! – gemeu Zenia. – Nem pense nisso!

– Creio que sim, pequeno lobo.

– Mas é cristão! Matam-no imediatamente se descobrem o disfarce!

– Isso – respondeu ele, imperturbável – é deveras um infortúnio que me esforçarei por evitar.

– Senhor, suplico-lhe, rogo-lhe que me ouça. É uma loucura. Qualquer muçulmano saberá que é um *nasrany* assim que começar a rezar!

– Vamos, tomas-me por um tolo? – questionou ele com súbita impaciência. – Conheço as orações tão bem como qualquer beduíno. Melhor do que tu, a julgar pela falta de observância que vi até agora em ti. Já fizeste o *muzayyin*, pelo menos, rapaz?

Zenia sabia bem do que ele falava. Como filha da Rainha dos *Englezys*, nas tendas negras consideravam-na portadora de sorte e por diversas vezes fora convidada por mães angustiadas para presenciar os rituais da circuncisão. Sentiu-se corar intensamente.

– Claro! – apressou-se a mentir. – Alá seja louvado.

Ele assentiu, com outro respeito no olhar, sorrindo de repente.

– Admito que recorri ao clorofórmio – declarou em inglês.

Ela abafou um gemido, horrorizada com a ideia de um homem adulto, cristão, para mais, se submeter àquilo de livre vontade.

– É louco! Ninguém vai acreditar. O senhor é Lord Winter.

– *Ay billah*, é meu triste dever informar-te que Lord Winter foi assassinado – replicou ele. – Os rufias que deixámos para trás ontem à noite já estão presos, se Moore teve a iniciativa de dar seguimento expedito à informação que lhe deixei. Seja como for, não devemos depositar muita fé na diligência dos cônsules.

– Mas não foi assassinado, senhor! – Distraidamente, Zenia afastou do rosto o cabelo desalinhado pelo vento.

– Não fui? – Lord Winter ergueu os olhos azuis, cheios de divertimento, mas a sua expressão alterou-se quando a viu. Ergueu as sobrancelhas. Zenia baixou imediatamente a mão e virou-se, temendo que ele visse que, tal como a dele, a sua pele também era branca por baixo do moreno do sol; que os olhos dela eram azul-escuros e não verdadeiramente pretos; que era parecida com a mãe, embora Lady Hester sempre negasse qualquer semelhança.

Ele puxou-a pelo braço, de forma a vê-la novamente. Ela, com o coração aos saltos, a boca subitamente sisuda, deixou que ele a visse de perfil.

– Mas és um Adónis, rapaz! – murmurou ele. – Não estavas tão bonito com a cara lavada em lágrimas. – Abanou-a, com crispção no rosto. – Toma cuidado para não seres vendido aos turcos, pequenote. É imprudente andares por aí sozinho.

– Oh, *ma'alem* – disse ela, fechando compulsivamente as mãos –, é o meu maior temor.

Desejou de imediato não ter ido tão longe, mas ele não pareceu inclinado a fazer troça dela.

– Então fica onde te possa ouvir – rematou ele, lacónico. – Não te ponhas a andar sem mim.

Aquela ordem brusca deixou Zenia mergulhada em emoções antagónicas. Ele era a primeira pessoa que lhe oferecia algum tipo de proteção, mas arrastara-a para ali, para o meio do nada, impossibilitando-a de chegar a Beirute e dali a Inglaterra. Naquela apreensão e desespero, uma ideia tomou conta da sua mente.

Ficou a observá-lo enquanto prendia o focinho da mula e se aproximava do burro. Ela não sabia usar aquelas estranhas pistolas, mas assim que a atenção e as mãos dele se ocuparam das correias da bagagem, sacou o mosquete do coldre preso à sela.

Ele virou-se. Zenia ergueu a arma, apontando à cabeça dele. Puxou o gatilho.

Lord Winter, imóvel, não desviou os olhos dos dela. Não procurou usar a espingarda, nem sequer soltou o cabo da bagagem. Ela procurou palavras na garganta seca, palavras que o vergassem à sua vontade. Mas a absoluta ausência de medo do homem deixava bem evidente que o mosquete que ela tinha na mão não estava nem carregado nem armado. Entreolharam-se por cima do brilho frio do aço. As mãos dela tremiam. Devagar, baixou o cano da arma, apontando-o ao chão.

– Desengatilha, se não te importas – disse ele, com suavidade. – Isto é, se decidiste não me matar.

Zenia constatou que se enganara; afinal estava carregado. Mas admitiu com amargura:

– Não vou atirar contra si.

– Esperava que não – declarou ele, afastando a boca da arma com a mão. – Nesse caso, por favor, vamos apontá-lo para outro lado.

Ela deixou só o cão armado.

– Não tenho um pingo de ânimo.

Ele riu-se.

– Não importa. Eu tenho que chegue para os dois.

– Do seu não quero nenhum – replicou ela, soturna. – É louco.

– És demasiado severo, pequeno lobo. O meu pai diz apenas que fui trocado à nascença, uma partida de mau gosto que o destino lhe pregou. – Ao tirar o mosquete das mãos dela e pousar a coronha no chão, o sorriso suavizou-se e o rosto moreno ganhou uma expressão de surpreendente doçura. – Pensa de mim o que quiseses, mas sou bom atirador e também há piores do que eu para se ter ao lado em situações de apuros. – Pegou no mosquete encavalitando-o no braço e mirando o percutor.

– Companheiro! – exclamou ela. – Sabe o que se diz por cá de si? Que um demónio malvado o arranca de sua casa e o instiga a visitar os mais terríveis desertos para que sofra horrores por um qualquer pecado terrível que cometeu. É isto que dizem de si!

As mãos dele ficaram quietas por um instante, o rosto oculto dela. Depois, engatou o travão, passando o polegar ligeiramente sobre o martelo.

– Como postulado, parece ser muito útil. O meu demónio pessoal. Imagino que os desencoraje de se atravessarem no meu caminho. Estranho, ninguém o ter mencionado.

– Não lho diriam cara a cara.

– Ah, os bons modos turcos! Mas tu és beduíno e, pelo que vejo, não tens esse tipo de escrúpulos.

– Ergueu a cabeça, estendendo-lhe a arma. – É tua, uma antiguidade. Há algum tempo que lhe dei um merecido descanso, devido a um pequeno contratempo com um *djinn*.

Ela pegou na arma excelente, sentindo o calor do corpo dele no metal.

– Porque é que ma dá? – perguntou, desconfiada.

– Para onde vamos, vai ser-te mais útil do que um demónio.

– E para onde é que vai? – perguntou ela em voz débil.

– Oh, para o pior dos desertos, naturalmente – respondeu ele com insuportável alegria. – Atravessarei as areias vermelhas até ao Nejd.

Zenia devolveu-lhe imediatamente o mosquete.

– Fique com ele. Eu vou para Beirute.

– Vais? – inquiriu ele com um sorriso inquietante e encantador. – E como pensas fazê-lo?

Ela humedeceu os lábios.

– Por favor, senhor – disse ela. – Não pode estar a falar a sério, sobre levar-me consigo.

– Não. Mas também não conto carregar-te até Beirute, por isso não alimentes esperanças vãs. Se quiseses, deixo-te no primeiro lugar a que chegarmos. Mezarib, talvez. Ou Bozra, se tivermos descido tanto para sul como me parece.

– Bozra! – Ela tinha ouvido falar daquele povoado, lugar de passagem de caravanas que ficava a alguns dias de Damasco, na rota da peregrinação a Meca. Ali, já não estaria nas montanhas, mas em condições bem piores, mais longe do que nunca de Beirute, abandonada nas franjas do território mais sujeito à pilhagem dos beduínos, numa zona do deserto em que Zenia não tinha nem amigos nem aliados.

Lord Winter não foi insensível à expressão de desalento do seu companheiro.

– Se começares outra vez a choramingar, deixo-te aqui mesmo – censurou rispidamente. – Desce daí e faz alguma coisa útil. E como raio te chamas?

Zenia, habituada a obedecer, baixou a cabeça e desmontou. Abafou um gemido de dor quando os pés, frios e inchados, tocaram no chão.

– Selim, excelência – respondeu, dizendo o primeiro nome árabe que lhe ocorreu.

– Há comida nos alforjes – prosseguiu o visconde – e os animais precisam de comer e beber.

Coxeando, Zenia correu a fazer o que ele lhe dizia, sentindo as pedras geladas e ásperas a marcar-lhe os pés. Tremia tanto, por causa do ar frio das montanhas, que mal conseguiu desamarrar o cabresto do burro.

Lord Winter não parecia interessar-se pelo que ela fazia. Subiu a uma rocha saliente, mais elevada, e ajoelhou-se, perscrutando aquela vertente da montanha, com a bela espingarda equilibrada sobre um joelho. Zenia não tinha o que dizer: alegrava-a saber que ele estava vigilante. Levou os animais à nascente e encheu um odre de água fresca.

Levou-o a Lord Winter, que o aceitou. Zenia aguardou ao frio, a tremer, que ele bebesse.

– Traz a comida e senta-te aqui – disse ele, apontando ligeiramente mais abaixo. – Abrigado do vento. Descansamos uma hora.

Sem uma palavra, Zenia foi vasculhar a bagagem, encontrando pão ázimo e azeitonas, que levou para o sítio onde ele aguardava. Comeram em silêncio, Lord Winter na pequena plataforma e ela aninhada pouco abaixo, acompanhando o esmorecimento das últimas estrelas e o vento que açoitava os cumes das montanhas.

– E de que etnia és tu? – perguntou Lord Winter.

– Sou Anezy.

– Muito informativo – comentou secamente Arden. Tratava-se de uma tribo enorme, a maior tribo do deserto, com população espalhada desde a Síria até ao seu destino final, no centro da Península Arábica. – Em que tendas dos Anezy?

Desta vez, o silêncio foi mais prolongado. Por fim, o rapaz disse:

– El-Nasr.

– *Wellah* – murmurou Winter, algo desapontado. Os Nasr eram um pequeno *fendi* da tribo, os velhos aliados beduínos de Lady Hester, mas muito mais debilitados agora. O seu xeique continuava a ser respeitado entre os Anezy, mas eram uma família do norte. Devia ter adivinhado: o rapaz era tremendamente magro mas demasiado alto, e demasiado assustadiço, para ser oriundo dos implacáveis desertos do sul.

Ainda assim, um membro dos el-Nasr teria livre-trânsito entre os parentes distantes do sul.

– Há alguma disputa entre famílias, nos el-Nasr? – perguntou.

– Não – respondeu o rapaz a contragosto. – Mas não tenho a certeza. Não vou ao deserto desde... – Parou e encolheu os ombros. – Há muito tempo.

– Quanto?

– Muitos verões. – Foi a resposta vaga do rapaz.

Lord Winter sorriu.

– E quantos verões viste na tua vida, ó velho ancião?

Selim parecia muito mais interessado em tirar o caroço da azeitona.

– Não sei, senhor.

O visconde olhou a cabeça escura do rapaz. Um enigma em muitos sentidos, o jovem Selim. Os «bedu» não valorizavam o tempo – no deserto as estações passavam sem nada que as assinalasse, salvo a ocorrência de algum evento excecional, mas Selim falava inglês tão bem, com um mínimo de

sotaque, apenas um deslize aqui e ali, que Arden concluiu que Lady Hester não se teria poupado a esforços para o educar. O rapaz saberia, com certeza, quanto tempo tinha passado com ela.

– Sabes ler e escrever? – perguntou.

– Sim, senhor! – A resposta foi expedita e animada. – Em inglês e árabe.

– Sendo assim – prosseguiu Arden –, imagino que queiras ir para Beirute, trabalhar num escritório.

– Não desejo trabalhar num escritório. Desejo... – O rapaz parou abruptamente.

– O quê?

– Não é importante, senhor.

– Anda comigo – replicou Arden, abruptamente, surpreendendo-se a si próprio. – El-Nasr não tem disputas com outros clãs e paga a todos para obter proteção. Senão terei de contratar um novo *rafik* para me ajudar com cada tribo.

– Não desejo ser seu *rafik*, senhor.

– Porque não? Pago-te muito bem.

– Porque depois não poderia deixá-lo. Teria de o acompanhar na sua viagem até à morte, e eu não quero morrer.

Arden riu-se.

– Uma conclusão inevitável, na tua opinião.

– Dizem que nas areias vermelhas não há água que aguente quinze dias de viagem.

– Ah, mas pensa em como encantarás a todos com a tua história. Serás para todo o sempre um homem invulgarmente audaz.

– É louco – devolveu Zenia com ar pesaroso. – Desejo ir para Beirute.

– Porquê essa vontade toda de ir para Beirute, que diabo? Sua senhoria fez-te demasiado brando para o deserto?

– Sim, excelência. – O rapaz trincou uma azeitona, enraivecido, cuspiendo o caroço. – Detesto o deserto.

– Uma pena. Nisso ela não te fez nenhum favor.

De repente, o rapaz voltou-se para Arden.

– Senhor! – exclamou em inglês – É espião?

– Não. Embora de certeza me tomem como tal, e a ti também, se desatarmos os dois a falar inglês em alguma altura inconveniente.

– Então porque é que vem para aqui? O que pode querer de um sítio destes?

Arden olhou em volta, para o céu enorme e límpido e a paisagem desértica.

– É belo, não achas?

Selim, a tremer, pôs os braços à volta do corpo.

– É absurdo! Podia estar em Inglaterra!

Ele riu-se.

– Falas como a minha tia solteirona. O que sabes de Inglaterra?

– Sei que lá todos dormem em colchões de penas – replicou o rapaz com vivacidade – e não em cima do lombo de uma mula numa vereda de um monte.

– Ah! Então é um colchão de penas que procuras em Beirute.

– Não quero nada um colchão de penas em Beirute. Quero... – Lord Winter observou a expressão intensa do rapaz. Fosse o que fosse, desejava-o ardentemente, o que não era nada habitual.

– Ouro? – sugeriu o visconde. Todos os «bedu» sentiam um desejo ardente por moedas de ouro.

Selim dirigiu-lhe um olhar orgulhoso mas hesitante, uma mistura singular de desdém e de interesse. *Muito bem, pensou Lord Winter, seja o que for que desejas, meu belo lobito, pode comprar-se com ouro.*

– Quanto, no teu entender – pôs-se a cogitar –, seria em soberanos o preço de um *rafik* para me levar até Nejd e voltar?

O rapaz não disse nada.

– Dois camelos adultos? – sugeriu Lord Winter. – Vi-os à venda por trinta em Damasco.

Selim olhou para o chão com uma careta.

– Não me servem para nada, os camelos.

– Com soberanos, podes comprar o que quiseres. Imagina, uma égua *kehilan* pura, por cem.

O rapaz começava a parecer acossado.

– Não quero égua nenhuma – murmurou.

Lord Winter ergueu as sobrancelhas.

– Então diz-me o que queres e vamos discutir o assunto. Talvez possamos ajudar-nos um ao outro.

Selim olhou-o fixamente, quase como se ele não estivesse lá, com a respiração acelerada, como se a sua mente se debatesse com um cálculo desesperado.

– Pagaria em soberanos de ouro? Em dinheiro inglês?

Lord Winter assentiu com a cabeça.

– Quanto, excelência, custaria uma viagem para Londres?

Arden, com a curiosidade espicaçada, enumerara mentalmente várias possibilidades: o que cobraria um médico ou um mágico para algum parente doente, o que custaria uma noiva dispendiosa, o valor de um pequeno bosque de tâmaras. Mas aquilo fê-lo encarar o rapaz com perplexidade.

– Londres! O que queres enviar para Londres, rapaz?

O rosto delicado de Selim crispou-se, mas ficou ocultado pelo cabelo desgrenhado quando baixou a cabeça.

– Quem quer ir sou eu, excelência.

Durante um longo momento de silêncio, Zenia sentiu-se objeto de um exame minucioso. Apesar do trato brusco, intuía que Lord Winter não desdenhava de todo o seu pequeno lobo. Mas ela não se atrevia a deixá-lo descobrir que era fêmea. Lord Winter era consonante com Lady Hester no desprezo que nutria pelo sexo fraco. Apenas enquanto Lord Winter julgasse ver nela um rapaz beduíno podia esperar ver a sua presença tolerada, ou alguma proteção oferecida. O visconde desfazer-se-ia imediatamente de uma rapariga, entregando-a, sem dúvida, ao governador da aldeia mais próxima, que a faria chegar ao paxá, se não a casasse com o primeiro homem, cristão ou maometano, que lhe pagasse por ela. Poderia fugir para norte, se conseguisse chegar tão longe, mancando e mendigando comida, sem ser morta nem escravizada. No deserto, um desconhecido pobre depararia sempre com hospitalidade, durante alguns dias, pelo menos, mas naquela terra, tão longamente torturada pela rebelião e os soldados de Ibrahim Pasha, não havia essa certeza. E se, com a misericórdia de Deus, conseguisse encontrar a sua antiga tribo, os Nasr, continuaria apenas onde mais temia estar, novamente confinada à pobreza brutal da vida do deserto, sem a menor esperança de alcançar Inglaterra.

Mas Lord Winter... Lord Winter podia enviá-la para Londres se o quisesse. Os cônsules curvar-se-iam diante dele, derramando soberanos de ouro à sua vontade. Bastava uma ordem do lorde inglês

para chegarem navios. Ela já o vira; a sua mãe fora ela própria protagonista de vários episódios daqueles, nos seus dias áureos, antes de desaparecer todo o dinheiro e se acumularem as dívidas.

– És um rapaz estranho – devolveu Arden, pensativo. – Imagino que não seja de admirar. Um beduíno que detesta o deserto e fala maravilhosamente o inglês... O que será que a tua senhora pretendia fazer contigo?

– A senhora nunca falou no assunto, nem o acautelou – disse Zenia, com toda a verdade.

– Ela queria que fosses para Inglaterra?

– Quem deseja ir para Inglaterra sou eu – replicou ela com firmeza. – A senhora está morta, que Alá a tenha em paz.

– É verdade – concordou ele, divertido. – Deduzo, então, que não estivesse nos planos dela enviar-te para lá. – Lord Winter levantou-se, pendurando a espingarda no ombro. – Bom, não tenho desses escrúpulos, pequeno lobo. Se desejas conhecer Inglaterra, então, *ay billah*, a Inglaterra irás. Depois de me conduzires a Riade e a Hail e me ajudares a regressar, como meu *rafik*.

Zenia ficou a olhar para ele. Nunca fora a Nejd, ao coração da península arábica. Todos os anos que passara entre os beduínos vivera nas abrasadoras planícies a norte e leste de Damasco. O pequeno *fendi* dos el-Nasr, da grande tribo dos Anezy, nunca tivera motivo nem vontade para atravessar as areias vermelhas do *nefud* até ao sul. Zenia não conhecia ninguém que tivesse feito a peregrinação até Meca. O deserto do sul era, para eles, uma terra lendária, reduto dos antepassados; Riade era agora o domínio dos puritanos príncipes wahhabitas, que desejavam voltar a impor o Islão ao mundo pelas armas, que detestavam todos os infiéis mas abominavam acima de tudo os cristãos, que tinham, inclusive, cortado a língua a simples muçulmanos por cantarem, pois os seus severos xeiques consideravam que aquelas canções inocentes poderiam tentar o diabo. Eram histórias daquelas que ela ouvira sobre a terra que ficava para além das areias vermelhas do *nefud*.

– Excelência – principiou ela, com cuidado –, se me enviar para Inglaterra, eu faço qualquer coisa. Mas primeiro tenho de ver o dinheiro.

– Deveras? Então, procura em Damasco o que pretendes, mas a não ser que vás e voltes num quarto de hora, considera o negócio anulado.

Zenia humedeceu os lábios e baixou os olhos. O desapontamento do rapaz arrancou uma gargalhada branda ao homem.

– Que grande matreiro me saíste – murmurou. – Não ando a carregar sacos cheios de moedas para gáudio de jovens rufias. Dou-te dois soberanos agora, pequenote, tu prometes que não desertas sem avisar, e a tua passagem para Londres será tratada quando regressarmos. – Ocorreu-lhe um pensamento que lhe avivou um sorriso malandro no rosto. – Por Deus, eu próprio te levo lá. Tomamos chá em Swanmere com a senhora minha mãe. Deploravelmente respeitável.

Zenia ergueu os olhos, maravilhada.

– A senhora sua mãe iria receber-me?

– Não duvido de que recebesse o diabo em pessoa, só para voltar a pôr-me as garras em cima. – Lord Winter desceu da rocha sem dificuldade e ofereceu-lhe a mão. – O que dizes, pequeno lobo? Rumamos ao Nejd e a Inglaterra?

Mal respirando, ela engoliu em seco. Que oportunidade, e que risco tremendo. Fosse como fosse, não tinha outra hipótese.

Hesitante, estendeu a mão. Ele recebeu-a com toda a segurança.

– Visto que serás meu companheiro de viagem, tratarei de que embarques para Inglaterra quando

voltarmos de Nejd – prometeu em árabe.

Zenia levantou-se com a ajuda dele.

– O nosso destino é um só durante esta viagem – declarou ela, vacilando no juramento formal dos *rafik* – quer em vida quer na morte. Irei conduzir-te ao lugar que designas e juro por Deus que não te abandonarei. – Ela sentiu a mão dele começar a retirar-se e agarrou-se com força. – *La Allah*, o Senhor está a ver-me, que me coloque sob a vossa proteção!

Era outro tipo de juramento – um *dakhilak* – que lhe conferia a responsabilidade pela vida dela, se ele a aceitasse.

Zenia ergueu os olhos. Ele, o tresloucado lorde inglês, olhou para ela abrindo aquele sorriso fácil e feroz. Seria capaz de a defender de qualquer coisa, pensou Zenia, que tinha pavor dele porque se ria dos demónios e adorava o deserto.

– Por favor, senhor – suplicou ela, com a voz sumida –, não deixe que morra antes de ver Inglaterra.

Ele apertou-lhe mais a mão, envolvendo-a na sua força.

– Por Deus e pela minha honra, Selim – declarou ele, com solenidade –, estás sob a minha proteção. Com a minha própria vida ta concederei.

CAPÍTULO 4



— Não desejo esposa – repetiu Zenia com firmeza, naquela que já não era a primeira vez.

– Assim como o camelo não deseja a sua sela, mas, por Alá, é esse o seu destino – replicou Haj Hasan, *O Mouro*, sentado no chão à maneira árabe, com a chávena de café na mão.

O pequeno círculo de beduínos, gozando a fogueira ao cair da noite, procurando variações do mesmo tema, recebeu a resposta com copiosas risadas. Zenia não reconhecia nenhum daqueles beni sakkr com quem viajavam, mas, por prudência, cobria o rosto com o *kuffiyah* de dia e de noite, pois algum deles poderia reconhecê-la, embora se tivessem passado sete anos desde que deixara o deserto.

– Sou pobre, excelência – insistiu ela. – Não tenho nada para dar por uma esposa.

– E eu já não disse que te dou o camelo e mato uma ovelha? Juro pelos meus olhos. E que te dou um presente pela tua espingarda? Como é que dizes que não tens nada?

– Haj Hasan sabe do que fala – disse um beduim. – Por Alá, já é muito.

Zenia continuava de cabeça baixa.

– Não está bem – protestou pesarosamente.

– *Yallah*, e está bem que eu não tenha barba? – retaliou Haj Hasan, pomposamente. – Eu, que posso ser teu pai! Era uma barba esplêndida que eu cortei por ti. Olha para mim agora, com o rosto macio de uma menina!

– Então pode deixá-la crescer outra vez, *el-Muhafeh*! – exclamou ela, atribuindo-lhe o epíteto árabe de chefe e protetor. – Sou novo de mais para ter mulher.

– Tímido de mais – propôs um dos homens.

– *Ay billah*, ingrato de mais – declarou outro, espicaçando-o.

– Modesto de mais!

– Feio de mais, por Alá! – gritou um quarto. – É por isso que ele esconde a cara. Rapariga nenhuma o quer.

– Vamos ver! – Todos se debruçaram sobre Zenia, aproximando os dedos ávidos do *kuffiyah*, mas sem cometerem a absurda grosseria de lhe tocar. Ela afastou-se incólume, colocando-se fora do alcance da luz.

– Ei, não o escorracem do fogo – protestou Haj Hasan com complacência. – Com a graça de Alá, Selim não é feio. Aí enganam-se.

Zenia não se importou de se afastar do fogo. Há doze dias que tinham vencido as montanhas e o seu

ar gélido era, agora, uma lembrança aprazível no crepúsculo ardente do deserto. Levantou-se e dirigiu-se para as bagagens, fingindo ocupar-se.

– *Yallah*, pequeno lobo! Volta – incitaram as vozes beduínas, mas Zenia deixou-se ficar onde estava. A cena repetia-se várias vezes, pois Haj Hasan, *O Irreprimível*, de olhos azuis, não deixava escapar nenhuma oportunidade de dizer a alguém que tinha cortado a barba e jurado que não voltaria a deixá-la crescer até ver o seu irmãozinho de sangue Selim casado. Embarcara naquela fantasia nas primeiras tendas beduínas, sem avisar Zenia, e a história já correria tão longe que voltara a cruzar-se com eles. Ela supunha que metade das tribos do deserto já seriam conhecedoras, pois entre os beduínos as notícias interessantes circulam como ventos velozes.

Todas as noites, ele fazia a barba com cerimónia, sem que as perguntas mais persistentes lhe arrancassem, contudo, outras revelações, transformando tudo aquilo num jogo inflamado pela curiosidade e pelo empolgação naturais dos beduínos. Sem conseguir obter esclarecimento do mistério que teria levado Haj Hasan a abraçar tão estranho voto, precipitavam-se agora sobre o enigma de Selim.

– O rapaz é persa – avançou um dos homens.

– É árabe – afirmou Haj Hasan. – É um emir, um príncipe!

– *Wellah*, um príncipe andrajoso – zombou o mais austero. – É um beduíno pobre como nós, que tenta apenas criar mistério tapando a cara.

– Não, ele é de Al-Andaluz, como o Haj Hasan – avançou outro. – Pela minha barba!

– Não, é baixo de mais para ser magrebino. Olha para o Haj Hasan. Que o Senhor te ajude, Selim, pois nunca serás um gigante como ele.

Lord Winter levantou-se, imponente no seu albornoz branco, de espingarda ao ombro, e fez uma vénia ao estilo europeu que agitou Zenia intimamente. Ninguém duvidava da existência da mãe dele, a bela pomba branca andaluz, nem questionava quando o ouviam jurar pela barba brilhante do pai, um turbulento xeique argelino que, por algum motivo que Zenia nunca chegara a compreender, parecia ter abandonado o filho, deixando-o crescer entregue à sua sorte em pelo menos três sítios diferente do sul de Espanha, sem dúvida devido ao prodígio de imaginação que o jovem Hasan se revelava, pensou ela com azedume. As histórias de Lord Winter sobre Córdoba, Sevilha e Granada eram recebidas com fascínio pelos beduínos, pois todos sonhavam com Al-Andaluz e o velho império, há séculos perdido, chorando ao ouvir que os pátios e as graciosas fontes dos muçulmanos eram agora igrejas e palácios destinados aos infiéis cristãos.

Todos se reuniam à sua volta sempre que ele dizia a Selim para lhe levar o estojo. Sentavam-se a observar, fascinados, enquanto ele fazia a barba do dia, com movimentos precisos que desinquietavam Zenia. Esta receava algum passo em falso revelador, que alguém comesse a interrogar-se sobre aquele homem que se fazia acompanhar de uma lâmina e um espelho dentro de um estojo, mas Abu Haj Hasan, *O Magrebino*, com o seu cabelo negro, olhos azuis e espingarda intrigante, compunha uma figura tão invulgar que aquelas coisas pareciam perder significado, pelo menos na sua presença. Não se atrevia a pensar que histórias se espalhariam pelo deserto a partir daquele acampamento.

Ela montava um bom camelo, robusto, que ele comprara aos Beni Sakkr, e pensou fugir para Damasco com ele na calada da noite, vendê-lo a troco de dinheiro para Inglaterra. Mas jurara ser sua *rafik* e, além do mais, não tinha firmeza nem coragem para tal, portanto, na hora de dormir, procurava a segurança e o abrigo da tenda dele.

Tinham acabado de deixar os Beni Sakkr. Haj Hasan contratara outro jovem *rafik*, da tribo dos Rowalla, para servir de passaporte e de guia até Jof, no extremo das areias vermelhas. A Zenia, parecia-lhe que Lord Winter escolhera mal e pagara demasiado, mas, não querendo atrair as atenções para si ao discutir abertamente com o seu senhor, mordeu a língua. Nas tendas negras dos «bedu» era impossível ter uma conversa privada; se alguém se afastasse para falar à vontade, todos os outros iam atrás ouvir o que se dizia.

De manhãzinha, partiram com o rowalla, compondo um pequeno trio ainda no território da tribo. O jovem beduim acoitava-a com perguntas curiosas.

– Porque não queres mulher? – perguntou, aproximando o camelo do dela. – Preferes rapazes?

– Não, prefiro a minha própria companhia. Vai em paz – replicou ela com irritação.

Incitando o camelo a acertar o passo com o dela, o rapaz não pareceu encaixar a deixa.

– Por Alá, tens uma arma maravilhosa. É a melhor arma que já vi.

Aquele comentário trazia água no bico.

– E qual é o problema disso?

O rowalla suspirou.

– Eu não tenho nada.

– Haj Hasan pagou-te um rial e dá-te outro quando chegarmos a Jof.

– Mas não tenho nenhuma arma. Dás-me a tua?

– Não é minha. Pertence a *el-Muhafeh*.

O rowalla deu uma palmada no camelo escanzelado, instigando-o a avançar. Durante algum tempo dedicou-se a importunar Lord Winter, para que lhe desse a espingarda, mas Haj Hasan foi hábil a contornar as suas súplicas, questionando até que distância, para sul, os Rowalla tinham chegado. O rapaz foi rápido na resposta. Cruzando a planície rochosa debaixo daquele sol abrasador, o rowalla admitiu nunca ter atravessado as areias vermelhas. Para oriente, já fora até Bagdade. Durante alguns quilómetros gabou-se das suas viagens, declarando que Al-Andaluz não poderia ter nada que se comparasse à mesquita de Bagdade. Haj Hasan limitou-se a dizer que nunca tinha estado em Bagdade e que, por isso, não se pronunciava. Zenia, que estivera, considerava a cidade muito pobre, e acabando por se impacientar com os exageros crescentes do rowalla, disse que ele não percebia nada do assunto.

– Não passas de um «bedu» ignorante – declarou com desdém. – Nunca estiveste em nenhum sítio importante.

O rowalla deixou-se ficar imediatamente para trás.

– E, por Alá, por onde tens andado tu?

– Bagdade, Damasco e Beirute – informou ela. Julgas que são os melhores lugares do mundo mas são como pedrinhas ao lado de uma montanha quando comparadas com as cidades dos Francos e dos *Englezys*.

– Que o Senhor te esclareça, pois não é verdade. O sultão nunca permitiria que os *kaffirs* tivessem cidades maiores do que as dele!

Zenia teve vontade de se socorrer de Lord Winter, mas seria demasiado perigoso. O rowalla, contudo, não teve os mesmos escrúpulos.

– Abu Haj Hasan! – chamou –, diz qual é a verdade. Estiveste nas tribos dos francos?

– *Wellah*, estive, sim – respondeu Lord Winter, sem voltar a cabeça, seguindo sempre à frente.

– Então, ó sábio *Muhafeh*, qual é o nome da maior cidade deles?

– Londres – respondeu prontamente. – Onde vive a rainha dos *Englezys*, que envia os seus navios de guerra para ajudar o sultão quando ele precisa.

– Uma rainha, por Alá! Ela ajuda o sultão a derrotar Ibrahim Pasha e os egípcios! *Wellah*, isto é bom. Mas onde é que já se viu uma grande tribo governada por uma mulher?

– É a vontade de Alá – replicou Haj Hasan.

– Mas onde está o marido, o rei?

– Ela é nova e ainda não se casou. Mas o seu nome é Vitória e tem um leão e um galgo a guardarlhe a cabeceira.

– Não, o Senhor te dê a paz – bufou o rapaz –, mas isso não é verdade.

– Juro-te pela minha vida que é verdade. E a sua cidade é maior do que Damasco, Bagdade e Istambul juntas. Tem cinquenta vezes mil homens, todos armados, prontos a lutar às suas ordens.

Os olhos do rowalla arregalaram-se de espanto.

– Deus é grande! – murmurou.

– *Yallah*, Deus é grande – anuiu Haj Hasan.

– Assim é a rainha dos *Englezys*.

– Assim é, por Alá.

– E já a viste, ó *el-Muhafeh*?

– Já a vi, por Alá.

– É bonita? Vai casar-se com o sultão?

– É uma rainha. Não são bonitas todas as rainhas? Não vai casar-se com o sultão porque não é nenhuma *bint* que ele possa enclausurar no harém. Mas procura no mundo inteiro um homem digno de se casar com ela.

– *Ay billah*, devia visitar os Rowalla para encontrar um marido. Eu sou filho de um xeique e, se me der uma espingarda, *eu* caso-me com ela, mesmo sendo cristã.

Haj Hasan inclinou a cabeça para trás e riu-se.

– *Subbak*, és um atrevidote!

– Não, mas Selim não quer casar-se, embora sejas generoso e lhe dêes tudo! Dá-me a espingarda dele, para me fazer rico e tomar uma esposa. *Yallah*, deixa-o aqui com os seus desânimos! Eu cavalgarei contigo em seu lugar, ó Haj Hasan, pelas areias vermelhas. Os teus inimigos serão os meus inimigos. Nunca te abandonarei!

Lord Winter voltou-se, olhando para Zenia por cima do ombro.

– O que tens a dizer a isto?

Ela sentiu um calafrio de medo, de que ele a trocasse por aquele rowalla simplório e a abandonasse no meio do deserto, mas não deixaria que o medo transparecesse no rosto nem na voz, não fosse o rowalla agarrar-se a ele.

– Tenho a dizer, *el-Muhafeh* – replicou ela sem rodeios –, que a única coisa que ele quer de si é uma espingarda.

Lord Winter olhou-a de lado, com o rosto escondido do rapaz rowalla pelo lenço branco.

– Mas todas as manhãs me dizes que não queres ir para sul.

– E não quero, *el-Muhafeh*. É uma tolice fazê-lo.

– Por Alá, este jovem «bedu» diz que o faz de livre vontade. Vamos, como é que eu sei que não me abandonarás no meio do deserto, Selim?

– Somos *rafik*. Jurei que não o faria.

Lord Winter fitou-a, sem revelar quaisquer pensamentos na expressão do rosto.

– Também este rowalla é meu *rafik*.

– Então sigamos até às areias vermelhas e vejamos qual de nós os dois segue contigo.

Ele fez um sorriso breve.

– *Inshallah* – concluiu. – Faça-se a vontade de Deus.

– *Inshallah* – repetiu o rowalla com devoção. – Alugaremos cem camelos, para atravessarmos o *nefud* e visitarmos o emir em ar-Riyadh.

– Que história é essa, de cem camelos, pelas barbas de Alá? – exclamou Zenia. – *El-Muhafeh* não tem necessidade de cem camelos, pois viaja sob a proteção de um demónio maléfico e só precisa de mim para o servir.

– Um demónio! – repetiu, perplexo, o rowalla. – Haj Hasan, é verdade?

– É, por Alá – respondeu Lord Winter com gravidade.

– *Wellahi!* – A notícia pareceu esmorecer consideravelmente o entusiasmo do rowalla pela companhia deles. Continuou o caminho algo à parte, afastando-se a pretexto de explorar o terreno.

Lord Winter aguardou para que não corressem o risco de serem ouvidos pelo rapaz.

– Um fracote! – murmurou em inglês. – Derrubado ao primeiro golpe.

– Ele não ousaria atravessar as areias do *nefud* – vaticinou ela, subitamente. – Só quer uma espingarda. Se lha der, não demorará a encontrar um motivo para partir.

– Começo a ver a sorte que tive em ficar contigo, pequeno lobo, que desejas acompanhar-me, apesar do perigo das areias e da possibilidade de casamento.

– Não desejo casar-me, senhor.

– Confundes-me. Pensei que desejasses encontrar uma bela rapariga, com olhos de gazela e lábios de rosa. Não te sentes tentado?

– Não, senhor.

– Nem por um camelo?

– É casado, senhor? – questionou ela, com mira precisa.

Ele sorriu, com divertimento no olhar.

– Um tiro certo. Obrigas-me a confessar que não.

– Quero ser como o senhor. Acho as raparigas tontas.

– Deveras! – Arden continuou a cavalgar, olhando para ele com uma expressão singular. – Deves ser mais novo do que eu julgava.

– Não desejo casar-me, senhor – insistiu ela.

– Sim, penso que já demos o assunto por encerrado. As espingardas não significam nada para ti e os camelos e as noivas são grãos de poeira na tua boca. – Ele sorriu-lhe de uma forma que a deixou estranhamente desconcertada. As suas mãos eram admiravelmente fortes; uma descansava sobre a pistola enquanto a outra erguia a espingarda, com a culatra assente no joelho. – Mas, por que raio a Inglaterra?

– É verde – esclareceu ela.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

– Estou a ver.

– É como um jardim por todo o lado.

– Quem te disse isso? Lady Hester?

– Não é verdade? – persistiu ela com olhos ansiosos.

– Admito que seja inegável. É extremamente verde. De um verde sufocante, diriam alguns. Mas podes ver árvores em Damasco. Não tens de ir até Inglaterra.

– Prometeu-me! – exclamou ela. – Não quero saber das árvores de Damasco!

– Calma, lobito! Verás todas as árvores inglesas que aguentares, tens a minha palavra. Estou apenas curioso por saber de onde te vem tão extraordinário desejo.

Ela dirigiu-lhe um olhar impetuoso.

– O senhor deseja ir até ao Nejd disfarçado, o que é estúpido e perigoso, e está bastante louco.

– Estou à procura de um cavalo.

– De que cavalo? – perguntou Zenia, com reserva.

– Chama-se *Shajar al-Durr. Colar de Pérolas*.

Zenia olhou com desconfiança para o perfil do homem que cavalgava ao seu lado.

– A quem pertence?

– Ah, essa é a questão... Quem o tem, e onde é que está? Tu ainda não eras nascido, pequeno lobo e eu era apenas um rapaz quando Ibrahim Pasha trouxe um exército do Egito até ao Nejd para resgatar Meca aos fanáticos e minar o domínio wahhabita. Capturou o príncipe, ibn-Saud, e com ele a maior criação de cavalos que existiu algum dia no deserto – as melhores linhagens de cavalos beduínos estavam reunidas em ar-Riyadh, e quando ibn-Saud perdeu a guerra, perdeu também os cavalos. Ibrahim Pasha exigiu-os como tributo e levou-os para o Egito.

– Sim – disse Zenia –, ouvi falar disso. Alá ditou que morressem no Egito, pois a cobiça e a ganância levaram Ibrahim Pasha a pecar e a tirá-los do deserto.

– Certo. Foi uma tragédia para a raça, pequeno lobo, sem dúvida alguma. Mas onde já viste os «bedu» viverem sem estratégias nem dissabores entre eles? Nem todos os cavalos foram levados. Alguns foram escondidos e um punhado deles, preciosos, foram autorizados a ficar nas mãos da tribo dos Muteyr, que se tinham unido a Ibrahim Pasha contra o príncipe saudita. O que, podes acreditar, não deixou os Sauditas nada contentes.

Zenia devolveu um breve murmúrio de assentimento. O velho príncipe wahhabita fora decapitado em Istambul, e se havia tribos que se tinham aliado aos Egípcios para o derrubar, o sangrento dever de vingança perduraria por várias gerações.

– Depois de Ibrahim Pasha e os seus egípcios resgatarem Meca para o sultão, Ibrahim partiu em busca de outros louros – precisou Lord Winter –, e assim, nas últimas vinte primaveras, os Sauditas têm-se divertido a vingar-se dos Muteyr. Subtraíram-lhes os seus preciosos cavalos até os pouquíssimos que restaram serem enviados, por precaução, para outras bandas. Entre estes, estava a melhor égua da melhor linhagem, os *jelibiyat*.

– Foram enviados para onde? – Zenia preparou-se para o pior.

– O xeique dos Muteyr confiou as últimas éguas aos seus dois homens de maior confiança, encarregando-os de as fazer chegar a ibn-Khalif, na ilha de Bahrein.

Zenia não sabia nada sobre o Bahrein; parecia-lhe que ficava para lá do deserto, no mar oriental.

– Então vamos para o Bahrein? – perguntou, sem grande convicção.

– Não. Quando a *jelibiyat* deixou os Muteyr, ia já bem prenha do melhor garanhão deles, um *kehilan*. Quando chegou, não estava nenhum potro com ela, nem dentro dela, e tinha o leite seco. Perdera-o na viagem, disseram os homens do xeique. – Ele olhou-a, com o *keffiyeh* que lhe ocultava o rosto a fazer sobressair ainda mais os olhos da cor do céu claro. – Mas há quem diga que não foi assim. Há quem diga que ela deu à luz uma potra que veio a ser toda branca, como a neve, com

marcas à volta do pescoço, como um colar de pérolas.

– Há quem diga as coisas mais absurdas.

– Assim é, por Alá – anuiu ele.

– Ou quem siga qualquer miragem!

Ele esboçou um sorriso.

– Não é nenhuma miragem, pequeno lobo. Abdullah ibn Rashid tem-na escondida nas montanhas de Jabal Shammar.

– *Rashid!* O emir de Hail e Shammar? – Zenia gemeu de desalento. – Senhor, não tem esperança de a comprar?

– Não – disse ele.

– Não tenho esperança de a comprar.

– O que tenciona fazer?

Ele não disse nada. Zenia sentiu o ar muito quente e irrespirável nos pulmões.

– Senhor... por favor... – conseguiu apenas sussurrar –, não se daria a tantos riscos apenas para a ver.

– Lá isso não, pequeno lobo – respondeu ele, com ar sentido. – Receio que a minha intenção seja roubá-la.

– Alá tenha piedade! – soluçou ela.

Como se fosse um eco daquelas palavras, um grito cresceu no monte mais longínquo, do qual o rowalla partiu a toda a brida em cima do camelo, berrando:

– *Ghrazzu! Ghrazzu!* Um ataque, *Yallah!* Fugam!

Atrás dele, ocupando o alto da colina, um bando de cavaleiros entoava o grito de guerra da sua tribo. Antes de Zenia conseguir dar a volta ao camelo, já Lord Winter incitara o seu com toda a força, apontando-o a galope na direção do *ghrazzu*. Zenia gritou de desalento, esticando a mão por um instante para travar o estrangeiro intempestivo, constatando porém que ele empunhava a espingarda e acometia propositadamente na direção dos salteadores, instigando o camelo a um galope veloz.

O primeiro tiro arrancou a lança da mão de um deles. Avançaram, enquanto Zenia, boquiaberta, olhava para Lord Winter e decidia segui-lo no seu camelo, gritando ao rowalla que detivesse Haj Hasan, enquanto procurava o polvarinho que ele lhe confiara. Não conhecia a arma nem conseguia abrir o pequeno contentor com o camelo a galope. Ressoou um novo tiro quando finalmente agarrou no polvarinho e lhe tirou a tampa.

Olhou, em pânico, ao ouvir outro tiro. Não era possível que Lord Winter tivesse conseguido recarregar a arma. Mas os *ghrazzu* tinham-se dividido, com uma baixa agora. Ainda assim, ele cavalgava direitinho a eles, com a espingarda em riste. Um novo tiro. Na sua fuga, o rowalla cruzou-se com Lord Winter, gritando-lhe. Um quarto tiro e o mais próximo dos salteadores apressou-se a virar o animal, para escapar ao ataque iminente.

Zenia constatou, perplexa, que os tiros saíam todos da espingarda de Lord Winter. O inimigo tentava voltear os camelos, num momento de confusão por causa do homem caído, mas Lord Winter voltou a disparar, mais duas e três vezes, ao que os homens abandonaram qualquer pretensão de resgate. Quando ele alcançou o cume, já os outros seguiam a todo o galope pela vertente abaixo.

Zenia passou pelo camelo em fuga e o beduim caído, apontando-lhe a pistola apesar de esta não estar carregada. Ele perdera a lança e parecia não ter arma de fogo. Com olhos muito arregalados olhou para ela e gritou:

– Entrego-me à tua proteção!

Ela levantou a espingarda, em sinal de assentimento, e foi ter com Lord Winter ao alto da colina, onde este parara o camelo. A respiração saía-lhe ofegante, através do *keffiyeh*, não do esforço mas da agitação. Quando o seu camelo se deteve abruptamente ao lado dele, ela contemplou a espingarda estrangeira com assombro.

Estava louco, total e completamente louco. Entreolharam-se. Ofegante, ela não tirava os olhos dele, e da espingarda incrível que disparara dez vezes seguidas antes de ela própria ter conseguido sequer carregar a sua arma. Ele puxou pela bandoleira e desarmou o cão.

Sorriu-lhe, o louco. Ela estava mesmo à espera daquilo.

– O meu demónio maléfico, pequeno lobo – disse ele em tom ameno, dirigindo um sorriso afetuoso para a arma notável: – Mr. Samuel Colt, do Connecticut.

CAPÍTULO 5



A bolsa de água que estava amarrada ao camelo de Selim ressudava, pingando a um ritmo sinistro, perfeitamente regular. Arden marcava o passo pelas gotas, seguindo cada mancha escura, na dura progressão do animal pela duna acima.

Montado no seu camelo, avançava a custo pela areia muito vermelha. O rowalla abandonara-os há quatro dias, quando fugira dos salteadores sem olhar para trás. Selim dirigira-lhe um olhar recriminador, do género «eu bem te disse», que Arden recebera com um irreverente piscar de olho, mas nenhum dos dois sentira muita falta do rowalla.

Arden não planeara aventurar-se nas areias do *nefud* antes de parar na cidade de Jof, para se reabastecer de água e procurar um guia. Mas já tinham um guia, que lhes caíra literalmente nas mãos: o homem dos Shammar que fora derrubado aquando do *ghrazzu*. Bin Dirra era extremamente dócil na rendição. Bebendo do café de Haj Hasan e amaldiçoando os companheiros por o abandonarem, rapidamente transmitiu as desencorajadoras notícias de que os egípcios haviam assentado guarda em Jof e que prenderiam, decididamente, qualquer estrangeiro sem «cartas».

Arden tinha cartas – falsificações de todos os géneros, na verdade – mas não fazia intenção de arriscar a prisão. Tinha de evitar, a todo o custo, cair em mãos egípcias. As últimas notícias falavam de uma grande batalha no Norte; a Inglaterra apoiara abertamente o sultão otomano na disputa com o general egípcio Ibrahim Pasha e o seu exército, e Arden desejava ardentemente não ser identificado como inglês por nenhum soldado que pertencesse ao Egito.

Bin Dirra, sem camelo e indignado com os seus camaradas por o terem abandonado sem montada, pedira insistentemente a Haj Hasan que o deixasse conduzi-los para sul pelo caminho direto até Hail, onde poderia apresentar queixa contra os seus pérfidos camaradas junto do emir Abdullah ibn Rashid em pessoa.

Bin Dirra dizia conhecer perfeitamente o caminho para atravessar as areias vermelhas. Desta vez, Arden, prudente, olhara para Selim, pedindo-lhe em silêncio a sua opinião sobre o shammar. O rapaz obrigou Bin Dirra a estender as mãos e a jurar pela vida do filho que estava a dizer a verdade.

Arden julgava que sim. Esperava que sim. Encheram os odres numa zona de colinas rochosas, nas quais Bin Dirra se pôs a afastar pedras planas para revelar reservas secretas, pequenas poças de água doce, das chuvas.

Foi assim que viraram para sul, para entrar no *nefud*. Parecia que caminhavam num forno ardente, enterrados em carvão até aos joelhos, cercados por ameaçadoras paredes vermelhas que refletiam o

fogo.

Durante quatro dias atravessaram as dunas em forma de ferradura, com Bin Dirra a apalpar terreno, tentando a sua sorte por uma duna acima e a seguir por outra, como um cão de caça a perseguir um rasto ténue. Aos olhos de Arden, cada duna e contraduna lhe parecia igual à anterior.

As areias pesadas eram o pesadelo dos camelos. No fundo de quase todas aquelas dunas enormes se viam esqueletos, ossadas de camelos e ossadas humanas. Ninguém era enterrado nas areias do *nefud*; o vento quente garantia a deterioração. Na noite anterior, Bin Dirra narrara um episódio delicioso em que os «bedu» tinham conduzido um grupo de quinhentos soldados egípcios para o *nefud* fingindo guiá-los até Damasco. Era só um bocadinho até ao próximo poço, diziam aos egípcios. Só mais um bocadinho! Até os soldados caírem de joelhos e os «bedu» irem à vida deles, parando apenas para apanhar alguns cavalos e camelos que se afastavam dos cadáveres.

A história não constituiria, esperava Arden, nenhum tipo de aviso, mas não era homem de perder energias a preocupar-se com temores não concretizados. Tinha uma bússola escondida na bagagem e o *nefud* não era interminável. Os camelos estavam em boas condições e agora todos tinham o mesmo objetivo.

Vendo a água a cair, andava, perdido numa desolação agreste e numa solidão absoluta; na vastidão atroz do deserto, em que o seu corpo atingia os limites do que lhe era suportável e a sua alma quase se diria pacificada.

Desejara-o, num anseio terrível. Contudo, chegado ali, procurava algo que não conseguia descortinar.

Durante a vida inteira, andara à procura. Não sabia de quê: não era do cavalo, embora o risco acrescido também aumentasse o prazer; e não era por desafio ao pai, pois esse constrangimento limitara-se a conduzi-lo até um deserto de rochas e areia em vez de gelo. Por vezes, julgava encontrar na noite o que procurava, quando paravam para descansar e a cor vermelha da areia se transformava em roxo e violeta, inundada de luz como um mar gelado e revoltoso; e depois afastava-se dessa visão magnífica para olhar Selim que cozinhava umas pequenas bolas de farinha caseiras em cima das brasas, queimando os dedos ao resgatá-las das cinzas.

Por vezes, julgava encontrá-lo de manhã, quando caminhava até ao topo de uma colina arenosa, ao acordar, e se deixava inebriar pela pureza da abóbada celeste e pelo silêncio. Por vezes julgava encontrá-lo na boca seca e no fio de água que sorvia à sombra do camelo paciente, e por vezes, no próprio grunhido do animal queixoso por ter de se levantar e recomeçar novamente, tal como o seu corpo reclamava do esforço excessivo, da dureza, do calor, da secura e do cansaço paralisante. E, contudo, o camelo prosseguia, assim como ele.

Parecia-lhe encontrar aquilo que procurava em momentos que iam e vinham, aos quais não poderia agarrar-se. Até mesmo a tarefa interminável que era a de se arrastar em fila atrás de Selim e do shammar, sentindo os pés a ferver dentro das meias de lã, que era a única coisa que conseguia calçar no deserto... Rezava para que tudo terminasse, mas queria que durasse para sempre.

Fizeram as suas orações quando a luz se desvanecia e prepararam-se para descansar até a lua surgir. Arden deitara-se ao ar livre, aproveitando a bem-aventurada frescura e contemplando as estrelas. A voz de Bin Dirra buzinaava, ecoando de lado nenhum, com perguntas às quais Selim respondia com breves resmungos.

Um magricela taciturno, aquele Selim. De uma beleza quase desconfortável, com o hábito exasperante de dormir muito próximo a si. No início isso incomodara o seu descanso; embora

soubesse que todos os beduins abominavam a solidão e que desde logo esperariam alojar-se na sua tenda, não contava chegar ao ponto de partilhar a manta em que dormia. Passara noite após noite a recuar uns centímetros, mas sempre que acordava sentia Selim novamente encostado às suas costas, até chegarem ao fim da tenda. Finalmente, quando estava já na iminência de ordenar ao rapaz que fosse dormir lá fora, o que teria dado azo a perguntas e atenções, viu claramente a natureza ridícula daquela questiúncula.

Rendera-se ao inevitável, reconciliando-se com a proximidade de Selim pensando no rapaz como se se tratasse de um cão, consciente da necessidade destes de terem uma pata permanentemente em contacto com o dono. Mas aquele toque suave durante o sono fazia-o sonhar com mulheres com uma irritante e inconveniente frequência. Ansiara pelas agruras das areias vermelhas, onde sabia que a dureza física o atormentaria com visões de água e de comida. O que acontecera. Só que agora sonhava com água e comida, e com mulheres.

Eram seis dias, de camelo, até Jubbeh e depois quatro até Hayil, dissera Bin Dirra, com a graça de Alá. A água era um problema. Na sua opinião, se tivessem cuidado, mesmo com a evaporação e o desperdício, chegaria. Havia poços em Shakik, mas implicavam um desvio de três dias e a água ficava a sessenta metros de profundidade. Não tinham corda para tanto, a não ser que encontrassem beduínos que a tirassem. No inverno, as tribos percorriam os bons pastos do *nefud*, mas há dois anos que não chovia e o verão tinha chegado, matando tudo em que tocava. A esperança de encontrar beduins em Shakik era demasiado remota, sendo melhor rumar diretamente a Hail e reabastecerem-se de água em Jubbeh, onde havia uma aldeia e a água era içada dos poços por camelos.

Seis dias. De manhã, Arden instalou uma taça por baixo do odre da água para apanhar o que pingava e Bin Dirra mostrou os dentes brancos num riso deliciado. Ao final do dia, a taça devolveu um punhado de areia e de água suja, com cheiro a camelo. Arden ofereceu-a a Selim, que abanou a cabeça e recusou, dedicando-se a descarregar o outro camelo.

Bin Dirra recusou-a também.

– É tua, Pai dos Dez Tiros! Bebe!

O shammar continuou a sorrir quando Arden virou a taça. A água sabia terrivelmente mal, mas era fresca e hidratava. Quando Arden acabou de beber, Bin Dirra sorriu e recuou um passo.

Selim gritou e, ao mesmo tempo, Bin Dirra deu um berro. O nómada olhou para o chão e por um instante pareceu que Selim o atacava ferozmente com a vara do camelo e um punhal.

O shammar recuou aos gritos e tropeções, revelando a víbora cornuda que se contorcia aos seus pés, tentando escapar aos golpes da vara. Arden agarrou na taça e pegou na pistola da sela.

– *Yallah!* – Empurrou Selim para longe. O tiro próximo decapitou a cobra, deixando-lhe o corpo em convulsão.

Bin Dirra sentou-se na areia, ofegante, segurando um pé. Arden pegou no cordão que tinha utilizado para amarrar a taça e pôs-se de joelhos ao lado do shammar. Apertou-o à volta da perna do homem, acima da mordedura. Não foi por generosidade que fez uma incisão na pele e se inclinou para chupar, mas sim porque sabia que se o shammar morresse, as suas hipóteses de sobrevivência passavam de remotas a nulas.

Cuspiu sangue e deparou com a taça debaixo do seu nariz, cheia de água. Limpou a boca e voltou a debruçar-se sobre o homem, uma vez e outra, rezando para não ter nenhuma ferida aberta nos lábios ressequidos. Continuou até a perna estar inchada e Bin Dirra começar a tremer e perder os sentidos.

Arden levantou a cabeça. Selim segurou o shammar pelos ombros, olhando para Arden com os

olhos muito abertos e assustados. Este pegou na taça e limpou a boca por repetidas vezes, sem se preocupar sequer com a água, mas o sabor repulsivo do sangue o do veneno amargo parecia não se soltar da sua língua, deixando-o nauseado.

– Maldita víbora! – murmurou. – Maldita, maldita, maldita!

Falara em inglês, mas Bin Dirra não estava em condições de reparar. Selim não disse nada. Arden levantou-se. Olhou o deserto com as suas inúmeras e indecifráveis colinas de areia.

Restavam cinco dias para Jubbeh. Cinco dias. Se se enganassem, por um quilómetro que fosse, nada poderia salvá-los.



Antes de perder os sentidos, Bin Dirra balbuciara que deviam procurar os rochedos de Ghota. Quando conseguissem vê-los, conseguiriam localizar Jubbeh.

À luz do fogo, Arden rasgara o fundo do estojo de barbear e tirara os mapas que trouxera escondidos, mas em todos eles, como era do seu conhecimento, o *nefud* era uma mancha branca. Não havia qualquer indicação de Jubbeh nem dos rochedos de Ghota. Enquanto caminhavam, Arden fora consultando a bússola, às escondidas. Sabia que Bin Dirra seguira para su-sudeste, mas o percurso do guia fora tão errático e o ritmo conseguido tão irregular que Arden apenas podia tentar adivinhar a localização atual.

Selim estava sentado ao lado de Bin Dirra, amparando-o na sua imensa agonia, com a perna inchada e terrivelmente pálido. Por fim, já a noite ia avançada, o shammar caiu numa letargia mortal. Arden não acreditava que chegasse vivo ao dia seguinte.

Absteve-se de beber, para poupar a água, e contemplou o jantar de pão e tâmaras com repulsa, pois não era capaz de comer, com a sede e o travo doentio que sentia na boca. Tentou deitar-se para dormir, mas não parava de escutar a respiração pesada de Bin Dirra, à espera de que cessasse. Sempre que Arden espreitava o shammar, deparava com Selim sentado, imóvel, junto ao moribundo.

Por fim, Arden desistiu de dormir. À luz pura das estrelas, levantou-se e caminhou até ultrapassar os camelos.

Parou, a olhar para sudeste. *Deserto contínuo de areias vermelhas*, indicavam os mapas, sumariamente.

Estrelas, e o deserto. Onde as estrelas terminavam, principiava o negrume do deserto. Não havia mais nada para ver. Sentiu Selim a aproximar-se atrás de si, e a permanecer em silêncio.

– Eu consigo encontrar o caminho – declarou Arden.

Voltou-se. À luz das estrelas, o rosto do rapaz era praticamente invisível. Arden julgou ver nele uma maré de dúvidas.

– Prometi que te levava a Inglaterra – principiou. – E levo.

Julgou que o rapaz diria *Inshallah*, se Deus quisesse, a réplica devota de qualquer árabe face ao futuro.

– Eu sei que sim – replicou calmamente o rapaz. – Trouxe-lhe água.

Arden tinha tanta sede que seria capaz de beber a taça cheia de uma assentada.

– Guarda-a – disse. – Temos de a poupar.

– Esta é minha – disse Selim, estendendo a taça. – Eu bebo leite do camelo.

– Não.

– Seria melhor ouvir-me quanto à água e à alimentação, senhor. Já vi o que os europeus fazem. Privam-se até não conseguirem aguentar mais e depois, por falta de discernimento, esbanjam mais do que precisam.

Arden hesitou. Depois pegou na taça, constatando que continha apenas alguns bochechos de água. Bebeu, parecendo-lhe ambrosia o sabor mofento a camelo, aceitando o pão e as tâmaras que Selim lhe apresentou a seguir, que ele não conseguira comer devido à sede e à náusea. Naquele momento, de alguma forma, pareciam-lhe um pouco mais comestíveis.



Não podiam demorar-se, embora Bin Dirra tivesse passado a noite inteira em coma. Antes da alvorada, ataram-no ao maior dos camelos, puseram-lhe o *keffiyeh* por cima da cabeça para lhe dar sombra e fizeram-se ao caminho assim que se fez luz suficiente para ler a bússola.

Arden delineava a rota pela bússola, mas era Selim quem andava para trás e para a frente, procurando nas dunas o melhor acesso, subindo algumas até ao cimo, ficando pelo sopé de outras, ou até, por fim, à falta de melhor opção, conduzir o grupo numa penosa subida a prumo.

No primeiro dia, Arden começou a pensar que iriam conseguir, desde que não falhassem Jubbeh. Mas, no segundo, a forma e a disposição da areia começou a exigir subidas cada vez mais frequentes, se não queriam afastar-se perigosamente da rota da bússola. Arden tinha de conduzir os dois camelos, enquanto Selim fazia o reconhecimento do terreno. O cansaço dos animais, que gemiam e berravam, era cada vez maior, exigindo dele um enorme esforço para os comandar sob o calor insuportável. Chegou ao sítio que Selim escolhera, finalmente, para acamparem com uma sensação debilitante de exaustão que detestava admitir.

Bin Dirra ainda estava vivo. Tinha a perna preta e inchada, o rosto malhado. Ao cair da noite, o beduim começou a alucinar, gritando descontroladamente. Selim sentou-se ao lado dele, tentando que bebesse. Arden descansava, engolindo obedientemente a porção de comida que Selim lhe dera. Era como mastigar madeira. Estava tão cansado que adormeceu sentado.

Sonhou com um anjo, que o procurou, esvoaçante, entoando cânticos. Era o som mais bonito que alguma vez ouvira. Um doce hino, rejubilante, numa catedral. Acordou durante a noite e a luz ténue das brasas revelou-lhe Selim, que vertia água na boca de Bin Dirra.

Os gemidos semiconscientes do shammar acordaram Arden de madrugada. Quando comia o pequeno-almoço de tâmaras bafientas e leite de camelo que Selim lhe apresentara, tirou um frasco de láudano do estojo e pingou três gotas na água do doente.

Selim pegou a custo num volume para prender ao camelo, mas Arden tirou a carga dos braços do rapaz.

– Dormiste alguma coisa? – inquiriu rispidamente.

– Oh, sim – respondeu o rapaz. – Estava habituado a servir a senhora durante a noite inteira.

Selim parecia estar tão à vontade no deserto, na ordenha do camelo, descalço apesar da areia escaldante, que Arden quase se esquecera de que o rapaz não era um simples beduíno. Era conhecida a propensão de Lady Hester para desconsiderar as horas, desdobrando-se em exigências impertinentes aos criados. Arden pensou nas noites que passara em visita, bebendo o chá e comendo a comida que ela mandava preparar. De repente, perguntou-se se Selim não seria um desses serviçais de movimentos expeditos que se inclinavam diante dele nessas alturas.

A ideia enfureceu-o. Decidiu que o rapaz não tinha de arcar com tanto trabalho e ordenou-lhe que se sentasse. Ele próprio foi terminar de carregar os camelos. Selim sentou-se obedientemente, a beber leite. Mais uma constatação que se impôs: há dois dias que Arden não via Selim comer pão ou tâmaras.

O rapaz alimentava-se de leite de camelo. Era perfeitamente saudável; em anos maus, os «bedu» sobreviviam o verão inteiro do que os camelos produziam, mas naquela areia inclemente, sem pastos, a fêmea solitária não deveria dar mais do que meio litro, ou um litro, por dia e só Arden bebera metade daquilo ao pequeno-almoço.

– Maldito sejas, por Deus – gritou para o rapaz. – Se emagreces ainda mais, deixo-te voar com o vento!

O rapaz olhou para ele com uma expressão de desânimo.

– Desculpe, *el-Muhafeh* – disse, como se não soubesse de que se desculpava.

– Seu desgraçado – murmurou Arden com injustificada desfaçatez. Tinha bem presente que, sem Selim, não teria qualquer esperança de sobrevivência. Apertou bruscamente uma correia que prendia a carga do camelo. Aquela irritação absurda dera-lhe energia para a árdua caminhada da manhã, mas, ao meio-dia, toda a emoção fora sugada dele, restando simplesmente o latejar do coração nos ouvidos, no esforço de arrastar os camelos duna acima pela areia que os afundava até aos joelhos. Quando a droga perdeu o efeito, Bin Dirra começou a gemer interminavelmente, balbuciando orações.

A areia deslizou, acumulando-se à volta dos tornozelos de Arden, aprisionando-o. Teve de empurrar a fêmea, que blaterava e se recusava a continuar, enquanto Selim lhe puxava pela corda do açaim. Quando alcançaram o cume, o animal tremia de exaustão e Arden deixou-se cair de joelhos, às voltas com a bússola.

À sua frente, via apenas mais areia vermelha, em ondas intermináveis que se estendiam por um horizonte infinito. Selim colocou-se em pé ao seu lado. Arden tentou fazer uma leitura, mas o mostrador da bússola começou a oscilar. Ouvia zumbidos nos ouvidos. Encostou-se a Selim. Só um bocadinho, pensou, descansa só um bocadinho. O rapaz esperou pacientemente, segurando-o. Arden sentia a oscilação da sua respiração ofegante.

Endireitou-se e fez a leitura.

– Ali – disse em voz rouca, apontando a vertente inclinada da primeira das elevações de areia de uma sequência infinita. – Aquele monte de arbustos, estás a ver?

Selim olhou para sudeste.

– Senhor – disse, com uma ligeira elevação na voz. – Há mais um, na outra que fica atrás.

Arden mal percebeu o que ele disse, mas notou a excitação da sua voz e, a custo, pôs-se em pé, esboroando o cume da duna.

– É um marco! Ali está outro! – gritou Selim. – Encontrámos o caminho!

Arden observava a paisagem à sua frente. As dunas enfileiravam-se, inumeráveis. Mas conseguiu ver o montículo de raízes, e o outro que se erguia atrás dele, com ondas de calor à volta.

Aquilo, um caminho, pensou, exausto, só na imaginação de algum demónio saído do inferno.



Naquela noite voltou a sonhar com o anjo. Quis suplicar-lhe que lhe desse água e de tal forma

tentou que acabou por se acordar a si próprio.

Inicialmente, julgou estar ainda a dormir, porque o anjo se confundia com as sensações de realidade, com a manta que o recebia, a barriga vazia e a garganta sequiosa, mas continuava a ouvir o canto.

Era tão sublime, tão encantador e tão real que quase sentiu medo. Era um hino inglês, cuja letra não lhe era desconhecida.

Sentou-se abruptamente, procurando instintivamente a espingarda. O canto parou. A voz de Selim, ríspida, perguntou:

– O que foi, senhor?

Arden exalou um suspiro. Apoiou-se nas mãos.

– Meu Deus, eras tu, a cantar?

Fez-se um pequeno silêncio. Arden via o vulto negro do rapaz, sentado, como sempre, ao lado de Bin Dirra.

– Sim, senhor – declarou Selim baixinho.

Arden humedeceu os lábios. A aura de irrealidade da canção parecia permanecer com ele, de tal forma que não desejava falar.

– Bin Dirra não vai lembrar-se – disse o rapaz. – Acalma-o.

Arden voltou a deitar-se, olhando o céu.

– Não gosta? – perguntou Selim.

Ele olhou para a enorme abóbada de estrelas, que pareciam tão próximas e tremeluzentes, que ele poderia deixar-se cair no meio delas, flutuando, ligeiro, por um espelho negro em que todas as faces refletiam a luz.

– É lindo – sussurrou, com a voz embargada pela sede e o sono. – Continua.

O rapaz parou, mas depois recomeçou a cantar, numa voz límpida e suave, no silêncio avassalador.



Arden pensou que os camelos estavam a morrer. Tremiam e hesitavam, e todas as vezes que a fêmea se baixava ele receava que não voltasse a levantar-se. Teve de a descarregar, enquanto Selim incitava o macho, que levava um Bin Dirra combalido estirado na sela.

Arden transportava a água; o que restava dela, que não chegava a quatro litros. Os cinco dias tinham passado; o sol vespertino, abrasador, ditaria o fim do oitavo, estava certo de que tinham passado Jubbeh e que seguiam um caminho torturante para o inferno. Percebeu que pouco lhe importava.

Tinham perdido os arbustos que serviam de marcos há duas noites, ao tentarem viajar à luz do luar. Puxou pelo cabresto do animal, instigando-a a levantar-se. Caiu quando ela se levantou de imediato. Ele parou a olhar a areia fulgurante, vagamente surpreendido por ela se levantar quando ele não acreditava conseguir fazê-lo. O calor mordia-lhe as mãos e queimava-lhe o peito. Então, alçou o odre da água e a bagagem para cima dos ombros e levantou-se, fraco e cambaleante.

A distância entre ele e Selim parecia grande, multiplicando-se no chão plano. Não ergueu os olhos, limitando-se a fazer seguir um pé à frente do outro. Selim estava sempre à sua frente, em movimento, o incansável anjo da exaustão, o qual teria de seguir.

– Anda, camelo – balbuciou em inglês, no misto de amor e ódio que sentia agora pelo animal de olhos mansos. – Anda, anda, rapariga. Já não é longe. Não é longe, pobre animal.

Ela avançava aos tropeções, roncando; a voz da sua própria alma. Numa marcha acidentada e lenta, os dois alcançaram Selim, que tinha parado.

Arden pensou, aturdido, que era demasiado cedo para pararem. Olhou para o rapaz, piscando os olhos.

Selim abanava a cabeça e chorava. Voltou-se para o horizonte e deparou com a vertente de uma duna que se erguia diante deles e que, como um mamute, se estendia de leste a oeste tanto quanto a vista alcançava.

Meu Deus, pensou. Estamos perdidos.

O rapaz soluçou baixinho. Arden disse:

– Não chores. Estás a desperdiçar água. – Atirou os odres e a bagagem para o sítio onde estava e ergueu Selim até ao dorso da fêmea. O rapaz era mais leve do que os odres de água, o animal nem o notaria. – Leva o outro – disse, entregando-lhe a corda do macho.

Arden bebeu sofregamente, aliviando ainda mais o odre e colocou a bagagem sobre os ombros.

Um pé de cada vez, abriu caminho pela vertente acima. Aprendera a distinguir entre os sítios que davam alguma segurança e aqueles que desabariam sob os seus pés, subtraindo dois passos a cada três. Mas estava moribundo. A meia encosta, o ar arranhava-lhe a garganta e as tonturas prendiam-no num remoinho. Sentia a cabeça prestes a rebentar, pareceu-lhe ouvir repicar os sinos e alguém a chamá-lo.

– Pare – dizia Selim. – Pare, pare! – O rapaz aparecera-lhe à frente, debatendo-se na areia, ao sair do camelo. – Bin Dirra – continuou, ofegante. – Jubbeh!

Arden endireitou-se com esforço sofrido. Olhou para o shammar.

– Onde vai? – sussurrou o beduim. Arden mal o conseguia ouvir devido ao barulho do seu coração. Bin Dirra ergueu a mão, num gesto débil indicando o sopé da duna. – Ali. Vejo os rochedos de Ghota. Porque sobem por aqui?

CAPÍTULO 6



Selim, carrancudo, aproveitava a luz que entrava pela porta para entrançar o cabelo que lhe caía sobre os ombros. Lá fora, as ruas de Hail eram movimentadas mas silenciosas, com aquele sossego oriental de paredes de barro e cal, onde não circulava veículo algum. Até as vozes, engolidas pelo ar do deserto, pareciam distantes, a não ser que por perto rebentasse alguma discussão que assaltasse o ouvido com um súbito tumulto, como um burro a zurrar.

O rapaz parecia acossado, pois Arden ordenara-lhe que pusesse *kohl* à volta dos olhos, dera-lhe uma túnica nova e um *keffiyeh* branco imaculado debruado a ouro, e contas brilhantes, azul-turquesa, para entrelaçar nas suas longas tranças. Arden dizia-lhe que era um belo partido, ainda que no resto da cabeça o *keffiyeh* ocultasse um mísero ninho de ratos de caracóis empoeirados.

– *Ay billah*, serás o tema das conversas do harém – disse, ajoelhando-se para dar o último toque à indumentária: uma pérola única colocada atrás da orelha de Selim.

O rapaz devolveu-lhe um olhar mal-humorado.

– Não quero ser falado no harém.

– Receio bem que a relutância lhes incendeie os ânimos. São criaturas perversas, as mulheres.

Zenia dirigiu-lhe um olhar de despeito quando ele se debruçou sobre ela. O sol do deserto parecia ter-lhe banhado a pele de um moreno dourado.

– Suponho, então, que possua um conhecimento vasto sobre as mulheres, senhor.

– Muitíssimo. Umas tontas aborrecidas, todas elas. – Lord Winter cruzou-lhe a ponta do *keffiyeh* sobre o ombro. Os dedos dele tocavam-lhe no pescoço sem qualquer cerimónia, afastando-lhe uma madeixa de cabelo. – Mas doces como o mel.

– O que pode ser tão doce nas mulheres, se são tão chatas assim? – indagou ela, amuada.

– Bem, não é o seu infundável cacarejar, asseguro-te. Mas, valha-nos a misericórdia de Deus, não podem estar sempre a falar. – A parte de trás dos dedos roçou-lhe na pele enquanto colocava o pingente. – O mel delas são os seus corpos, pequeno lobo.

Zenia baixou os olhos, sentindo o rosto afogueado. Desde o *nefud* que experimentava novos sentimentos por Lord Winter, pungentes. Já não lhe suscitava medo. Pensava nele constantemente, com preocupação, tristeza e ânsia.

Ele abriu um sorriso e puxou-lhe levemente pelo cabelo, novamente sentado sobre os calcanhares.

– Vais descobrir, pequeno lobo. Quando a altura chegar.

Ela sentia-se ressentida, a sufocar, porque gostava do toque das mãos dele. Porque se ele soubesse

a verdade, iria desprezá-la pelo seu sexo. Porque ela não tinha um corpo doce como o mel. Se tivesse, certamente que ele já teria reparado. Mas homem nenhum reparava. E ela, claro, não queria que Lord Winter reparasse. O seu bem-estar dependia completamente disso. A cegueira dele deixava-a, contudo, perversamente infeliz.

– As mulheres árabes são tontas – retomou ela. – As mulheres inglesas são mais interessantes, parece-me.

– Perdão, como dizes? – murmurou ele, alçando as sobrancelhas escuras. – Não sabia que eras entendido.

– As mulheres inglesas são mais belas. A sua pele é como seda.

– Em todas as mulheres a pele é como seda, se buscares os sítios certos.

– As inglesas têm sapatos – insistiu Zenia, dobrando as pernas. – Têm pés macios.

– É verdade – concedeu ele, divertido.

– E vestidos mais bonitos.

– Mais reveladores, é verdade – acedeu com um sorriso trocista. – Pelo menos pode olhar-se para a mercadoria.

– Não são umas tontas, como as mulheres dos haréns beduínos.

– Receio ter de discordar contigo neste ponto. As mulheres inglesas são um extremo de tolice.

Zenia devia ter permanecido em silêncio, mas o desdém fácil que sentia nele espicou-a.

– Não achava a minha senhora tonta.

– Ah, a velha leoa. Uma entre milhões. Houve uma época em que acreditei... – Parou, endurecendo o rosto de indiferença. Azedo e frio, continuou: – Nessa altura eu era muito jovem. As mulheres... Fazem de nós estúpidos.

Zenia olhou-o com reticência.

– Não acredito que alguma mulher pudesse fazer de *el-Muhafeh* estúpido. Como é que uma mulher tonta e aborrecida conseguiria fazer isso?

– Oh, com a maior das facilidades! – declarou ele, com a voz subitamente agressiva. – A falsidade não requer muita esperteza, apenas uma expressão virtuosa na mesma medida.

Ela humedeceu os lábios.

– A falsidade é muito má – disse. – Mas, se a mulher mentiu, talvez tivesse uma razão para ter de o fazer.

– Claro. – Ele sorriu, mas nos seus olhos faiscava um brilho de malevolência. – A mais persuasiva das razões. Tinha medo do que pudesse acontecer-lhe se dissesse a verdade. – Encolheu os ombros. – Um juízo errado da parte dela, por sinal. Devia ter tido medo de mim.

– Bateu-lhe? – perguntou debilmente Zenia.

Ele riu com frieza.

– Matei-a, pequeno lobo.

Zenia virou o rosto, olhando para ele de lado, por baixo do lenço. Parecia-lhe não ver naqueles olhos azuis qualquer expressão, qualquer sentimento humano.

Sorriu, de dentes cerrados.

– Porque julgas que um demónio maléfico me impele para o deserto?

Ela começou a mexer nas pontas do lenço, dobrando-as e esticando-as, aterrorizada mas desesperando por não o mostrar.

– Ainda assim – disse ela, com ar de desinteressada –, acho que as mulheres dos ingleses são mais

agradáveis.

– *Wellah*, pensa o que quiseses. Não vale a pena discutirmos por isso. – Arden levantou-se, pensando com desencanto que, numa terra em que um homem tinha o direito de assassinar a própria irmã apenas por se ouvirem dizer coisas desfavoráveis acerca dela, não deveria espantar-se por o rapaz não mostrar qualquer sinal de horror. Ao olhar para baixo, viu que Selim arranjava o lenço para esconder o rosto.

– Não! – ordenou Arden, segurando-lhe no pulso. – Não quero que te tapes.

– Senhor – protestou o rapaz. – Devo fazê-lo!

– Disparates! Porquê? Vão pensar que há algo de errado com a tua aparência.

– Excelência, por favor ouça-me! Eu não desejo casar-me!

Arden rodou a pérola para trás da orelha do rapaz.

– És assim tão bonito que, só por mostrares a cara, te cai uma esposa em cima?

– Mas tenho a certeza de que não quero nenhuma das filhas daqui...

– Deus te valha, Selim. Se alimentas alguma esperança idiota por uma noiva inglesa, acredita em mim, é impossível. Em Inglaterra, todas te votarão ao desprezo.

O rapaz encolheu-se como se lhe tivessem batido. Por um momento, os seus lábios ficaram trémulos e os olhos, delineados a *kohl*, muito abertos e femininos.

– É verdade? – sussurrou.

– Fica em paz, pequeno lobo – replicou Arden bruscamente. – E fica a saber que vales mais do que mil inglesas tontas.

Selim dirigiu-lhe um olhar fugaz e angustiado.

– É verdade – afirmou Arden. Teve dificuldade em falar. – Dez mil.

O rapaz mordeu o lábio. Olhou-o com uma expressão tal que Arden se sentiu constrangido.

– Anda, vamos – concluiu.

– Mas porque é que temos de ir até ao salão e...?

– Chiu! Porque eu quero.

Ainda assim, Selim agarrou com a mão suplicante os dedos de Arden.

– Senhor, não está a compreender... Eu não posso...

– *Ya* Selim! – Arden deu uma palmada valente no ombro do rapaz. – Sê homem!

Selim baixou imediatamente os olhos, escondendo o rosto atrás do torvelinho de cabelo.

– E não chores, maldição! – ordenou Arden em inglês. – Ou eu atiro-te ao poço mais próximo e não ferrarás o dente em nenhum pudim de ameixa.

Como visava uma das mais ardentes ambições do rapazote, a ameaça surtiu o seu efeito. Com a empertigada arrogância dos condenados decididos a enfrentar heroicamente a execução, Selim levantou-se, dirigindo-se para a porta.

Depois de ceder, o rapaz não se acobardou. Arden ganhara afeição pelo seu pequeno lobo, tão expedito em previsões funestas, de tão grande coragem que não encontrava palavras condignas para o designar. Tinha um orgulho possessivo no jovem que ao seu lado atravessava o movimentado mercado de Hail, com uma passada solta, graciosa, e o lenço debruado a ouro esvoaçante, como se caminhassem no deserto extenso e não à sombra das paredes do castelo com dois metros de espessura.

Os Shammar da tribo de Bin Dirra aguardavam-nos na rua larga do mercado, para os levarem numa escolta de honra até ao salão. Por terem tirado Bin Dirra vivo das areias vermelhas, a hospitalidade

da família deste e das tendas shammar fora, durante semanas, insistentemente renovada a Haj Hasan e ao seu irmãozinho de sangue. Inicialmente, ambos precisavam desesperadamente do recobro e do descanso, mas, entre a doce prontidão dos beduins e o ciclo imutável dos dias e das noites nômadas, Arden começou a perder a noção do tempo que já passara no deserto. Quando constatou que se deixava embalar na lassidão do deserto, insistiu polidamente que teria de seguir viagem. No momento em que deixava as tendas dos Shammar, onze homens ergueram-se silenciosamente para ir com ele.

Era um gesto de cortesia, pois a perna de Bin Dirra, ainda escura e inchada, não lhe permitia viajar até Hail. Mas havia rumores no ar. Eram simples comentários; contudo, os Shammar tinham vagueado pelo deserto, parando em todos os acampamentos beduínos, procurando diligentemente informar-se. O emir Rashid não chamara ninguém a Hail, porém, os xeiques pareciam encontrar razões para se reunirem por lá, e com eles os seus homens.

A rainha dos *Englezys*, dizia-se, tinha chegado sob disfarce, procurando um príncipe para tomar por marido, incitando a rebelião contra o domínio egípcio do deserto.

Quando ouviram o rumor, Selim lançou a Arden um olhar tão ímpio que este teve dificuldade em manter-se sério. Na verdade, estava muito satisfeito com a comoção que a absurda deturpação das suas palavras parecia ter provocado, contando que esta eclipsasse quaisquer investigações desnecessárias que pudessem ocorrer em Hail, a propósito de Haj Hasan, *O Mouro de Olhos Azuis*. Se havia agitação no deserto, mais fácil seria fugir com uma certa égua puro-sangue.

Em Halil, o príncipe Abdullah ibn Rashid era o governante declarado, mas na dependência dos Sauditas de Riade. O equilíbrio de poder, contudo, era delicado. Riade ficava a dez dias de distância, de camelo, para sul, e as casas de el-Rashid e de el-Saud encaravam-se com mútua desconfiança, ambas submetidas ao jugo egípcio com mal disfarçada malevolência. Embora houvesse soldados egípcios nas ruas, uma guarnição que convivía em incômoda proximidade com os inimigos derrotados, os beduínos viam em Rashid o governador do seu coração e da sua existência.

Pelo menos, tanto quanto era possível um beduíno encarar algum homem como seu governador.

A escolta shammar de Arden irrompeu no salão do emir antes dele, sem se deter na súbita mudança da luz límpida e radiante para a escuridão e o burburinho de cem vozes e dos assobios dos moedores de café. O clarão que provinha da porta incidia numa coluna enorme de uma fila de pilares que se estendia até às sombras. Pequenas colunas projetavam-se das janelas minúsculas que ficavam muito altas. Os shammar dirigiram-se diretamente para um canto onde os escravos tratavam de uma série de enormes cafeteiras postas ao lume, juntando-se aos convivas sentados em tapetes ou encostados à parede. «*Salaam aleyk!*» era recebido com um amigável «*Aleyk es-salaam*» numa troca de votos de paz.

Alguém fez a pergunta ritual:

– Pela graça de Deus, estais bem?

– Com a graça do Senhor, sim, estamos, bom homem! – Era a resposta devida, sempre a mesma, nem que os camelos tivessem sido todos afugentados, as mulheres atacadas e as ovelhas roubadas.

– Olha, irmão – disse um dos shammar, acenando a cabeça na direção de Arden –, Haj Hasan, *O Pai dos Dez Tiros*.

Arden tirou a espingarda do ombro quando se sentou. Colocou a mão sobre o couro que revestia o cilindro da arma.

– Deus é grande! – murmurou.

A sua reputação precedera-o.

– O demónio está preso aqui dentro? – Todos se inclinaram sobre a espingarda com cautelosa fascinação.

– É perigoso falar nele. – esclareceu Arden. – *Wellah*, falemos de coisas favoráveis. Este é Selim el-Nasr, filho do meu pai. Jurei pela minha barba encontrar-lhe uma esposa entre as melhores gentes do Nejd.

– *Não!* – Selim exclamou em voz alta. – Pela vida de Alá, eu *não* quero esposa nenhuma.

Fez-se um silêncio de espanto. Arden olhou-o de soslaio. O rapaz encarou-o em desafio, com uma excitação tão ardente nos olhos e uma cor tão viva no rosto que Arden se sentiu novamente comovido por aquela beleza melancólica, pela singular perfeição daquele rosto puro de elfo, realçado pelo *kohl* dos beduínos e os adornos vistosos.

Invadiu-o uma estranha sensação, um alheamento mais profundo do que qualquer outro que sentira, mesmo nos lugares mais remotos ou no mais plácido salão de baile, um alheamento de tudo o que o rodeava exceto aquele rapaz, aquele selvagenzito de olhos grandes borrados com *kohl* que lhe dirigia um olhar de súplica, e mais ainda; de desesperada e muda adoração.

E, subitamente, Arden pensou: *Oh, meu Deus*.

Os sentimentos do rapaz transpareciam-lhe claramente no olhar. Arden virou o rosto com uma sensação de choque. Mas não era altura de perder a cabeça. Sem réplica, nem reprovação, nem qualquer sinal de perturbação pela atitude de Selim, Arden aceitou uma chávena minúscula de café castanho-esverdeado que o escravo lhe apresentou e bebeu um gole.

– Que há de novo?

Como se a insurreição do rapaz nunca tivesse acontecido, os árabes recomeçaram a falar. Selim baixou os olhos, com a boca num trejeito mal-humorado. O rapaz tinha a cabeça tão baixa que não se via mais nada além do alto da cabeça. A pérola e as contas turquesas balançavam alegremente.

O seu protesto fora completamente ignorado. Quando Arden se sentou ao seu lado a beber, foram assaltados com noivas e rumores. Os ibn-Aruk tinham quatro filhas casadoiras, cada qual mais bonita do que a anterior. O príncipe Rashid queria unir as tribos e insurgir-se contra os Egípcios. Não, Rashid queria atacar os Sauditas enquanto ainda estavam a recuperar do fracasso da rebelião que tinham empreendido no ano anterior. A filha mais nova de Ibn Shalaan era mais bonita e mais prendada do que as raparigas dos Aruk, mas ele adorava-a e não a deixava casar-se antes de fazer treze anos; embora, com certeza, o dote oferecido pela noiva o pudesse levar a reconsiderar. Rashid não se atreveria a atacar Riade, não enquanto os egípcios lá tivessem o seu grande canhão, as armas dos francos infiéis.

– Mas agora chegou a rainha dos *Englezys* – retomou muito convictamente um beduíno com um gilvaz no rosto. – Por vontade de Deus.

– *Ay, wellah!* – entoaram todos. – A rainha!

– Sim, por Alá, se os Sauditas não chegarem primeiro! – apregoou alguém, taciturno. – Os Harb dizem que estão a vir para cá neste momento, com soldados egípcios, para descobrir algum plano que Rashid possa alimentar.

– Então, queira Deus que a rainha se faça acompanhar do seu exército. – Uma barba desalinhada dava ao beduim um ar de pirata. – O exército dos *Englezys*! – disse com reverência.

– Para que precisamos nós de um exército de infiéis? – exclamou outro homem. – *Billah*, somos ou não somos beduínos?

– A irmã da minha mulher está casada com um tio do emir – avançou com seriedade um jovem nómada atraente. – A prima dela é uma rapariga encantadora, dizem, e está pronta para se casar.

– As tribos não estão em harmonia. Os Muteyr não ficarão para combater os Sauditas – comentou alguém. – Já estão a recolher as tendas, ainda antes de a rainha chegar.

– Sim, não há concórdia entre Rashid e os Muteyr. Não lutarão por ele.

– Mas eles odeiam os Egípcios.

– Se a rainha vier, Deus seja louvado, lutarão por ela!

– Parece-vos que Rashid se casará com a rainha?

– Não, é cristã!

– Não! – Neste ponto, o coro de negativas era veemente. – Ela não é cristã, senão não viria ajudar os muçulmanos!

Um velho de pele enrugada aproximou-se e sentou-se perto do fogo, fumando em silêncio. Numa pausa, esticou a mão para tocar na pérola de Selim.

– *Ay billah* – murmurou. – Se o jovem príncipe não se interessa pelas virgens de Hail, eu tenho um primo em Mogug que tem uma filha... Diz-se, por Deus, que ela vale um colar de pérolas!

Arden pousou o café e cruzou o olhar com o velho. À volta deles ouviram-se assobios zombeteiros.

– Mogug! – gritaram os outros. – Não existe nenhuma rapariga assim num lugar tão pobre!

A ancião fez um gesto depreciativo e levantou-se, retirando-se. – Que Alá me envie a paz! Então talvez tenha sido em Aneyzah.

Arden sorriu-lhe.

– Quando te lembrares, ó pai, *yallah*, vem depressa dizer-me.

O velho tocou na testa e afastou-se, bem devagar. Arden aceitou outra pequena dose de café, desempenhando o papel do convidado cordial, mas, ali sentado junto aos outros no chão protegido pelos tapetes, tinha o pensamento noutro lado.

Não duvidara grandemente de que receberia uma visita do ancião – fora com esse propósito que pendurara a pérola, o sinal definido na carta dirigida a Abbas Pasha e que fora intercetada, atrás da orelha de Selim, e que obrigara o jovem a circular. Mas era a outra revelação que se impunha ao seu espírito, que o fez olhar tão seriamente para o escravo que lhe oferecia mais café, que este até se afastou receoso do Olho Maléfico do Magrebino.

Arden estava irritado consigo próprio. Nunca se vira como um homem intolerante, e muito menos virtuoso, mas constatava que aquela nova intuição o deixava extremamente desconfortável. Ao mesmo tempo, achava-se um simplório por não o ter percebido. O ar delicado do rapaz fora-lhe óbvio desde o início e muitos otomanos viam com complacência aquelas coisas, considerando até que o amor entre um homem e um rapaz estava num plano mais elevado do que o amor entre um homem e uma mulher. Arden fez um esforço consciente para o ver à mesma luz, mas parecia-lhe que esbarrava de frente contra um muro de pedra. Havia muitas coisas que aceitava, e várias que admirava profundamente na cultura oriental, mas descobria que lhe era insuportável pensar que Selim pudesse vê-lo daquela forma.

Agora que estava atento, via que pelo menos um homem, um negociante de camelos de Damasco de aspeto elegante, olhava para o rapaz com mais do que simples curiosidade, com um olhar ávido de reconhecimento. Os dedos ansiosos de Selim agarraram-se ao braço de Arden ainda com mais apreensão do que o habitual. Arden fitou-o com evidente desagrado, para o desencorajar. O

comprador de camelos sorriu e fez uma vénia breve ao sair.

Quando foi anunciada a *majlis*, todos se levantaram para assistir à assembleia diária do emir, na rua larga. Arden saiu também, com Selim imediatamente no seu encalço. Quando encontraram um lugar à sombra de um muro, sentaram-se de pernas cruzadas com os shammar, e ele não quis nem conseguiu olhar para o rapaz. Sentia, porém, que os beduínos e algumas pessoas da cidade os observavam, a ele e a Selim, alguns com uma curiosidade intensa que o desassossejava. Sentiu-se grato por estar na companhia dos seus shammar, pois com olhares daqueles facilmente a situação ficaria negra.

O príncipe chegou, ocupando o seu lugar numa plataforma elevada, um banco de barro que crescia do muro, luxuosamente revestido a tapetes e almofadas de Bagdade. Abdullah ibn Rashid estava principescamente vestido com seda indiana roxa e uma camisa comprida de linho branco imaculado, com uma aba preta larga, sem mangas, por cima. Na faixa ostentava dois punhais de cabo dourado. *Keffiyehs* coloridos envolviam-lhe o rosto estreito e sisudo, presos na cabeça com cordões de fio dourado. Com a sua elegante barba pontiaguda, era o epítome do príncipe do deserto, moreno e esbelto, e olhos escuros que não cessavam de circular, atentos, pela multidão, mesmo enquanto ouvia as queixas e os pedidos e beijava o rosto dos xeiques tribais.

Primeiro entre iguais, o príncipe Rashid conseguira a sua posição pelas armas, como lugar-tenente de um saudita rebelde que até àquela data definhava no Cairo, prisioneiro do vice-rei egípcio. Os Sauditas, velhos fanáticos wahhabitas, estavam acabados. Os Egípcios tinham instalado uma guarnição na capital, Riade, uma pequena ilha de soldados rodeada pelo inimigo beduíno, e privilegiavam a antiga estratégia de fomentar o ódio e a divisão entre as tribos. Rashid fazia as suas *majlis* com um oficial egípcio ao lado, mas o falcão estava preso com peias ténues.

Os xeiques reuniam-se. Se o príncipe Rashid conseguisse juntá-los, se conseguisse manter a união por uma estação que fosse, poderiam voltar-se contra os tiranos e libertar-se da opressão egípcia.

Um por um, os casos do dia eram apresentados ao emir e sumariamente resolvidos. A certa altura o oficial egípcio protestou e o príncipe Rashid acrescentou espancamento à multa definida contra um homem que tinha cuspidido num soldado egípcio.

Consultava, porém, com mais frequência o *kady*, o homem das leis religiosas, para saber de alguma interpretação ou escritura do Corão.

Foi longo e bastante aborrecido. Arden viu que o negociante de camelos que olhara para Selim se levantava e atravessava a assembleia, em direção a um homem sentado ao lado do emir; um dos irmãos do príncipe, pensou Arden. O irmão inclinou-se e murmurou algo a Rashid. O emir assentiu. Percorreu a multidão com o olhar atento e por um instante pareceu deter-se em Arden.

O príncipe ergueu a mão, num gesto de chamada.

Diabos me carreguem, pensou Arden.

– Venha, quero saber notícias dos meus amados Shammar – disse Rashid com voz pujante. – Venha, venha, louvado seja Deus por terem chegado bem e trazido o vosso convidado.

A Selim só faltou esconder-se atrás de Arden quando este e o shammar se levantaram para saudar o príncipe. Teria ficado para trás, mas Arden obrigou-o a levantar-se, empurrando-o à sua frente com mais vigor do que o necessário.

– *Ya* xeique! – foi o cumprimento que o shammar dirigiu ao emir; ou até «*Ya* Abdullah», sem obséquios, à maneira beduína. O príncipe dispensara a população local com os gestos sobranceiros da realeza, mas mostrava-se atencioso com os nómadas do deserto. Bem podia fazê-lo, pensou

Arden, pois estes acorriam em força; fora das muralhas, lanças e camelos eram três mil e ele, afinal, era apenas um deles, eleito pela violência e honra pessoal, de autoridade reconhecida enquanto se mantivesse poderoso e justo, mas facilmente abandonado por motivo suficiente. E, com os beduínos, qualquer razão poderia ser comprovadamente suficiente.

Arden, como forasteiro à mercê do emir, mostrou-se mais educado. Não solicitara uma audiência privada; não desejava atrair atenções para si, mas o olhar impaciente do príncipe Rashid recaiu imediatamente sobre o seu rosto.

– Por Alá – murmurou a um dos shammar –, dizem-me que é magrebino mas tem os olhos de Sheytan.

Arden baixou os seus olhos azuis diabólicos.

– Sou de Al-Andaluz, ó venerável – replicou este. – A minha mãe foi princesa nesse país.

– Olha para mim! Não tenho medo.

Arden ergueu os olhos. Permitiu que um sorriso ligeiro lhe aflorasse aos lábios, um sorriso que dizia: *Não me pareceu que tivesse*. Mas não verbalizou nada.

De repente, Rashid sorriu.

– Senta-te! – disse, indicando a sua direita.

Era um sinal de distinção e preferência, que Arden poderia muito bem ter dispensado. Mas agora era impossível passar despercebido. Sentou-se de pernas cruzadas nos tapetes ao lado do emir. O *kady* do príncipe espreitou-o com ar exaltado. Arden esperou que o homem não estivesse a deixar-se levar por nenhum fervor religioso.

Com um gesto, o príncipe Rashid indicou aos shammar que se sentassem. Selim, esforçando-se ao máximo para garantir a sua invisibilidade, instalou-se aos pés de Arden.

– E qual é o propósito da vossa viagem? – inquiriu Rashid.

– Devo encontrar noiva para este filho do meu pai, pois jurei fazê-lo, nem que tenha de ir até aos confins da Terra.

– Irás encontrar-lhe uma noiva, *wellah!* – vaticinou Rashid, divertido. – É uma tarefa honrosa. Mas porque vindes tão longe?

– Porque o jovem *sheytan* não quer nenhuma noiva! – exclamou Arden. – Pergunte aos que estavam no salão do café se não é assim!

O comentário suscitou risadas e murmúrios na assembleia. Selim encostou as costas ao joelho de Arden. Pareceu-lhe sentir o rapaz a tremer. Mas, independentemente do que Selim pudesse desejar, ele não teria outra escolha senão enfrentar a situação.

– Deixa-me olhar para ele – disse o príncipe Rashid, chamando: – Levanta-te, rapaz.

Selim tremia visivelmente. Pôs-se em pé lentamente, de cabeça baixa.

– Anda cá – disse o emir. – Aproxima-te.

Selim deu um passo relutante.

– Aqui! – exclamou Rashid, franzindo o sobrolho. Arden pegou no cotovelo de Selim e atirou-o para a frente do príncipe.

Rashid olhou longamente para o rapaz. O *kady* inclinou-se e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Rashid não tirava os olhos de Selim, mas a boca severa curvou-se para baixo.

De repente levantou-se, pegando no queixo do rapaz entre os dedos e obrigando-o a erguer a cabeça.

Selim deixou sair um soluço, tão aterrorizado que Arden se levantou. O rapaz levantou uma mão,

como se quisesse chamá-lo, mas Arden não viu.

Olhava para Rashid e para Selim, para os perfis dos dois, tão próximos um do outro.

Como uma paisagem iluminada por um raio, ele viu.

Rashid: moreno, sólido, barbudo, árabe. Homem. E Selim: nenhuma daquelas coisas.

Nenhuma daquelas coisas.

O príncipe voltou a cabeça, olhou para Arden com a boca repuxada numa curva cruel e os olhos negros em chamas.

– É uma ela? – sibilou.

Só quando Rashid disse a palavra é que Arden sentiu a sua mente capaz de o absorver.

Ela.

Ela! Teve vontade de voltar o rosto para o céu azul ardente e gritar num frenesim: *Ela!*

Ele sabia. O seu corpo sabia, pois sonhava com mulheres, sonhava com *ela*, a mão leve do seu sono, o anjo que entoava cânticos nas suas visões pungentes.

Ela.

Não conseguiu pronunciar uma palavra. Limitava-se a olhar para Rashid, mudo, com fúria no olhar.

– Anda! – disse o príncipe, quase rosnando. – Com a graça de Alá, és minha!

Voltou-se, fazendo esvoaçar as túnicas. Mas o oficial egípcio pôs-se à frente dele. Rashid parou, mas esticou o braço e afastou o homem da frente. Voltou-se para a multidão e ergueu as mãos.

– A rainha! – gritou numa voz possante que se sobrepôs ao alvoroço da multidão. – A rainha dos *Englezys*! Veio por mim!

– *A rainha!* – ouviu-se num burburinho, como uma rajada de vento sobre a massa de guerreiros. – Ela veio!

Levantaram-se os shammar, os annezy, os ferozes kathan e os sherarat, os xeiques e nómadas de cem tribos, com as suas legiões acampadas do lado de fora das muralhas.

Começaram a avançar. O *kady* saltou para a plataforma do príncipe.

– *Allah akhbar!* Vem aí a guerra santa!

– *Jihad!* – Bradou a multidão. – *Allah akhbar!*

Os escravos e soldados colocados perto do príncipe engalfinharam-se numa luta confusa. Arden agarrou no braço de Selim, mas o emir prendia o rapaz – *a rapariga* – com força, arrastando-a em direção a uma porta baixa que dava para o castelo. Arden persistiu e continuou com ela, atirando o oficial egípcio contra a muralha enfiando-lhe um cotovelo no pescoço.

– *Jihad!* – clamava a voz da multidão reverberando como um trovão pelas muralhas. – *Morte*, em nome do Profeta!

A última coisa que Arden viu antes de se curvar diante da passagem escura foi o oficial egípcio sucumbir às facas curvas de vinte beduínos histéricos.

CAPÍTULO 7



— Quem és tu? — questionou Lord Winter, entre dentes.

Zenia estava sentada com as costas contra a parede, o rosto escondido nos joelhos.

— Diz-me, que diabo! — gritou ele. A sua voz ecoou nas paredes da sala vazia, um antigo harém cheio de tapetes e almofadas, onde apenas alguma luz entrava, pelas grades das janelas muito altas. — Diz-me!

— Lady Hester é minha mãe — sussurrou ela.

— Claro — disse ele num murmúrio. — Claro que teria de ser Lady Hester. A rainha do maldito deserto! A rainha daquele maldito asilo de loucos!

Zenia sentia que ele a observava. Não conseguia erguer os olhos; nem sequer conseguia chorar. As suas mãos não paravam de tremer.

Subitamente, sentiu os dedos dele no seu rosto, obrigando-a a erguê-lo tal como o emir havia feito. Os olhos azuis de Lord Winter, intensos, perscrutavam-no.

— Conheces o teu pai? — inquiriu. — Sabes quem é o teu pai?

Ela humedeceu os lábios. Com dedos trémulos, procurou por baixo das túnicas e entregou-lhe a miniatura.

Ele nem sequer olhou para ele.

— Bruce — disse, sem desviar os olhos dela. — Michael Bruce, não é? Deus me perdoe. És inglesa.

Zenia assentiu.

— O que me fizeste fazer? — perguntou, descontrolado, saindo de perto dela. Pôs-se a andar pela sala. — És inglesa! Uma mulher inglesa! — Parou subitamente, olhando-a por cima do ombro. — Quantos anos tens?

— Vinte e cinco — respondeu ela com voz débil.

Ele riu-se.

— Oh meu Deus — proclamou, levando as mãos ao rosto e inclinando para trás a cabeça. — Meu Deus!

Zenia não tirava os olhos dos joelhos.

— Peço desculpa. — Engoliu em seco. — Não quis vir para cá.

— Não quiseste... — Deu uma gargalhada feroz. — És inglesa! Por Deus, como raio era suposto eu... — Parou subitamente. — Não! — Voltou-se para ela. — Não... Diz-me que não foi para te levar para Inglaterra. Diz-me que não és *estúpida* a esse ponto!

Ela sentia-se incapaz de respirar.

– O meu pai! – gritou Zenia, sem conseguir dar mais explicações face àquela negação veemente do seu sonho. – Ia ter com o meu pai!

A expressão do rosto dele assustava-a. Tinha um brilho estranho nos olhos, uma fúria implacável que a fazia encostar-se com força à parede.

– Então porque não foste? – perguntou ele, com uma voz tão doce que ela tremeu.

– Como poderia? – perguntou ela num soluço. – Não podia dizer ao cônsul; não tinha dinheiro; estava sozinha!

– Não podias dizer ao cônsul? – Gritava novamente. – Porque diabo é que não? É o *trabalho* dele, tomar conta de ti.

– As dívidas da minha mãe! – gritou ela. – Vendiam-me para pagar as dívidas!

Ele fitou-a.

– Louca! – sussurrou. – Sua tonta ignorante! O que julgas que somos? Bárbaros? Bastava dizê-lo. Dizer uma vez só «Sou mulher, sou inglesa, preciso de ajuda» e teríamos movido céu e terra para te tirar dali!

– Sim, *claro*! – retorquiu ela com súbita amargura. – A minha mãe precisou de ajuda e eles tiraram-lhe o rendimento e deixaram-na morrer à fome, sozinha.

– A tua mãe – retaliou ele – devia ter sido fuzilada!

Ele levantou-se atabalhoadamente.

– Seguramente que a si lhe teria agradado mais, ó Grande Pai dos Dez Tiros! Surpreende-me que não tenha tido essa iniciativa.

– Teria, se tivesse chegado a tempo – replicou ele, com malícia. – Se tivesse sabido da tua existência.

Zenia sentiu um desejo incontrollável de defender a mãe, por isso atacou-o a ele.

– Era amigo íntimo dela! Podia tê-la ajudado!

– Era impossível ajudá-la! – concluiu ele, atirando para longe o *keffiyeh* que arrancara do corpo e começando a andar para a frente e para trás. – Dava-lhe mil libras de que cada vez que cá vinha, para pagar algumas das dívidas, mas ela gastava-as antes de eu atravessar o portão, a comprar champagne francês e fatos de seda para os seus malditos paxás! – Parou à frente dela, fitando-a com olhos semicerrados. – Nunca me importei minimamente com o que ela fazia ao dinheiro; era a vida dela, que a vivesse como queria, mas, meu Deus, *olha* para ti! Ficaria muito surpreendido se me disseses que nos últimos dez anos tiveste alguma camisa nova.

A ameaça de um soluço profundo sobrepôs-se à replica irritada. Encostou o punho aos lábios.

– Por amor de Cristo, não comeces... – disparou ele, com o rosto tenso.

Ela tentou parar, mas já tinha o rosto banhado de lágrimas mornas.

– Queria sapatos in-ingleses.

Ele espreitou os pés dela regressando depois ao rosto. Fechou os olhos com força abanando a cabeça, com uma gargalhada sarcástica.

– Eu ter-me-ia certificado de que ias para Inglaterra. – Quando falou, a voz parecia pesar-lhe de impotência. – Não sei porque não me disseste.

– Tinha medo de si – disse ela debilmente.

– Mas porquê? – Voltou a abanar a cabeça, aparentemente perplexo. – Porquê?

Ela humedeceu os lábios e olhou para baixo.

– Ouvi-o a si e à minha mãe – disse ela numa voz sumida. – Não gostam de mulheres.

– O quê? – perguntou ele, atónito.

– Concordou com ela. Disse que detesta mulheres. – Hesitou. – Temi que me deixasse se soubesse.

Ou... Matou uma mulher por o ter enganado. Pensei que enquanto eu fosse Selim suportaria a minha companhia. Que não me deixava lá.

Seguiu-se um longo silêncio. Ela engoliu em seco e ergueu os olhos. Ele tinha o cabelo escuro despenteado por causa do lenço, com vestígios de suor e pó.

– Suportar-te. – Fez um esgar de incredulidade, levando a mão ao rosto dela para lhe limpar as lágrimas. – Meu Deus, estou vivo graças a ti. – As costas da mão não deixaram a pele dela, ligeiramente ásperas, deslizando sobre lágrimas e alguns grãos de areia. – Pequeno lobo! Como te chamas?

– Zenobia – respondeu ela.

A mão dele deteve-se.

– Naturalmente – disse com secura. – Oh, naturalmente! – Deu um passo atrás e abriu muito os braços. – Zenobia, rainha de Palmira – anunciou com brutal exuberância. – Posso adivinhar a quem pretendia alimentar vaidades.

– Pode chamar-me Zenia, se não gostar – disse ela. – A minha mãe chamava-me assim. Achava que eu era muito menina para herdar o nome de Zenobia.

– Ai sim? – censurou ele com uma gargalhada desdenhosa. – Aposto que nunca te viu conduzir um camelo até ao alto de uma duna.

Zenia olhou para o chão.

– Não.

– Mas viveste com os beduínos. Durante muito tempo.

– Durante oito anos. Foi ela quem me mandou para lá. Para viver assim. – Acrescentou violentamente: – Odeio o deserto! Odeio-o! Não quero morrer aqui!

Ele deteve-se a observá-la. Zenia tapou a boca com as costas da mão, tentando sufocar um soluço rebelde.

– Não morrerás – afirmou ele, com olhos azuis límpidos e graves. – Fiz-te uma promessa. Vou mantê-la, pequeno lobo. A não ser que me matem primeiro.



Eram peões. Ela era. Arden não tinha a certeza de qual seria o seu papel, mas faria o que fosse preciso para a tirar dali em segurança.

Receava que fosse necessário uma revolta dentro de uma revolta. O príncipe Rashid chamara-o para uma audiência sem ela, exigindo saber que forças os *Englezys* poderiam trazer e Arden mentiu descaradamente. Navios, armas e homens, descreveu-os ao pormenor, determinando a data de chegada mais longínqua que se atreveu.

– Dois meses, *billah* – disse Rashid, desagradado. Fumou do longo cachimbo.

– Podíamos ter combinado tudo em privado – disse Arden. – Fez a sua jogada demasiado cedo.

Os olhos escuros de Rashid acusaram a réplica direta.

– Não houve escolha. Os Sauditas estão a meio dia daqui. – Fez um esgar de desprezo. – Seguem pela trela dos amos egípcios, aqueles cães wahhabitas. Recebo o príncipe Khalid el-Saud esta noite.

– Com hospitalidade ou com fogo? – perguntou Arden.

Rashid olhou para cada um dos homens que estavam com ele na sala.

– Veremos, *englezy*. Veremos. Será com Deus.

– A minha rainha tem a sua proteção?

O emir inclinou a cabeça em sinal de assentimento.

– Está sob a minha proteção. – Com um sorriso fugaz, acrescentou: – Talvez devesse desposá-la hoje.

Arden não disse nada.

– O que te é ela, ó Pai dos Dez Tiros? – inquiriu tranquilamente Rashid.

– Minha rainha – respondeu ele. – Sou sua espada e seu escudo.

– Muito bem, por Alá. É virgem?

– Sim.

Rashid acenou com a cabeça.

– Ouvimos falar na mãe dela, a rainha inglesa Esther. A sua coragem, diz-se, envergonharia um homem. Esta filha também. Não vacilou no *grazzu* e atravessou as areias vermelhas. É um prodígio de Alá. Parirá filhos valorosos, com a graça de Deus.

– *Inshallah* – murmurou Arden. – Deve protegê-la.

– E o preço da noiva? – inquiriu tranquilamente o príncipe.

Arden olhou para os olhos negros e astutos. Constatou que já de nada lhe servia ser cuidadoso.

– Só uma égua – disse. – A *Colar de Pérolas*.

Durante uns instantes, Rashid não disse nada. Depois encolheu os ombros. Altivo, levantou-se abruptamente, e com ele todos os seus homens.

– Quando a altura chegar, levo-te a ver as minhas éguas. Entre elas não faltarão pérolas, por Alá.



Era uma rebelião estranhamente silenciosa. O silêncio inquietava Arden, que fingia dormir na tarde quente.

Ele e a rapariga não falavam. Acalmada a fúria inicial, sentia-se desarmado e constrangido, e incapaz de pensar em palavras reconfortantes que não fossem mentiras. Parecia-lhe melhor não dizer nada, tal como quando estavam no deserto.

Vasculhara a sala, procurando um meio de fuga, mas as janelas estavam distantes do chão três vezes a altura dele e a fila central de colunas estava demasiado distante para servir de alguma coisa, na hipótese remota que conseguir obter algum tipo de corda; a porta, a não ser por fogo ou a golpes de machado, revelava-se intransponível. Por fim sentou-se, deixando-se desabar sobre uma almofada poeirenta.

As horas que esperaram, com o destino na corda bamba, passou-as deitado nos tapetes, a ouvir, pensar e observar.

Não havia nada de suave nem de voluptuoso nela. Era como uma fêmea de qualquer outro animal, de uma beleza dura, quase dolorosa; cortante como a lâmina de uma espada.

Zenia. Zenobia. Não parecia ser capaz de lhe conferir nenhum dos nomes. Ela era Selim; o seu pequeno lobo, o seu filho errante do deserto.

Fechou os olhos. E levantou-se num sobressalto ao ouvir finalmente os gritos e o ruído da

fechadura.



Zenia soube, antes de se ouvir qualquer palavra, que corriam sério perigo. Na inóspita sala de armas repleta de lanças e armas, os guerreiros wahhabitas e a guarnição egípcia, de olhar glacial, abriram alas aos dois.

Ela passou primeiro, vestida com a camisa esfarrapada e os pés descalços. Lord Winter seguiu atrás dela. Quando saíram do cativeiro, ele dera-lhe passagem como se lhe prestasse homenagem e agora fazia de guarda de honra, escoltando-a.

Ela reconhecia o papel que devia desempenhar, embora nada tivesse sido falado. Era como se, desde a chegada dos soldados, estivesse unida a ele em consciência e espírito; como se lhe conhecesse os pensamentos.

À porta do salão do emir, ela parou. O banquete já fora degustado pelos convidados de honra e agora grupos de homens acotovelavam-se em redor dos enormes tabuleiros, raspando o que restava do arroz e do cordeiro. O príncipe Rashid observava a cena, de braços cruzados, qual anfitrião solene e cortês. O emir saudita estava sentado num monte de tapetes, vestido de branco imaculado, austero, contrastando com o roxo, verde e vermelho do traje de Rashid. A *agha* que se via enrolada à volta do lenço da cabeça do saudita era de simples lã escura e não de ouro. À sua direita num lugar de honra estava sentado um general egípcio, vistoso nas suas calças turcas, capa vermelha e fez de borla. Tinha a espingarda giratória de Lord Winter pousada no colo e tão absorto estava a examiná-la que nem sequer levantou a cabeça quando as conversas cessaram.

À porta, Zenia sentia a presença de Lord Winter atrás de si, ouvindo no silêncio a respiração suave e regular dele que era como uma mão firme no seu ombro.

Erguera o queixo. Pensou na mãe; *tornou-se* a sua mãe, Lady Hester, que defrontara todos os perigos e desafiara Ibrahim Pasha em pessoa. A sua mãe, cuja vida fora de inabalável, desenfreada e desdenhosa audácia. Caminhou até ao centro do salão e parou.

– Quem és? – perguntou ao príncipe saudita numa voz que percorreu o salão inteiro.

O queixo afilado do príncipe desceu um pouco sob o nariz recurvo. A fúria assomou aos seus olhos negros e por um instante, só por um instante, fez menção de se erguer.

Controlou-se a tempo. Levantar-se teria sido reconhecer-lhe importância. Os homens agruparam-se à volta dele em murmúrios, mas calaram-se quando o príncipe Rashid ergueu a mão.

– Khalid ibn Saud, venerável e próspero, que Alá abençoe o meu príncipe – disse Rashid, apaziguando a situação. Voltou ligeiramente a cabeça para o emir wahhabita. – Filha de Esther, rainha dos *Englezys*, que busca no deserto um príncipe bem-nascido com quem se casar.

– Que Alá a despreze! – gritou um dos homens que acompanhava Khalid, igualmente puritano nas suas vestes brancas, um dos xeiques religiosos que explanavam as leis do Corão. – Que o Profeta a amaldiçoe: a ela, aos pais, à família dela e a todos os *Englezys*!

Zenia avançou um passo, levantando a mão como se fosse esbofeteá-lo. Os homens que estavam mais próximos dela encolheram-se, num início nada promissor, mas ela manteve a mão no ar um momento antes de a baixar.

– Covardes – reagiu com desdém. – *Billah*, uma mulher faz-vos recuar?

– Uma mulher com roupas de homem! Uma abominação! – gritou o xeique. – Cobre a tua vergonha,

e que Alá te retalhe o ventre!

Zenia sentiu terror na garganta mas o rosto permaneceu impávido. Não tirou os olhos do príncipe Rashid e ignorou o xeique. Lord Winter dissera que o príncipe os tomara sob sua proteção.

– Tenho de passar por isto? – perguntou.

– És minha convidada – afirmou ele.

– Não – interpôs-se a voz azeda do emir saudita. – Ela não é elegível para as leis da hospitalidade. Esta mulher apresenta-se à minha frente acusada de imoralidade e depravação. Deve ser punida. Também o homem que está com ela, um espião dos francos.

O general egípcio levantou a cabeça. Com uma expressão de tédio, apoiou-se na culatra da arma e fitou o emir com olhos sombrios e imperturbáveis.

– Amanhã, à hora adequada, diante da assembleia de fiéis, a cabeça do homem será decapitada com uma espada – declarou o príncipe Khalid – e a mulher lapidada. É esta a minha decisão final, em nome do Profeta e de Alá, *O Misericordioso, O Compassivo!*

CAPÍTULO 8



Sentaram-se em silêncio, de volta à sala que lhes servia de cárcere. Arden enfiou uma almofada atrás das costas e encostou a cabeça à parede caiada. Ficou sentado, de olhos fechados, durante muito tempo. Travava uma batalha consigo próprio. A sua mente recusava a realidade e ele procurava nas sensações físicas uma âncora: a pressão ligeiramente áspera da parede contra os seus ombros, o tapete debaixo do seu corpo, o som esporádico de uma roda d'água que entrava pelas janelas. Inspirava o ar seco e inodoro que provinha do deserto.

Abriu os olhos. O vulto que estava do outro lado da sala pareceu-lhe demasiado pequeno, encostado a uma das duas colunas imponentes que suportavam a divisão.

Viu um rapaz beduíno; o imberbe Selim, tímido e corajoso, uma criança bela com caracóis rebeldes de elfo e olhos enormes escurecidos pelo *kohl*, mãos e pés pequenos e calejados. Um rapaz cuja sentença de morte recaía sobre os seus ombros, emudecendo-o de sofrimento.

Mas a percepção era como uma imagem que vira, certa vez, a preto e branco, que com um olhar parecia um vaso ornamentado e com outro dois rostos encarando-se. Da mesma forma que fitara a imagem e vira apenas um vaso, persistira mas vira apenas Selim, até ao momento em que, na sua mente, se formou a outra imagem.

Uma mulher, adulta. Esbelta, com a pele dourada pelo sol e os mesmos olhos enormes que lhe devolviam o olhar inquieto, uma mulher que conhecia sem conhecer. Uma inglesa. Filha da sua mãe, mas linda, tão desalinhada e linda que a alma dele parecia recolher-se de angústia, incapaz de suportar tanta intensidade.

Sentiu que se despedira de Selim. Revoltava-o, ter de perder um amigo; chorar o rapaz que nunca existira. Mas à luz deste novo conhecimento, os seus sentimentos tornavam-se insustentáveis. Não conseguia suportá-los. Estava entorpecido.

– Lamento – disse ela e ele ouviu uma voz de mulher, um timbre claro e límpido como o ar do deserto.

Ele abanou a cabeça. Os lábios dela voltaram a mover-se.

– Não – ordenou ele. Receava ouvi-la dizer que fora tudo culpa sua, quando a culpa era dele. Quando fora tão estupidamente cego. O arrependimento não lhe era um sentimento familiar. Mas se era possível um sentimento matar, ele estava a morrer. Esmagado e aniquilado por ele, até mal conseguir inspirar a vida.

Ela não disse mais nada. Ajoelhou-se apenas, sobre os pés, encostando as costas delicadas ao

pilar imponente. Os caracóis desalinhados emolduravam-lhe o rosto.

Passado bastante tempo, ela disse:

– Devia ter-lhe contado.

O que poderia ele dizer? Que devia; que nunca a teria trazido; que, se soubesse, a deixaria no primeiro sítio em que fosse possível? Porque ela era mulher e ele nunca acreditaria que no coração de uma mulher pudesse haver tanto heroísmo.

Ela olhou para ele timidamente. O sol do final da tarde cintilava-lhe no cabelo, revelando os fios mais rebeldes e enrubescendo o dourado intenso da sua pele. Era como se ele viajasse com um casulo desmazelado, um segredo, e algo mágico e frágil de repente despontasse de dentro dele.

Pensou... *Ela vai morrer amanhã. Vão apedrejá-la até à morte.* Se o príncipe Rashid, Deus o chamasse ao Inferno, os tivesse defendido...

Mas não o fizera. Curvara-se à vontade do emir, dos xeiques fanáticos e dos oficiais egípcios, abandonando a sua pequena tentativa de rebelião com um sorriso tranquilo.

Arden sentia em si um pânico profundo ao qual não queria chegar, que não se atrevia a sentir. Consequia pensar na sua própria morte, punição justa por a ter levado até ali. Ela desejava ir para Inglaterra e ele conduzira-a à aniquilação. Corajosa seguira-o, advertindo-o, implorando-lhe que voltasse para trás, mas sem o abandonar naquela viagem até ao Inferno.

Até naquele momento ela o olhava sem lágrimas nem recriminações, com confiança e gravidade, uma criatura selvagem atraída para o covil do caçador.

– Diga-me – interpelou ele. – Prefere ser tratada por Miss Stanhope ou Miss Bruce?

Assim que a fez, pareceu-lhe uma pergunta idiota. Nunca sabia o que dizer, como ser agradável e reconfortante. Mas ela respondeu imediatamente, erguendo o rosto.

– Miss Bruce – disse. – Gostaria de ser tratada por Miss Bruce.

Então ele disse:

– Miss Bruce, chegue aqui.

Ela levantou-se com uma graciosidade desconhecida aos olhos dele, como se não a tivesse visto fazê-lo mil vezes. Quando ela se instalou no tapete diante de si, dobrando as pernas sob o corpo, ele sentiu um desejo físico intenso, uma sofreguidão que lhe pareceu o culminar de todos os dias em que a observara sem conhecimento dela nem de si próprio.

Pegou na trança que lhe saía de trás da orelha e acariciou-a. Aquelas tranças eram o orgulho dos jovens beduínos, com que se adornavam para seduzir raparigas. Com os dedos, desfez a volta que segurava a trança e começou a pentear-lhe o cabelo.

Em silêncio, dedicou-se à tarefa, com mãos suaves. Soltou-lhe as tranças e começou a passar os dedos pelo cabelo desalinhado, desfazendo uma maré de nós. Nunca penteara o cabelo comprido de uma mulher, mas encontrou o método, soltando entre os dedos os finos fios de cada nó, para não a magoar. Sentia o olhar dela no seu rosto, mas não conseguia encará-la. Manteve o olhar no que estava a fazer.

– Lord Winter – disse ela num sussurro –, pode contar-me como é a Inglaterra?

Ele alisou-lhe o cabelo contra a palma da mão.

– O que quer dizer com isso?

– Como é que é. A sua casa, tem um jardim?

– Sim, tem. Um roseiral.

– E água?

– Um lago. Com cisnes. – Afastou-lhe o queixo com o dedo, para alcançar outro nó. A minha casa tem o nome de Swanmere².

Um sorriso débil aflorou aos lábios de Zenia.

– E árvores grandes? Tem uma floresta?

– Várias florestas. Com grandes prados entre elas. E caminhos por entre as árvores, que conduzem grandes exploradores a templos gregos minúsculos onde as senhoras gostam de tomar o chá.

– Que belo – disse ela, olhando-o com satisfação.

– E de se encontrar com os amados – disse ele.

Os olhos dela recolheram-se com timidez. Começou a mexer numa madeixa de cabelo que apanhou perto do ombro.

– Onde fica Swanmere?

– No Buckinghamshire. O coração verde de Inglaterra.

– Oh – suspirou ela. – E a casa é muito antiga?

Há onze anos que não a visitava, mas reparou que a descrevia com os maiores detalhes, desde os portões de ferro e o amplo acesso à casa até aos leões de pedra que guardavam a escadaria, os sítios onde ele correra atrás de sonhos em rapaz e brincara sozinho.

– E a cidade? – perguntou ela. E ele também a descreveu, com as suas carruagens de aros dourados e carroças cheias de feno, a igreja e os prados, e os cães a correr atrás dos gansos.

– Londres – disse ela, e enquanto o pôr do sol raiava de vermelho um quadrado da parede, ele falou-lhe de Londres. Sem mencionar o fumo e os cheiros, criou a imagem de um lugar de sonho e falou das casas altas e das toucas elegantes, das fitas coloridas das lojas, dos gelados de sabores e do fogo de artifício nos parques.

Penteou-lhe o cabelo e prendeu-o, enrolando-o, no alto da cabeça. Levantou-lhe o queixo, virando-lhe o rosto para um lado e para o outro, examinando-a com gravidade, declarando que Miss Bruce deveria usar um vestido branco na sua apresentação à sociedade.

Ela fez um sorriso, mas ele viu o terror e a melancolia que este ocultava. Ele levantou-se e ergueu-a, naquela última noite. O cabelo de Zenia caía-lhe sobre os ombros, como uma nuvem escura e poeirenta, ainda com caracóis rebeldes. Misturava-se com as sombras, por isso só se via o seu rosto.

– Miss Bruce – disse, com uma vénia profunda. – Dá-me a honra desta dança?

Ela mordeu o lábio e depois, colocando uma mão trémula sobre a dele, fez uma cortesia esquisita.

– É uma valsa – informou ele em tom sério. – Por ser maio e estarmos em Londres, e querer ter nos meus braços a jovem encantadora que tenho à minha frente.

Ela devolveu-lhe um sorriso radiante, ao qual ele correspondeu porque, por uma vez, tinha dito alguma coisa agradável, tinha finalmente acertado. Descalço, sobre os tapetes silenciosos, iniciou a dança. Ela não a desconhecia totalmente, como se tivesse aprendido os passos há muito tempo, embora Arden não conseguisse imaginar como. Com a mão dela na sua e um braço à volta da cintura fina, deram voltas e voltas no silêncio.

– Dança esplendidamente, Miss Bruce – disse ele, tentando de novo a sua sorte.

– Miss Williams ensinou-me – disse ela.

Do rosto dela, já só distinguia uma forma pálida na escuridão. Desaparecera, tinha-a perdido. Se os carcereiros viessem antes da madrugada, não voltaria a ver o seu rosto.

– Veja as velas – disse ele. – Duas mil velas em lustres de cristal. Tudo é luminoso e cintilante.

– Mas porque é que saiu de lá? Deve ser tão bonito.

– Bem, sabe, pequeno lobo, naquela terra matei uma rapariga – disse, embalado pela noite e pelo sonho. – Por isso não consegui obrigar-me a ficar.

Ela olhou para ele sem temor nem aversão. Com gravidade, apenas, de criança nascida entre lobos, habituada a coisas daquelas.

Ele mal conseguia acreditar que lhe tinha contado. Parecia que não, mas, contudo, ouvira-se dizer:

– Afoguei-a. – Parou de dançar o encostou o rosto ao cabelo empoeirado de Zenia. – Não queria casar-me com ela. Estava bêbado. Podre de bêbado. E o barco virou-se. Não tentei salvá-la. Não a queria, e deixei-a afogar-se.

– Ela tinha medo da mãe dela – continuou ele. – Tinha medo do meu pai. Tinha medo da própria sombra. Eu odiava-a, porque ela ia encerrar-me naquele medo. Mas entre nós, nunca houve sequer um beijo. Meu Deus, penso que não os surpreenderia, eu era um tipo tão desajeitado... Tímido de mais para manter uma conversa coerente. Que par desajeitado não havemos de ter sido! – Deu uma risada breve, tristonha. – E também não creio que ela gostasse muito de mim.

Zenia voltara-se para ele. Arden levou-lhe a mão ao rosto, deslizando os dedos sobre a pele macia.

– Onde estava, pequeno lobo? Há onze anos, quando eu precisei de si?

– Com os beduins – disse ela.

– O destino – murmurou ele. – Maldito destino. Procurei a vida inteira por si. – Passou-lhe a mão pelo rosto, que não conseguia ver. – E encontro-a hoje.

– Eu não sou quem pensa que sou. Estou sempre com medo – disse ela, contra o seu peito, quando ele a abraçou. – Neste momento estou com medo.

– Eu sei – sussurrou ele. – Eu sei, pequeno lobo.

Ela abraçou-o, estremecendo. Ele inclinou a cabeça e beijou-a no rosto, mas não havia reconforto possível. Ela soltou um pequeno gemido e baixou o rosto mas encostou-se completamente a ele, o que o inflamou de imediato.

No lugar mais recôndito do seu corpo e da sua mente, havia uma força que não olhava a decência ou civilidade. A forma como ela se agarrava a ele, o seu corpo frágil, a escuridão: o medo, dela e dele, que, subitamente, passou a clamar a vida e a fusão em face da morte.

Apertou-a contra a coluna que a suportava, abrindo os braços e segurando-lhe o rosto nas mãos, incitando a sua subida, acedendo à sua boca. Beijou-a ávida, furiosa e profundamente. Não suportava enfrentar a eternidade tendo estado tão próximo mas nunca tendo feito parte dela. Zenia acolheu o corpo dele, deixando que a encostasse vigorosamente contra a coluna. Queria que ele a tocasse, daquela forma crua, pois a sua doçura estava prestes a levá-la a desfazer-se em lágrimas e fragmentos, e ela queria enfrentar o seu medo com bravura; queria que ele tivesse orgulho dela. Ele não o verbalizara mas ela sabia que sim, e agora ela estava tão perto de se render ao medo debilitante que queria sentir a boca dele, implacável e feroz, na sua. Puxou-o contra si, para travar o medo, tão perto quanto era possível, espremendo-se contra o corpo pesado e a respiração ofegante. Sob os dedos que levava ao pescoço dele sentia o calor e a intensidade da sua pulsação, a vida dele sob as suas mãos.

Arden fez um som angustiado e afastou-se. A sala ficara completamente escura e dele ela só via um borrão ténue.

– Não – balbuciou ela agarrando-lhe a túnica com ambas as mãos. – Não me deixe.

– Não deixo – respondeu ele.

Permaneceram imóveis, ele com as mãos nos ombros dela, como se os unisse um feitiço qualquer.

– Quero ser corajosa – sussurrou ela. – Não quero chorar. – Engoliu em seco. – Vou chorar se não ficar comigo.

– Que diferença faz? – replicou ele, parecendo irritado. – Chore, então! Que diferença faz se chorar?

– Por favor abrace-me! – balbuciou ela com desespero.

As mãos continuavam nos ombros dela. Ele apertou-as, cingindo os dedos.

De repente, Zenia esticou os braços, obrigando-o a inclinar a cabeça. Procurou-o com os lábios.

Arden sentiu o chão falhar debaixo dos pés, desintegrada toda a honra.

– Sou um canalha – soprou para a boca dela. – Quero-a. Quero entrar em si.

Ela compreendeu. Ficou muito quieta e ele percebeu.

– Impeça-me – tornou ele, com os lábios sobre a pele dela. – Maldita seja.

Nos braços dele, ela estava perfeitamente imóvel. Ele sentia cada centímetro do corpo dela, frágil como se fosse uma estátua de vidro; tão delicado que o comovia.

– Continue – disse ela calmamente. – Que diferença faz?

No dia seguinte já não estariam vivos. Portanto, que diferença faria?

Afastou-se impetuosamente dela, inquietando-se pela sala, sentindo-se enjaulado como um animal, atirando-se de cara para os tapetes. Sempre julgara que os condenados seriam insensíveis às emoções; sempre fora essa a impressão que lhe davam. Mas quantos deles teriam sido encarcerados com a mulher que iria morrer com eles? Para lhes atormentar o corpo e a alma?

Ela pedira-lhe que a abraçasse, pois desejava que ele a reconfortasse. Podia proporcionar-lhe aquilo, pelo menos. Podia abraçá-la. Abraçá-la apenas. Apoiou-se num cotovelo para se erguer mas deparou com ela ao seu lado no tapete, encostando-se a ele como Selim se encostara às suas costas, tantas vezes durante tantas noites.

Ele abraçou-a com força. Deitado de lado, encostou o rosto dela ao ombro e encaixou-a no corpo dele. Para a reconfortar. Reconfortou-a. Acariciou-lhe o cabelo.

– Durma – murmurou. – Adormeça.

Zenia enrolara os braços à volta dele. Quando sentiu relaxar um pouco a força do abraço aproximou-se dele, encostando as ancas às de Arden, pressionando lenta e ligeiramente a excitação dele.

Era delicioso. Era a própria vida. Com a respiração acelerada, enfiou os dedos no cabelo dela. Cheirava a areia, camelos e fumo, e a mulher. Reconhecia-a, agora, a origem dos sonhos que o atormentavam no deserto, em que o seu corpo soubera o que a sua mente não alcançara.

Era insuportável. Receou ser dos dois aquele que se poria a chorar.

Que diferença pode fazer?

Nenhuma, exceto querer que ela o desejasse. Não queria apenas tomar. Queria dar. Mas dentro de algumas horas todos os escrúpulos redundariam em nada.

– Durma – sussurrou novamente.

– Não creio que consiga dormir – replicou ela, abafando a voz no peito dele.

Ele passou-lhe os dedos pelo cabelo.

– Quer que a ajude a dormir? – Desceu-lhe a mão pelas costas e voltou a subir para lhe sentir um seio sobre o tecido áspero. Tão pequeno, tão delicado, tão macio. Como cristal vivo. – Posso ajudá-

la a dormir.

– Sim – sussurrou ela. – Por favor.

Ele debruçou-se sobre o corpo dela. Sabia como dar prazer a uma mulher. Fizera questão de aprender. Sempre se sentira desconfortável com as outras pessoas, distante; mas as mulheres não eram pessoas. Era uma raça estranha, com a qual podia falar através do seu corpo. Com prazer e doce simplicidade. Com êxtase.

Roçou os lábios na pele macia atrás da orelha, tocando-lhe com a língua. Não via nada, mas deslizou pela curva da sua anca, agarrando no algodão primitivo, levantando-o. Foi um choque, a primeira vez que tocou na pele dela, tão fresca e tão macia. Fez deflagrar o desejo, que, como uma folha seca sobre brasas, explodiu em chamas.

– Zenia – disse, como se o nome fosse uma palavra de outra língua, pela estranheza de o pronunciar.

– Sim? – perguntou ela com voz débil. Estava aninhada debaixo do braço dele, contra aquele corpo grande e poderoso que parecia poder escondê-la. Desde o início que desejava dormir ao seu lado, abrigada do mundo. Mas agora o mundo ia matá-lo.

– Quero ajudá-la a dormir – murmurou ele. Os seu dedos ocuparam-se dos cordões que lhe prendiam a camisa no pescoço. Tinham-lhe tirado o cinto de corda com o punhal. O algodão solto deslizou facilmente quando ele o levantou acima da cintura.

Era novidade o toque da mão dele na sua pele nua, a textura e a vida daquela mão, áspera do deserto e, contudo, tão meiga. Anelante e envergonhada, aliviava-a a escuridão. Sabia que ele lhe tinha levantado a roupa para poder entrar nela como um homem entrava na sua mulher. Mas ela não era mulher dele, o que não a impedia de desejar que ele a abraçasse, lhe tocasse e a beijasse como se o seu corpo fosse mel.

– Zenia – disse ele, com doçura. – Como aquela flor, de pétalas afiladas de estranhas formas, que cresce seja onde for – entoou, tocando-lhe nos seios desnudados, passando o dedo sobre a ponta. – Como pétalas pontiagudas. Assim.

A sensação despertou-lhe um suspiro profundo.

– Que coisa estúpida de se dizer. – Deu uma pequena e irónica gargalhada, encostando o rosto ao cabelo dela. Inclinou a cabeça e beijou-lhe o mamilo, prendendo-o entre a língua e os dentes.

Foi recebido com um «Oh!» arquejante.

Arqueou-lhe o corpo com o braço que a suportava. A boca, voraz, brincou com o seu seio. Ela entregou-se à sensação, e a ele também.

E ele correspondeu-lhe com prazer. Com doce esquecimento. Com a suspensão do medo. Tornou-se todo o seu universo, afastando o terror com o rodopiar da língua sobre a sua pele, com o calor da respiração na orelha dela. Com a solidez e a doçura da sua própria substância, da sua vida e do seu vigor masculinos, ajoelhou-se ao lado dela e despiu a camisa larga dos árabes, revelando-lhe nos seus ombros a luz das estrelas.

Amanhã... Oh... Zenia não pensaria no amanhã, não podia, pois estava para além de qualquer saber ou suposição.

Ergueu os braços quando o sentiu elevar-se sobre o seu corpo. Colocou-lhe as mãos no pescoço, sentindo o sangue pulsar sobre a pele. Tocou-lhe o rosto e a barba nova que despontava; era ele, mas de uma forma diferente e estranha.

– Sou como mel? – perguntou, timidamente, num sopro.

– Não – disse ele, inclinando-se e beijando-a, oferecendo-lhe todo o seu corpo. Fez deslizar as mãos pelo cabelo dela, segurando-lhe no rosto. – É como água. Como água cristalina – declarou, junto ao pescoço. – Deus do Céu, tão cristalina e fresca que dói bebê-la.

Ela sentiu-lhe o corpo preparado para a tomar descendo pesado, sobre si. Nunca vira um homem despido, embora tivesse vivido no meio deles, pois os beduínos eram incrivelmente recatados, mesmo entre os seus. Mas vira animais, e meninos, e sabia. Assustava-a um pouco, mas o terror que os aguardava para lá da pequena redoma dos seus corpos juntos era tão imenso que aquele pequeno medo se confundia com euforia.

– É uma coisa estúpida de se dizer? Eu podia viver sem mel – disse, afundando-se no pescoço dela –, mas não posso viver sem água.

Estranhamente, alegremente, ela começou a chorar, com os braços à volta dele.

– Não. Não é estúpido.

Ele ficou silencioso, respirando sobre a pele dela. Depois disse:

– Está a chorar.

Zenia deslizou as mãos pelas costas despidas. A força dele parecia concentrada nas curvas poderosas e elásticas que explorava. Tocou-lhe na pélvis com as mãos abertas, para descobrir a sua forma.

Ele gemeu e pressionou-se contra ela, desencadeando um estremecimento intenso que lhe percorreu o corpo inteiro. Ele elevou-se. E quando desceu, dentro dela, magoando-a, impelindo-se dolorosamente contra a sua barreira, ela arqueou-se para o receber. Ele parou por um momento, com a boca sobre a dela, deslizando-lhe a mão entre as coxas, para então retomar um movimento agressivo, impondo-se dentro dela, alçando-a para que o corpo lhe correspondesse, destruindo a sua virgindade.

Ela soluçou ligeiramente ao tornar-se uma mulher de verdade, completa, pela primeira vez na vida e ele segurou-lhe o rosto, beijando-a, afagando-a e dizendo-lhe:

– Não chores. Não chores.

Ele preenchia-a profundamente, pesando sobre ela. Escapou dela um soluço de alegria e de dor. Queria-o assim, parte dela. Penetrando-a, dilatando-a, invadindo-a. Bastava para afastar o terror. Pensou: *Posso dormir agora. Assim.*

Mas não foi o sono que chegou. Ela afagou-lhe languidamente as costas e, como se as suas mãos transmitissem uma mensagem, a mesma já comunicada, ele exalou um som gutural e investiu com força dentro dela, lentamente, inundando de novo o coração de Zenia de doçura. Devagar e repetidamente ao ritmo das carícias. A cada estocada profunda, a respiração dele culminava num gemido de prazer. A respiração dela era veloz e o seu corpo arqueava em resposta, procurando o delicioso pico que se seguia à dor da penetração.

Ávida, começou a gemer novamente. A dor esmorecia face ao doce preenchimento e o seu corpo apertava-se à volta dele, segurando-lhe os ombros e as pernas, enclausurando-o.

– Oh, Deus. Meu Deus! – O sussurro rouco preencheu-a como o corpo dele preencheu o seu, numa cadência crua.

Sim, pensou, num frenesim. Era aquilo, a ânsia com que o corpo dela se cingia ao dele, como se não quisesse, não pudesse abdicar daquele momento; obrigava-o a entrar e recuar e a regressar com vigor, até ela ficar sem fôlego, com a cabeça atirada para trás e o pescoço e os seios à mercê da boca dele, arqueando o corpo para o céu e para Arden, perdida em convulsões contínuas, até se deter num

instante de profundo êxtase e inclassificável doçura, sentindo o pulsar vibrante dele por cima de si, dentro de si e à sua volta.

Estremecendo também, gemendo suavemente, ele relaxou em cima dela, com a respiração acelerada.

– Obrigado – disse junto ao pescoço de Zenia. – Obrigado.

– Obrigada – sussurrou ela.

Ele ria-se silenciosamente, sentia-o no peito dele. Notou então certa humidade no seu próprio ombro, onde ele apoiara o rosto.

Além do inusitado agradecimento mútuo, não disseram mais nada. Ele levantou-se ao fim de muito tempo, durante o qual Zenia, ausente, aproveitara para lhe sentir somente o peso e o abandono.

Não lhe suplicou que regressasse, embora o quisesse. Com movimentos cuidadosos, ele compôs-lhe a camisa, tapando-lhe a nudez. Uma nova delicadeza, doce e silenciosa. Arden sentou-se e vestiu a túnica.

– Consegue dormir, agora? – perguntou ele, deitando-se ao lado dela e puxando-a para si.

– Sim – disse ela. – Obrigada.

Ele beijou-a na testa, deixando a boca encostada à pele dela, o braço à sua volta. Nenhum dos dois dormiu.

² Literalmente «lagoa dos cisnes». (*N. da T.*)

CAPÍTULO 9



A rden sentou-se, rápido como um relâmpago, ao ouvir o primeiro som. Era noite escura, ainda muito longe da madrugada. Não achava que tivessem passado horas suficientes... não podia ser já.

O coração martelava-lhe nos ouvidos. Sentiu a mão dela enrolar-se à volta da sua, quando ouviu o arranhar da barra que alguém retirava silenciosamente do outro lado da porta.

É demasiado cedo, demasiado cedo. Ainda não!

Agarrou com força na mão dela. O entorpecimento tomava conta de si agora, a irreabilidade que adivinhara. O momento chegara. Vinham para os buscar.

Levantou-se na escuridão ajudando-a a erguer-se. Contava que houvesse luz. Passar-se-ia tudo naquela escuridão?

A porta abriu suavemente.

– *Englezys!* – disse uma voz em surdina. – Anda, com a mulher. Os camelos estão à espera.

Sentiu algo como um relâmpago a percorrer-lhe as veias. Tinha despertado.

Rashid!, pensou furiosamente. *Pelo Profeta e pelos noventa e nove nomes de Alá e pelo Centésimo Nome dele, Deus te envergonhe e te dê longa vida e poder, sua velha raposa!*



– *Dhai!* – sibilou uma voz na escuridão estrelada fazendo erguer-se com um ronco o camelo de Zenia. Abençoado som familiar, acompanhando a subida da parte dianteira do animal, em que ela se debruçou sobre a sela para manter o equilíbrio; depois, em dois movimentos bruscos, o camelo levantou os quadris até acima, enquanto ela se inclinava para trás, como se descesse uma vertente inclinada; por fim, com uma sacudidela feroz, mudou o peso dos joelhos para as patas dianteiras. Ela nunca teve tanta vontade de se debruçar sobre o pescoço longo e ondulante de um camelo para o abraçar como no momento em que o animal se afastou no trote suave e vigoroso de um corredor puro-sangue.

Encontravam-se já bastante longe das muralhas de Hail, após correrem e caminharem pelas ruas escuras, até passarem os palmeirais e saírem para o deserto, onde os camelos os aguardavam. No portão, os guardas deixaram-nos passar sem proferirem palavra. *Príncipe Rashid*, pensara Zenia inicialmente, mas os dois homens que estavam com eles não eram beduínos. Eram egípcios, um

oficial negro e um soldado da guarnição. E embora se tratasse claramente de uma fuga, havia nela algo de prisão: os camelos deles eram conduzidos por outros, instigados por beduínos silenciosos que, na escuridão, ela não reconhecia.

O ar da noite fustigava-lhe o rosto. Montava como um homem, como sempre fazia, com o joelho encavalitado na sela; contudo, pela primeira vez, pareceu-lhe uma posição estranha e incômoda. Sentia-se profundamente consciente do seu sexo; parecia-lhe mal e bem ao mesmo tempo. O terror parecia-lhe já irreal, como se nunca tivesse existido a possibilidade da sua morte; mas a consciência da sensação de Lord Winter sobre ela, no corpo dela, era intensamente real, tão vívida como o cheiro dele na sua pele.

Constrangia-a. Os egípcios poderiam não notar, mas ela tinha a certeza de que os beduínos o notavam no ar limpo da noite. Com aquele odor, desejava poder esconder-se numa liteira de camelo, como faziam as mulheres nômadas quando viajavam. Desejou poder cobrir-se de véus como as mulheres da cidade, mas não tinha sequer um *keffiyeh*. Queria esconder-se, reservar para si a sua feminilidade e revelar o seu segredo apenas a ele.

– Para onde vamos? – perguntou finalmente Lord Winter sem erguer a voz, mal se ouvindo sobre a batida ritmada das patas dos camelos na areia.

– Vão para o Cairo, *Englezy* – respondeu o oficial.

– Cairo! – exclamou Lord Winter num murmúrio.

– Apresentar-se ao *wali*. Mohammed Ali.

Zenia sentiu um aperto no coração. Tratava-se do vice-rei egípcio, pai de Ibrahim Pasha, o mais poderoso inimigo que a sua mãe defrontara. Há vários anos que Lady Hester se declarara opositora de Mohammed Ali e desde então procurava frustrá-lo e aos seus exércitos sempre que podia.

Mas Lord Winter riu-se.

– *Wellah*, queira Deus que ele reconheça o seu valor!

– *Inshallah* – devolveu a voz do oficial, bem-humorada, na escuridão. – Khalid ibn Saud é um cão e um idiota.

– Idiota ao ponto de matar uma mulher inglesa – murmurou Lord Winter. – Esperava-o uma vingança sangrenta. Mais sangrenta do que possa imaginar.

O oficial grunhiu.

– Não é menos idiota pôr-se a vaguear pelo deserto, *Englezy*, com esta mulher disfarçada. Não consigo compreender esta loucura. Mas, por Alá, conseguimos salvar-lhe essa carcaça. O meu paxá assim o ditou.

– O seu paxá bem podia ter falado ontem, e ter-nos poupado uma noite de desgraça.

– Foi melhor assim. Em matilha, até mesmo os cães wahhabitas são capazes de matar.

Lord Winter riu-se.

– É bem verdade. E os *Englezys* farão os seus agradecimentos a Mohammed Ali, não é verdade? – continuou. – Por nos devolver com a cabeça em cima dos ombros. Que o Senhor o guarde para todo o sempre!

– E que os *Englezys* vejam que são insensatos em lutar pelo sultão – acrescentou o oficial, com ironia.

– Pela minha barba, poderá ter a certeza de que tudo farei para isso.

Os camelos prosseguiram a sua marcha ágil sob o céu estrelado. Zenia guardou as suas preocupações para si. Teria de encontrar uma forma de comunicar com Lord Winter, de lhe dizer que

não ousaria confiar-se aos caprichos de Mohammed Ali. Não havia ainda três verões, a sua mãe incitara a rebelião dos Drusos com todo o engenho e toda a astúcia de que fora capaz. Sempre que um xeique druso visitava Dar Joon, Lady Hester fazia questão de lhe recordar, desdenhosa, a submissão sem tiros ao exército de Mohammed Ali. *O quê, não tinham uma única bala para atirar contra Ibrahim Pasha?*, era a invetiva com que espicaçava constantemente os orgulhosos povos das montanhas e que não demorou a provocar estragos. A rebelião estalara, espalhando-se pelo Líbano, até chegar aos ouvidos de Lady Hester que Mohammed Ali declarara que a inglesa lhe causara mais problemas do que todos os revoltosos da Síria e da Palestina.

Zenia não podia submeter-se a Mohammed Ali. Mas naquele momento estavam no deserto e a viagem até ao Cairo era longa. Encontraria uma forma de falar secretamente com Lord Winter e os dois conseguiriam fugir e alcançar a segurança de um porto onde apanhar um navio para Inglaterra. Os dois, tal como ele prometera.

Ele dirigiu-se tranquilamente uma ou duas vezes aos egípcios, mas com ela não trocou nenhuma palavra. Perguntava-se o que pensaria ele. Na sala em que os encerraram aos dois, em Hail, sentira que a mente dele e a sua eram como uma só, mas ali, no deserto, não tinha a certeza. Depois de toda aquela tensão, as longas horas, o silêncio alucinado da fuga, deixava-se embalar pela marcha incessante do camelo, agarrada à sela do animal.

Lentamente, as imagens dos camelos, das montanhas e o céu começaram a adquirir formas mais distintas. Quando já conseguia ver, voltou a cabeça e contou-os. Eram nove: os dois egípcios, armados até aos dentes com pistolas e espadas, um beduíno a conduzi-la a ela e outro a Lord Winter, um guia e um guarda a fechar a fila, com mais dois camelos de carga. Em cima de um deles, viu a espingarda rotativa de Lord Winter, junto das suas bagagens.

Zenia não fazia a menor ideia da distância que tinham percorrido. Quando o dia começou a clarear, o egípcio disse algo em voz baixa e o guia incitou o camelo. Todos aumentaram a velocidade. O líder começou a galopar e os restantes seguiram-no.

A madrugada translúcida revelou as vertentes escarpadas e fantásticas de montanhas, uma linha recortada contra as dunas de areia branca que ascendiam aos cumes, ocultando a base das paredes altas e rosadas. Sombras negras espreitavam afiladas nas ravinas e gargantas.

O guia parecia dirigir-se a um daqueles vales escuros. Os camelos galoparam à volta de uma duna enorme, desenhando uma curva que os entregou ao rochoso desfiladeiro.

Pararam à sombra gélida das paredes de rocha, enquanto as últimas estrelas se apagavam numa nesga de céu. Zenia voltou-se. Quando deparou com os olhos de Lord Winter, este franziu ligeiramente a testa e virou-se, apoiando um pé no pescoço do camelo para descer sem demora com o animal ainda em pé.

Um dos beduínos subiu agilmente ao rochedo íngreme para vigiar. Zenia desmontou da mesma forma que Lord Winter e os beduínos, sem fazer ajoelhar o camelo. Posicionou-se perto de Lord Winter, mas este continuava sem lhe falar, nem olhar para ela.

– Aguardamos aqui até ficar escuro – disse o oficial.

– Tão perto de Hail? – assinalou Lord Winter.

– O meu paxá ordenou – disse o egípcio. – Desencorajará os Sauditas da perseguição. Khalid é um cão.

Zenia pensou no general egípcio de olhos frios que estava sentado à direita do emir, aborrecido e mudo como um dono que segurasse um cachorro malcomportado.

– Não devem ser vistos por nenhuma das tribos nem falar-

-lhes – acrescentou o oficial. – Se me derem a vossa palavra em como não tentarão fazê-lo, liberto-vos.

– Eu juro, pela vida de Alá – disse imediatamente Lord Winter.

O oficial negro olhou para Zenia.

– Tu?

Ela, que estava próxima de Lord Winter mas um pouco atrás, jurou fervorosamente.

– Vais vestir-te e pôr o véu como é devido a uma mulher – continuou o egípcio, pegando num volume. Tirou uma trouxa de tecido preto, que lhe atirou.

Zenia sentiu-se corar de constrangimento. Observada por todos, pegou na trouxa caída e esgueirou-se para trás de uma rocha para enfiar sobre a camisa aquele tecido escuro que a taparia dos pés à cabeça. Não foi fácil vesti-lo sobre a roupa larga que trazia, nem acomodar tanto tecido. Quando regressou, o oficial acrescentou com dureza:

– O rosto.

Zenia tapou o rosto. E viu como se alterava diante deles, tornando-se quase transparente por baixo do manto negro; invisível. Uma mulher. Olhavam para trás dela, à sua volta, mas nunca para ela. Nem sequer Lord Winter a olhava nos olhos.

Parecia um estranho. Zenia estava irritada com ele e sentiu um impulso de arrancar o véu e o obrigar a voltar o rosto para ela. Mas não o fez. Começava a ver melhor as coisas... A compreender que aquele dia não era a noite anterior, em que os movera a falta de um futuro mas que este, afinal, chegara.

Sombras azuis eram como manchas nas paredes rosadas e altas à entrada do desfiladeiro. Sentados por lá, os homens comiam, formando um círculo que a excluía. Zenia permaneceu ao lado do camelo, a observá-los sob o manto que a subjugava. Quando eles se levantaram, viu que havia comida para ela.

Lord Winter ainda ficou sentado. Ela julgou que ele a aguardava. Mas quando ela deu um passo em frente, ele levantou-se imediatamente. Começou a correr na sua direção.

Zenia recuou um passo ao ver a expressão do rosto dele. Ouviu um estampido, o camelo ao seu lado roncou e tropeçou e, num momento de paralisação e de choque, ela compreendeu que fora abatido a tiro.

À sua volta, gerou-se uma enorme confusão. Todos corriam na direção dos camelos, que pastavam. Ouviu-se um grito quando o vigia saltou para a duna que atravessava a boca do desfiladeiro. Disparou. O camelo de Lord Winter deu um salto e caiu entre os homens e animais em tumulto, mas Lord Winter surgiu à sua frente, pegou-lhe pela cintura e levantou-a. O chão e o céu pareceram girar quando um egípcio montado num camelo lhe pegou. Quando ela caiu entre o oficial e a sela, o camelo protestou e lançou-se a galope para a entrada do desfiladeiro, movido a golpes violentos.

Os outros camelos seguiram-nos em tropel e os beduínos saltaram para cima dos animais à sua passagem. Zenia tentou voltar-se; conseguira ver Lord Winter a saltar para o camelo carregado tentando chegar à espingarda lá guardada. Quando ele disparou sobre o vigia traiçoeiro, ela perdeu-o de vista. Irromperam do desfiladeiro, subindo a duna entre ondas de areia.

Na quietude do céu da madrugada, um pilar de pó revelou os perseguidores a caminho, ocultos pela crista da duna. Ela ouviu o oficial dar uma ordem breve; o outro egípcio e um beduíno deram meia-volta aos camelos e voltaram para trás. O homem com quem ela estava não subiu a duna,

incitando o camelo a seguir pela base das escarpas, pelas sombras frias.

Zenia ouviu o estampido de uma arma, mas o oficial egípcio instigou o camelo que se pôs a correr a toda a brida pela areia tingida de azul. Tentou novamente olhar para trás, mas ele puxou-a com brutalidade.

– Para quieta, ou estrangulo-te! – sibilou-lhe ao ouvido. – Alá te amaldiçoe! Aos *Englezys* e a todos os beduínos, cambada de cães traiçoeiros!



O outro soldado, sujo e sedento, alcançou-os ao meio-dia, conduzido por um beduíno de ar sombrio. Na vastidão de areia branca e de montanhas negras e baixas, desolada como a lua, Zenia semicerrou os olhos, esforçando-se por distinguir os vultos na névoa do deserto.

Eram apenas dois homens. Tinham um dos camelos de carga com eles. Quando se aproximaram, viu uma mancha escura nas bagagens e sangue seco no pelo do animal.

Limitou-se a olhar. Com temor, voltou-se para o exausto egípcio.

– Já tinha caído às mãos deles, meu *aga* – anunciou o homem, apresentando uma vénia e uma saudação breves ao comandante. – Abateram-no em cima deste camelo. Guardavam a entrada e não pudemos entrar na ravina para o salvar.

– El-Saud?

– De roupa imaculada, meu *aga*, e lenços de algodão na cabeça.

– Wahhabitas, de certeza! Deus te amaldiçoe! Se ainda não estiver morto, os Sauditas vão executá-lo.

O soldado baixou a cabeça de vergonha.

– Não foi um simples *ghrazzu*, meu *aga*. Eles seguiram-nos desde Hail.

O oficial egípcio ficou em silêncio por um momento. Depois virou o camelo para oeste.

– Faça-se a vontade de Deus – murmurou, incitando violentamente o animal com a vara.

CAPÍTULO 10



Zenia aguardava no escritório de Alexandria da Peninsular Steam Navigation Company, com as mãos dobradas sobre o regaço para esconder o seu tremor. Continuava vestida de preto, véu e vestido, mas agora tratava-se de roupas de origem franca, com sapatos que eram um tormento para os seus pés e múltiplos saiotes.

Tinha a certeza de que os outros passageiros a fitavam. Sabia que sim. Em Suez, no caos silencioso do bazar, limitara-se a afastar-se dos seus captores egípcios, misturando-se com um grupo de mulheres que passavam, vestidas todas precisamente como ela, cobertas de negro dos pés à cabeça.

Ouvira atrás de si os gritos de quando perceberam que ela tinha desaparecido. Numa viela, despira as roupas de mulher e transformara-se novamente em Selim. Depois encontrara um malandro, como aqueles que a mãe deixara tantas vezes a seu cargo, um mercador argelino, um vigarista com amigos em todos os cantos e sem apreço pelo paxá local. Pagara-lhe por abrigo e silêncio enquanto os homens do paxá e os soldados vasculhavam a cidade e importunavam as mulheres dos haréns dizendo que a escondiam. Uma vez, estiveram tão próximos que Zenia pegara numa panela estragada e começara a bater-lhe impiedosamente, fingindo repará-la, enquanto o agente do paxá gritava ao argelino no meio do barulho.

– Lord Winter? – indagou o empregado da Peninsular Steam Navigation Company, fazendo balouçar os elaborados bigodes de grego.

Zenia levantou-se. Sentia-se extremamente exposta. O vestido preto fora a única roupa europeia que conseguira desencantar em toda a Suez, amarrotado e bafiento, num baú perdido de um pacote que há muito zarpara para Bombaim. Fora costurado para alguém com uma cintura muito maior do que a dela, de modo que lhe pendia do corpo em pregas lassas. Sentia-se grata pelo véu de rede que lhe caía sobre os olhos, ocultando-lhe a parte superior do rosto, e as luvas pretas que lhe tapavam as unhas sujas.

Enquanto ela se aproximava da secretária, o empregado levantou-se. Entregou-lhe o salvo-conduto de Lord Winter, para um bilhete num vapor, que resgatara do forro do estojo de barbear do visconde numa das várias noites em que dormira isolada atrás de uma cortina na tenda do oficial egípcio. Na carteira, tinha dez moedas de ouro que provinham do mesmo sítio.

Era dela, pensara ao roubá-lo. Ele prometera levá-la para Inglaterra. Tê-lo-ia feito.

Fosse como fosse, pertencia-lhe tanto a ela como a Mohammed Ali.

– Lord Winter não está consigo, senhora? – perguntou o empregado.

Zenia ficou parada, fitando o empregado grego através do véu. Durante um mês, não haveria outro navio; era a sua única oportunidade. Se não a deixassem utilizar o salvo-conduto para a passagem de regresso, não teria dinheiro suficiente para a pagar.

– Não – respondeu, com voz grave e rouca, trémula de medo. – Lord Winter não vem.

O empregado hesitou por um momento, mas rapidamente o seu rosto assumiu uma expressão bizarra, formal mas angustiada.

– Ah! Tenho muita pena, Lady Winter! – Olhou para a lista de passageiros. – O navio está cheio mas deseja regressar à sua família, sim? É o que fará! Trataremos de o conseguir!

Zenia mordeu o lábio. Sentia os olhares dos outros ingleses que aguardavam, os passageiros que tinham desembarcado em Suez e vindo por terra para Alexandria, juntamente com o correio. Nenhum deles estava sozinho como ela; mesmo as senhoras que viajavam sem os maridos estavam acompanhadas de criadas e crianças.

O empregado consultava a carta do salvo-conduto.

– Há um cavalo para embarcar, Lady Winter?

– Não – respondeu ela. E, sem motivo aparente, os seus olhos turvaram-se e ela sentiu lágrimas quentes a escorrerem-lhe pelo rosto. Engoliu em seco. – Não há nenhum cavalo.

– Por favor, sente-se – indicou o empregado. – Devo falar ao capitão.

Zenia sentou-se. Inclinou a cabeça, desejando que as lágrimas parassem, mas elas continuavam a cair, deixando marcas escuras nas luvas pretas e sujas. Sentia-se enjoada e tonta.

Há muitas semanas que não chorava; não sabia por que razão, agora, em frente dos ingleses, não conseguia parar. O calor húmido de Alexandria parecia oprimi-la, impedindo-a de respirar. Nunca se sentira tão abafada; nem sequer no deserto. Parecia ter os pés apertados em tornos em brasa e a cabeça mergulhada em vapor sufocante.

Sentiu necessidade de sair por um momento e levantou-se. Mas a visão pareceu falhar-lhe e mergulhou na escuridão. Ouviu vozes, distantes, e depois tudo pareceu regressar. O nariz doía-lhe e estava deitada no chão rodeada de rostos e de vozes empolgadas.

– Bom, não há propriamente nada que possamos alargar – assinalava uma voz irritada de homem. – O vestido é muito maior do que a pobre rapariga.

Zenia pestanejou. Um jovem oficial inglês de casaco azul-marinho estava debruçado sobre ela. Sacou de um par de óculos que assentou no nariz, estudando-a.

– Estou bem – disse ela, tentando levantar-se de imediato.

– Decerto, senhora. Mas deve ficar um pouco deitada – disse ele com firmeza. – Descanse, e fique calma. O capitão diz que terá um camarote. – Secou-lhe delicadamente o nariz com um lenço e olhou para alguém que Zenia não conseguia ver. – Talvez seja melhor levá-la diretamente para o navio, senhor. Está mais fresco. Creio que poderá estar... Sabe... – disse, com o pescoço corado. – Sabe a que me refiro, senhor?

– Eu ajudo-a, pobre menina! – Uma mulher, vistosa e cheirosa, ajoelhou-se ao lado de Zenia. – Pobrezinha, eu trato de si. Chamo-me Iris.

Zenia levantou-se, amparada na cintura pela outra mulher.

– Estou bem, a sério...

– Deixe-se disso. Eu tive quatro, todos em Bombaim! Sei do que este calor é capaz. Mata-a a si e à criança, se não tem cuidado. Venha, dê só um passinho. Estes cavalheiros mostram-nos o caminho. Bagagem? Não... – A senhora olhou para trás. – Onde está a sua criada, meu amor, e as suas caixas?

– Oh! – Zenia levantou a mão, apontando o baú maltratado que tratara de comprar, para não parecer completamente desprovida de haveres. Estava vazio, tirando a areia que colocara para pesar como roupa.

– Mas, e a sua criada? Não se foi embora, consigo nestas condições, pois não?

Zenia sentiu um lábio a tremer. Abanou a cabeça com força e começou novamente a chorar. A senhora chamada Iris segurou-lhe os ombros e deu-lhe palmadinhas no braço.

– Deixe isso! Conta-nos tudo depois. Venha, meu amor. Pobrezinha. É só pele e ossos. Eu própria conseguia levá-la!



Zenia encontrava-se a bordo do vapor *Edward Rule*, partilhando o camarote com Mrs. Iris Smith, que desalojara a criada sem cerimónias. O ar fresco do mar não conseguiu anular o efeito do balanço do primeiro barco a que Zenia subia na vida, e ela passou os quatro dias da viagem até Malta num martírio confuso de indisposições, mal conseguindo falar. Tinha uma vaga noção de que Mrs. Smith cuidava dela heroicamente, mas não estava sequer capaz de agradecer.

Foi apenas quando o navio atracou em Malta para se abastecer de carvão que Zenia conseguiu reunir ânimo suficiente para se sentar e falar com Mrs. Smith com sentida gratidão. A imperturbável senhora, que se declarara anglo-indiana *par excellence* e não se mostrava minimamente incomodada com um enjoozito de alto-mar, limitou-se a incentivar Zenia a comer a sopa.

– Porque é muito provável que tenha de comer por dois, não é, meu amor? – Mrs. Smith olhou para ela com entusiasmo. – Sabe, não sabe?

Zenia sentou-se no beliche, com o rosto debruçado sobre o regaço. Não respondeu, limitando-se a entrelaçar as mãos com força.

Mrs. Smith colocou a mão fria na testa de Zenia, afastando o cabelo húmido. Zenia começou novamente a chorar.

– Lamento! – disse, combalida. – Lamento estar assim!

– É muito difícil, eu sei. É tão difícil. – Mrs. Smith também verteu algumas lágrimas. – Perdi o meu primeiro marido quando tinha dezoito anos. Fiquei sozinha na Índia, e na mesma condição. Quem é a sua família, querida?

Zenia engoliu em seco, limpando os olhos.

– O meu pai é Mr. Bruce.

Temia que Mrs. Smith lhe fizesse mais perguntas, mas a senhora limitou-se a dizer:

– Tome, coma mais uma colher de sopa. E temos um melão excelente. Existem algumas contrapartidas nos trópicos, não é? Linda menina. – Aguardou que Zenia conseguisse terminar de comer e levantou-se. – Esta noite sai o correio e quero enviar um bilhete. Deve chegar antes de nós – disse. – Sente-se com vontade de ir a terra? Reservei um quarto com condições para tomarmos um bom banho. Muito necessário, pela minha parte. Não há nada como um banho fresco e um champô oriental; uma pessoa sente-se completamente refrescada.



O irmão de Mrs. Smith foi ter com ela a Gibraltar. Olhou para Zenia com uma expressão um pouco

estranha. De forma esparsa, ela contara a Iris Smith como acabara a viajar sozinha para Inglaterra, deixando Lord Winter no deserto. Nunca disse que era Lady Winter; todos a tratavam assim desde o início. Nunca disse que era viúva dele; olhavam-lhe para o vestido e o véu pretos e apresentavam as suas condolências. E ela, fatigada, pensava, *Que diferença faz?*

Ele levava-a para casa. Prometera que o faria.

– Iris – ouvira Mr. Harrow dizer à irmã certa noite –, sabes quem ela é?

Zenia parou, agarrando-se ao corrimão da escada, no balanço suave do navio pelas ondas do Atlântico.

– A tal Stanhope, sim, eu sei – disse Mrs. Smith. – Ainda na Índia ouvimos falar desse caso, Robert! Mas não vou ser desumana.

– Sim, mas...

– Ela precisa de ajuda. – A voz de Mrs. Smith parecia ligeiramente irritada. – Podes acreditar em mim, eu sei o que é estar sozinha e naquela condição num país estrangeiro.

Mr. Harrow fez uma pequena pausa.

– Desculpa – disse, empertigado.

– Bom, agora são tudo águas passadas – afirmou a irmã. – Mas não vou abandoná-la por causa de histórias sobre o seu passado! Vou entregá-la aos seus em segurança.

O silêncio de Mr. Harrow foi mais prolongado. Acabou por comentar, em tom irónico:

– Só espero que te agradeçam por isso.

Zenia deu meia-volta e regressou ao camarote, deitando-se e agarrando na miniatura do pai com ambas as mãos.

Não chores, maldição, repreendeu uma voz severa. *É um desperdício de água.*

Fechou os olhos e inspirou profundamente. Não iria chorar. Queria que ele tivesse orgulho nela.



Zenia estava paralisada de excitação, medo e frio. Sentou-se, trémula, no beliche a ouvir os sons que lhe chegavam de Londres, sentindo os cheiros, o ar pesado do fumo. Estava tanto frio que mesmo dentro do camarote conseguia ver a sua respiração, e lá fora tudo parecia escuro: o convés com marcas negras de carvão, os edifícios enormes, as pessoas tristes, de casacas pretas e aos gritos. Tudo era feio; horrivelmente feio e malcheiroso.

– Não chores, não chores – sussurrou para si própria, numa litania. – Não chores, pequeno lobo.

Mrs. Smith irrompeu pelo camarote com uma capa.

– Pronto. Está tudo tratado.

Zenia seguiu-a. Não questionou as providências de Mrs. Smith; se estava viva, a ela devia-o. Viva, e em Inglaterra. Oh, fazia tanto frio. Não era verde... Não via uma única árvore, apenas os mastros altíssimos dos navios.

Desceu pelo passadiço apoiada no braço de Mrs. Smith, com Mr. Harrow atrás de ambas. Um pequeno grupo de pessoas aguardava no embarcadouro, imóveis entre a agitação dos marinheiros. Por um instante, Zenia deteve-se.

Vira um fantasma; um homem alto, com o rosto meio escondido entre o chapéu e a gola levantada, que olhara para ela e lhe parecera Lord Winter.

Mas a ilusão desvaneceu-se e ela reparou que se tratava de alguém muito mais velho, que olhava

para ela sem a reconhecer. E Mrs. Smith estava a conduzi-la, a encaminhá-la para outra pessoa, para outro cavalheiro, que abria e fechava as mãos protegidas por luvas.

Zenia cansou-se de olhar para os punhos fechados. Soube antes de erguer a cabeça o que Mrs. Smith lhe preparara; o seu coração disparou e ela ergueu o olhar para o rosto do pai.

Era mais velho do que ela esperava, com rugas de preocupação gravadas no rosto e à volta dos olhos, que conferiam severidade à antiga beleza. O vento atirava-lhe o cabelo grisalho contra a aba do chapéu. Durante alguns instantes observou o rosto de Zenia, um olhar perscrutador, nela e para além dela, como se esperasse lá encontrar outra pessoa.

Ela endireitou-se e estendeu a mão.

– Mr. Bruce? – perguntou, elevando o queixo com altivez para que ninguém pudesse ver o quanto se sentia atormentada.

De repente, estranhamente, ele começou a rir-se.

– Oh, meu Deus – disse. – Eu lembro-me. – Pegou então na mão dela com força, puxando Zenia para si e abraçando-a contra o peito, rindo e balbuciando coisas. Ele era muito mais forte do que parecia; quase a esmagava, e então afastou-a e olhou ansioso para ela. – Venha para casa, por favor – disse, com a voz trémula. – Venha, por favor. Temos tanto tempo perdido para recuperar.

Londres transformou-se. Apesar do barulho, do cinzento e da desolação, resplandecia.



– Estamos em Bentinck Street – informou o pai, quando a carruagem enveredou por uma rua de casas solenes de tijolo castanho e caixilhos brancos. – St. Marylebone. A sua casa... – Sorriu-lhe. E, nessa altura, Zenia viu o jovem do retrato e retribuiu-lhe o sorriso. – Tem muito frio? – indagou ele.

– Muito! – disse ela. – Adoro!

Ele riu-se. Zenia deixara de sentir qualquer vontade de chorar, mas o pai continuava a fungar e a sorrir, com os seus bonitos olhos vermelhos de emoção.

– Bom, trataremos de alimentar bem as lareiras neste inverno. – A carruagem parou e ele pegou-lhe na mão. – Agora, Zenia, devo dizer-lhe que a minha mulher tem uma saúde débil. Mas sabe que vem e deseja a sua presença tanto quanto eu. É uma senhora muito especial. Não deve ter medo dela.

Zenia assentiu.

– Sabe que nunca cheguei a casar-me com a sua mãe – prosseguiu ele, inclinando ligeiramente a cabeça. – Mas a Zenia é minha filha. – A mão dele apertou a dela com força. – Quando recebi a carta de Mrs. Smith... Desde então que não prego olho, a remoer e a imaginar...

– Miss Williams disse... – disse Zenia numa voz sumida, mal conseguindo pronunciar as palavras. – Ela acreditava que a minha mãe nunca tinha chegado a contar-lhe.

Ele ergueu os olhos, entrelaçando os dedos nos dela.

– Zenia, na minha vida fiz coisas que me envergonharam. A sua mãe... Não quero inventar desculpas; deixei-a quando ela me disse para o fazer. Mas há uma coisa que quero que saiba, e acredite em mim: nunca a teria deixado naquele sítio. Nunca a teria abandonado. Juro com todas as fibras do meu ser.

– Fico feliz – sussurrou Zenia. – Sempre me alegrou que fosse meu pai.

– Quem me dera que... Nunca pensou em escrever-me?

– Oh, não! – desabafou Zenia, abanando a cabeça. – Não saía nada de Dar Joon que a minha mãe

não visse.

Os olhos dele estreitaram-se.

– Tinha medo dela.

Zenia encolheu ligeiramente os ombros.

– Ela não gostava que lhe desobedecessem.

Ele demorou-se com as mãos dela entre as suas. Disse, então:

– Daqui em diante, não terá nada que recear. – Bateu no teto da carruagem com a bengala e o cocheiro desceu para lhes abrir a porta.



A mulher dele insistiu que Zenia a tratasse por Marianne. Era uma senhora tranquila e elegante, afável e sincera. A sua graça e comedimento não a impediram de receber a filha ilegítima do marido com indisfarçável generosidade.

Fascinada, Zenia não parava de a olhar. Tinha dificuldade em conceber uma mulher tão diferente da sua própria mãe. O pai mostrava-se muito cuidadoso com a mulher, chegando a perguntar-lhe por duas vezes se queria um xaile. Zenia conheceu o meio-irmão, também ele Michael, um jovem enérgico de dezasseis anos que lhe apertou nervosamente a mão, lhe fez perguntas sobre o governo do Egito e discorreu durante meia hora sobre política europeia até o pai o enxotar com uma risada desajeitada, aconselhando-o a concluir os trabalhos de latim antes do chá.

Aquilo parecia-lhe irreal. Era bem-vinda na casa de Bentinck Street; acolhiam-na tão completamente, como se houvesse um espaço vazio que ela se limitasse a ocupar. Sobre a viagem, fizeram-lhe apenas as perguntas do costume, e Marianne chegou até a manifestar-lhe discretas condolências pela morte da mãe.

Não viu sinais da presença de outras crianças e Zenia acabou por constatar, sem que lho comunicassem, que tinham morrido. Entretanto, Marianne conduziu-a até um quarto de dormir, que pertencera claramente a duas meninas. Havia duas camas com almofadas bordadas e colchas de croché, e dois *silhouettes* adornados com fitas, pendurados um por cima do outro na parede.

Marianne deteve-se antes de fechar a porta.

– Deve acreditar em mim quando lhe digo que me alegra a sua vinda – declarou com voz suave. – O Michael sempre acarinhou os filhos do meu primeiro casamento e eu estou pronta a acarinhá-la, por ele e por si.

– Obrigada – disse Zenia sem pensar.

– Eu é que agradeço – devolveu Marianne – por nos ter procurado. Espero que decida ficar. Seria uma felicidade para o seu pai.



No quarto da mulher, Michael Bruce, de pé, com as mãos nas costas, contemplava, o jardim árido de outono que ficava nas traseiras.

– Não sei o que dizer – desabafou. – Não sei, Mari.

– Não há nenhuma dúvida de que é sua – replicou Marianne, sorrindo levemente. – A herança paterna é evidente.

– Acha? – Ele voltou-se, franzindo as sobrancelhas. – Mas ela é a criatura mais bela que vi em toda a minha vida – disse, pondo imediatamente um sorriso constrangido. – Sem contar consigo, claro. Assegura o cavaleiro serôdio!

– Não tenho nada mais a dizer – concluiu Marianne, recostando-se na cama.

Ele deu uma gargalhada irónica.

– Lisonja, minha querida? Após estes anos todos?

– Porque não posso orgulhar-me de ter conquistado o esplêndido Mr. Bruce? – disse ela com meiguice. – É um homem superior e a sua filha um diamante de primeira água. Quando estiver recuperada e com mais peso será incomparavelmente bela.

– Se o mundo o determina assim, então queira Deus que ela tenha mais juízo do que eu tive com a idade dela – rematou. – Deve ter vinte e cinco anos, Mari. Vinte e cinco! E está magra, não está? Espero que não esteja doente. – Deu uma volta pelo quarto e deteve-se, indo sentar-se ao seu lado na cama. – Tem um doido por marido. Nestes últimos três dias tenho-me portado como um louco. Deve pensar que... – Calou-se.

Ela pousou a mão na dele.

– Michael, não faz mal.

– Mas trazê-la para aqui, Mari; impô-la a si e ao nosso filho.

– É tão sua como o Michael. Só preciso de olhar para ela para o ver. – Apertou as mãos. – Nunca tive ciúmes, pois não? Já me contou tudo há muito tempo. Foi uma das coisas que admirei em si, o facto de não tentar escondê-lo. Confesso, tive algum receio... Encolheu os ombros. – Pensei que pudesse ser mais parecida com a mãe. Não tenho a certeza se teria conseguido gostar dela da mesma maneira, embora fosse tentar. Mas não é, Michael. É sua. E isso basta-me. Além do mais... – disse, enrolando os dedos por cima da colcha. – Tenho saudades de ouvir a voz de uma rapariga pela casa.

Ele inclinou-se e beijou-a.

– Não mereço a tua bondade.

– Talvez não mereças – disse ela, dando-lhe uma palmadinha no rosto –, mas estamos a falar da tua filha, que é inocente.

Ele franziu o sobrolho.

– Já não propriamente. É adulta e casada – continuou. Ergueu a cabeça, fitando a janela com um olhar distante. – É tudo tão estranho. – Estive a investigar... Mari, sabes quem era o tal do Winter? O herdeiro dos Belmaine, por amor de Deus!

– Belmaine! Não, com certeza que está enganado.

– Não estou. É uma informação dos Negócios Estrangeiros. Arden Mansfield, visconde Winter. Filho único do conde Belmaine. Morto numa insurreição qualquer na Arábia. O relatório chegou do Cairo, com o mesmo correio em que chegou a carta da Smith.

A mulher ficou em silêncio, repuxando a colcha.

– Mas ela não disse nada?

– Nem uma palavra. Tirando o que Mrs. Smith escreveu, não sei mais nada. Mas, Mari, ele estava lá. O Belmaine. No embarcadouro. Não se manifestou. Deixou que a trouxesse.

– Eles não aprovam, então.

Ele abanou a cabeça.

– Deus do Céu, como poderiam? Ela é...

– Descendente de dois primeiros-ministros e de várias famílias aristocráticas – concluiu Marianne,

sem contemplações. – Não podem queixar-se da sua ascendência, legítima ou não.

– Mas porque é que ela me escolheu a mim, então? Seguramente que ele lhe disse para recorrer aos pais dele, se se visse sozinha.

– Talvez tenha preferido recorrer a si, Michael.

– Mas, o Belmaine! Ela nem sequer falou com ele. Não creio que soubesse quem era.

– E como poderia saber? Não o viu antes, com certeza, da mesma forma que nunca o viu a si. A pobre rapariga está desorientada. Terei de convidar Mrs. Smith e o irmão para jantar. Devemos-lhe a nossa gratidão.

– Sim – anuiu Bruce, sem pensar. – E quem é que os casou, Mari? Onde? Não deve ter sido muito fácil concretizar um casamento cristão num país maometano. Pelo menos, um casamento que fosse legal em Inglaterra.

– Li num jornal que esteve um missionário americano no funeral da mãe – replicou tranquilamente Marianne.

Ele olhou para ela. A morte da senhora do deserto não fora mencionada na casa de Bentinck Street, embora não tivessem faltado cartas e obituários nos jornais.

– Sim – tornou ele, segurando na mão dela. – Também vi. – Comprimiu os lábios. – Suponho que não seja possível esquecer o passado.

– Não quando nos bate à porta – replicou ela, com ironia.

– Meu amor – retomou ele –, é pior do que julgas. – Bruce suspirou e endureceu a expressão. – Não lhe disse tudo o que estava na carta. Ela está... de esperanças.

– É uma consequência natural do casamento.

– Minha querida, não compreende? – replicou ele, levantando-se de forma repentina. – Não creio que se tenham casado. E julgo que o Belmaine é da mesma opinião.

CAPÍTULO 11



— Oh, muito bem! – exclamou o jovem Michael, quando o pudim de Natal, decorado com azevinho, entrou na sala pelas mãos da própria Marianne, que transportava a bandeja quase sem a ajuda da criada. – Agora vais provar uma coisa de que vais gostar, Zenia!

A casa estava repleta de plantas e azevinho. Por todas as divisões se sentia o aroma a cozinhados e ervas. Marianne e Zenia tinham-se inspirado numa revista, que mostrava como a rainha celebrava o Natal em Windsor, e amarraram laços aos ramos de uma arvorezinha e penduraram bombons embrulhados em papel de prata crepitantes. Naquele ano, a celebração seria muito tranquila, dissera Marianne, e só teriam com eles Mr. Jocelyn, o colega do pai, advogado no tribunal eclesiástico, que jantava sempre com eles no Natal. A Zenia, parecia-lhe esplêndido.

– Um pudim de ameixa! – disse com reverência, olhando o semicírculo perfeito, onde se viam ainda algumas chamas azuis, que colocaram diante do pai.

– A macerar desde outubro! – acrescentou Marianne. Voltou a bandeja, ajustando-a de forma precisa e entregou a faca ao marido. – Primeiro a fatia da Zenia – declarou, com a mão por cima da dele para definir o corte inicial.

Ele olhou-a de lado, com olhos risonhos, apertando os lábios.

– Creio que estou a percebê-la, minha querida. – Cortou o pudim e recolocou a faca. – Aqui?

– Para o outro lado – disse Marianne, imperturbável, e ele obedeceu. Quando tirou a fatia, caiu entre as migalhas uma moeda de prata.

– Boa sorte! – gritou o jovem Michael, inclinando-se na cadeira. – Saiu-lhe o xelim! Boa sorte para a Zenia!

– Deveras. Boa sorte! – desejou Mr. Jocelyn com satisfação. Era mais novo do que o pai dela e tinha olhos castanhos e inteligentes que sorriam com facilidade. Era atencioso e vestia-se sempre de forma impecável. Zenia sentira-se imediatamente à vontade com ele.

O pai piscou o olho ao colega quando lhe passou o prato.

– Feliz Natal e próspero Ano Novo! Michael, por gentileza, faz as honras com o molho.

Zenia mordeu o lábio inferior, olhando para o pudim com grande animação enquanto Michael o cobria de uma generosa dose de molho espesso. Sabia que tinham preparado as coisas para lhe sair a moeda, mas isso não importava. Só tornava tudo ainda melhor.

O jovem Michael pousou o prato à frente dela. Todos observavam, expectantes. Zenia ergueu os olhos com um sorriso trémulo e tirou uma grande garfada de pudim e de molho.

Quase se engasgou.

– Irra! Levou a mão à boca com uma careta, rindo. – Oh, não! Oh, não! É horrível!

Todos resmungaram.

– Horrível? – devolveu Marianne, fazendo estalar um *cracker* de Natal e espalhando bocadinhos coloridos de papel e doces em cima da mesa.

– Eu como! – gritou Michael, puxando o prato dela e tirando uma enorme garfada. Revirou os olhos de sublime satisfação. – Perfeito! Delicioso! Super saudável!

Zenia pegou no pequeno *cracker* que tinha ao lado do prato e estalou-o à frente dele, rindo-se exageradamente quando Michael piscou os olhos com o barulho.

– Quero a minha moeda – declarou Zenia, pegando no brinde e limpando as migalhas.

– Então fica com a tua moeda ridícula – devolveu alegremente o rapaz. – Se consegues chamar *horrível* ao nosso pudim de Natal! Que cérebro de galinha!

Zenia olhou, inquieta, para Marianne, esperando que a madrastra não estivesse sentida, mas ela sorria e tinha o rosto rosado. Sofrera um ataque de reumático não muito depois de Zenia chegar, e esta sentira-se satisfeita por poder atarefar-se a ajudar em tudo o que podia. As semanas de convalescença tinham-na feito sentir-se mais em casa. Útil. Estava habituada a servir e para ela fora uma felicidade cuidar de uma doente tão benévola. Além disso, mais valia cuidar de Marianne do que pensar no que se passava consigo.

O horrível vestido preto que trouxera de Suez fora substituído, mas Zenia continuava a usar preto, e a costureira que fora lá a casa, muito prática, aconselhara um estilo que facilmente lhe deixaria a cintura folgada. Em nada mais se mencionara a sua condição. Às vezes, quando estava a coser ou a escrever alguma carta a pedido de Marianne, deparava com o pai a olhar para ela, com uma expressão sombria no rosto. Mas ele devolvia-lhe imediatamente um sorriso, que, de tão terno, ofuscava todos os seus medos.

Escolheu não pensar no assunto. Optou por viver o momento, desfrutando do azevinho e dos presentes de Natal, escutando os cantores de Natal que percorriam as casas e entregando-se ao prazer de lhes servir ponche quente. Cantou um dueto que Mr. Jocelyn lhe ensinou, enquanto este a acompanhava ao piano, com a sua voz envolvente de barítono. Perdeu no jogo das prendas e ganhou às adivinhas e na mímica. Na última ronda, quando os sinos da igreja davam um quarto para a meia-noite, o jovem Michael imitou um camelo. Zenia não ganhou; fez questão de rir muito alto e depois disse que teria de ir ao andar de cima buscar o xaile.

No quarto, colocou o xaile por cima dos ombros e sentou-se, mexendo-lhe nas pontas, atando-as e desatando-as.

– Não chores! – murmurou para si própria, fixando o olhar no carvão da lareira. – Não chores!

Não teve noção do tempo que decorrerá até ouvir o som dos passos de Michael nas escadas e no corredor. Um pouco depois, o pai bateu à porta, baixinho. Zenia levantou a cabeça e ajustou o xaile ao corpo quando ele entrou.

– Não se levante – disse ele com suavidade. – Já são bem horas de dormir.

Fechou a porta atrás dele. Ela sentou-se muito quieta, atando e desatando o xaile. O pai parou perto da lareira, virando-se para ela. Parecia pouco à vontade, como se tivesse esquecido daquilo que o levava lá.

– Foi um Natal maravilhoso – disse Zenia. – O Natal mais maravilhoso...

– Por favor – interrompeu ele. – Eu sei que quer agradecer-me, mas isso só me deixa mais

desconfortável. É o primeiro que tem, não é?

Ela fitou o fogo sem responder.

– Zenia... Só quero que saiba que é bem-vinda aqui. Quando a criança nascer...

Ela olhou de imediato para ele.

– Sim, eu estou a par – prosseguiu ele. – Mrs. Smith informou-me. Mas não quis ser indiscreto nem deixá-la pouco à vontade. Só quero que saiba que tem um lar. Já pouco frequentamos a vida social; há muito que deixou de me interessar, e a Marianne... Bom, conhece a situação. Este é um bairro liberal, onde vivem pessoas como artistas e escritores. Ninguém se mete nos assuntos de ninguém. Não sei o que tem em mente para o seu futuro, mas...

– Ficaria convosco para sempre! – declarou ela muito depressa. – Se pudesse.

Ele fez um sorriso breve.

– Bom, para sempre poderá ser mais tempo do que julga, mas pode ficar até escolher, de sua própria vontade, sair. – Inclinou a cabeça. – Ainda é jovem e poderá voltar a casar.

Ela baixou o rosto.

– Obrigada – disse.

– Parece-lhe – retomou ele com delicadeza – que a família do seu marido deveria ser informada da sua condição?

Ela abanou a cabeça.

– Pela criança, Zenia?

Aquilo não lhe parecia muito real. Mrs. Smith dissera-lho, assim como a costureira, e agora o seu pai. Sentia mudanças no seu corpo, em dureza e suavidade, mas estava tudo tão diferente que elas eram apenas uma parte.

– Por Lord Winter? – perguntou ele, ao não obter resposta da parte dela. – Será justo para a sua memória, esconder um filho dele da família?

Ela mordeu o lábio.

Ele ajoelhou-se ao lado dela.

– Zenia, a criança é de Lord Winter?

– Sim – respondeu ela. Dissera-o com mais clareza e firmeza do que lhe parecera possível. Viu uma ruga entre as sobrancelhas do pai, que ainda a olhou durante bastante tempo. Por fim, perguntou:

– Ele aproveitou-se de si? Forçou-a?

– Não. – Fechou os olhos. – Não, de todo. Queria que eu dormisse. Eu estava com medo e ele queria que eu dormisse.

Ela julgou que o pai faria mais perguntas, mas ele deixou-se simplesmente ficar ajoelhado.

– Ele prometeu que me traria para Inglaterra – disse ela. Olhou para o rosto preocupado do pai. – Deu-me a sua palavra em como me traria. E fê-lo.

Ele colocou ambas as mãos por cima das dela.

– Zenia, tenho de lhe perguntar. Devo fazê-lo. Ele casou-se consigo?

Ela agarrou o xaile com força.

– Será terrivelmente mau se não o tiver feito, não será? Vou ser espancada? Vão tirar-me da sua casa?

– Não! – exclamou ele agarrando-lhe ambas as mãos. – Não. Claro que não!

– Usei a carta dele para me darem um bilhete para casa. E toda a gente começou a chamar-me Lady Winter e a ajudar-me, e a ser gentil comigo. E eu... O que podia fazer? Não tinha nenhum... Queria vir

para casa! Queria encontrá-lo! Foi só isso que eu sempre quis, encontrá-lo!

– Está tudo bem – sossegou ele abraçando-a contra o ombro e embalando-a. – Está tudo bem. Minha querida.

– Não posso chorar! – exclamou ela, afastando-se e levantando-se. Respirava com dificuldade e agitação. – Ele não ia gostar que eu chorasse.

O pai levantou-se, um vulto indefinido com o fogo e a pedra da lareira por trás. De rosto contraído, levou a mão aos olhos.

– Se puder ficar aqui – prosseguiu ela. – Se puder ficar aqui e ajudar a Marianne e passar o próximo Natal e dizer ao Michael, quando ele ingressar nos Grenadier Guards, o quanto fiquei feliz, porque tenho a certeza de que o fará, já que o deseja tanto. Se puder ficar!

– Pode ficar – afirmou o pai. – E todas as noites me ajoelharei diante de Deus, dando graças por Lord Winter a ter trazido até mim.



Estava-se em finais de março e Zenia encontrava-se na saleta das traseiras com Marianne a regar um vaso de vigorosos narcisos amarelos. Pousou o regador no chão, inclinando-se desajeitadamente sobre o ventre cada vez maior.

A porta abriu-se. O pai entrou.

– Zenia – disse num tom sombrio. – Terás de descer ao andar de baixo, querida. Tens uma visita.

A expressão do seu rosto deixou Zenia apreensiva. Marianne levantou-se.

– Quem é, Michael?

– É o conde Belmaine.

– Oh, Céus – disse Marianne. – Queres que vá?

Zenia levantou-se. Dirigiu a ambos um olhar ansioso.

– Quem é o conde Belmaine? – perguntou com timidez.

O pai sorriu-lhe, com súbita doçura.

– Ah, se ele a tivesse ouvido perguntar... – disse. – Talvez o deixasse um pouco menos cheio de si. É o pai de Lord Winter, querida. Não precisas de ter medo dele. Eu fico contigo e a Marianne também pode vir, se quiseses.

Zenia espreitou Marianne, que estava a ter uma semana difícil. – Não, não deve descer. Se o pai for comigo...

– Eu vou – disse o pai, segurando a porta para ela passar.



No escritório do pai, um homem elegante aguardava-os junto aos cortinados abertos. O sol de inverno iluminava-lhe um dos lados do rosto, o que instigou imediatamente a memória de Zenia, revelando uma semelhança que, apesar de toda a preparação, a deixou desconcertada. Parou à porta, perdida.

Ele demorou-se a olhar para ela, o bastante para Zenia perceber que era mais orgulhoso do que o filho, que os olhos, embora azuis, eram mais frios, que a sua pele era clara e o porte impecavelmente ereto, e o cabelo escuro já tinha tons de prata. Sem pudor, grave e frio, fitou-lhe diretamente a cintura

e depois o rosto.

– Desejo falar com ela a sós – disse.

– A minha filha pediu que ficasse com ela – declarou o pai. – Zenobia, este é Lord Belmaine. Belmaine, esta é a minha filha.

– Lady Winter – disse o conde, em tom mordaz. – Ou assim mo informaram.

– Permita-me deixar uma coisa muito clara. – O pai interveio com um tom de voz suave mas ameaçador, que Zenia nunca lhe ouvira. – Não tolerarei nenhuma falta de consideração nem nenhuma insinuação para com a minha filha na minha casa. Ela vive comigo. Não lhe solicitou nada a si. – Pegou numa cadeira para Zenia se sentar, colocando-a perto da lareira. – Foi o senhor quem escolheu visitá-la.

Zenia sentou-se, apoiando-se nos braços da cadeira. As narinas do conde oscilaram ligeiramente. Olhava para ela como se estivesse capaz de a devorar, com uma irritação predatória.

– Bem – disse a Zenia. – Tem alguma certidão de casamento? Um registo? Testemunhas?

– Não – respondeu ela.

Ele deu meia-volta e pôs-se a observar um castiçal de parede, com as mãos atrás das costas.

– Não – murmurou. – Apenas um «não»! – Lord Winter continuou a fitar o castiçal. – Usou o nome do meu filho.

Zenia, envergonhada do seu subterfúgio, não disse nada. Tratava-se de mentiras, mesmo que não tivesse sido ela a autora.

– Viu-o morrer? – perguntou Lord Belmaine, para o castiçal.

– Não. Ele deixou-me num camelo com um oficial egípcio e foi buscar a espingarda; eu não tornei a vê-lo, porque o egípcio me levou.

Os olhos dele estreitaram-se.

– Diga-me o nome do tal, do tal cavalo que ele queria obter.

– *Colar de Pérolas*.

– E qual foi o nome que ele utilizou como disfarce?

– Abu Haj Hasan, *O Mouro*.

– E em que sítio é que o prenderam?

– Hail, no Nejd.

Lord Belmaine voltou-se.

– Estava com ele, então. É aquela absurda rainha dos Ingleses. Procurei informações. Recebi cartas dos cônsules de Beirute e do Cairo. Em todas as cortes, daqui a Calcutá, se fala no assunto: a filha bastarda de Hester Stanhope, a viver como se fosse uma beduína imunda numa tenda do deserto! – Olhou para o pai dela. – De Hester Stanhope... e sua.

– A minha *filha*, Belmaine. Que está sob a minha proteção.

– Não tenho qualquer interesse pela sua filha, Bruce, a não ser que esteja grávida do meu filho! E se estiver... então considere-a sob a *minha* proteção. Eu esperei. Julguei que uma aventureira me viria com fálinhas mansas. Mandeí vigiar esta casa. Passei meses à espera. O meu filho! O meu filho está morto, e eu esperei. Mas a senhora não vai bater-nos à porta, pois não? Não vai pedir dinheiro. Não é dele? – Deu mais uma volta e sentou-se, com a voz trémula. – Trata-se somente de um jogo para me enlouquecer?

Zenia olhou para a cabeça inclinada dele e disse:

– Talvez não acredite na verdade.

Ele levantou a cabeça.

– Eu estive com Lord Winter – prosseguiu ela com frieza. – Uma noite, em que sabíamos ambos que iríamos ser executados de madrugada. Nunca estive com outro. Ele é o pai do meu filho.

Do meu filho. Era a primeira vez que pensava naqueles termos. Um filho dela. Pressentiu que aquele homem o queria e um sentimento feroz de posse tomou conta de si. Teve de se agarrar à cadeira para conter a vontade de abraçar o ventre e guardar só para si o bebé que crescia no seu interior.

– Não tenho provas – declarou, antes que ele perguntasse. – Não tenho provas de nada, mas não lhe nego a verdade porque Lord Winter era seu filho.

Os olhos do aristocrata detiveram-se nos dela, com aquela cor tão familiar, mas diferente. Mais clara.

De repente, levantou-se.

– Não tem certidão de casamento – disse numa voz áspera. – Perdeu-se. – Olhou para o pai dela. – Está a compreender-me, Bruce? Perdeu-se no deserto. Pessoalmente, sinto que pode ser localizada. Farei tudo o que puder para a localizar, tudo o que estiver ao meu alcance para a encontrar. Está a compreender?

O pai pousou-lhe uma mão sobre o ombro. Apertou-o.

– Zenia?

Ela abriu a boca para dizer que não havia certidão alguma que pudesse ser localizada, mas Lord Belmaine fitava-a com o semblante muito carregado, parecendo profundamente irritado.

– Minha senhora – disse. – Não fale. Admiro a idoneidade. Admiro a honestidade. Mas, antes de falar, deixe-me colocar-lhe a questão do princípio que está em jogo. A senhora, melhor do que ninguém, saberá o que é ser-se bastardo. Está nas suas mãos dar ao seu filho o nome do pai, o nome e a posição que lhe pertencem por direito, ou negá-los. – Levantou-se muito hirto, com as mãos atrás das costas. – Senhora... Lady Winter, não quero que me minta. Acredito que se casou com o meu filho e que perdeu a certidão de casamento, que será devidamente repostas. É nisto que acredito. E é com base nisto que irei proceder. Peço-lhe apenas, pelo seu filho, pelo futuro dele, que não seja indiscreta.

O meu filho. Zenia pensou na mãe, na sua própria vida, de vergonha e impotência. Voltou-se para o pai. Olhou-o com gravidade, reflexo perfeito da miniatura que todos os dias lhe alimentara os sonhos. Ele dissera-lhe que podia ficar todo o tempo que desejasse. Mas o futuro era implacável na sua chegada.

O meu filho. Sem nome, pois ela também não o tinha. Sem pai.

– Não – sussurrou. – Não serei indiscreta.



O bebé nasceu em Swanmere, num quarto decorado a verde e ouro que cheirava a coisas antigas, com os cuidados de um médico e de duas parteiras e com Lady Belmaine à cabeceira, mais parecendo uma estátua imponente, enquanto Zenia suave e ofegava, sentindo o seu corpo a ser rasgado. Abriu os olhos várias vezes durante o parto, deparando sempre com Lady Belmaine, muito direita e séria, com o cabelo liso como asas de pomba, as maçãs do rosto proeminentes e brancas, a boca bonita e austera.

Zenia não gritou, embora lhe tivessem dito que devia. Não gemeu. Era «bedu», el-Nasr, Selim. Atravessara as areias vermelhas. Não deixaria que Lady Belmaine a visse fraquejar.

O que começou num martírio terminou numa onda de exclamações: ordens e conselhos que ela foi incapaz de escutar. Só conseguia ouvir: *Não chore, maldição*; só conseguia ver Lady Belmaine; e só sentia dor.

– É uma menina – ouviu alguém dizer, algures.

E, no silêncio, Zenia ouviu-a tossir e começar a chorar.

– Parabéns – felicitou-a alegremente um dos médicos. – É um bebé perfeitamente saudável. Com boa cor; excelentes pulmões.

Lady Belmaine franziu os lábios. Olhou para Zenia, de forma breve e impaciente, e depois para o seu rosto e as mãos apertadas.

– Direi a Belmaine – anunciou, dando meia-volta.

CAPÍTULO 12



Londres, dezembro de 1841

O cartão de visita, pousado na mesa do vestíbulo, aguardava a entrada do dono da casa. Michael Bruce olhou para ele ao chegar do seu jantar mensal no Lincoln's Inn e parou, petrificado. Tirou a luva e pegou-lhe.

Impresso num papel singularmente fino viu em letras pequenas o nome *Arden Mansfield, visconde Winter* e, escrito a preto num canto, numa caligrafia firme: *Traveller's Club ou hotel Clarendon*.

Michael Bruce abanou a cabeça. Permaneceu de olhos fechados durante um bom bocado, abanando a cabeça para a frente e para trás, com um misto de horror e incredulidade.

– Meu Deus. Oh, Deus misericordioso. Estou velho de mais para isto – murmurou, voltando-se para as escadas. – Marianne! – gritou, galgando-as duas a duas.



Mr. Michael Bruce não tivera sempre uma vida de paz e sossego em Marylebone. Na sua juventude, viajara pelo Continente no auge do domínio de Napoleão; aos vinte anos, testemunhara o bombardeamento de Copenhaga e, aos vinte e um, rondara as fileiras dos inimigos nos campos de batalha da Guerra Peninsular. Aos vinte e dois amara e vivera com uma mulher extraordinária, desconcertante, ativa e sensual, onze anos mais velha do que ele; abrigara-a nos seus braços num rochedo batido pelas águas quando o navio dos dois naufragara ao largo de Chipre; seguira-a até aos palácios orientais onde se sentara a fumar com paxás e príncipes saídos das Mil e Uma Noites; no deserto, aguardara, ombro a ombro com ela e de pistolas armadas, o ataque dos beduínos. Era espezinhado e adorado por ela numa mesma frase; cederia ao ego dela; vivera à sua sombra; implorara-lhe que se casasse com ele, muito depois de saber que fazê-lo seria o maior desastre da sua vida. Deixara-a nas praias do Líbano porque ela lhe disse aos berros que tinha de ir. Viajara com a memória do seu rosto banhado pelas lágrimas e em Constantinopla encontrara uma rapariga tranquila e terna que o idolatrava; atravessara França de aventura em aventura, de regresso a casa, porque, quando era novo, as mulheres apaixonavam-se por ele com tanta facilidade como quem respira, e ele nunca conseguia dizer que não.

Mesmo com Hester, nunca lhe dissera um adeus definitivo. Por qualquer razão, sempre alimentara

no seu coração a ilusão de que poderia regressar. Chegara até a fazer planos para a levar para França, mas ela recusara-se a ir – para seu alívio, de certa forma, recordou pesaroso. Tinha queda por mulheres dramáticas, supunha. Naquela altura, estava profundamente apaixonado pela pequena Algae, e profundamente envolvido no esforço desesperado para salvar o marido desta, o marechal Ney, da execução. Sucedera-se, então, a famosa, ou tristemente célebre, fuga de Lavallette de uma prisão de Paris e a detenção de Michael, em França, por alta traição; o julgamento pelo seu envolvimento na fuga; depois, o seu próprio encarceramento, de seis meses, na Prison de la Force.

Tão longínquo, tudo aquilo. Uma eternidade. A filha devia ter uns dois anos, na altura.

Regressado a Inglaterra, era uma espécie de herói. Durante anos, os jornais referiram-se a ele como «Bruce Lavallette». E depois... Marianne. Marianne, a viúva tranquila e sorridente, que, de um momento para o outro e sem concessões, fizera com que todos os seus empreendimentos e as suas azáfamas parecessem vãos. Ela recusara terminantemente ter uma aventura. Só o veria com a permissão da família dele, e da dela. Marianne, recatada e íntegra, que esperava simplesmente uma conduta irrepreensível, isenta de explicações e de desculpas. Até então, Michael fora o rei das explicações e das desculpas. Não sabia ao certo se, na sua juventude e imprudência, teria mesmo regressado ao Líbano para buscar a filha. Esperava que sim... E pareceu-lhe que Hester deveria estar certa disso, senão não teria guardado tão bem o seu segredo.

Atravessava a noite chuvosa, com o cartão de Winter no bolso. Talvez não fosse assim tão estranho o passado bater-lhe à porta na figura de uma filha, atendendo ao tipo de passado que era o seu; mas parecia-lhe extremamente peculiar, preparar-se para visitar um homem dado como morto há dois anos, o pai da sua neta, que poderia ou não estar disposto a reconhecê-la; que poderia ou não acatar a história conveniente que haviam engendrado; que poderia ou não ser o homem que Michael, com os seus cinquenta e quatro anos, se encarregaria de derrubar com um soco por se ter aproveitado da sua filha inocente, fossem quais fossem a porcaria das circunstâncias atenuadoras naquele maldito deserto.

Quando a porta da sala particular do Clarendon se abriu, Michael constatou que não era provável que conseguisse derrubar o visconde Winter. A retidão moral não prevaleceria sobre vinte anos de diferença e um peso bruto que não parecia inferior a noventa quilos. O homem que o recebeu tinha um físico poderoso, pele morena e aspeto de quem era rápido no gatilho.

– Michael Bruce – disse, tirando o chapéu molhado.

– Winter. – O visconde estendeu-lhe a mão. Fitou Michael com uns olhos azuis de expressão profunda. – Veio sozinho, senhor?

Foi com certeza um génio malvado que o incitou a responder:

– E quem iria trazer comigo?

A expressão que assomou ao rosto de Lord Winter fê-lo arrepender-se imediatamente.

– Ela não o encontrou? – perguntou o visconde numa voz sufocada.

Naquele momento, Michael perdoou-lhe. Mas deixou-o sofrer mais alguns instantes, enquanto pousava o chapéu e as luvas numa mesa próxima da porta.

– A Zenia está bem. Têm uma filha.

A pele morena do visconde Winter adquiriu uma tonalidade branca e depois avermelhada. Michael intuiu que deveria ser mais novo do que as marcas exigentes das suas aventuras fariam suspeitar. Parecia estar com dificuldade em saber o que fazer com as mãos tismadas pelo sol, pois começou por olhar para elas mas depois remeteu-as para trás das costas, afastando-se.

– Bom – disse ele, soturno –, se ela me quiser, eu desejo fazer o que é certo.

Os lábios de Michael estremeceram. Sentiu verdadeiramente pena do rapaz.

– Mas já fez, não foi? – devolveu com brandura. – Lady Winter reside em Swanmere com a filha, Miss Elizabeth Lucinda Mansfield.

Lord Winter devolveu-lhe o olhar, visivelmente estupefacto. Por um instante, pareceu rejeitar a informação, mas uma expressão carrancuda sobrepôs-se a qualquer vestígio de emoção. Dirigiu um olhar de apreciação a Michael.

– Claro – rematou.

– Faria o obséquio de me dispensar um pouco de xerez? – solicitou Michael. – Peço desculpa, mas está dado como morto. São os nervos da idade, sabe?

Um sorriso assomou à boca do visconde.

– Tem estofo que chegue, Mr. Bruce. – Serviu o vinho para um copo reluzente. – Não faltou muito. Por diversas vezes.

– Ainda bem. Não que lhe deseje mal, particularmente, mas prefiro acreditar que não seduziu a minha filha para simplesmente depois a abandonar.

Lord Winter serviu-se de vinho. Fitou o outro homem por cima do copo.

– Não – declarou, acrescentando, incisivo: – Pergunto-me se poderá dizer o mesmo.

– Suponho que tenha algum direito de perguntar. Nunca soube da existência de Zenia, até ela me procurar. O que me disseram foi que Lady Hester apanhou a peste e demorou muito tempo a recuperar. Confesso-lhe que, neste momento, me parece profundamente irónico. Pode ter a certeza de que me senti um filho da mãe, mas, quando as notícias chegaram, supostamente estava tudo bem. – Bebeu de um trago. – Sabe o que eu acho, Winter? Acho que Lady Hester estava à espera de ver se seria um rapaz. Tinha prometido ao meu pai que não permitiria que um casamento me arruinasse a vida. Era velha de mais. Estava sempre a dizer que era velha de mais. Gritou comigo até eu me ir embora. Mas julgo que, se tivesse sido um rapaz... – Pousou o copo e rogou-lhe uma praga. A emoção violenta que se apoderou dele apanhou-o de surpresa. Não fora sua intenção enveredar por aquele caminho.

Lord Winter continuava a olhar para o fogo.

– Era capaz de tudo, diria eu – comentou em tom neutro.

– Bom, duvido que me tenha chamado para falarmos disso – retomou Michael, levantando-se. – O que mais posso dizer-lhe? A sua filha é uma diabinha saudável, roliça e alegre. Lady Winter está incomparavelmente bela, agora que tem mais cuidados com a alimentação. Ficaré surpreendido... E agradado, espero. Quando chegou, estava completamente esgotada. Vou duas vezes por ano a Swanmere. Estão muito resguardadas. O seu pai não gosta que saiam de casa. Tem, talvez, alguma inclinação para as proteger em demasia, mas, vendo bem, julga que perdeu o filho. Fico satisfeito. Que palavra tão desadequada! Fico radiante por constatar que não. O seu pai já sabe?

Lord Winter abanou a cabeça, ainda de olhos postos no fogo.

– Julgo que devia escrever-lhe. Talvez possa fazê-lo por si, para minorar o impacto da notícia. Ele está bem de saúde, e a sua mãe também, mas será um choque absoluto.

Por fim, o visconde ergueu a cabeça. A sua expressão não revelava absolutamente nada.

– Devo escrever ao seu pai a anunciá-lo?

Lord Winter assentiu lentamente.

– Excelente! Digo que chegará a Swanmere dentro de... uma semana? Assim dá-lhes tempo para se

prepararem. A não ser, claro, que queira ir diretamente visitá-los. É óbvio que desejará fazê-lo quanto antes. Tenho a certeza de que não advirá nenhum mal.

O visconde recebeu os comentários com súbita veemência.

– Sem pressas, Mr. Bruce. Sem pressas. Não quero causar uma apoplexia a ninguém.



Taciturno, Arden arrumou as suas poucas coisas, depois de aliciar o porteiro com um pequeno suborno para que lhe tratasse do cavalo àquela hora tardia. Não podia passar mais tempo ali, às voltas no calor sufocante daqueles aposentos alugados, como fizera todo o dia. Teria preferido violência, mas contentava-se com movimento.

Uma filha! E *Lady Winter*. Julgara, por alguma razão, que ela acompanharia o pai na visita. Porque alimentara essa ideia? Eram mil e uma as coisas que poderiam ter-lhe acontecido; as possibilidades de desfecho acotovelavam-se: poderia ter morrido, ou nunca ter chegado a Inglaterra, ter sido rejeitada por Bruce, ter acabado como as centenas de mulheres desprotegidas que povoavam as ruas; poderia ter começado a trabalhar numa oficina, ou numa fábrica, ou ter-se tornado prostituta. Ou atriz. Haveria onde enquadrar os seus talentos.

Ele poderia ter procurado a vida inteira sem conseguir encontrá-la.

A única possibilidade que nunca lhe ocorrera, nem nos seus maiores devaneios, fora deparar com ela instalada em Swanmere, como *Lady Winter*.

Perguntou-se quem seria ela, aquela *Lady Winter*. Não conseguia imaginá-la. Tinha presente Selim e depois havia... uma mulher que lhe dissera: *Que diferença faz?*

Não havia mais nada que conseguisse recordar com alguma clareza. Deixara de ter a certeza de que ela fosse real, ou que alguma vez tivesse existido. Mas lembrava-se do que ela lhe dissera antes de fazer amor com ela. Não se recordava do timbre nem do tom da voz dela, mas, no presente, aquelas palavras pareciam-lhe infinitamente resignadas e frias.

Aparentemente, fizera alguma diferença, afinal, pensou enraivecido.

Evitou Oxford Street, escolhendo caminhos secundários para sair da cidade, pois conduzia a égua árabe *Shajar al-Durr*, *Colar de Pérolas*. No cenário de ruas desoladoras enegrecidas pelo carvão, parecia-lhe ainda mais etérea e frágil do que o habitual, ao lado do macho apático de pelagem castanho-escura avermelhada que o estábulo lhe atribuíra, o medo dela refletido no sacudir das orelhas e no suave resfolegar. E, contudo, embora tremesse, seguia com doce delicadeza; uma princesa, balançando os cascos delicados sobre o pavimento molhado, vendo a sua brancura refletida pelas pedras.

Era o seu troféu. O que justificava aqueles três anos da sua vida; a cicatriz cauterizada e as pontadas de dor persistentes no seu flanco esquerdo; o sangue e a futilidade. Tinha sido Rashid e não os Sauditas quem o abatera e o roubara aos egípcios como uma cabeça de gado. Depois, durante um intervalo de tempo que não conseguia determinar, fora deixado nas tendas negras dos Shammar, suspenso entre a vida e a morte, devido ao ferimento que tinha no corpo, a razão perdida entre sonhos estranhos e assustadores.

Recuperou, mas Rashid reteve-o como a um escravo, uma amizade na ponta da faca, até Arden compreender que nunca deixara de ser refém da imagem fantástica da rainha dos *Englezys*. Os mitos, a magia e as lendas eram a seiva do deserto, e o príncipe um misto de pragmatismo militar e de

devaneios românticos. Um testa de ferro, ou algum tipo de imagem, eram suficientes. E, depois de ouvir horas a fio as inebriantes certezas do príncipe Rashid, até Arden começara a acreditar que pelejavam por uma rainha que ocupava um lugar não muito distante, espírito soberano das montanhas desoladas e do imenso céu acobreado, e que ele era o seu comandante terreno, enviado ao príncipe Rashid. Escudo, lança e arma demoníaca, descido ao deserto ardente e vil.

Não podia negar que a mulher de carne e osso lhe parecera irreal. Lembrava-se de Selim; sentia saudades avassaladoras do rapaz, das palavras inglesas e da tranquila camaradagem. Mas aquele dia e aquela noite, em que a sua percepção lhe oferecera a presença de uma mulher – e que mulher linda, desejável e inquietante – eram demasiado inconcebíveis. Perdera-lhes o rasto. Não conseguia associar-lhes nenhuma sensação nem nenhum sentimento. Teve de resistir ao seu carácter onírico, de dirigir a sua atenção para os factos e, à medida que o tempo foi passando, até perdeu a capacidade de os evocar, ou de os tornar mais reais do que o quotidiano da sua vida no deserto.

Era Abu Haj Hasan, que cavalgava sob estandartes que se desenrolavam como línguas de serpentes, ostentando as palavras de Alá, que proferia em uníssono gritos de guerra com os guerreiros de Shammar e Kheytn, que galopava ao lado do príncipe Abdullah ibn Rashid que, montado na égua que dava pelo nome de *Colar de Pérolas*, dominava a vastidão do deserto. O resto do mundo desaparecera, completamente eclipsado numa memória ténue e inquieta.

Mas, certa noite, entre os poemas e histórias contados à fogueira com uma chávena de café, alguns kheytn mencionaram um estrangeiro, um franco, que vivera naquela tenda enquanto rapaz. Um deles perguntara ao pai quem era aquele homem, com a sua barba vermelha e falar estranho, e o que fazia ali. E o seu pai respondera-lhe que o homem era *dakhile*; que vivera como convidado na tenda do seu avô e que, quando o avô morrera, passara a ser convidado do seu pai; e que, se ao seu pai e ao seu avô não lhes ocorrera perguntar por que razão viera ou ficara, então, seria uma indelicadeza grosseira que o seu filho, um simples rapaz, com a graça de Alá, indagasse acerca de algo que não lhe dizia respeito.

Era uma história dirigida às crianças, que a escutavam de olhos muito abertos; uma pequena parábola sobre a etiqueta própria do deserto, de não intromissão nos assuntos dos que os visitavam. Mas, ali à luz da lareira, a única imagem que persistia na mente de Arden era a do velho solitário que se instalara entre estranhos e como estranho vivera até morrer.

No dia seguinte, quando batiam terreno em preparação de um raide, em Aden, vira fuzileiros e marinheiros ingleses e, de forma súbita e inusitada, o seu velho eu resgatara-o num brusco e doloroso realinhamento. A partir daí foi fácil, porque tinha a confiança de Rashid. Durante a noite, pegara na égua *Shajar al-Durr*, libertara-a das cordas que a prendiam, caminhara com ela até às muralhas de Aden e quase provocara um ataque cardíaco ao sentinela adormecido ao dirigir-se a ele em inglês.

Deveria ter previsto aquelas reações de perplexidade, supunha. Deveria ter consciência de que a vida seguiria sem ele. Já acontecera antes sem que tivesse qualquer importância significativa.

Naquele momento, com a chuva a descer-lhe pela gola e a entrar-lhe pelas luvas, sentia-se perdido.

Na viagem de regresso, ansiara por chegar a Inglaterra, uma emoção nova. Daquela vez o deserto quase o devorara. Sabia que correra grave risco de perder a sua identidade. Queria voltar para casa. Queria os lugares que conhecia de memória, e a língua que era a sua. E, com o decorrer da viagem, gradualmente o seu sentido de identidade fora-lhe restituído. A sua língua passou a lembrar-se de não falar árabe; os seus dedos de como apertar o colete e segurar um garfo; o seu corpo recuperou o

hábito do casaco e da prisão das botas. Lembrou-se das coisas que era importante dizer e fazer na companhia de viajantes europeus.

Uma vez ou outra abria-se um abismo por baixo dele. Numa qualquer ocasião trivial por um instante não tinha a certeza de que ação tomar: deveria servir-se para um dos pratos que estavam na mesa ou aguardar que o servissem? Seria apropriado apertar aquela mão? A sua faria um movimento e então ele tinha de escolher, conscientemente, o que fazer naquele momento. Pequenas coisas, coisas minúsculas, por baixo das quais se abria um poço negro de incerteza.

Naquele instante, por exemplo, mal sabia para onde se dirigir. As ruas eram familiares; sabia o trajeto para casa, mas a estrada para norte estava-lhe vedada durante uma semana.

Sentia-se espoliado. Desnorteado. *Lady Winter*, em Swanmere. Miss Elizabeth Lucinda Mansfield no quarto das crianças. Lord Winter não seria, propriamente, muito bem-vindo, naquele harmonioso reduto. Bruce praticamente lho atirara à cara.

Pensou, rancoroso, cavalgar toda a noite, chegar a Swanmere de madrugada e deixá-los testar a resistência dos seus corações. Perguntou-se que meios ela teria utilizado para convencer o pai de que era mulher dele, que argumentos profundamente convincentes. O seu pai não era tonto nenhum.

Mas vendo bem, Selim enganara Arden sem muita dificuldade, e ele também não se julgava um néscio.

Em Hounslow, quando as casas começaram a afastar-se da estrada, Arden abrandou para meio galope. A pequena égua seguia-os como um fantasma, soprando nuvenzinhas de vapor sobre a cidade iluminada. Pena estar-lhe vedado o escape de matar alguns salteadores. Nas ruas não surgia nada mais interessante do que algum tráfego tardio.

Em Longford, parou na encruzilhada. Aproximava-se a meia- -noite e aquele era o último ponto onde poderia virar facilmente para norte e chegar a Swanmere pela manhã.

Imaginou-se a entrar no quarto da sua «mulher». E, quase no mesmo instante, a coragem falhou-lhe.

A insensatez daquela ideia foi rapidamente sustentada por um sem-fim de razões. Os criados não o reconheceriam, pois há quase treze anos que não ia a casa. Arriscava-se a que lhe fosse vergonhosamente vedada a entrada na sua própria casa; pior, teria de perguntar onde dormia a sua suposta mulher. Sentou-se, horrorizado com a possibilidade de ter de explicar quem era e o que queria a um qualquer porteiro petulante, daqueles que a mãe contratava sempre para desencorajar as classes inferiores.

E, a seguir, era o abismo. Quem era ela? Que aspeto teria? Não conseguia lembrar-se.

Só se recordava do que ela dissera. *Que diferença faz?*

Guiou os cavalos para oeste, para longe de Swanmere.



À ingloria hora das cinco da manhã, Sir John Cottle foi arrancado ao seu leito aconchegante por um grito. Abriu de rompante a janela, semicerrando os olhos para os dois vultos que discernia no nevoeiro, fantasmagóricos à meia-luz do pátio.

– Não acredito! – disse. – Que diabo é isto?

– Trouxe-lhe a sua égua – respondeu uma voz rouca. – *A Colar de Pérolas*.

Sir John inspirou profundamente. Durante bastante tempo não se mexeu. Depois, enfiou os pés nuns chinelos, agarrou num casaco e desceu em corrida até ao vestíbulo. Um mordomo sonolento assomou

das escadas secundárias no momento em que o senhor da casa levantava o ferrolho.

Desceu os degraus a correr.

– Deus seja louvado! Winter! É você?

– Sim – respondeu o visconde Winter, não sem ironia. – Sei que é um choque.

– E a égua... É a égua, meu Deus? Olhe para ela! Que coisa bonita! – Falava num tom de voz estranhamente afável, ansioso. – Winter, por tudo o que é sagrado! Pensámos... Bem, esqueça lá isso, meu bom homem! Importava-se... Podemos afastar-nos um pouco da casa por um instante?

Expedido, nos seus chinelos, o homem ultrapassou os cavalos seguindo pelo caminho de acesso. Lord Winter seguiu-o com o olhar, com um erguer das sobrancelhas, deu meia-volta ao cavalo e foi atrás dele.

Quando a casa desapareceu no nevoeiro, Sir John voltou-se. O seu rosto redondo mostrava-se tão angustiado que parecia prestes a irromper em lágrimas.

– Não posso ficar com ela! – gritou. – Lamento! – Deu um passo atrás como se não quisesse sequer tocar na égua delicada que o observava com as orelhas espetadas.

– O que se passa? – perguntou o visconde em voz baixa.

– Casei-me – respondeu Sir John em desespero. – Lamento. – Ergueu as mãos num gesto de impotência. – Tive de vender o meu estábulo inteirinho. Ela não o queria. Ferve de ódio por cavalos de corrida. Oh, Winter, que vontade tenho de chorar. Olhe para ela! Olhe-me aqueles jarretes!

Lord Winter contemplou a figura ridícula de Sir John parado no caminho de acesso a sua casa, de camisa e touca de dormir.

– O Gresham? – perguntou, depois de um momento de silêncio.

Sir John emitiu um ligeiro sibilar.

– Duelo. Zarpou para o Continente.

O visconde ficou a olhar para Sir John com uma expressão de tal forma intimidante no rosto que o homem em trajes de dormir humedeceu os lábios.

– Tenho a certeza de que consigo encontrar-lhe um comprador – acrescentou rapidamente. – Sem dificuldade nenhuma!

Com um riso fraco, o visconde abanou a cabeça. Deu a volta aos cavalos e passou pela frente do homem.

– Não é preciso. Tenha um bom dia.

CAPÍTULO 13



—O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te conceda a paz, agora e para sempre. Ámen.

— Ámen — entoou a congregação. O sacerdote virou para cima as palmas das mãos, assinalando o momento de se levantarem. Quando os ocupantes dos primeiros bancos fechados começaram a dirigir-se à família vestida de luto, expressando ordeiramente e com uma pequena vénia as suas condolências, Zenia aguardou, com as mãos envoltas no regalo de pele de marta. A sua respiração desenhava nuvens ténues na tela fria do ar. Ao seu lado, a condessa Belmaine, imóvel e silenciosa, observava a progressão das filas com o rosto tranquilo.

— Parecemos destinados a encontrar-nos em funerais — murmurou atrás de Zenia uma voz seca.

Ela soube imediatamente quem era. Há duas semanas que o sabia; aguardara apenas o momento. Levantou-se do banco com a cabeça a latejar.

A mãe também o ouvira, certamente, mas não deixou transparecer qualquer vestígio de emoção. Limitou-se a segurar o vestido e a erguer-se, saindo do banco quando abriram. Zenia não teve a mesma estoicidade; voltou-se, espreitando por baixo da pluma negra de avestruz que lhe ornava a touca.

Lord Winter, vestido de negro, ostentava o fumo de crepe no braço e no chapéu, tal como era devido; um perfeito cavalheiro. Mas tinha a pele profundamente bronzeada pelo sol e o azul dos seus olhos sobressaía de forma avassaladora. Ela não esquecera aqueles olhos. Ele olhava-a com uma intensidade gélida, não revelando mais emoção do que a mãe.

— Minha senhora — disse ele com suavidade, tirando o chapéu para lhe indicar que avançasse primeiro.

Minha senhora. Zenia sentiu-o seguir os seus passos. Sentiu a presença dele ao seu lado quando segurou as mãos dos familiares enlutados; viu nos olhos vermelhos deles o choque de verem Lord Winter; alguns, perdidos de dor, nem repararam na presença dele. O falecido era descendente de uma família do condado; membro do Parlamento, defensor de leis protecionistas e de causas conservadoras. Em sinal de consideração, Lady Belmaine em pessoa tratara de providenciar as coroas de flores brancas junto das casas dos descendentes de Swanmere.

A viúva segurou na mão de Zenia agarrando impulsivamente na de Lord Winter também.

— Oh, louvado seja Deus! — disse, embargada, observando-o através do véu. — Ouvi a notícia, mas... Oh, que bem me faz ao coração neste momento, constatar que está bem e de regresso a casa, para junto da sua doce mulher e da sua pequenina!

Lord Winter não tirou a mão.

– Ainda bem – disse este bruscamente, ao mesmo tempo que Zenia dizia:

– Lamento muito. – Mas olhou para ele, atrapalhada, e depois para a viúva. – Pela sua perda – acrescentou.

A viúva olhava já para a pessoa que se seguia na fila. Lord Winter deu o braço a Zenia, arrastando-a pela nave lateral atrás da figura muito hirta da mãe.

– A minha doce mulher e a minha pequenina? – perguntou rispidamente.

Pareceu-lhe irreal, cruzar o vestíbulo até ao exterior frio com a mão por cima do braço dele. Tudo à sua volta parecia pintado a tons de cinzento; a pedra severa da igreja, as nuvens de prata, as árvores despidas.

– Sim – confirmou Zenia. – Tenho uma filha. – Não se atreveu a espreitar para ele. – O senhor é o pai dela.

Ele colocou a mão por cima da dela e agarrou-a. Não era um toque reconfortante, nem amoroso. Transmitia extrema força, uma violência muda. Não conseguia perceber o que ele sentia, apenas que a magoava.

A mãe aguardava nos degraus da igreja. Saudou Lord Winter com um olhar gélido.

– Como é que se atreve a escolher uma ocasião destas para fazer a sua aparição? – perguntou, a meia-voz.

– Estou igualmente radiante por a ver, mãe – replicou ele calmamente.

– Por amor de Deus, Arden! É o funeral de Mr. Forbis! O que é que as pessoas vão pensar?

Ele fez um ligeiro sorriso.

– Suponho que vão pensar que eu não estou de todo tão morto quanto ele, pobre diabo.

– Guarde as suas blasfêmias para o seu clube. Falarei consigo quando chegarmos a casa. – Deu meia-volta, dirigindo-se para a sua carruagem.

– Pergunto-me porque não volto a partir – murmurou Lord Winter, vendo a mãe a entrar na carruagem –, com ameaças destas.

Zenia não disse nada. Olhou para o regalo. Uma brisa gelada ondulou-lhe as saias. As carruagens aguardavam todas em fila atrás dos veículos da família e dos enlutados profissionais, que ostentavam varas com fitas negras e rostos solenes. À cabeça da procissão, quatro cavalos negros reluzentes ataviados com plumas e arreios negros aguardavam imóveis o arranque do carro fúnebre.

– Trouxe o meu landau – disse ele. – Acompanha-me, Lady Winter?

Ela ficou em pânico.

– Julgo que Lady Belmaine espera que eu...

A mão forte de Lord Winter restringiu-lhe o passo.

– Sem dúvida que Lady Belmaine espera todo um sem-fim de coisas, mas irá reparar que os desejos do seu *marido* e da sua sogra raramente se destacam pela harmonia.

Zenia dirigiu-lhe um olhar fugaz.

– Eu...

– Aqui não – disse ele, orientando-a com veemência, sem deixar de saudar com uma vénia breve um casal que tencionava claramente abordá-los. Percorreram a longa fila de carruagens até ao último dos veículos, já fora do pátio da igreja e depois da praça.

Quando o alcançaram, Zenia tremia. Ele ajudou-a a subir o degrau e sentou-se no banco à sua frente. Um laçao com a libré dos Belmaine fechou a porta.

– Lord Belmaine insistiu que eu fosse viver... – principiou ela, sendo interrompida por ele.

– Meu Deus, sabe quanto tempo isto vai demorar? – Olhou pela janela. – Detesto funerais. – Tem sido infeliz?

– Não. – Zenia abanou a cabeça. Agarrou as mãos dentro do regalo. – Não.

O rosto dele pareceu ficar tenso. Ela espreitou-lhe o perfil. O sol vincara-lhe linhas em redor dos olhos e da boca. As faces estavam magras como as de um beduíno, o desenho do seu rosto mais severo. O pai da sua filha.

– É tão difícil acreditar que está aqui – declarou.

– É? – Espreitou-a. – Estou a ser *de trop*?

Zenia não julgara que Elizabeth se assemelhasse a ele, mas julgou sentir um aperto no coração num momento fugaz de semelhança, em que viu nitidamente a imagem da sua filha de alguma forma cristalizada numa expressão que era mais do que aqueles olhos azuis e cabelo escuro, maçãs do rosto proeminentes e a dureza da boca. Era um homem, queimado pelo sol e selvagem; e a filha, roliça, corada e de olhos escuros, um retrato do pai.

– Não... – Zenia conseguiu evitar morder o lábio. – O que é *de trop*?

– Um estorvo – respondeu ele secamente. A carruagem avançava confortavelmente, seguindo a procissão a um ritmo lento e grave.

– Não – disse ela. – Esta é a sua casa.

Ele reagiu com irónica amargura. Não parecia querer olhar para ela, pois entretinha-se a observar a marcha lenta do cortejo do funeral na sua passagem pela igreja.

– Meu Deus, quanto tempo é que demorará? – voltou ele a perguntar, deixando cair a cabeça contra o banco.

– Um quarto de hora até ao cemitério novo – esclareceu ela. – Fica do outro lado do rio. Depois o ofício e um almoço em casa dos Forbis... A sua mãe não ficará mais de uma hora. Deve estar terminado pelas três.

Ele ergueu as sobrancelhas, numa expressão que lhe trouxe memórias em catadupa.

– Vejo que é uma autoridade em funerais.

– Tenho ido a vários – replicou ela timidamente. – Com a sua mãe.

– Deveras. Que nora tão diligente.

– Não é nenhum incómodo – disse ela. – Gosto de ir.

Ele virou-se para ela.

– Que raio está a dizer? Gosta disto?

– É a maneira de os ingleses fazerem as coisas. – Zenia afagou o regalo. – É muito triste para as famílias, claro. Mas... Bem, não têm sido de ninguém que eu conheça.

– Oh? – disse ele com uma expressão sarcástica. – Eu não tive sequer um serviço fúnebre?

Ela continuou a afagar o regalo, sem parar.

– Houve uma cerimónia.

– Derramaste alguma lágrima, pequeno lobo?

Ela ergueu os olhos. O velho nome parecia ecoar no ar gelado que os separava. De forma abrupta, ele desviou o olhar, novamente para lá da janela, com a luz escura a tornar mais severo o seu rosto.

– Tem comido bem – comentou ele.

Zenia tinha perfeita noção de que a sua figura havia mudado. Tinha os seios e as ancas cheios e redondos, ainda moldados pelo efeito da gravidez de Elizabeth, e não se notava nenhum dos seus

ossos. Fora apenas uma observação cândida, em nada diferente ao que ela pudesse comentar sobre a permanência dele no deserto, mas, contudo, ela corou. Fora ele quem colocara Elizabeth dentro dela, alterando-lhe o corpo e a vida.

Continuaram sentados como dois estranhos. Eram dois estranhos.

– É tudo diferente, agora – retomou ela.

Ele deu uma risada sarcástica.

– Claramente. Está de vestido. *Allah akhbar!*

– Não falarei árabe – replicou ela, tensa. – Acabou.

– Estou a ver – disse ele. – Perdoe-me, Lady Winter.



Ele parou o landau no portão e desceu, deixando-o seguir sem ele. Adiante, a carruagem que transportava a sua mãe e a nora desta desaparecera já numa curva do terreno ajardinado. Dera-lhe um descanso – ou talvez a ele próprio – no almoço fúnebre, não protestando quando ela subiu para o outro veículo com a mãe dele.

Deteve-se a olhar os portões de ferro identificados com o brasão dos Belmaine, ignorando o porteiro. O homem levou a mão à cabeça, entrou na casa de guarda e tentou ocultar-se atrás dos cortinados para espiar. Arden não o conhecia. Nunca prestara muita atenção aos criados que andavam por Swanmere. Pouco sentido fazia; devido ao grau de preciosismo da mãe, era tão sistemático o movimento de idas e vindas da casa que todos eram conhecidos pela posição que ocupavam, em vez do nome. A contratação e o despedimento eram dois dos passatempos preferidos da mãe.

Deu meia-volta e subiu em direção à casa até deparar com uma árvore familiar. Abrigados por ela, os rododendros tinham crescido bastante, mas, para além dos seus ramos arqueados, o caminho continuava a conduzir ao bosque. Afastou os ramos pesados de orvalho com a bengala, e a sua respiração formava nuvens de condensação que se misturavam com o ar.

Parou antes de conseguir ver o lago. Ainda não estava preparado. Tão-pouco estava para entrar em casa. Iria seguir por etapas.

No ar pairava um odor ligeiro a fumo, a folhas molhadas e ainda, talvez, aos primeiros indícios da geada que chegaria com a noite. Fechou os olhos, inspirando o inverno de um bosque inglês. Se lhe fosse dado viver toda a vida numa floresta, pensou, como eremita ou uma raposa na sua toca, não teria tido necessidade de sair de Inglaterra.

Lembrou-se da altura em que escavara uma toca naquele bosque, por entre as enormes raízes de um ulmeiro, uma cova tão ampla que podia gatinhar até ao fundo, dar a volta e enroscar-se como uma marmota. Forrara-a com um cobertor dos cavalos e ficava horas lá deitado a fingir que era um urso. Ou, às vezes, fingia ser um texugo e semicerrava os olhos, tentando detetar pelo cheiro alguma minhoca no escuro.

É um rapaz bastante reservado, senhora, dissera um dia uma das precetoras. *Talvez ajudasse ter um companheiro da idade dele.*

Fora assim que um odioso primo afastado viera passar um verão e fizera desabar a cova, saltando em cima dela, fazendo depois queixa dele quando tentara repor o cobertor dos cavalos. Nesse verão, Arden aprendeu a lutar e a fugir. Não foi mais longe do que a taberna local, mas era só o começo.

Gostava de fugir de casa e tornou-se maquiavelicamente bom a fazê-lo. Quando tinha catorze anos, preparava-se para ingressar no exército, e só o azar de ter sido reconhecido por um laçao que acabava de ser dispensado de Swanmere e de se alistar o impediu de abalar com o regimento de infantaria n.º 82.

Alcançou o ulmeiro, que continuava a reinar sobre a vertente inclinada, com raízes que sobressaíam das folhas e da terra macia. O túnel há muito que desaparecera mas ele sentou-se na raiz espessa que formara um lintel sobre a entrada.

Tirou o chapéu e encostou o rosto aos braços cruzados.

Recordava-se vagamente de uma beleza frágil e agreste, tisonada pelo sol. Mas ela revelara-se absolutamente magnífica. A saia de seda negra, cingida na cintura, descendo em pregas volumosas; a pena na touca, as luvas de rede e o regalo de marta: tudo de uma elegância formidável. O seu rosto era como marfim, fresco e branco, emoldurado pelas vestes negras e sofisticadas, os olhos escuros com fartas pestanas, a curva das faces de macia pureza, a boca, tranquila e perfeita. Não se assemelhava a ninguém que já tivesse visto. Parecia uma deusa, de elegância e gelo.

Entre ela e o seu sonho no deserto, não havia a mais remota ligação. Era difícil acreditar que tinha feito amor com aquela mulher deslumbrante vestida de negro. Jamais se teria atrevido a tal. Apesar da beleza dela, pensou que não necessitaria de muito esforço para a detestar. Odiava senhoras da alta sociedade como ela. Tratara-a pelo nome que lhe dera no deserto e ela limitara-se a fitá-lo com desagrado, como se ele tivesse cometido uma gafe embaraçosa.

Se se tratasse apenas dela, ele já estaria a voltar as costas a Swanmere. O casamento deles teria validade quando as galinhas tivessem dentes. Era, de facto, boa atriz. De rapaz beduíno passara a mulher vulnerável e, agora, a *Lady Winter*. Mas ele podia despir-lhe esta nova pele num instante.

Ainda assim, Arden não se foi embora. Disseram-lhe que tinha uma filha. Depois de constatar a distância que existia entre ele e aquela mulher, não estava pronto a aceitar necessariamente a filha como sua. Mas não negava que tal fosse possível. Lembrava-se do facto de se ter deitado com ela; a sua mente só não era capaz de transformar esse facto na existência de uma criança nascida daquela união efêmera.

Ela era virgem, um dos factos mais marcantes na sua memória. Nunca tinha desflorado uma mulher. E, desde então, que não dormira com nenhuma.

Percorreu-o um surpreendente ímpeto de desejo. Ergueu a cabeça e contemplou o tronco de uma árvore. Depois de uma abstinência tão prolongada, vivia num estado de permanente inquietação, mas sentir aquele desejo de forma tão intensa e tão súbita, só por pensar *nela*... A sua reação deixava-o irritado e aborrecido.

Lançou uma pedra e ficou a vê-la bater no tronco e saltar. Depois limpou a terra das mãos e ergueu-se. Não iria adiar aquilo indefinidamente.

No caminho via a casa começar a surgir por entre as árvores. O lago refletia um céu tão cinzento como a prata, no centro do qual se alongava o rastro em V deixado por um dos cisnes. Além dele, a bela fachada de Swanmere dominava a longa extensão relvada num equilíbrio preciso de forma e de ornamento, as suas janelas altas encimadas por frontões, as pilastras e os vasos dispostos em perfeita majestade.

Arden deteve-se. A respiração pareceu condensar-se no seu peito. A boca e o maxilar ficaram tensos.

Tanto tempo. Tanto tempo que passara. E, contudo, tinha exatamente o mesmo aspeto. Enorme,

impecável e fria.

Fechou os olhos e deixou escapar uma risada muda e dolorosa. Sentia-se mais em casa junto do ulmeiro e da toca soterrada.

Durante um instante ridículo, quando descia pelo caminho que contornava o lago, desejou ter Selim ao seu lado. A indignação escapou numa gargalhada. Selim! Fez um esgar e recomeçou a marcha cravando a ponta da bengala no chão húmido.



Zenia fora diretamente trocar de roupa, sem parar no salão com Lady Belmaine. Que fosse ela a informar Lord Belmaine que o filho finalmente chegara. Zenia queria ver Elizabeth.

A filha entretinha-se a segurar colheres entre os dedos gorduchos. Zenia dispensou a ama e ergueu-a nos braços, encostando a boca à barriga dela, fazendo-lhe cócegas ruidosas. Elizabeth riu-se e tentou agarrar a pluma do chapéu de Zenia. As fitas do bibe azul e branco bailavam no ar.

Elizabeth não dormia no quarto das crianças. Zenia não suportava estar tão afastada da filha. Dormiam juntas na cama de Zenia; o quarto adjacente tinha um berço, coisas de brincar e um catre para a ama. Era do conhecimento de Zenia que Lady Belmaine não aprovava que assim fosse, mas nem esta nem Lord Belmaine pareciam interessar-se grandemente pela neta. Desde o nascimento de Elizabeth que Lady Belmaine não lhe dedicava muita atenção, porque não era rapaz, e o único comentário de Lord Belmaine fora que não era muito dado a bebés mas que a achava uma criança encantadora – observação que de algum modo implicava que voltaria a olhar para ela quando crescesse, mas antes provavelmente não.

Zenia não se importava. Elizabeth pertencia-lhe a *ela*. Estava contente por não ter sido um rapaz, pois sabia bem que, caso assim fosse, Lord e Lady Belmaine teriam exercido toda a sua autoridade e nunca lhe teriam permitido que ele ficasse com ela, à mercê dos seus mimos, do seu cuidado e do seu amor. Mas, com Elizabeth, deixavam-na fazer aquilo que quisesse, desde que não tirasse a filha de Swanmere. E, no dia do primeiro aniversário da menina, o conde chamara Zenia ao seu escritório e mostrara-lhe os papéis que faziam de Elizabeth a sua única herdeira, exceto as generosas doações em vida que definira para Lady Belmaine e Zenia.

– O título de nobreza ficará suspenso, claro – dissera, sentado atrás da sua enorme secretária, sem tirar os olhos dos papéis que tinha diante de si –, mas eu tomei providências para que o acordo possa ser permutado. Quando ela se casar, o marido deve adotar o nome Mansfield e, nessa condição o filho dela herda o meu título. Não preciso de a incomodar com os pormenores legais, visto que são bastante aborrecidos, mas pode ficar descansada porque a rapariga ficará com tudo.

Comportara-se de forma muito profissional e fria quando Zenia lhe agradeceu.

– Não precisa de me agradecer. – Olhara, por fim, para ela, com os seus olhos azuis muito claros. – Muito diretamente, minha senhora, esperei todo este tempo para me certificar completamente de que a rapariga é do meu filho. Mas a semelhança é incontestável. Sendo assim, esta é simplesmente a forma adequada de concluir as coisas.

Na altura, Zenia não julgara existir qualquer parecença entre os dois, embora jamais se atrevesse a proferi-lo. Agora, compreendia a observação do conde. E aquilo deixava-a apreensiva e assustada. Ele regressara, o pai de Elizabeth e, apesar de os traços do rosto e a coloração da pele serem muito diferentes, a filha era parecida com ele.

Zenia levou Elizabeth para o seu quarto e atirou-a suavemente para cima da cama.

– És minha – disse, brincando com os pés da filha. – Minha, minha, minha. Não é assim?

– Desce! – A menina rapidamente deu uma volta e posicionou-se para descer pela berma da cama.

Era uma criança enérgica e voluntariosa, com pendor para fazer birra quando contrariada. Zenia apanhou-a antes que ela caísse da cama alta, fazendo-a rolar até à banquetta, da qual Elizabeth desceu habilmente. Desatou imediatamente a correr para as suas colheres, rindo-se alegremente ao evitar a tentativa que Zenia fez para a apanhar.

Zenia deixou-a sair e dedicou-se a desatar a fita negra da touca. Os seus dedos, apesar de não tremerem, atrapalhavam-se. Ele regressara. Regressara com vida. Ela atirou a touca para cima da cama e tocou a sineta.

A rapariga que a servia quebrou o silêncio apenas para perguntar o que é que a senhora gostaria de vestir. Zenia deteve-se a olhar para o guarda-vestidos. Todos eles eram pretos, cinzentos ou cor de alfazema. Ao fim de um ano, Lady Belmaine, supôs, na sua forma calma de estar, que a viúva de Lord Winter não quereria deixar o luto por completo. Inicialmente, Zenia não dera grande importância ao assunto, mas, nos últimos tempos, começara a sentir uma certa vontade de usar cores como as que usavam as outras senhoras.

Fora antes de saberem que, afinal, ela não era viúva. Nem sequer uma falsa viúva. Zenia tivera duas semanas para se habituar à ideia e, mesmo assim, continuava a parecer-lhe que tinha uma couraça à volta do coração, inibindo-lhe a capacidade de bater. E, no instante, em que ouvira a voz dele na igreja... Pasmava-a que não se tivesse desfeito em mil pedaços.

Ele demorara mais uma semana a regressar do que era esperado. Uma semana mais durante a qual se questionara sobre qual seria o aspeto dele, o que diria, se denunciaria abertamente o embuste. Lord Belmaine não comentara nada a esse respeito; limitara-se a inclinar a cabeça na sua direção e a murmurar, com ligeiro acinte, que todos se sentiam satisfeitos com a notícia de que Lord Winter não tinha sofrido uma morte prematura. Parecia importar-se tão pouco com a chegada do filho que até decidira mergulhar grande parte da imponente casa num estado de reparação e renovação, fechando alas e entregando quartos a pintores e carpinteiros. Precisamente naquele momento ouviam-se martelos no quarto ao lado do seu.

Escolheu o menos mórbido dos vestidos escuros cor de alfazema, uma touca pequena de renda com o cabelo apanhado caindo em pequenos cachos por trás das orelhas e abraçou Elizabeth. Apesar dos protestos e esquivadelas, cobriu o rosto da filha com beijos desesperados, pousando-a em seguida no chão. Zenia saiu do quarto antes que as pernas lhe falhassem e desceu as escadas.

Swanmere era o tipo de casa em que a mãe, com toda a sua imponência, teria seguramente crescido. Um fresco imponente cobria o teto da escadaria principal, descendo pelas paredes, de deuses e deusas e criaturas menores num corrupio de atividade. Ao fundo, parado sem sorrir ao lado de um *spaniel*, um criado aguardava para a escoltar até ao salão ao qual chamavam Sala do Rei da Prússia, no seguimento de uma visita de estado que ocorrera um século antes. Abriu a porta alta, fez uma vénia e fechou-a atrás de si.

Lady Belmaine cessou de falar no seu tom de voz modulado e determinado, capaz de ferir com uma eficácia discreta e infalível, e lançou-lhe um olhar.

– Ah! – disse Lord Belmaine, com cortesia. – Aqui está a sua mulher.

A sala parecia ter quilómetros de comprimento. Zenia começou a vencer a distância com passos silenciosos sobre a tapete, por mobília folheada a ouro e cortinados em bege e dourado, até Lord

Winter, que aguardava encostado a uma das colunas brancas que acompanhavam as janelas, no outro extremo da sala. Parou, erguendo momentaneamente os olhos até ao colete dele e debruçando-se para uma cortesia.

– Esqueça os formalismos – murmurou ele secamente. – Já nos encontramos.

Ela ergueu os olhos.

– Quero ver a minha filha – disse ele.

CAPÍTULO 14



— Está a dormir – apressou-se a responder Zenia.

– Então vou eu vê-la. – Tinha um aspeto implacável, ali, muito direito junto à coluna branca.

– Com a sua licença.

Zenia sentiu uma onda de ansiedade. Ele tinha um ar demasiado duro, uma expressão demasiado desapiedada e fria; pareceu-lhe que iria assustar Elizabeth. Quando passou por ela sem a olhar, Zenia voltou-se rapidamente para o seguir.

– Não está no quarto das crianças, senhor – explicou, atrás dele, nas escadas. – Fica no meu quarto.

Ele deteve-se com a mão sobre o balaústre de talha e olhou para trás.

– Onde fica o seu quarto, Lady Winter?

Zenia corou ao ouvir a pergunta e com o que o olhar dele insinuava.

– No segundo piso. O que fica mais a oeste.

Ele pareceu ponderar a informação por um momento.

– Estou a ver.

Voltou-se galgando dois a dois os degraus à sua frente. Com o seu traje volumoso, Zenia não alcançava velocidade suficiente para o acompanhar.

– Meu senhor... Por favor... – chamou. – Espere por mim. – Mas, quando chegou ao topo da grande escadaria, ele já desaparecera pelas escadas de trás em direção ao andar superior.

Zenia cruzou-se no corredor com a ama, que fechava a porta e que parou quando a viu, fazendo uma cortesia e sorrindo.

– O papá de Miss Elizabeth! – sussurrou, com um olhar alegre. – Talvez não seja pior deixá-los um bocadinho sozinhos, senhora.

Ignorando-a, Zenia abriu a porta. Chegou a tempo de ver Lord Winter sentar-se de pernas cruzadas ao lado de Elizabeth, no chão. A pequenota olhou para Zenia e disse:

– Mamã. – Com um sorriso, espreitou Lord Winter com desconfiança e voltou a brincar com as colheres.

– O que é isso? – perguntou Lord Winter, debruçando-se sobre o colo de Elizabeth, de costas voltadas para Zenia.

– Mã – repetiu Elizabeth.

– Ainda não sabe falar – retomou Zenia com firmeza. – Só tem dezoito meses.

– Colheres – continuou Lord Winter, tocando nos talheres, como se ela não tivesse falado.

– Lhés – disse Elizabeth.

– Co-lhe-res – insistiu ele.

Elizabeth entregou-lhas. Ele aceitou as colheres e colocou o indicador entre os cabos, fazendo-as chocar uma na outra. Elizabeth desatou a rir-se. Agarrou novamente nas colheres e voltou a entregar-lhas a ele. Ele fê-las chocar e ela agarrou nelas, voltando a dar-lhas.

– Lhés.

Por dez vezes as colheres foram e voltaram. Elizabeth assinalava cada intercâmbio com um «lhés!» enfático. Então Lord Winter pegou nelas, fazendo-as chocalhar até ao rosto dela e prendendo-lhe o nariz entre as conchas.

Elizabeth dava gritinhos de alegria. Agarrou numa colher com cada mão e acenou-as à frente dele, começando a gatinhar e atirando-se para o seu colo. Deu novamente gritinhos de satisfação quando o pai se encostou para trás e a ergueu no ar, fazendo-a voar.

Zenia mordeu o lábio com força. Sentia uma vontade tremenda de lhe tirar a menina dos braços. Elizabeth era uma criança difícil, todos o diziam. Ninguém exceto ela brincava assim no chão com a sua filha. Ninguém poderia fazer Elizabeth rir-se tão alegremente.

– Agora ela devia ir dormir – disse.

– Vá-se embora. – Lord Winter voltou a erguê-la por cima da cabeça e a fazê-la voar em grandes círculos, e mergulhar, e Elizabeth ria-se e soluçava. A filha começava a pesar demasiado e já não era fácil para ela fazê-lo.

Zenia encostou-se à porta. Não ia deixar Elizabeth sozinha com aquele homem. Aquele estranho.

– Ela vai vomitar se continuar a soluçar assim convulsivamente.

Elizabeth fez uma descida abrupta, entre risadas que ecoavam em todo o quarto. Por um instante, ficou com o rosto pousado no ombro de Lord Winter. Este levantou uma mão e pousou-a na cabeça dela, abrindo os dedos enrijecidos por entre os caracóis cor de mel, enquanto os soluços a embalavam.

Zenia deu um passo em frente.

– A Elizabeth é dada a paroxismos emocionais quando fica demasiado excitada. Falando seriamente, julgo que seria melhor se...

– Não há nenhum baile ao qual deva ir? Nenhuma visita que tenha de fazer?

Elizabeth cansou-se de estar parada e levantou-se. Olhou para o pai com um ar de tamanha felicidade que Zenia sentiu o coração pequenino. Com os braços roliços muito esticados, Elizabeth deixou-se cair para a frente contra o peito do pai.

– Hã! – disse este, com uma careta que a filha achou engraçadíssima. Ela voltou a fazer o mesmo. E novamente, até ele a afastar e se virar de lado com alguma dificuldade e não sem dor. – *Allah yesellimk*, querida. Vamos experimentar outra coisa.

– Não fale árabe com ela, por favor – interveio Zenia. – Vai confundi-la. Ela não vai aprender árabe.

Por um momento, ele ficou parado, enquanto Elizabeth tentava agarrá-lo. Quando começou a ficar muito agitada, ele inclinou-se e aproximou-a dele, levando-lhe a boca à orelha e murmurando algo que Zenia não conseguiu ouvir.

Zenia fez uma careta, dirigiu-se para uma cadeira e sentou-se. A filha e Lord Winter estavam entretidos a brincar no tapete e não queriam saber dela para nada. Passaram aos blocos, dedicando-

se o visconde, encavalitado num cotovelo, a construir uma torre para Elizabeth atirar ao chão. Depois da derrocada de várias torres, a menina voltou-se abruptamente e dirigiu-se para Zenia, subindo-lhe para o colo e tentando alcançar o botão da gola.

Zenia sentiu uma vergonha inclassificável. Elizabeth deitou-se, expectante. Lord Winter sentou-se no chão a olhar para elas.

– Mamã – disse Elizabeth com insistência. – Mamã! – repetia, tentando alcançar os botões e encostando o rosto ao peito de Zenia.

Zenia pegou rapidamente numa toalha e esticou-a por cima do ombro e de Elizabeth. Com o rosto baixado, desabotoou o vestido. A filha, afastando a toalha, começou a mamar, toda contente.

Durante muito tempo, Zenia sentiu-se tão constrangida que não levantava os olhos. Sentia o rosto e o pescoço a arderem de vergonha.

– Não precisa de ficar a olhar – disse em tom irritado.

– Terá de me perdoar. É um momento da minha vida sem precedentes.

Ela apertou os lábios, sem erguer o rosto.

– É linda, a menina – disse ele com tranquilidade.

– Suponho que pense que é grande de mais para mamar.

– Não posso dizer que tenha pensado no assunto.

– Lady Belmaine não aprova.

– Sendo assim, eu aprovo, só para contrariar.

Zenia permitiu-se espreitá-lo dissimuladamente. Estava sentado no chão, com os tornozelos um sobre o outro, os cotovelos ao nível dos joelhos. Os dedos fortes estavam entrelaçados.

– Quem escolheu o nome? – perguntou ele.

– Tem o nome de Miss Williams – esclareceu Zenia, em tom de desafio – e da minha tia Lucy.

– Miss... Ah, a criada da sua mãe. Os meus pais não levantaram objeções?

– Não.

– E ela foi batizada com o nome dos Mansfield?

– Sim. – Zenia respirou fundo. O leite escasseava. Elizabeth desistiu de mamar e suspirou profundamente. – Sim, foi.

Zenia abotoou o vestido e ergueu a cabeça. Ele observava-a, desconcertante, sem qualquer expressão.

– Todos pensavam que estava morto – prosseguiu. – O seu pai insistiu. E eu não queria que a minha filha... crescesse sem um nome.

A pergunta ficou a pairar no ar. *Vai tirar-lho?* Ela estava com medo de perguntar. Não o conhecia. E não era só a filha, mas também ela própria, que ele teria de aceitar. Zenia lembrava-se perfeitamente da opinião desfavorável que ele tinha das mulheres, especialmente de mulheres desonestas. Via-se que detestava a própria mãe. Mas brincara com Elizabeth. Parecia gostar dela.

Assaltou-a um pensamento terrível? Poderia ele, de alguma forma, ficar com Elizabeth mas não com ela? Poderia mandá-la embora para longe da filha?

– Estive muito perto de morrer – disse ele, observando-a, num tom de voz neutro.

Zenia lembrou-se da sela enegrecida e do sangue que vira no pelo do animal. Recordou-se dele a correr na sua direção e do impulso brusco, quando ele a atirara para os braços do egípcio.

– Lamento.

Arden fez um meio sorriso irónico. Observava-a sem desviar o olhar.

– Lamenta o quê? Que eu tenha conseguido?

– Claro que não. Lamento que tenha sido ferido. E agradeço-lhe... aquilo que fez por mim.

Ele franziu a testa.

– Não deveria lá estar – respondeu com aspereza.

Ela apertou Elizabeth com força.

– Não tinha qualquer desejo de lá estar, pode ter a certeza! Foi o senhor que...

– Porque me mentiu. – Levantou-se de rompante, a boca tensa. – Da mesma forma que mente agora.

Lady Winter! A mãe perfeita! Os meus pais dizem que é dedicada. – Fez um esgar. – Meu Deus, é muito boa – proferiu com malícia. – Eu nem sequer a conheço.

Elizabeth começou a remexer-se, inquieta.

– Chiu! – disse Zenia –, está a assustá-la com esse tom de voz!

Elizabeth agarrou nas saias da mãe e libertou-se dos braços desta, deslizando até ao chão. Caminhou alegremente até aos blocos e começou a empilhá-los.

– Talvez seja a si que eu estou a assustar – disse ele suavemente. – Lady Winter.

Ela levantou-se, fazendo soar a sineta.

– Não me assusta. Se quiser, posso pegar na Elizabeth e ir para junto do meu pai. Sempre me prometeu um lar na sua casa.

– Não – replicou ele imediatamente. – Não pode levar a minha filha.

– Não pode fazer de nós prisioneiras nesta casa.

– Parta, se quiser. Não leva a minha filha.

– Talvez ela nem sequer seja sua – exclamou ela, já a perder a razão. – Como pode ter a certeza?

– É minha – afirmou ele.

– Não é nada parecida consigo.

– É minha.

– Sua! Ela não é sua posse, não lhe pertence.

Ele voltou-se para ela.

– Está a dizer que esteve com outros homens?

Zenia recuou diante da violência fulgurante daquele olhar.

– Não – replicou. – Claro que não.

– Então ela é minha, não é? Porque pode ter a certeza de que esteve comigo.

Fitaram-se mutuamente. Zenia entreabriu os lábios. Viu que ele reparou... e de imediato surgiu a memória intensa e nítida dele sobre ela, dentro dela.

Por um instante, julgou que ele se aproximaria de si. Que tudo iria mudar e que aquele desentendimento estúpido entre os dois se desvaneceria.

– Tive saudades suas – sussurrou ela de repente. – Chorei por si.

Surpreendeu-se a ela própria. Só naquele momento ganhou consciência do que sentira. A sua mente e o seu coração tinham sido completamente arrebatados por Elizabeth. Mas, antes da chegada da filha, sofrera com a perda.

– Teve?! – disse ele, arqueando as sobrancelhas. – Qual das suas facetas chorou por mim? Esta não, julgo eu. – Os seus olhos denotavam uma expressão estranha, simultaneamente magoada e receosa, como a de um animal ferido. – Talvez tivesse sido o Selim. – Deu uma breve risada. – O Selim poderá ter sentido algumas saudades minhas.

Ouviu-se a ama a bater à porta. Zenia baixou os olhos e virou-se para a abrir.

– Deseja, com certeza, vestir-se para o jantar, senhor – disse, tentando sobrepor à mágoa provocada pela resposta lapidar um tom de voz inexpressivo. – Eu devo fazê-lo agora. A ama fica a cuidar da Elizabeth.

Abriu a porta que dava para o corredor, convidando-o a partir. Ele não o fez. Com um sorriso irónico, disse:

– Estes são os meus aposentos, assim mo informaram.

Zenia sentiu um aperto no coração.

– Não – replicou, debruçando-se sobre Elizabeth embora consciente da embaraçosa presença da ama. – Compreendeu mal.

– Opõe-se a que os partilhemos, Lady Winter? – perguntou. – O meu pai diz-me que todos os outros quartos estão em renovações. Bastante impregnados de vapores tóxicos.

Zenia fitou-o; de repente tudo se encaixou.

– O meu pai tem uma mão de ferro, não é? – comentou Lord Winter – Sabe, está desejoso por um herdeiro varão.

– Oh! – disse ela, incapaz de pensar noutra coisa mais apropriada, na presença da ama.

– Ficaremos um nadinha apertados, suponho. Por favor, não pense que a incomodarei até ter terminado de se arranjar, minha querida. A Elizabeth e eu ficamos a brincar os dois e depois vou eu tratar de mim. – Sorriu, com olhos brilhantes. – Como vê, tudo muito civilizado.



Os enormes espelhos dourados da sala de jantar devolviam o fulgor das velas do lustre. Arden sabia que deveria vestir calças de seda curtas para jantar, pois esta refeição era para os pais sempre formal. Habitualmente contavam com numerosos convidados mas naquela noite não havia nenhum, pelo que a mesa parecia ainda maior do que o habitual. Absurdamente grande, com a mãe na ponta oposta à cabeceira ocupada pelo pai e ele face a face com Zenia, sobre um manto de damasco branco.

A única concessão, nos jantares *en famille*, era a ausência do imponente centro de mesa em prata, de onde brotavam frutos e velas. Lamentava-o. Havia apenas alguns candelabros dispostos na mesa, para que nada lhe obstruísse a visão da mulher que desempenhava o papel de sua esposa.

Ela voltara a vestir-se de negro. Parecia impor-lhe uma distância fria, enfatizando a perfeição da sua beleza. O cabelo escuro encaracolava suavemente no pescoço, entre os brincos de diamantes que lhe reluziam na pele. Viu-lhe o perfil num dos espelhos, diáfano e intocável, no momento em que levava delicadamente à boca a colher de prata do *consommé*. O faqueiro que ostentava o brasão dos Belmaine parecia excessivamente pesado para a sua mão.

Não conseguia pensar em nada para lhe dizer. Todas as possibilidades lhe ficavam presas na garganta, demasiado impertinentes ou idiotas. *Sentiu saudades minhas?* desejou perguntar, como se fosse um idiota inseguro. Para a obrigar a dizer novamente, para escutar em vez de o rejeitar. Para ouvir a forma como ela dizia as palavras, se era sincera, se dizia a verdade. Mudava tudo, e nada.

Ele queria-a? Quando deparara com a filha sentada no meio do chão, mesmo sem lhe ver o rosto, sentira de imediato uma ligação poderosa, um profundo assombro. Não a culpava pela sua receção pouco calorosa, apenas se sentira surpreso por aquilo que o sorriso dela despertou no mais profundo do seu ser. A mulher vestida de negro que estava sentada do outro lado da mesa parecia-lhe uma

estranha, mas Elizabeth era-lhe infinitamente familiar, como se tivesse acompanhado toda a sua curta existência e a conhecesse desde sempre. Pensava já naquela noite, no dia de amanhã e no dia seguinte, em todas as coisas que queria fazer com ela e descobrir acerca dela.

Não era necessário ser muito sensível para perceber que a mãe de Elizabeth não gostava da forma como ele a olhava. Uma brecha na imagem que compusera, na opinião de Arden. Não tinha a certeza se ela teria dito a verdade quando afirmara que chorara por ele, mas não tinha qualquer dúvida de que falava a sério quando dissera que podia pegar em Elizabeth e ir ter com Bruce, se o quisesse.

Pois. Que falasse a sério, pensou, descontraindo o rosto. Ela não demoraria a descobrir que se colocara numa posição insustentável. Se o pai não lho explicara, Arden fá-lo-ia com certeza.

– Tenho ponderado de que forma seria adequado assinalar o seu regresso – disse a mãe, servindo-se do patê de ostra. – Nada que inclua dançar. Prefere um jantar ligeiro ou um lanche, Arden?

– O que for mais rápido – respondeu ele.

– Lady Winter ainda não foi formalmente apresentada – acrescentou Lord Belmaine. – Talvez um jantar, para o fazer.

– Se é essa a sua preferência – disse a mãe com indiferença. – Para um jantar, duas semanas é o mínimo possível. Na realidade três semanas, nesta altura.

– Na noite anterior à Epifania, talvez, o que dará tempo a Lady Winter de mandar fazer um vestido de cor. Devo admitir, minha querida – disse ele, dirigindo-se a Zenia –, que, dadas as circunstâncias, gostaria de a ver abandonar o negro.

– Muito bem – disse Lady Belmaine. – Talvez algo em verde-garrafa, de cetim, debruado a azeviche para condizer com os olhos.

– Os olhos dela são azuis – disse Arden. Voltaram-se todos para ele. Arden voltou o rosto para o prato servindo-se do patê. – Azul-escuro.

– Efetivamente! As minhas desculpas. Uma desatenção minha – disse a mãe.

– Muito menos do que eu fui – comentou, dirigindo um olhar de ironia à sua «mulher».

Ela pestanejou. À luz das velas, os seus olhos pareciam tão escuros como a sua mãe julgara.

– Ela deveria usar azul – declarou. – Como o céu da tarde. E ouro. Nada de diamantes.

Continuavam todos a olhar para Arden, como se ele tivesse perdido o juízo.

– Receio que o azul-celeste não seja de todo para esta estação – informou a mãe.

– E sapatos de seda – acrescentou Arden, ignorando-a. – Alguma coisa bonita. Que diabo, ela parece um relicário de ébano. Façam-lhe alguma coisa... bonita.

– Nunca reparei que se interessasse por assuntos de mulheres – comentou o pai, algo divertido. – Mas talvez Lady Winter tenha uma opinião a emitir sobre o assunto.

Lady Winter olhava para a comida como se nunca a tivesse visto.

– Gostaria de azul – disse numa voz que mal se ouviu. – E dourado.

– É uma escolha da qual me parece que se irá arrepender – disse a mãe.

– Será com certeza possível obter aquilo que deseja, Lady Winter – contrapôs o pai.

– O que as pessoas irão dizer – disse Lady Belmaine. – Azul- -celeste em janeiro!

– Deveras? – Arden levantou a mão para ser novamente servido de vinho. – Então que escolha o verde. Perdoe a minha interferência em assuntos que não me dizem respeito.

– Admitirá que não sabe nada de moda, Arden.

– Sim – disse ele. – Admito-o prontamente.

– Não desejará, com certeza, que a sua mulher seja alvo de chacota.

– Não. Não desejo que isso aconteça.

– Julgo verdadeiramente que ficaria mais satisfeito com o verde-garrafa.

Ele bebeu um bom trago de vinho.

– Se a minha satisfação com o verde-garrafa significar a conclusão deste tópico, sem dúvida alguma.

Lady Winter mexeu no rodovalho com o garfo e não disse nada. Parecia comer muito pouco. Não que ele a censurasse; jantar com os seus pais arruinaria o apetite mais voraz.

Não gosta do peixe?, teve vontade de perguntar. Aquele sabor não lhe seria muito familiar. Mas não daria início a mais nenhuma conversa. Limitou-se a fazer figura de corpo presente durante o resto da refeição, comendo de forma mecânica o faisão assado e a lebre estufada.

– O que pensa de Miss Elizabeth? – perguntou o pai.

Arden pousou o garfo, olhando por um momento para o brasão dos Belmaine que adornava o faqueiro. Então, olhou para o conde. Vencendo a grande distância que havia entre eles, disse:

– Obrigado, senhor. – Manteve o olhar no do pai. – Obrigado por a ter trazido para cá. Obrigado por ter tomado conta dela.

Não se notou a menor alteração na expressão de Lord Belmaine. Os dedos compridos tamborilavam sobre a toalha. Exceto em momentos de fúria, Arden nunca se dirigira a ele de forma tão emotiva. Sentia-se estranho, com a respiração aparentemente suspensa na expectativa da resposta do pai.

Ainda antes de este falar, Zenia disse:

– Lord Belmaine tem sido muito generoso, mas eu seria perfeitamente capaz de tomar conta dela autonomamente.

Estava sentada muito direita na sua cadeira. O sentimento de expectativa de Arden transformou-se em irritação e numa desilusão estranha. Pegou na faca e dividiu o faisão em pequenos pedaços.

– É uma mãe extremosa, Lady Winter – disse o conde em tom de aprovação, surpreendendo Arden.

– Não tenho nenhuma dúvida disso.

Zenia dirigiu um breve sorriso ao pai de Arden e um olhar beligerante a este.

– Faria tudo pela Elizabeth.

– São sentimentos muitos apropriados – disse a mãe. – Espero que Arden possa aprender com o seu exemplo. Com uma criança, já está mais do que na altura de deixar de ser negligente e de ficar em casa a cumprir as suas responsabilidades.

– De todo – replicou Arden em tom ligeiro. – Parto amanhã para a Sibéria e levo a Beth comigo. Vamos divertir-nos a valer a conduzir uma *troika*.

– Não vai! – irrompeu Zenia. – Eu proíbo-o!

Se ela não tivesse reagido tanto por tão pequena provocação, ele não teria recuado. Mas a indignação dela, os seus pais, o ambiente, a longa tortura que era aquela refeição na qual ele era o estranho, sempre o estranho – tudo se combinava e concorria, despertando uma raiva desolada há muito familiar.

– E o que tem a dizer disto, *Lady Winter*? – perguntou ele, bebendo o vinho de um trago e cravando o olhar nela. – É apenas a minha mulher. A mãe da minha filha, sobre a qual eu tenho autoridade e domínio completos. Ninguém a informou dos direitos que me assistem como seu marido? Não pode levar a Beth embora, como já ameaçou, não se eu negar a minha permissão. Eu, no entanto, posso levá-la para onde quiser, sem sequer a consultar. Se esta situação lhe parece indesejável, a única

pessoa que poderá culpar será a si própria. No nosso país temos um ditado, Lady Winter, talvez a sua mãe lho tenha ensinado, pois conhecia-lhe, sem dúvida, o teor. Não se pode ter no mesmo saco honra e proveito.

Ela estava completamente pálida; os lábios tremiam-lhe. De repente, pousou o guardanapo em cima da mesa e disse:

– Com a vossa licença. Tenho de tratar da Elizabeth. Levantou-se e saiu com tal rapidez que o laçao que naquele momento transpunha a porta se viu obrigado a recuar abruptamente, fazendo chocalhar a bandeja de prata dos legumes.

Arden não olhou para o pai nem para a mãe. Quando lhe apresentaram a bandeja, não foi capaz de dizer se os legumes seriam cenouras cozidas ou couve-flor. Serviu-se e ficou a olhá-los, nauseado.

O pai aguardou que o criado se retirasse e, quando este fechou a porta, disse:

– Espero, Arden, que não venha a arrepender-se dessas palavras.

Foi o comentário mais comedido que já proferira sobre os disparates do filho.



O conde Belmaine entrou silenciosamente na biblioteca de talha, onde um homem distinto e vestido com sobriedade se levantou, mal se distinguindo entre os lambris, retratos e livros.

– Boa noite, Mr. King – saudou o conde com um ligeiro esgar de ironia nos lábios elegantes. – Receio que esta noite não seja um momento muito auspicioso para uma reunião. A minha nora está indisposta.

– Lamento ouvi-lo, senhor – disse o advogado, acenando brevemente a cabeça num gesto de eficiência.

– Sente-se. Deseja tomar alguma coisa? – O conde serviu vinho de um decantador para uma das quatro taças que se encontravam ao lado.

– Obrigado, senhor.

– Diga-me – prosseguiu o conde, servindo-se de um líquido espesso e esverdeado de outra garrafa e sentando-se com o licor –, somos ainda retrógrados, nos dias de hoje, ao ponto de a mulher e os filhos ainda serem considerados propriedade do marido?

– Bom, propriedade não, senhor, seguramente. O direito consuetudinário não admite a escravatura, apraz-me dizer-lhe. Mas a existência legal da mulher está subordinada à do marido. Como contrapartida ao dever que lhe assiste de garantir a sua subsistência e o seu conforto, tem direitos absolutos sobre as suas posses e, claro, controlo sobre os filhos menores. Num casamento preservado, o marido constitui a única entidade legalmente representativa.

O conde assentiu com ar pensativo. Olhava para um retrato que se encontrava por trás do advogado, um quadro do seu filho, no qual o artista captara brilhantemente a arrogante e singular solidão de um rapaz de dezasseis anos, insuportavelmente irritado pela imposição paterna de passar horas imóvel em traje formal.

Lord Belmaine nunca gostara especialmente do retrato, embora se assemelhasse muito ao seu filho. Sempre o perturbara de uma forma que não conseguia definir completamente, mas era o único que tinha. Adiarda a concretização de um retrato que incluísse a mãe e filhos na expectativa de incluir um segundo, terceiro e quarto filhos, desejando um retrato de um grande clã. Mas os outros nunca se concretizaram e, quando se viu obrigado a constatar que nunca viriam, o seu filho tornara-se um

rapaz revoltado, evasivo e incontrolável, capaz de escapar durante dias à precetora. Arden não tinha medo de nada, não dava importância aos castigos físicos e era reservado, brusco e insolente. Quando o rapaz tinha sete anos, já Lord Belmaine desenvolvera o seu único problema de saúde permanente: bastava-lhe pensar na desobediência e na perigosa imprudência do filho para ter a sensação de que engolira uma pedra escaldante que se alojara imediatamente abaixo do esterno.

Os médicos receitaram-lhe elixires para o estômago e licores especiais. Lord Belmaine bebeu de um desses licores, reprimindo uma careta. Durante algum tempo a dor não o incomodara, mas o choque de saber que o filho estava vivo estilhara a frágil e inusitada sensação de suspensão que o mantinha desde o nascimento da neta. Durante as duas últimas semanas sentira pontadas dolorosas e o comportamento de Arden ao jantar fora tão coerente com o carácter destrutivo da sua infância e juventude que Lord Belmaine sentia a força da sua úlcera renovada.

– Alimentei a esperança de que o nosso assunto não passasse de uma mera formalidade, Mr. King – disse –, mas receio ter sido demasiado otimista.

– Deveras, senhor? – O advogado tinha um ar sério. – O casal objeta à renovação dos votos pela lei de Inglaterra?

O conde sorriu.

– Não chegámos ao ponto de o discutir, Mr. King, mas o meu filho deu-se ao trabalho de indicar a Lady Winter as suas restrições legais enquanto mulher dele. Em particular, quanto à autoridade incondicional que tem sobre a filha dela. Receio que a receção não tenha sido feliz. Para lhe ser completamente verdadeiro, Mr. King, neste momento, chego a desejar que os maometanos não o tivessem deixado escapar com vida. Poupar-me-ia este desejo singular de estrangular o meu próprio filho.

– É uma situação delicada, senhor – devolveu Mr. King baixando os olhos. – Depreendo, então, que Lord Winter procura convencer a senhora de que não será sensato submeter-se à confirmação legal do matrimónio?

– Não tenho a mínima noção do que procura ou deseja Lord Winter. É a criatura mais caprichosa que me é dado conhecer. Nunca o compreendi, nem tenho essa pretensão.

– Talvez, senhor, o caso não esteja tão perdido como parece. Sejam quais forem os sentimentos pessoais de Lord Winter, se tenta convencer Lady Winter a apresentar esta objeção, então é provável que não se sinta ele próprio capaz de a fazer. Senão, porquê dar-se ao trabalho de a enganar? Poderia simplesmente desmentir o casamento.

– Que diabo o carregue se o fizer! – disse o conde com irritação. – Por que mais nos obrigará ele passar?

Mr. King manteve uma expressão calma.

– Os casamentos celebrados além-mar não estão sujeitos à mesma rigidez de credenciação e registo a que obrigam as nossas leis, tal como sua senhoria e eu temos vindo a discutir com relação ao seu filho e mulher, mas, tal como também o adverti, senhor, estes matrimónios não regularizados são anátema caso alguma questão chegue a tribunal. – O advogado abanou a cabeça com gravidade. – Para uma viúva, concordámos que seria uma situação tolerável, pois não havia outra opção, salvaguardando-se a legitimidade da criança com o seu certificado de batismo; as únicas questões de importância pendentes respeitantes à lei foram a questão das arras da esposa e o direito da menina à herança. As quais foram por nós ambas tratadas de forma ordinária através do seu testamento, senhor, sem colocar em questão, de forma alguma, a validade do matrimónio.

– Sim – replicou o conde, contemplando o licor não sem preocupação e inclinando a cabeça para o beber de um trago. Fez uma careta. – Mas ele está cá. E eu não o compreendo. Não consigo prever o que fará.

Mr. King bebeu um gole de vinho e aclarou a garganta.

– Como debatemos também, senhor, com a feliz notícia da boa saúde de Lord Winter, a completa falta de provas ou testemunhas faz com que esta união e esta criança estejam numa posição vulnerável, sobretudo no caso de ser celebrado um novo casamento por qualquer um dos dois. Nessa situação, não me seria nada fácil defender diante do tribunal esta união não documentada. Uma vez trabalhei num caso de um casamento não documentado, em Gretna Green, e digo-lhe que se tratou de uma ação extremamente desagradável. São situações em que a lei está pejada de anomalias e incertezas; o desfecho mais parece entregue aos caprichos da sorte. Foi por esta razão que aconselhei uma renovação imediata dos votos, de caráter privado mas devidamente testemunhada e registada, e o reconhecimento da criança por parte de Lord Winter. Dessa forma, a união será inatacável.

– E até lá?

– Até lá, senhor, devemos recluir a possibilidade de o seu filho, ou até a própria Lady Winter, agirem como pessoas não casadas, e o único recurso seria provar em tribunal aquilo que não pode ser provado. Não é uma perspetiva agradável. Será decididamente um motivo para preocupação o seu filho não estar disposto a confirmar o matrimónio.

Lord Belmaine inclinou-se, pousando o queixo na mão aberta e levando a outra ao colete.

– Ele quer a menina. Penso que... Acredito que nutre um interesse enorme por Miss Elizabeth.

– São notícias mais animadoras, senhor. Poderei, com perfeita autoridade, explicar-lhe que não tem quaisquer direitos sobre ela se repudiar o casamento e a tutela da filha.

O conde abriu os olhos.

– Tenha o cuidado de o fazer sem o conhecimento de Lady Winter, ou será ela a repudiar o casamento.

– Não será provável ela privilegiar uma opção tão insensata.

– O meu filho fez o que pôde para a precipitar.

– Não posso acreditar que seja bem-sucedido. Não há muitas senhoras que cometessem essa imprudência. É verdade que o casamento a obrigará a sujeitar-se a algumas limitações legais, mas estas dificilmente melindram as sensibilidades naturais do sexo feminino. Muito pelo contrário, na opinião da maior parte das senhoras. Seguramente, nada tão pernicioso quanto condenar a própria filha à condição de bastarda e provocar a sua própria destruição através do repúdio do seu próprio casamento.

– Essa, Mr. King, deverá ser a sua posição, caso ela se mostre relutante. – O conde endireitou-se. – Tinha previsto uma reunião conjunta com as partes interessadas, mas creio que devemos falar com cada um separadamente. Espero que lhe seja conveniente ficar durante alguns dias.

– Muito bem, senhor. Terei todo o gosto em fazê-lo.

CAPÍTULO 15



Arden sempre fizera questão de cativar a governanta. Uma sucessão interminável de Mrs. Pattersons – pois todas eram assim tratadas, independentemente do seu verdadeiro nome – escondeu carne fria e pão envoltos em lenços ou deixou pratos de bolos e *scones* dentro de um dicionário enorme cujo miolo Arden, aos oito anos, retirara cuidadosamente com uma navalha. Durante anos ocupara um pódio solene, ao lado da porta do seu quarto, sem que o seu segredo se visse revelado.

Continuava lá. Vira-o quando se dirigira para o seu antigo quarto de dormir, aquele que ela agora ocupava, para trocar de roupa para o jantar.

Conquistou a atual Mrs. Patterson, depois de algum nervosismo por parte dela ao ver os seus domínios invadidos pelo infame filho da casa. Mas em Swanmere sentia-se sempre o mesmo tratante incorrigível, portanto facilmente revivia os seus velhos hábitos e estratégias. Agora que partia com um garfo no bolso e uma generosa fatia de pudim de ameixa mergulhado em molho a balançar na mão, Mrs. Patterson ficara com a impressão de que se tratava de um pobre morto de fome a quem nunca tinham alimentado devidamente.

Galgou as escadas de trás duas a duas. Não se teria importado de comer o pudim, pois o seu apetite, ao jantar, não tinha sido propriamente muito grande. Mas não fora para si que obtivera o pudim.

Parou diante da porta. Ocorrera-lhe, quando deambulava pela propriedade na noite nebulosa, que o antigo Selim poderia sentir-se desconfortável a comer a sua refeição na companhia de outras pessoas. A cortesia e disciplina do deserto exigiam uma contenção voluntária, uma privação deliberada diante dos outros. Mesmo antes de ele dizer alguma coisa que pudesse tê-la perturbado, ela comera muito pouco. E depois ele fizera-a sair da mesa com as suas palavras mordazes.

E lembrava-se de que Selim sempre sonhara comer pudim de ameixa.

Sentiu-se extremamente estúpido, ali parado diante da porta fechada. Ela não era Selim. Já eram quase onze horas. Não parecia haver luz no interior. A porta do quarto da filha estava aberta, mas só se via escuridão.

Talvez ela tivesse descido para fazer companhia à mãe no salão. Talvez tivesse ido dormir. O seu corpo respondeu ao pensamento com um forte ímpeto de desejo carnal, o que o fez sentir-se ainda mais despropositado, ali parado à porta com um garfo e pudim de ameixa na mão como um cachorrinho apaixonado.

Suavemente, bateu na porta com o garfo. Por um momento, não houve resposta. Sentiu alívio; ela estava a dormir ou não estava ali. Então ela replicou, numa voz aborrecida:

– Quem é?

Ele colocou a mão na maçaneta e abriu a porta.

Ela estava sentada à secretária, confortavelmente vestida com uma camisa de noite e um robe de lã.

– Não pode entrar – murmurou ela rispidamente. – Mandei pôr as suas coisas no quarto ao lado. A Elizabeth dorme sempre comigo.

Ela parecia estar a escrever uma carta e não fez qualquer movimento para pousar a caneta. O fogo assobiava levemente. Na cama, via-se um pequeno alto que parecia rressonar. Beth, indubitavelmente.

Sentiu-se assolado por uma onda de emoções: ternura e exclusão, e uma sensação súbita e estranha de nostalgia e perda, pois aquele quarto fora também um refúgio seu, uma das suas tocas, um lugar seguro para o rapaz suscetível e melancólico que fora. Mas tinha sido desalojado pela nova proprietária, sem sombra de dúvida. Ela fitava-o com uma expressão hostil e possessiva.

– Coma – disse ele em árabe, pousando o prato e o garfo na superfície mais próxima, o pódio do dicionário colocado ao lado da porta.

– Já lhe disse que não falarei árabe...

Arden fechou a porta.

Aquilo pareceu uma odiosa retirada. Ou um despejo.

Quando ainda estava parado no corredor, uma criada subiu agilmente as escadas de trás. Trazia uma bandeja abastecida. Hesitou quando o viu.

Arden recuou. A criada fez uma pequena cortesia e bateu à porta.

– Quem é? – foi a pergunta hesitante, desta vez mais próxima da porta.

– O seu tabuleiro do chá da noite, senhora – sussurrou a criada, olhando rapidamente para Arden e baixando os olhos.

– Entre – disse a voz atrás da porta.

Quando esta se abriu ele viu para dentro do quarto Zenia estava ao lado do dicionário. Os seus olhos abriram-se ligeiramente ao ver que ele ainda ali se encontrava.

Ela não tinha qualquer necessidade da sua oferta – o tabuleiro estava carregado de comida. Não necessitava de nada que ele pudesse fazer. Construía um lugar confortável para si própria; possuía respeitabilidade e conforto; tinha a aprovação do seu pai; havia-se apropriado do quarto e do nome de Arden; e, espanto dos espantos, pensou com feroz ironia, ela tinha à sua disposição todo o pudim de ameixa que desejasse. Arden sentiu-se um perfeito estúpido.

Voltou-se, descendo as escadas até ao vestíbulo. Era bastante fácil sair de Swanmere depois de trancarem as portas. Ele conhecia todas as saídas.



Zenia assinou a carta que escrevera para o pai. Ainda tinha a mão trémula; partira a caneta e tivera de a compor para terminar. Estava à espera de que Lord Winter aparecesse, embora alimentasse a expectativa de que ele visse a porta do quarto ao lado aberta e tirasse as suas próprias conclusões.

Contudo, ele aparecera-lhe e baralhara todas as suas decisões. Rasgara a primeira carta que

escrevera ao pai, aquela que dizia que devia regressar imediatamente para junto dele, que não se atrevia a ficar na casa onde aquele homem, aquele estranho, a perturbava a ela e a Elizabeth com ameaças de lhe tirar a filha.

Mas depois ele trouxera-lhe comida; olhara para ela com aqueles olhos azuis intensos e dissera *coma*, tal como fazia no deserto. Ela queria esquecer o deserto. Queria esquecer como era sentir fome. Mas, mesmo naquela casa, tivera fome, porque se sentia grosseira e gananciosa, sentada a uma mesa com tanta comida. Sentia sempre o impulso de comer tudo, o mais rápido que conseguisse. Queria comer como um mendigo faminto, portanto não comia nada. Estava determinada a ser uma senhora inglesa.

Mandava vir comida em privado. Nunca ninguém fizera nenhum reparo. Não julgava que o conde ou a condessa soubessem.

Mas Lord Winter reparara que ela tinha fome. Trouxera-lhe pudim de ameixa e ordenara-lhe que comesse. Ele sabia que, por baixo dos diamantes e da seda, ela continuava a ser uma desgraçada faminta, suja e descalça.

Deu uma risadita infeliz, franzindo o nariz para o prato que estava pousado no dicionário. Pelo menos ele podia ter perguntado do que gostava.

Oh... Ele lembrava-se do quanto ela desejara provar o pudim. E ele empurrara-a para cima de um camelo e ela vira o sangue dele espalhado pela sela. Se ele não se tivesse atrasado a entregá-la ao egípcio, em vez de subir para o seu camelo, talvez não tivesse ficado para trás.

E ela talvez continuasse no deserto. Ou tivesse sido lapidada, talvez. Elizabeth nunca teria nascido. E seria ele quem estaria ali, seguro, em Inglaterra, na sua casa, quem sabe até casado com uma das raparigas inglesas que Lady Belmaine selecionara para ele.

Zenia sabia que se encontrava em Swanmere por uma única razão: porque o tinham dado como morto e Elizabeth era filha dele, devendo ser protegida e acarinhada como única herdeira de sangue dos Swanmere. Zenia compreendera. E isso não a perturbava. Inicialmente sentira-se sozinha e intimidada, mas depois da chegada de Elizabeth, parecia-lhe ajustado que a filha desfrutasse daquilo que o pai podia proporcionar-lhe. Sentira que essa teria sido a vontade dele; e Zenia sentia que o devia a ele e a Elizabeth. Nas noites em que passara naquele quarto a recordar o seu primeiro Natal em Inglaterra, desejando ver-se envolvida pelo riso e o afeto do pai e de Marianne em Bentinck Street, dera o melhor de si por Elizabeth. Em Swanmere, a única celebração de Natal consistira num enorme jantar público para os rendeiros, no qual Zenia não estivera presente. Não houvera enfeites nem *crackers* de Natal. Lady Belmaine dissera-lhe que não seria adequado abandonar o luto e ninguém da casa o fez.

Fora tão pouco o tempo que passara com o pai e a família. Tal como eram breves as visitas dele a Swanmere. Tal como o fora a única noite que passara com os braços de um homem à sua volta.

Elizabeth compensava isso. Elizabeth compensava tudo. Zenia podia apertar a filha nos braços, fazê-la rir e confortá-la quando ela chorava. Escolher-lhe as roupas, os brinquedos. Levá-la a passear, embora fosse muito raro ela sair daqueles aposentos, pois Zenia tinha pavor de que pudesse adoecer. Elizabeth não era uma criança enferma, tinha uma saúde de ferro, pois Zenia tinha os maiores cuidados para a proteger de correntes de ar, infeções e sujidade. Não compreendia como é que Lord Winter era capaz de brincar com a ideia de a levar para a Sibéria. Além disso, ainda era apenas um bebé, demasiado pequena para saber o que deveria temer. Certa vez, fugira de uma ama e descera as escadas a gatinhar até ao andar seguinte. Zenia deparara com ela hesitante no alto da

escadaria principal, na iminência de cair. Ainda sentia um aperto no coração quando pensava nisso.

A ama fora dispensada. A nova era mais atenta, mas Zenia continuava a não gostar de ficar longe de Elizabeth durante muito tempo. A nova ama mostrara-se disposta a fechar a porta e a deixar Elizabeth sozinha com Lord Winter, quando não sabia nada sobre ele, limitando-se a acreditar que seria quem dizia ser.

Zenia olhou para a filha. Seria demasiado severo, supôs, culpar a ama por deixar o pai de Elizabeth entrar, quando toda a gente da casa sabia que ele vinha, e que não seria muito provável que um perigoso condenado andasse a rondar livremente os corredores de Swanmere elegantemente vestido. Mas o corpinho que estava aninhado na cama parecia tão vulnerável, tão indefeso, e o mundo era tão grande e cheio de tantos perigos, dor e solidão.

Lord Winter trouxera-o consigo, o mundo. Todas as memórias que Zenia tentara apagar. O brilho carregado de azul dos seus olhos depois de, sozinho, desafiar um *ghrazzu*; o seu riso fácil entre os beduínos; era um louco, que adorava o deserto e os perigos do mundo.

O chá arrefecia no bule. Por baixo das campânulas de prata, haveria cordeiro, arroz e pão com manteiga, com bolinhos de uvas passas e *macarons* para a sobremesa, coisas que lhe eram muito mais apetecíveis do que pudim de ameixa.

Ele trouxera-lho, porque sabia que teria fome. Ela levantou-se, pegou no prato e levou-o para a secretária.

Com uma careta a cada dentada, comeu o pudim. Quando terminou, levou-o para a porta que separava os dois quartos.

O seu coração pulava como um louco quando bateu. Não houve resposta. Depois de uma segunda tentativa, abriu lentamente a porta e viu que o quarto estava escuro.

Discretamente, pousou o prato vazio no chão para que ele o encontrasse, e fechou a porta.



Foi Grace quem o reconheceu. Arden entrou na taberna do Cisne Negro e sentou-se. O sítio não tinha mudado nada; janelas e vigas enegrecidas pelo fumo e dois carroceiros meio bêbados que, do canto em que estavam, junto ao fogo, ficaram a olhar para ele. Harvey tratava da torneira, ocupando a maior parte do espaço disponível atrás do balcão, enquanto Grace, bem-humorada, se metia com ele e dava um encontrão a um dos carroceiros para ir avivar as chamas.

Cumprida a tarefa, voltou-se, limpando as mãos ao avental, e viu-o, sofrendo uma transformação peculiar: ergueu o queixo, atirando para trás a cabeleira castanha com um gesto que ele recordava muito bem.

– A sua mãe está cá? – perguntou.

– A minha... – principiou ela, franzindo ligeiramente a testa.

– Não é a filha da Grace Herring? – Arden permitiu-se um ligeiro sorriso.

– Oh! – exclamou ela, desapertando o avental e atirando-o para o lado ao mesmo tempo que caminhava em direção a ele. – Se não é o maior mentiroso do condado. A minha *mãe*. Oh, meu Deus, olhem-me para si!

Arden levantou-se. Grace pegou nas mãos dele, apertando-as. Harvey voltara-se; estava a resmungar.

– Deus o abençoe, senhor! Ouvimos dizer que estava de regresso a casa. Malditos sejam os infiéis

que quisessem assassiná-lo.

Arden apertou-lhe as mãos por cima do balcão, perdendo os dedos no meio da manípula vermelha de Harvey.

– Sobrevivi.

– Pois. A verdade é que o bom Deus lhe deu tantas vidas como a um gato, senhor. O que vai tomar, senhor?

– Um quartilho de cerveja da casa, por favor. – Grace ainda lhe segurava na outra mão. O marido, como sempre, não reparava. Arden nunca soubera bem se seria uma cegueira intencional. «Oh, o Harvey não se importa», comentara Grace, certa vez, «desde que não lhe peça para criar filhos de outros homens.»

Os olhos dela continuavam bonitos, com linhas de expressão mais vincadas, e o cabelo castanho ainda lhe descia numa madeixa solta pelo rosto, suavemente sedutor naquela penumbra. A iniciação sexual de Arden fora eletrizante e precipitada. Saltara o muro e andava pelos bosques que rodeavam Swanmere, deambulando sem propósito mas com toda a energia de um adolescente entre o verde do pico do verão, quando a ouviu rir. Vira-a e a Harvey através de uns arbustos.

Ela era alguns anos mais velha do que ele, talvez uns dezassete. E Harvey era enorme; sempre fora enorme, um viúvo que se casara recentemente com a cozinheira bem-humorada. Descera-lhe o vestido até à cintura e, à luz malhada do sol, os seios de Grace pareceram-lhe duas nuvens brancas, e os mamilos grandes e escuros.

Arden ficou cravado no solo, petrificado, esquecendo-se até de respirar, quando Harvey os cobriu com as duas mãos enormes e fez Grace ajoelhar-se. O rosto dela, sorridente, parecia estar também algo expectante e concentrado; apoiara as mãos na erva. Enquanto Arden observava, Harvey subiu-lhe o vestido, segurando-lhe uma nádega branca com as mãos enquanto abria as calças.

Na inocência dos seus quinze anos, Arden ficara impressionado com o enorme tamanho de Harvey. Com um fascínio ardente e desesperado, viu o taberneiro arrebatá-la por trás. Ela deixou cair a cabeça e agarrava o chão. Os seus seios ondulavam ao ritmo das estocadas curtas e rápidas. Arden colocara um braço à volta de uma árvore e espetara-lhe as unhas na casca. As marcas ainda deviam lá estar.

Harvey era um homem de poucas palavras, na vida como no sexo. Não se ouvia nada além do som pesado da sua respiração e do bater das coxas musculosas contra as nádegas dela. Arden julgara que o homem ia rebentar, de tão vermelho que ficara, mas inclinou-se vigorosamente e debruçou-se sobre Grace, como se fosse devorá-la com o seu corpo enorme, os músculos dos braços tensos quando a agarrou pelos ombros. Abanou e tremeu, gemendo suavemente, e Arden segurou-se à árvore para evitar que os seus joelhos cedessem.

Escondera-se imediatamente atrás da árvore assim que Harvey voltara a dar sinais de vida. Arden observava uma mariposa que estava pousada na árvore, sem saber muito bem o que via, quando os arbustos restolharam e Grace disse:

– Vamos ficar um bocado.

– Tenho de trabalhar – respondeu Harvey. Ouviu-se o som de uma palmada. – Sua preguiçosa.

– Harvey – disse ela, com voz meiga. – Vamos ter uma boca nova para alimentar.

Grace fez um suspiro sonoro. Os arbustos mexeram novamente e ouviu-se os dois a atravessá-los.

Durante algum tempo, Arden não foi capaz de se mexer. Olhava para a mariposa sem a ver, com as narinas muito abertas pois lembrara-se finalmente de respirar. Estava num estado de intensa

excitação. Dolorosa. Encostou a cabeça à árvore e apertou-a até sentir um zumbido nos ouvidos.

– Sei que está aí.

A voz de Grace parecia-lhe algo de imaginado entre as campainhas que ouvia na cabeça. Imóvel, engoliu em seco.

– É da casa grande – voltou ela. – É o jovem senhor.

Arden não conseguia sequer pensar em falar. Fechou os olhos, agarrando-se à árvore.

– Quer fazê-lo comigo?

Foi um sussurro, não sem timidez. Se não a tivesse sentido, teria dado meia-volta e fugido.

Ouviu-a a mover-se, a aproximar-se. Quando voltou a falar, estava tão próxima que ele até saltou.

– Já o vi, a andar por aí, muito discreto. – Fez uma pausa e depois, num tom sonhador, disse: – Acho-o muito belo.

Arden virara ligeiramente a cabeça, mal se atrevendo a olhar para ela. Estava afogueada e tinha o cabelo solto. Segurava o vestido nos braços cruzados, mas este abria à frente e ele viu os seios esmagados um contra o outro. Ele sentia o coração bater tão depressa que tinha receio de desmaiar.

– Que olhos bonitos. Bonitos de mais para uma rapariga como eu – dissera, com um toque de lamento.

Então, ela voltara-se para partir e, até àquele dia, ele não sabia se tinha sido deliberadamente seduzido por aquela estratégica retirada, mas, quando ela esboçou o movimento, ele ficara inquieto e dissera:

– Eu nunca...

Foi tudo o que lhe escapou da garganta paralisada. Ela olhou para trás e um sorriso conhecedor, fruto da experiência, deu um novo brilho ao seu rosto. Ele tivera a impressão de estar diante da mais esplêndida fêmea de todo o Universo.

– Não é difícil. Eu mostro-lhe. Mas já estive a espreitar, não foi?

Ela voltou, pegou na mão dele e, inclinando-se, depositou-lhe um beijo casto no canto da boca.

– É casada – disse ele, em tom desesperado, mau grado o toque e o cheiro dela e a carícia tão suave dos seus dedos quando pegou na mão dele e a levou ao seu seio.

– Hum. E vou ter um bebé. – Ela tocou nos lábios dele com a língua. – A minha mãe diz que a gravidez deixa uma rapariga peculiar. Sempre quis, sabe? E o Harvey tem-se esforçado. Não faria isto com mais ninguém, mas você é o jovem senhor. Tem medo do Harvey?

Arden tinha terror de Harvey. Tudo o que conseguia ver era a sua mão enorme sobre o peito dela; tudo o que conseguia sentir era o mamilo dela que intumescia entre os seus dedos. Apertou-o, arrancando-lhe um gemido do fundo da garganta, sentindo o peito a avolumar-se contra a mão dele.

Ela tentou pôr-lhe a mão nas calças, mas ele agarrou-a, inconfessavelmente atormentado, absolutamente convencido de que explodiria se ela lhe tocasse.

– Tem medo do Harvey? – perguntou ela novamente.

– Não – articulou ele em voz rouca.

Ela puxara-o para junto de si e levava-o para o monte de erva banhado pelo sol. Arden tremia por todo o lado. Desajeitadamente pusera-se de joelhos atrás dela e deslizara-lhe as mãos por baixo da saia quando ela se ajoelhara, fazendo como Harvey fizera, e, na sua excitação e consternação adolescente sentiu-se estranho, agoniado, incapaz de se mexer ou de respirar.

Ainda se lembrava da forma como ela se encostara a ele, incitando-o:

– Força.

Ele não o fizera; não dissera nada, limitando-se a afastar-se, a abotoar-se e a sentar-se com o rosto nos braços. E, para sua eterna vergonha, derramara lágrimas de frustração.

– Não faz mal – dissera ela, dando-lhe palmadinhas no pé. – Às vezes acontece um homem não poder, é o que diz o Harvey.

Ele sentiu a desilusão na voz dela.

– Desculpe – dissera, ainda com o rosto nos braços.

– Deixe lá – tinha dito ela.

Ele julgara que ela se levantaria e iria embora. Até aos dias de hoje, não sabia o que a impedira. Ele aguardara, com a cabeça nos braços, desesperado por que ela fosse embora e o deixasse entregue à sua vergonha; desesperado ainda por a sentir outra vez.

Por fim, ele olhou. Ela estava deitada de costas no chão, era a única diferença. Tinha os olhos fechados e o rosto malhado do sol, vestido amarfanhado por baixo dos seios e acima da cintura, deixando tudo à vista. O corpete estava solto e ele recordava-se vividamente da pequena colina do ventre dela, realçada pela posição em que se encontrava deitada.

Ele levantara-se e olhara-a, deitada no chão. Sentiu-se percorrer por uma excitação mais profunda, mais poderosa, de cuja existência ele nunca suspeitara mas que provinha de dentro de si.

Deitou-se ao lado dela na erva, tocando-lhe, beijando-a, deitando-se em cima dela. Ela abrira a boca do seu corpo para o receber, arqueando-se; ele não tinha memória de como conseguira encontrar o sítio dela, só de que mexiam os corpos juntos, e ele estava em cima dela, e ela arfava e gemia, soltando sons de surpresa, de prazer e de reivindicação. Agarrava-se a ele com frenesim, naquele movimento perpétuo; até Arden pensar que iria morrer se não alcançasse o final; que iria morrer com a intensidade da sensação atordoante. Até que, por fim, o clímax dela soltou o seu e ele sentiu os músculos, a respiração e a consciência a explodir. Depois ficaram deitados os dois, derrubados, parvos, ambos assombrados pela poderosa ligação.

– Meu Deus – sussurrou Grace. – O Harvey nunca fez isto desta maneira!

Muito depois, encontrando-se Arden bastante mais esclarecido sobre as mulheres, deduzira que se tratara do primeiro clímax dela. Talvez tivesse ensinado «aquela maneira» a Harvey. Ou talvez tenha preferido, afinal, não ser esmagada debaixo de mais de cem quilos, e ter deixado as coisas à vontade de Harvey. De qualquer forma, sempre mostrara uma ternura especial pelo seu jovem senhor, tímido e ardente.

Durante sete anos sensacionais, até o pai o levar a Londres no seu décimo oitavo aniversário, Arden vivera numa névoa de desejo por Grace e de medo de Harvey. Contavam-se pelas mãos o número de encontros sexuais que haviam tido. Precisamente oito, embora, com toda a probabilidade, ele tivesse fantasiado mais de oito mil, e lembrava-se do contexto e do lugar de cada um deles. Grace fora uma meretriz honesta. Só permitia que Arden lhe tocasse com a segurança de uma gravidez, para dolorosa frustração deste. Os filhos de Harvey eram autênticos pequenos Herring.

Mesmo assim, Arden não estava completamente certo de querer que Grace se mostrasse tão terna com ele no Cisne Negro. Mas o homenzarrão apenas se debruçava sobre o balcão, sorrindo com benevolência à sua alegre e insensata mulher: um cornudo perfeitamente inofensivo.

Uma rapariga de rosto roliço e corado desceu pelas escadas, gritando:

– Mãe, a Jenny não me dá as minhas fitas! – Parou e olhou para Arden de olhos muito arregalados.

– Faz uma cortesia – disse Grace, levantando-se prontamente e alisando as saias com constrangimento. – Esta é a Martha, senhor, a nossa mais velha. Provavelmente só se recordará dela

de quando era bebê.

Arden levantou-se, fazendo uma vénia que fez corar mais ainda o rosto de Martha. Devia ter uns dezasseis anos e ele sorriu, recordando a imagem encantadora daquele ventre banhado pelo sol. Pegou-lhe na mão.

– Miss Herring.

– La! – disse Martha. – É Lord Winter! A mãe contou-me tudo sobre si.

Herdara da mãe o talento natural de sedução e olhava para ele com olhos especulativos. Arden encostou-se a uma viga pesada e bebeu um bom trago de cerveja. Quando baixou a caneca, reparou que Harvey o olhava.

A expressão convivial do taberneiro tinha desaparecido. Olhava para Arden com um olhar frio, de advertência.

Este inclinou ligeiramente a cabeça como se acusasse o aviso. Harvey ainda manteve o olhar gélido durante algum tempo, mas depois voltou-se para pegar num copo. Miss Martha desfazia-se em comentários e perguntas sobre Sua Senhoria quase ser morto na Etiópia, num monólogo ingénuo que sugeria que a mãe não lhe contara tudo acerca de Lord Winter. Arden deixou-a discorrer. Grace dirigiu-lhe o seu olhar de marca por entre as pestanas cingidas, que no passado lhe consumira a razão e o fazia dar voltas na cama a sonhar e estrangular a almofada durante a noite.

Parecia mais velha ao lado da filha infatigável, mas não ao ponto de perder a sensualidade da juventude. A recordação da primeira vez dos dois espicaçara o seu desejo latente. Mas, com uma sensação profunda de alheamento e de ansiedade, compreendeu que não era Grace quem ele desejava agora. Nem sequer Miss Martha, com as suas faces rosadas e voluntarismo... Com os cem quilos do pai ou não.

Pouco depois de terminar a cerveja, desejou boa noite aos Herring, para grande desilusão de Miss Martha, pois não iria ficar para ver a nova decoração da touca com que ia desfilar. Grace acompanhou-o até às escadas. Os hálitos dos dois misturaram-se no ar frio.

– Fiquei muito feliz, senhor, por saber que ainda estava entre os vivos – declarou, com a inesperada melancolia que por vezes lhe adoçava a voz. – Muito feliz.

Ele encolheu os ombros.

– Estou bastante bem.

Ela pousou-lhe uma mão em cima do braço e, de repente, disse com ternura:

– Sabe que já não posso fazê-lo. Não com as miúdas assim crescidas. Não seria... Correto. Não acha? – Olhou para ele, ansiosa.

Ele sorriu.

– Acho. – Tocou-lhe no rosto. – Além disso, acho que o Harvey está de olho em mim.

– O Harvey! – Disfarçou uma risada, e depois disse: – Ele tem sido imensamente bom para mim.

– E eu prefiro evitar que me partam todos os ossos do corpo – replicou ele com um sorriso trocista. – Agora também tenho uma família.

Ela pareceu um pouco mais animada.

– Pois tem, senhor. Pois tem! – Deu-lhe palmadinhas no braço. – Assim, sinto-me melhor. – Como ele ergueu as sobranceiras ao ouvir isto, ela acrescentou: – Parecia tão sozinho quando entrou, mas tem uma mulher e na casa grande diz-se que ela é suficientemente bonita para o manter ocupado.

– É isso o que dizem? – perguntou ele, divertido.

– Uma beldade – replicou ela com solenidade. – Não que me faça sombra, claro.

– Claro que não.

Ela riu-se e espetou-lhe um dedo.

– Não é a filha da Grace Herring? – imitou ela com voz aguda. – Seu matreiro! Sempre foi calado e atento. – Então, apertou a mão com força e, de repente, inclinou-se para lhe dar um beijo na boca. – Da melhor qualidade – sussurrou.

Antes de ele conseguir assimilar o primeiro corpo feminino que sentia contra o seu há mais de dois anos, já ela o deixara e entrara a correr.

Quando ele levantou a gola do casaco e descia pela rua, a última janela do Cisne Negro abriu-se com um guincho.

– E certifique-se de que ela o trata bem, senhor – sibilou Grace –, ou terá de me prestar contas a mim e ao Harvey! Não posso permitir que volte aqui com olhos de cordeirinho. A minha Martha não tem mais juízo do que eu, senhor, e eu sei bem de quanto se trata.



Já passavam horas da meia-noite quando Arden acendeu uma vela no quarto para o qual fora relegado. Despiu-se, pois ainda não contratara um criado pessoal, e atirou as roupas e a sobrecasaca húmida para a cadeira ao lado do berço. Estava quente no quarto, e supôs que mantinham a lareira acesa por causa de Beth.

Teria sido melhor se estivesse frio. Abriu a janela e deixou-se ficar ali só de calças, com o ar frio a bater-lhe no peito.

Muito bem, agora também tenho família. A boca fez um trejeito sarcástico. *E que grupinho acolhedor.*

Esfregou as mãos no rosto e afastou-se da janela, inquieto. Sentou-se no catre. Já dormira em sítios piores. Durante alguns instantes limitou-se a fitar o vazio, perdido num sonho erótico, no qual misturava Grace e a mulher elegante que, com três anos de atraso, o conde escolhera para tirar a virgindade ao seu filho (como sempre, o conde Belmaine não desejara correr nenhum risco desnecessário relativamente à educação e à experiência de vida do seu herdeiro) e algumas outras mulheres dignas de nota, embora não pelo seu discurso inteligente. Deu por si a fitar a porta do quarto em frente.

Parecera-lhe menos distante com a camisa e o robe. Mais terna. Tinha o cabelo apanhado numa touca, que não resistiria muito.

Viu o prato pousado ao lado da porta. Durante um instante de irritação pensou em chamar a criada descuidada que ali o deixara e chamar-lhe a atenção para o risco que é fomentar a presença de vermes numa casa daquele tamanho. Mas depois ajoelhou-se abruptamente e pegou-lhe.

Levantou-se com ele na mão. Ficou mais confiante, mas depressa deu por si a pensar no absurdo que era, procurar significado num prato vazio. Atirou as migalhas pela janela e pousou-o.

Sentou-se novamente no catre, encostando-se à parede e esticando as pernas. Fez girar um bloco vermelho com o dedo do pé e perguntou-se por que razão não era tão difícil falar com alguém como Grace.

Porque não havia nada do que falar, claro.

Ah, simples luxúria.

Ele aprovava bastante a simples luxúria. E, a cada segundo que passava, cada vez mais. Tanto, que

se levantou, apagou a vela e, muito lentamente, tentou rodar a maçaneta da porta.

Estava destrancada. Não o esperara. A porta abriu-se silenciosamente, emanando calor para o compartimento fresco que ele abandonava.

Ouviu a respiração da filha, pequenos e suaves suspiros de criança. Mais nada. Os seus olhos ajustaram-se, detetando, no escuro, o volume da cama.

Poderia estar acordada. Poderia tê-lo ouvido entrar, visto a luz da sua vela por baixo da porta. Entrou silenciosamente no quarto. Tudo estava no seu lugar, tão familiar que dispensava a visão mesmo passados treze anos.

Parou aos pés da cama. Ela estava acordada, pensou. Não conseguia ouvir a respiração dela.

– *Yallah!* – disse ela, tão nitidamente que ele se sobressaltou. Mas a palavra denotava medo e não irritação. Ouviu a roupa da cama quando ela se mexeu e começou a sussurrar uma confusão de palavras que se transformaram em gemidos silenciosos, como os de um cãozinho que não conseguisse uivar. – Vai-te! – disse claramente em árabe. – *Yallah! Yallah!*

Então, o seu corpo aquietou, mas continuou a gemer.

– Está tudo bem – disse Arden.

– *Djinn* – soluçou. – Um *djinn*!

Ele ajoelhou-se ao seu lado, procurando-a entre a massa de tecido. Agarrou-lhe a mão. Os dedos dela estremeceram e fecharam-se convulsivamente. Da garganta, saíam-lhe pequenos gritos frágeis.

– Está tudo bem – disse, debruçando-se sobre ela, aproximando-se. – Estás em segurança, pequeno lobo – disse. – Não há demónios. Estamos em Inglaterra.

Os queixumes cessaram, mas ela respirava aos solavancos e agarrava com força a sua mão.

– Estou aqui – murmurou, beijando-lhe o rosto e a testa. – Não sabes que eu estou aqui?

A respiração dela deixou de se ouvir. Pareceu fazer um esforço para acordar, inalando. A mão relaxou. Ficou quieta, tão quieta que Arden pensou que provavelmente acordara, mas ela não disse nada.

Esperou que ela notasse que ele estava ali, que se levantasse de um salto e que gritasse, ou então, que o escorraçasse.

Hesitante, tocou-lhe na testa com os nós dos dedos. Ela exalou um suspiro de sono e virou-se para o outro lado, afastando-se dele, mas levando consigo a sua mão.

No escuro, ela não era Lady Winter. No escuro, voltava a ser o seu pequeno lobo, que sonhava com demónios e tinha de lhe tocar durante o sono.

Encostou-se à cama. Não tentou deitar-se ao lado dela, pois iria acordá-la e quebrar o encanto. Apoiou a cabeça nas costas quentes de Zenia. Passou muito tempo ajoelhado no tapete envolvendo-a com o braço, enquanto ela voltava a mergulhar nas profundezas do sono.

CAPÍTULO 16



Elizabeth, sendo uma criança ativa, sabia que a mãe de manhã bem cedinho era muito aborrecida de aturar. Sabia que se encostasse o rostinho ao da mãe e tentasse acordá-la, seria imediatamente agarrada pelos seus braços e não conseguiria sair da cama quando quisesse. Mas reservou um momento para investigar o invulgar aparecimento de um outro braço, enorme e escuro, que abraçava a mãe.

Na opinião de Elizabeth, abraçar era uma palavra bonita, uma coisa boa.

– Baço – disse, tocando no novo braço.

Ouviu um som grave do outro lado do corpo da mãe. A mão mexeu-se, e o braço também, e apareceu uma cabeça com o cabelo desalinhado. Deliciada, Elizabeth viu que um dragão, semicerrando os olhos e abanando a cabeça, se levantava do tapete. Apertou uma mão contra a outra e sorriu-lhe.

Ele piscou os olhos azuis e devolveu-lhe o sorriso.

Elizabeth deixou escapar um pequeno som. Arrastou-se até ao fundo da cama e deslizou até ao chão com destreza considerável. Calçada com os chinelos decorados com fitas, correu à volta da cama e deparou com o dragão inteiro, uma enorme extensão de pele morena posicionada mesmo à sua altura. Deu um gritinho.

Ainda a dormir, a mãe murmurou algo. O dragão olhou para Elizabeth com os seus sorridentes olhos azuis e sussurrou:

– Chiuuu... – Com uma voz suave, mais suave do que os dragões que a ama costumava desenhar-lhe no papel. Com todo o cuidado, tirou o braço que rodeava a mãe e levantou-se.

Nesse momento passou a ser um homem, e Elizabeth recuou um bocadinho, menos segura dos homens do que dos dragões. Mas ele não tentou pegar nela; limitou-se a caminhar, alto e imponente, nas suas meias grossas, para o quarto de brincar. Começou a fechar a porta.

Elizabeth desatou imediatamente a correr. Não ia ser posta fora do seu próprio quarto. Empurrou as mãos gorduchas contra a porta antes de esta se fechar.



Zenia dormira excelentemente. Demorou-se mais na cama do que o habitual, vagamente surpreendida por Elizabeth estar a dormir tão sossegada e durante tanto tempo. Zenia tinha uma vaga

recordação de ouvir uma porta a fechar, mas não conseguia determinar há quanto tempo teria sido; a criada subia sempre para atizar o fogo, o que habitualmente acordava Elizabeth, que corria logo para os brinquedos.

Voltou-se para tocar na testa da filha e verificar se tinha febre. Deslizou o braço pela cama e sentou-se abruptamente.

– Elizabeth! – chamou, tirando imediatamente os pés de dentro da cama. – *Elizabeth!*

Correu até ao quarto de brincar e esbarrou com a ama, que vinha de lá.

– Oh, desculpe, senhora...

– Elizabeth! – gritou Zenia num frenesim, afastando a mulher e deparando com um quarto vazio.

– Senhora, ela estava bem – disse a ama em tom tranquilizador. – Desceu com o pai para tomar o pequeno-almoço.

– Desceu. – Zenia levou a mão ao pescoço. – Oh! – reparou que a ama levava uma camisa e umas calças de homem dobradas por cima do braço. – Eu não dei autorização para a levarem para baixo!

O sorriso da ama desapareceu. Fez uma cortesia lenta.

– Peço mil desculpas, senhora! Mas... devia dizer a sua senhoria que não podia levá-la?

– Com certeza! – atirou Zenia, dando meia-volta. Tocou a sineta para chamar a criada pessoal, mas quando esta chegou já estava vestida. Esperou apenas que lhe apertasse o último botão do vestido e que lhe prendesse o cabelo numa touca preta, e desceu as escadas a correr.

Não havia ninguém na sala do pequeno-almoço. Um sol de inverno radioso incidia sobre a mesa, brilhando nas pratas e nos cristais. Ainda era demasiado cedo para o conde e a condessa, mas dois dos lugares já tinham sinais de utilização. Viu um guardanapo aberto num deles, com uma grande mancha cor de laranja no meio. Caíra alguma coisa, obviamente. Vários suportes para tostas tinham sido saqueados e o compartimento cheirava a presunto e café. Entrou um lacaio com café fresco. Pousou-o e, de forma automática, puxou uma cadeira para ela se sentar.

– Onde está Miss Elizabeth? – perguntou Zenia, ignorando a cadeira.

O lacaio inclinou a cabeça.

– Não tenho a certeza, senhora, mas sua senhoria mencionou uma visita ao estábulo após o pequeno-almoço.

– O estábulo! – Zenia rodopiou e atravessou a passos largos o vestíbulo de mármore, que ecoou o bater dos tacões nas colunas raiadas de vermelho e no chão. Um outro criado abriu a porta do salão do rei da Prússia, que Zenia atravessou a todo o vapor. No fim, saiu pelas portas envidraçadas, sem parar sequer para se agasalhar.

Começou a percorrer o longo caminho sentindo o ar frio da manhã no rosto e nos pulmões. Os estábulos ficavam bastante distantes. Coroavam a colina situada por detrás da casa e dispunham de uma fachada tão formal e elaborada como a da casa principal. Quando alcançou o pátio de gravilha, marcava o ar gélido com baforadas de vapor.

– Miss Elizabeth está aqui? – interrogou ao primeiro cavaleiro que detetou, um homem pequeno que conduzia um cavalo pela entrada em arco.

Ele vacilou.

– No picadeiro em piso relvado.

– No picadeiro relvado? – Zenia nunca entrara nos estábulos; as carruagens eram sempre levadas até à casa e ela nem por uma vez andara a cavalo em Swanmere. – Onde?

O homem pareceu pressentir-lhe o pânico, pois entregou as rédeas do cavalo a um rapaz e fez uma

nova vénia.

– Por aqui, senhora, por favor.



Beth baloiçava e soltava gritinhos animados, segura na frente da sela pelos braços de Arden.

– Pa! – gritava. – Pa! – exigindo que retomassem a velocidade quando este parava. *Shajar* passou imediatamente a um meio galope, espetando as orelhas, dócil e bela, apesar do contexto desconhecido. Ela ia de um lado ao outro do relvado, demasiado pequena para a altura de Arden, mas perfeita para uma menina. Se Deus quisesse, Beth teria vinte anos ou mais para desfrutar dela, pois os cavalos árabes tinham longevidade e a égua acabava de fazer seis anos. Os beduínos cresciam com os seus cavalos. O maior presente que um xeique podia dar ao filho bebé era a égua que o acompanharia nas batalhas.

Arden conduzia a filha no cavalo de guerra do príncipe Rashid, ziguezagueando e galopando em círculos enormes, ignorando a dor aguda que sentia no tronco. Beth teria as suas primeiras lições num pônei robusto, claro, mas a *Colar de Pérolas* estaria lá, como inspiração e recompensa. *Shajar al-Durr*, a égua esplêndida e perfeita que o pai trouxera do deserto para ela.

Beth era destemida. Ainda no chão, não recuara quando a égua aproximara de repente o focinho com curiosidade, respirando para o seu rosto; Beth limitara-se a estender a mão para lhe acariciar o nariz macio. Agora, entre balanços e saltos, também não chorava, mas ria de alegria. A julgar pelo prazer imediato que mostrava em montar um cavalo de guerra e guerrear com o ar, poderia ter nascido nas tendas negras. Quando Arden inclinou a cabeça para a apertar contra si e lhe beijar a orelha, deu um gritinho e virou-lhe o rosto.

– Oh, que sedutora cruel! – disse. – Vais atormentar os sonhos deles, não vais, *sheytana*?

Ela fez um estalido com a garganta, como se não pudesse esperar.

– *Elizabeth!*

O grito agudo fez a égua saltar para o lado. Arden agarrou Beth com força, e a miúda ria. Quando o cavalo se acalmou, olhou em redor.

A mãe estava petrificada diante do portão da vedação, com as mãos brancas a cobrir a boca. Parecia ainda ter o bom senso de saber que correr por ali adentro num aparatoso agitar de saias não seria o mais sensato. Ele aquietou a égua e Lady Winter avançou a grandes passadas pela erva lamacenta.

– É *louco* – sibilou ao aproximar-se. Esticou os braços e arrancou Beth aos dele. A menina começou a protestar, aos gritos, dando pontapés para se libertar. *Shajar* atirou a cabeça para trás, com a agitação. – Quer matá-la! – gritou a mãe de Beth. – Não se importa que ela morra?

Tinha o rosto malhado, o cabelo escuro a querer sair de uma feia touca preta. Nem sequer trazia uma capa. Deu meia-volta e partiu, levando Beth com ela.

Ele desmontou e ficou a vê-la avançar até ao portão. Ele sentia-se completamente sem ar, como se tivesse levado um soco forte no peito.

Lady Winter voltou-se, pegando na filha, que chorava.

– Não se *atreva* a tocar-lhe. Não volte a pôr-lhe as mãos em cima!



Foi o próprio conde quem veio ao encontro de Zenia, a meio da colina para os estábulos.

– O que aconteceu? – perguntou num tom de voz agreste que nunca lhe ouvira antes.

Zenia ainda estava mergulhada em pânico e irritação.

– Lord Winter não pode ter permissão para estar com a minha filha – disse. – Ela não está segura com ele.

Lord Belmaine fitou-a com olhos semicerrados.

– Diga-me o que aconteceu.

– Pergunte-lhe – disse Zenia. – Eu tenho de a levar para dentro. Vai apanhar uma doença. Nem sequer tem uma touca. – Com isto, Zenia afastou-se, determinada a opor-se se ele tentasse detê-la, o que ele não fez. Elizabeth parara de chorar e de se debater, e, no colo de Zenia, apontava para pontos de interesse. Tinha o rosto muito vermelho. Zenia tentou tapar a orelha da filha, que se ressentia do vento.

De regresso ao quarto dos brinquedos, Elizabeth pôs-se a chorar assim que a porta se fechou e tentou alcançá-la quando Zenia a pousou no chão, esticando-se para chegar ao puxador. Enquanto Zenia tentava tirar-lhe a camisa de dormir, que estava suja e húmida – ele nem sequer a vestira devidamente, limitando-se a enfiar-lhe os sapatos por cima das meias de lã e a enfiar-lhe um casaco atabalhoadamente –, Elizabeth não parava de protestar e tentar chegar à porta.

Zenia vestiu-lhe as roupas mais quentes que tinha e ordenou à ama que avivasse o fogo. Quando a pousou no berço, Elizabeth levantou-se e agarrou-se às grades, a gritar. Ia ter uma crise, sabia Zenia, tentando acalmá-la, mas Elizabeth empurrou-a, furiosa e começou a gritar mais alto.



O conde deparou com o filho ao lado de um dos cercados, com uma sela e arreios aos pés. Dentro da vedação, a égua mais adorável que Lord Belmaine já vira entretinha-se a brincar e a correr com a cauda estendida como um estandarte. Ela voltou-se quando o viu e aproximou-se num trote flutuante para investigar.

O conde parou junto da cerca, a alguns metros do filho.

– Que diabo anda a fazer? – perguntou, apreciando a égua que corria veloz pelo recinto. O animal parou, arqueando o pescoço elegante na direção dele, fitando-o com olhos escuros líquidos de curiosidade. Depois, bufou divertida e partiu como um raio.

– Oh, ando a tentar matar a minha filha – respondeu Arden. – O que mais poderia ser?

O conde voltou a sentir uma ardência e um aperto por baixo do esterno. Seria obrigado a recorrer a uma dieta ligeira, pensou sombriamente.

– Pergunto-me porque é que durante toda a sua vida tornou as coisas tão difíceis.

– Deserde-me – atalhou o filho.

Ficaram em silêncio. O conde disse, por fim:

– Posso perguntar de que forma, precisamente, foi acusado de tentar provocar ferimentos a Miss Elizabeth?

– Ocorreu-me que ela poderia gostar de andar a cavalo comigo – respondeu, encolhendo os ombros. – Ela parecia estar a gostar.

– Suponho que não pensou nos perigos de uma possível queda.

– Este cavalo é do melhor que o deserto pode oferecer – replicou friamente o visconde. – Tem um

adestramento perfeito. Não se assustava com os tiros das armas de Ibrahim Pasha nem se assustou quando uma harpia vestida com roupas de viúva começou a correr para ela aos gritos. Não ia cair.

– Em cima de um cavalo tudo pode acontecer, por muito bem treinado que esteja. Sabe disso.

– É verdade. E a casa pode pegar fogo ou ser fulminada por um raio e o céu pode desabar.

Se o conde não alimentasse um orgulho secreto pelos dotes superiores do filho enquanto cavaleiro, teria tido uma réplica mais mordaz, mas sabia que, de facto, Miss Elizabeth não podia estar em mãos mais capazes. Por isso, disse:

– Lady Winter é uma mãe extremamente cuidadosa e dedicada. Não posso censurar as precauções que toma com Miss Elizabeth. Não encontrará aquela menina a deambular sem acompanhamento nem cuidado.

– A criança sai do quarto? – perguntou secamente o visconde.

– Lady Winter é muito sensível aos perigos das doenças infantis.

O filho voltou-se.

– A Beth sai do quarto dela? – repetiu, mais contundente.

– A mãe não corre riscos no que respeita a infeções. Julgo que é uma atitude sensata, sobretudo nesta altura do ano.

Arden semicerrou os olhos, fitando-o e virou-se para apreciar o cavalo, com o maxilar tenso de hostilidade.

– Pelo menos podia ter-lhe posto uma touca – retomou o conde, tentando aligeirar. – Está um vento forte.

– A miúda nem sentiu. – Arden sorriu com amargura. – É destemida. Ainda fugimos juntos para nos juntarmos aos ciganos.

Lord Belmaine debruçou-se sobre a cerca e olhou para o perfil do filho. O vento agitava-lhe o cabelo escuro sobre a testa. Parecia cansado e irritado. A boca tensa dava a impressão de que sofria uma dor física.

– Esperava – disse lentamente o conde – que desta vez não fugisses.

Um músculo estremeceu no rosto do visconde. Não tirava os olhos da égua.

– Estou aqui – disse. – E, passado um instante: – Vou tentar. Estou a tentar.

Com que empenho?, foi a pergunta irónica que Lord Belmaine teve vontade de formular, mas conteve-se. Estava determinado a conseguir falar com o filho. Nunca sabia o que o fazia partir e tinha completa consciência das ocasiões em que quis retirar as palavras que o provocaram.

– Queria que falasse com o nosso advogado – disse o conde. – Mr. King. Seria possível?

– Perfeitamente possível.

– Ele aguarda na sala de mapas que lhe seja oportuno ir lá.

– Muito bem. – O filho inclinou-se, pegou na sela e segurou-a contra si, com um breve esgar. Afastou-se.



O advogado não dizia nada que Arden não tivesse depreendido de moto próprio. Inexpressivo, ouvia Mr. King, com os seus papéis, mas com o olhar fixo para lá das janelas com os seus reposteiros de damasco verde debruados a ouro.

– Não é preciso grande incómodo, senhor – comentou secamente Mr. King. – Tomando as

diligências necessárias, poderá ser efetuado com extrema privacidade na capela da casa. Sua senhoria e eu, após ponderarmos cuidadosamente o assunto, julgamos que seria a opção mais prudente e razoável. Concorda?

– Sim – declarou Arden.

O advogado, reparou Arden, quase suspirou de alívio.

– Excelente. Sendo assim, colocarei o processo em marcha.

– E se ela não aceder?

O homem reuniu cuidadosamente os papéis num monte perfeito.

– Seria extremamente invulgar, uma mulher ser tão insensata quanto aos melhores interesses de si própria e dos filhos.

– Mas, se o for?

– Lord Winter, trata-se de meros formalismos. Sei que contraiu matrimónio com Lady Winter no Oriente, mas não possui nenhuma prova que possa ser aceite em tribunal caso seja necessário, por qualquer razão, recorrer-lhe. O que, evidentemente, desejamos que nunca venha a ocorrer. Trata-se apenas de lidar com possíveis ocorrências.

– Que possíveis ocorrências?

– Bom. Um eventual falecimento do senhor ou de Lady Winter, por exemplo.

– Eu já faleci, Mr. King – disse ele em tom brincalhão – e, aparentemente, isso não colocou grandes dificuldades.

– Criou algumas. – Mr. King aclarou a garganta. – Mas, Lord Winter, permita-me que seja direto. A principal ocorrência que deve preocupar-nos será o facto de o senhor ou Lady Winter, no futuro, poderem arrepender-se deste matrimónio. Que procurem a separação, judicial ou privada. Ou poderá ocorrer, por hipótese, lamento dizê-lo, que uma pessoa casada manifeste o desejo de contrair núpcias noutro lugar. Sou obrigado a comunicar que, tal como está, a situação poderá proporcioná-lo. E a custódia de Miss Elizabeth não está tão segura como eu gostaria que estivesse.

– Qual é a minha posição enquanto guardião neste momento?

– Se for levado a tribunal e não houver provas da realização do matrimónio... – O advogado encolheu os ombros. – Não existe.

Arden comprimiu os lábios.

– Falou com Lady Winter a respeito disto?

– Não, senhor.

– Então não fale – devolveu, implacável.

– Seria uma imprudência da parte dela, uma imprudência completa, rejeitar abertamente a relação legal dos dois apenas porque é possível fazê-lo.

– Trata-se de uma mulher, não trata? Onde é que entra a razão?

– Condenaria a filha a ser uma bastarda. Não consigo imaginar que o fizesse de forma intencional. Dizem-me que é uma mãe extremamente dedicada.

Arden cerrou os dentes.

– Extremamente dedicada. – Ao longe, muito ténues, ouviam-se os gritos histéricos da filha no silêncio da casa. – Absurdamente dedicada.

– Se tentar viver sem contrair matrimónio, só poderá prejudicar a criança.

– O senhor disse que ela poderia casar-se com outra pessoa. – Arden saltou da cadeira. – Meu Deus, bela como é facilmente encontra alguém com quem se casar e se livrar do escândalo.

Durante alguns instantes o advogado ficou em silêncio; Arden apoiou as mãos na caixilharia da janela, fitando o exterior com olhar vazio. Então, Mr. King perguntou:

– Posso pedir-lhe que seja perfeitamente sincero comigo, Lord Winter? Parece-lhe que será uma possibilidade credível?

Ele abanou a cabeça.

– Não sei. Não a conheço minimamente.

Sentiu o olhar do advogado. Aquela ficção tão laboriosamente mantida de que existira um casamento celebrado no deserto devia ser transparente como água.

– Estou a ver. Se a custódia é a sua única preocupação – retomou o advogado em tom cuidadoso –, será possível tratá-la fora do tema do casamento.

Arden olhou em redor, apertando a madeira da caixilharia.

Mr. King remexeu nos papéis.

– Pode colocar-se a possibilidade de adotar simplesmente a criança, e de passar a ser o seu guardião, sem confirmar o matrimónio. Contudo, se a mãe se opuser, não sei dizer-lhe o grau de dificuldade. Uma criança que nasça fora do matrimónio é legalmente *filius nullius*, sem parentes, mas fica inquestionavelmente sob a guarda da mãe. Teria de investigar mais profundamente.

– Já me ocorreu fazer isso mesmo: adotá-la.

– Bom, eu utilizei o termo «adotar», mas, dado que o matrimónio é uma realidade... – dirigiu um olhar penetrante a Arden – e que a criança nasceu nesse enquadramento, trataremos apenas de garantir de forma absoluta que a falta de registo nunca poderá representar uma dificuldade para o exercício do poder paternal. Mas se, por hipótese, e falo em termos completamente teóricos, senhor, se, à sua chegada, tivesse declarado que, afinal, nunca tinha existido casamento nenhum, então receio que Miss Elizabeth, aos olhos da lei, seria legalmente uma *filius nullius*.

– Então tenho opções – disse Arden em tom irónico. – Posso casar-me com ela, ou posso escoraçá-la e pedir a guarda da minha filha bastarda.

– Escolheu uma formulação muito mordaz, Lord Winter.

– E ela... Ela pode casar-se comigo ou levar a Beth para fora daqui, encontrar outro homem que a sustente e bater-se comigo nos tribunais para me afastar da minha filha.

O advogado baixou os olhos.

– Parece-me mais provável que, nesse caso, a senhora saísse com a filha do país em vez de passar pelos tribunais.

Arden sentiu um aperto na garganta. *Sair do país*, pensou, com uma sensação crescente de pânico.

– Dê-me algum tempo. – Abanou a cabeça, encostando-a ao braço. – Por amor de Deus, não lhe diga isto. – Dê-me algum tempo.

– Não existe nenhuma limitação particular de carácter temporal, embora quanto mais cedo for possível concretizar a cerimónia para confirmação e registo do casamento, maior tranquilidade. O seu pai pediu-me que expusesse a Lady Winter as vantagens legais deste procedimento e irei confinar-me a este tópico. Parece-me desnecessário confundir a senhora com os pormenores legais mais complicados.

CAPÍTULO 17



Elizabeth nunca tivera uma crise tão séria. Rejeitava todas as aproximações; nada que Zenia fizesse parecia conseguir apaziguá-la, nem sequer os brinquedos e as músicas que adorava. Parecia não ter forma de terminar. Assim que Zenia a acalmava, fazendo-lhe festas na testa quente, Elizabeth apercebia-se de que estava a adormecer e desatava novamente a chorar. O pior era quando a porta se abria para deixar entrar ou sair a ama. Elizabeth lançava-se na direção da porta e uma vez atirou-se contra a grade do berço com tanta força que gritou de dor. Zenia e a ama tentavam pegar nela e fazê-la caminhar, mas ela, irritada, contorcia-se e resistia tanto que era impossível.

A ama tentou sugerir:

– Se a deixar tranquila, senhora, talvez...

Zenia voltou-se para ela.

– Não vou deixá-la – ripostou. – Vá buscar água fria! E depois não volte a abrir a porta.

A mulher ficou tão vermelha como Elizabeth. Baixou a cabeça e fez uma cortesia.

– Sim, minha senhora – disse, quase abafada pelos gritos de Elizabeth.

Zenia olhou pela janela. Perdera a noção das horas. Era como se a crise durasse o dia inteiro, mas ainda havia muita luz e o sol estava alto. Quando a porta se abriu, Elizabeth voltou-se. Começou a gritar com tanta histeria que deixou de respirar e o seu rosto passou de vermelho a azul, com a boca muito aberta e o corpo arqueado para trás, deixando Zenia apavorada, com receio de que pudesse asfixiar-se.

Tornou a tentar pegar na criança, mas esta contraiu os membros escapando-lhe. Elizabeth inspirou com um ruído sufocado e começou novamente aos gritos. Zenia, que já só ouvia os gritos estridentes, tentou mais uma vez cantar para a filha, mas a voz falhou-lhe. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Oh, querida – sussurrou, debruçando-se sobre a criança agitada. – Não chores. Não chores.

Recordava-se vagamente de que a porta continuava aberta; sem olhar, foi fechá-la, limpando as lágrimas que lhe escorriam pelo nariz com um gesto de irritação.

Lord Winter estava parado à entrada. A sua filha gritava e contorcia-se, inconsciente de tudo o que não fosse a sua própria histeria. E, subitamente, antes que Zenia compreendesse os seus intentos, atravessou o quarto e tirou Elizabeth da cama.

De olhos fechados, a criança retorceu-se, desfazendo-se em gritos agudos que Zenia não sabia possíveis. Debateu-se por um momento, o que não o impediu de a erguer com facilidade e, de repente, Elizabeth abriu os olhos. Estava a ser erguida, com a boquinha aberta. Antes de conseguir

preparar-se para uma nova saraivada de gritos, já estava em cima dos ombros do pai. Ele virou-se para a porta, baixou-se para passar e saiu para o corredor.

Zenia seguiu-os imediatamente. Elizabeth protestava ainda, mas, mais do que chorar, soluçava. Ele desceu as escadas com Zenia no seu encalço. Quando chegaram ao primeiro piso, até os soluços já tinham parado. Silenciosa, Elizabeth seguia agarrada ao cabelo do pai, a balançar para um lado e para o outro, na travessia do *hall*.

Na escadaria, desceu em passos saltitantes que faziam Elizabeth pular como uma bola indiana de borracha. A menina começou a rir-se.

Parou ao fundo das escadas e voltou-se para Zenia. O rosto de Elizabeth, manchado pelas lágrimas, era todo sorrisos.

– Quere-la, agora? – perguntou tranquilamente.

Zenia desceu um degrau, estendendo os braços para a filha. Os olhos de Elizabeth arregalaram-se. O seu rostinho ficou corado e inspirou para gritar.

Zenia baixou os braços, sentando-se na escada e pousando a testa nos joelhos. Era um alívio tão grande deixar de ouvir os gritos de Elizabeth que não suportaria que recomeçassem.

Arden olhou-a, aninhada nas escadas. Colocou um pé no degrau mais baixo e inclinou-se, agarrando-lhe na mão e puxando-a.

– Venha. Vamos passear.

Ela ergueu o rosto, resistindo.

– Não quero que ela saia – apressou-se a acrescentar.

– Não vamos lá para fora.

Ela deixou que ele a puxasse. Elizabeth fez um som de agrado. Arden caminhou pelo *hall* ressonante até uma estátua de alabastro, de uma pastora. A filha esticou a mão para tocar nos dedos de mármore, emitindo um «Gu!» surpreendido.

– Sim – replicou Lord Winter. – É uma menina.

Zenia podia tê-lo informado que, a não ser «mama» ou «pa» ou «da», tudo era «gu». Mas não o fez. Sentia-se a gozar a bonança depois da tempestade. Sentia-se... grata, para dizer a verdade.

Lord Winter passeou-se pela enorme casa, parando junto de tudo o que atraía a atenção de Elizabeth. Deixou-a tocar em coisas nas quais não se atreveria, ela própria, a tocar: em urnas de prata e porcelanas chinesas, relógios em dourado e esmalte. Quando Elizabeth tentou pegar num vaso de cristal, Zenia apressou-se a tirar-lho da mão.

Elizabeth inspirou com uma expressão de ameaça, e os lábios momentaneamente tremeram. Mas Zenia disse com firmeza:

– Não. – Pousou o vaso, enquanto Lord Winter se afastava o suficiente. – Se a deixar tocar no que ela quer, receio que parta alguma coisa – disse, seguindo apressada e ansiosa.

– É apenas um monte de lixo bonito – disse Arden descontraidamente.

Zenia olhou em redor, apreciando a imponência dos frontões altos e dos cortinados das janelas, os tampo de mesa de mármore incrustado e os candelabros de prata polidos. Ocorreu-lhe de forma muito evidente que aquele era o seu desígnio. Que tudo aquilo lhe era tão familiar que não o incomodava deixar uma criança brincar com uma caixa dourada que estivesse pousada na lareira de talha, embora tenha reagido depressa para a apanhar quando Elizabeth a largou.

Ali, ele parecera-lhe tão tenso e distante, tão distinto do amigo e do protetor que fora para si no deserto. Não parecia pertencer àquele lugar.

E, no entanto, era dele. Tudo aquilo era propriedade sua, a casa da família que, depois do pai, seria sua. Zenia agarrou um castiçal de prata antes que Elizabeth o derrubasse, perplexa com a indiferença dele. Ela não seria capaz de deixar a filha passear por ali de forma alguma. Permitira-se ser orientada por Lady Belmaine na maneira de agir e de vestir, de se sentar com graça e elegância; de servir chá e aceitar uma chávena. Mas ele passeava pela casa com o à-vontade negligente do proprietário, apresentando a filha a Swanmere.

Na lenta sucessão de tetos altos e cores luxuriantes, de lacaios que abriam as portas e as fechavam silenciosamente, os olhos de Elizabeth começaram finalmente a fechar-se. Na comprida galeria adormeceu por fim, com o rosto encostado ao cabelo escuro de Lord Winter.

Ele caminhou mais um pouco e virou-se. Os dedos gorduchos balançavam-lhe ao lado do rosto, pequenos e rosados em contraste com o perfil duro do seu rosto.

– Lamento dizer-lhe, Lady Winter – começou, com um sorriso de lado, que lhe enrugou a pele morena – que a sua filha ressona.

Zenia fez menção de lhe pegar, mas ele sentou-se numa conversadeira. Elizabeth agitou-se um pouco, num queixume, agarrando-se ao pescoço do pai quando este a baixou.

– Eu levo-a para cima – sussurrou Zenia, inclinando-se para pegar na filha.

Ele agarrou-lhe o cotovelo.

– Sente-se – disse.

Ela hesitou. Ele olhou-a fixamente, com aqueles olhos tão azuis, de uma cor surpreendente, como as contas que caíam das franjas das mantas, no rasto das escuras caravanas. As pestanas dele eram escuras como *kohl*.

– Sente-se – repetiu ele.

Elizabeth respirou ruidosamente com a vibração suave e profunda da sua voz. Com um soluço, encostou-se ao lenço dele.

Zenia contemplou-os por um momento. Havia uma parte de si, transtornada pelos ciúmes, que continuava a desejar Elizabeth só para si. Engoliu em seco, vendo a filha descansar com tanta confiança contra o peito dele. Zenia dormira assim uma vez, ao seu lado. Sabendo que ele estava lá. Sabendo que estava segura.

Sentou-se na pontinha da conversadeira.

– Não sabia que era bom com crianças – disse desajeitadamente.

Ele deu uma risada breve e seca.

Zenia entrelaçou os dedos, fitando-os.

– Ela tem estas... crises. Às vezes não sei como as parar. Mas o senhor... – Deixou esmorecer a voz.

– Não ligo às choraminguices das mulheres... – esclareceu. – Da próxima vez, viro-a de pernas para o ar e abano-a.

Zenia olhou imediatamente para ele, mas viu o seu sorriso gozão e percebeu que não falava a sério.

– Lamento tê-la assustado hoje de manhã – disse. – Zenia.

Proferiu o nome dela cuidadosamente, como se lhe fosse difícil utilizá-lo.

– Lamento ter dito... o que disse. – Zenia comprimiu os lábios. – Mas não deve levá-la lá para fora.

– Da próxima vez não me esquecerei da touca, pode ter a certeza.

– Não! Não, estou a falar a sério. Não deve tirá-la dos quartos aquecidos. Lá fora está frio e húmido de mais. Mesmo aqui dentro há correntes de ar. Espero que não fique doente, por causa da saída de hoje.

Ele fez uma careta.

– Ela tem propensão para ficar doente?

– Claro que não, tem uma saúde de ferro – declarou Zenia, permitindo-se um certo orgulho. – Tomo todas as precauções.

– Assim mo dizem. – Quando a fitou, por cima da cabeça de Elizabeth, Zenia notou-lhe um ligeiro brilho de troça no olhar. – O meu pai considera-a uma mãe exemplar.

– Considera? – repetiu Zenia, surpreendida e gratificada.

Lord Winter brincava com a renda do bibe de Elizabeth, alisando-a com o dedo. Depois disse:

– Os dois têm opiniões parecidas sobre como cuidar de uma criança.

– Ele nunca me disse nada. Fico satisfeita por saber que... que ele está de acordo.

– Não receie. É a menina dos olhos do seu sogro.

E o senhor, o que pensa de mim?, desejou desesperadamente perguntar, mas era impossível. Não tinha a certeza de como procediam os ingleses naqueles assuntos. No deserto, um homem podia mandar a mulher embora, devolvendo-a à família. Muitos faziam-no com frequência, procurando uma noiva nova quando se cansavam da antiga. Especialmente se ela não tivesse tido um filho homem. A mulher podia fazer o mesmo, refugiar-se do marido numa tenda, e, por orgulho, ele não iria procurá-la desde que a família lhe devolvesse o preço da noiva, caso ela não voltasse para ele. Os filhos não regressariam com ela, de forma alguma; as filhas poderiam ir, se ela as quisesse.

O casamento cristão não permitia um divórcio tão fácil. O conde e a condessa eram disso prova convincente. Não havia um único marido maometano que conservasse Lady Belmaine quando esta lhe dera apenas um filho e ele desejava tão ardentemente ter outros. Mas Zenia e Lord Winter não tinham celebrado nenhum casamento cristão. Naquele país, não havia nenhum xeique nem nenhum emir que ouvisse as pessoas e tomasse decisões. Havia grossos livros de leis que enchiam as prateleiras do escritório do pai; havia tribunais, colégios de jurisconsultos, a chancelaria, o tribunal eclesiástico e o tribunal de questões civis. Os nomes tinham surgido em conversas entre o pai e Mr. Jocelyn; havia certidões e casamentos celebrados em igrejas, e advogados e outros profissionais. Ela escrevera ao pai para que a aconselhasse, pois não confiava na opinião de mais ninguém.

Queria proceder à maneira inglesa. Mas receava que Lord Winter não a quisesse como sua mulher. Receava que ele só quisesse Elizabeth, o que lhe era insuportável. Não aceitaria. Tiraria Elizabeth dali. Procuraria primeiro o pai ou então iria para longe, tão longe quanto fosse necessário para ficar com a sua filha; para o próprio deserto, se fosse necessário.

Mas olhou para Lord Winter, em cujos braços Elizabeth dormia de exaustão, com os caracóis encostados ao rosto dele e o nariz enfiado nas dobras do lenço, e não teve vontade de partir. Queria ficar ali, atrás de muralhas inglesas de altura tão soberana que nada poderia penetrar nelas.

Como se lesse os pensamentos dela, ele disse:

– Zenia, desejo ficar aqui. – Franziu ligeiramente a testa, desviando o olhar para a janela. – Sabe que devemos chegar a alguma forma de... acordo entre os dois.

A respiração dela pareceu ficar mais penosa.

– Não parto sem a Elizabeth! – exclamou.

A testa franzida transformou-se numa expressão carrancuda.

– Não disse... Não tinha nada disso em mente. – Os olhos dele procuraram os dela, penetrantes. – Não sei porque o menciona.

Zenia ficou silenciosa, apertando muito as mãos, com o olhar no cabelo de Elizabeth.

– Tem pensado em partir com ela? – perguntou Lord Winter com vigor.

– Não neste momento – respondeu ela, com cautela na voz.

Estava muito quieta, com a cabeça ligeiramente inclinada. Aos olhos de Arden, parecia serena; completamente feminina e distante, com aquela delicadeza que o maravilhava, atraía e confundia. Ele planeava apresentar-lhe a situação de forma simples e desapaixorada; dizer que o casamento entre os dois seria a melhor opção para Beth, para não dizer a única. Era tão óbvio que não lhe parecia, objetivamente, que ela pudesse opor-se, visto que já vivia como Lady Winter.

Contudo, não conseguiu encontrar as palavras. Tinha pavor de dizer aquilo mal; errara em quase tudo o que tinha dito desde que chegara a Swanmere. Constatava a hostilidade da sua primeira resposta. Durante alguns momentos existira uma paz frágil entre os dois. Uma paz dentro dele, quando caminhara pela casa com Beth encavalitada nos seus ombros e Zenia ao seu lado. Fora a única altura da sua vida em que se sentira em casa naquele lugar.

Acariciou o pescoço morno da filha com a ponta de um dedo. Pobre Beth, fechada em dois quartos aquecidos. Para o seu próprio bem, pela sua mãe dedicada. Não sabia nada de crianças, mas sentira tanta afinidade e tanta dor, ao ouvir os gritos desenfreados, que agira, simplesmente. Quis tirá-la de lá. Olhou para a mãe e pensou: *Não conheces a tua própria filha. Assim, vais perdê-la.*

Mas também não o disse. Tinha algum juízo.

Acabou por não dizer absolutamente nada. Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. A noite estava a fazer-se sentir: o ressonar constante de Beth e a luz cálida do final da tarde que atravessava as janelas parecia convidar ao sono e à serenidade. Não queria lutar com a pessoa que estava sentada ao seu lado; aquela maravilhosa borboleta de negro e marfim. Espreitou-a discretamente, imaginando-a sem a touca irritante e a rígida bombazina. Esforçou-se momentaneamente por ver Selim nela, mas Selim partira, relegado para sempre ao mundo da fantasia. Para um mundo muito distante, tal como a Arábia, que se assemelhava agora a uma ilusão.

Mas a criança que tinha entre os braços era sólida e real. A mãe dela estava sentada ao lado dele. Imaginou-se a estender um braço e a puxá-la para si, para um círculo de três.

Não o fez. Deixou-se cair num sono leve, enquanto a sua mente lhe oferecia imagens eróticas de Zenia a desabotoar o vestido para amamentar. Sentiu que ela estendia um braço para arranjar o colarinho de Beth num gesto maternal. Acariciou-lhe o cabelo. E no seu rosto ele sentiu o toque daquela mão suave e fria.

Reprimiu um gemido silencioso de desejo. Quis voltar-se para aquela mão branca, beijá-la e acariciá-la. Abriu os olhos e viu-a muito próxima de si, com os dedos ainda no cabelo de Beth.

Ele mexeu-se ligeiramente, o necessário, apenas, para que a sua boca tocasse nos dedos que os cabelos de Beth envolviam.

Entreolharam-se. Por um instante, ela não recuou. E ele sentiu uma intensa descarga de desejo, uma vontade avassaladora de a descobrir, desnudar o seu corpo *imediatamente*; tomá-la ali no chão como se da erva de um bosque banhada pelo sol se tratasse; como se assim pudesse descobrir o segredo dela.

Ela virou a cara, facultando-lhe apenas o perfil. Foi um movimento discreto, mas a mão dela retirou-se lentamente, deixando-o com caracóis da cor do mel junto aos lábios e um desejo ardente

no corpo.

Sentiu uma distância enorme entre a situação em que estava e aquela que desejava, um abismo que ele não sabia transpor. Entre o impulso de desistir e de se afundar nela e no contorno de imobilidade perfeita do seu rosto; o silêncio, um salto impossível. Não sabia identificar nenhum dos passos que o fariam vencer aquele vazio; tão insondáveis que qualquer erro representaria o fim. Mas consumia-se. Faria alguma coisa estúpida se continuasse ali.

Levantou-se abruptamente, afastando Beth do seu corpo, entregando-a aos braços da mãe.

– É melhor levá-la para cima.

Não aguardou pela resposta. Deu meia-volta e afastou-se. Um quarto de hora depois, pendurava a espingarda ao ombro e dirigia-se para o campo de tiro que ficava por trás do velho pombal, onde aproveitou o resto da luz do dia para disparar contra bolas de vidro lançadas por uma máquina de lançamento, concentrando toda a sua energia mental na detonação e no coice da arma, e na satisfação de ouvir o vidro a estilhaçar.



Pediram a Zenia que descesse para falar com Mr. King antes da hora de se vestir para o jantar. Este e Lord Belmaine levantaram-se quando ela entrou. O conde colocou a cadeira dela perto do lume. Sorriu, perguntando, com uma ternura surpreendente, como estava Elizabeth agora que tinha sossegado.

– Está a dormir – respondeu Zenia. – Continua sem sinais de ataques periódicos de calafrios e sem sinais de crise. Tenho esperança de que não fique com febre.

– Ainda bem – devolveu Lord Belmaine. – Muito bem. Tenho a certeza de que lhe protegeu bem a garganta.

– Muito bem.

Ele assentiu.

– Lady Winter é uma mãe dedicada, Mr. King – comentou, bebendo do licor de cor verde.

– Não há nada mais agradável do que testemunhar a ternura sincera de uma mãe por um filho – replicou o advogado.

Zenia sentiu novamente alegria por se ver reconhecida. Assentiu com timidez.

– Para atender ao bem-estar de Miss Elizabeth – principiou Mr. King –, deveremos tratar de alguns assuntos legais maçadores. – Sorriu. – Nada complicado, mas para os quais será necessária a sua colaboração. Por várias razões, é um pouco preocupante que a certidão do matrimónio celebrado entre a senhora e Lord Winter se tenha perdido.

O coração de Zenia começou a bater com muita rapidez. Olhou para o conde, mas este também sorria, segurando descontraidamente o copinho minúsculo de licor entre as mãos.

– Poderíamos, claro, empreender buscas por toda Arábia – prosseguiu Mr. King, com uma tosse que poderia ter sido uma risada – mas a solução mais simples será a senhora e Lord Winter confirmarem o matrimónio através de uma cerimónia realizada segundo a lei inglesa. Depois Lord Winter terá apenas de tratar de alguns papéis, para atestar que Miss Elizabeth é sua filha e que ele é o seu guardião legal, o que tem o seu acordo, e rapidamente fica tudo tratado.

Olhavam-na ambos com expressões tão amenas e agradáveis que Zenia desconfiou imediatamente.

– Não compreendo – disse, embora julgasse que sim.

– É muito simples, Lady Winter, deve voltar a casar-se com o seu marido – disse o advogado, tossindo novamente de forma peculiar.

Zenia sentou-se muito direita na cadeira.

– É isso que... – Sentiu a voz quase a falhar-lhe. – É isso que ele deseja?

– Sim, falei com ele hoje de manhã e ele está completamente de acordo.

Mas ele não estava ali para lho dizer. Eram o pai e um advogado que lho comunicavam. Lembrou-se daquilo que ele lhe dissera, que deviam chegar a alguma forma de acordo entre os dois.

Seria àquilo que ele se referira? Ele desejava casar-se com ela, afinal?

Ficaria segura, então, pensou. Seria sua mulher pela lei. Uma esposa cristã, não sujeita a repúdio nem a divórcio.

– Isso significa que não poderão separar-me da Elizabeth? – perguntou, num ímpeto. – Ou ele pode tirar-ma, tal como disse que podia?

– Tenho a certeza de que marido nenhum desejaria separar uma mãe devota dos seus filhos – respondeu Mr. King.

Zenia sabia identificar um lugar-comum quando o ouvia. O advogado fitou-a com um sorrisinho inabalável, constante, e ela pensou: *Está a mentir-me.*

– Desejo fazer o que for melhor para a Elizabeth – disse.

– Com certeza que sim. – O conde levantou-se e pegou na garrafa de licor. – Quer um pouco de vinho, minha querida?

Abanou a cabeça.

– Não, obrigada. – Então, imediatamente, também ela se levantou, fitando a lareira. Olhou com o sobrolho carregado para o reflexo dos carvões vermelhos no guarda-fogo de prata. – O meu pai é advogado no Lincoln's Inn, Mr. King. Não creio ter alguma objeção em fazer aquilo que pede, mas, se não se importar, gostaria que escrevesse o que refere, para eu poder enviar-lho. Desejo que o meu pai me aconselhe.

Ela voltou-se. Mr. King levantara-se.

– Fá-lo-ei com prazer, senhora. Julgo que terá o acordo imediato do seu pai.

– Sim – repetiu lentamente Zenia. – Creio que não terei nada a objetar ao que me pede, mas desejo ser aconselhada pelo meu pai.

– Escreva imediatamente uma carta, Mr. King – disse o conde. – Tratarei que a façam chegar a Londres esta noite, para Mr. Bruce poder recebê-la ainda de manhã.

– Devo vê-la primeiro – disse Zenia.

As sobancelhas do conde ergueram-se. Dirigiu-lhe mais um dos seus sorrisos afáveis, embora este com uma certa críspação.

– Claro, senhora. Espero que não julgue que alguém procura iludi-la ou enganá-la. Tentamos, meramente, fazer tudo o que é possível para a legitimar como esposa do meu filho. Espero que não seja uma situação que possa considerar intolerável no tempo que tem passado connosco.

– Não – sussurrou ela, intimidada pela frieza contundente da sua voz.

– Apraz-me muito ouvi-lo. Não creio que Lord Winter seja um marido completamente indesejável. Contudo, sou seu pai, portanto poderei não ser completamente imparcial.

– Não farei nada que implique a possibilidade de ser separada da Elizabeth – afirmou Zenia.

– Relegaria a sua filha à condição de bastarda, Lady Winter? – perguntou o conde em surdina. – Porque é essa a alternativa.

Involuntariamente, Zenia deu um passo atrás.

– Desejo ter o conselho do meu pai.

– O que é perfeitamente aceitável. E se ele a aconselhar noutro sentido, serei obrigado a julgar que é um grande tonto. – O conde apresentou uma vénia formal – Julgo que está na hora de nos prepararmos para o jantar. Posso acompanhá-la até à escada, senhora?

CAPÍTULO 18



Zenia escolhera o vestido cor de alfazema, e pérolas em vez de diamantes. Era o mais próximo que conseguia do azul e ouro. Não disseram uma palavra um ao outro durante o jantar. O conde falou de política com o filho, tópico que, pelas suas réplicas lacónicas, não parecia despertar grande interesse em Lord Winter.

A mãe dele informou que a costureira e a modista se tinham disponibilizado para a visitar de manhã, para começar a trabalhar no seu novo guarda-roupa a cores. Lord Winter, olhando o prato, fez uma ligeira careta, tão breve que Zenia até duvidava de ter visto alguma coisa.

Após um breve silêncio, ele disse subitamente:

– Vi que voltou a encher o lago das carpas.

– Ah... – disse o pai, abanando a cabeça. – Uma tragédia. Congelou por completo em 1836. Partiu-me o coração. Havia carpas mais velhas do que eu naquele lago.

– Eu lembro-me – disse Lord Winter. – Costumava dar-lhes de comer. – Olhou para Zenia. – Vinham quando se tocava o sino.

– Pão de centeio – disse o pai. – Adoravam pão de centeio.

Lord Winter bebeu um pouco de vinho. Pousou o copo, fazendo-o girar entre os dedos.

– Eu posso ocupar-me da limpeza e do reabastecimento do lago, se pretender.

Passou pelo rosto do conde uma expressão fugaz de surpresa que ele dissimulou com um sorriso.

– Que ideia excelente. Sabe, não faço a mínima ideia de onde terão vindo aqueles peixes. Nunca pensei em trocá-los.

– São chineses. Posso conseguir alguns.

– Sim, senhor. – De repente, a satisfação do conde transformou-se em desconfiança. – Sem ter de se deslocar a Pequim, espero – disse em tom mordaz.

– Não, senhor. Liverpool.

– Hã?

– O comércio de chá – esclareceu Lord Winter.

– Ah, estou a ver. Diretamente da China. Sendo assim, parece-me muito bem. Peixes da China. Agrada-me ter pela casa pequenas recordações de lugares distantes. Se espreitar a gruta italiana que fica ao lado do lago das carpas, verá umas conchas muito bonitas que um sujeito me trouxe dos mares do Sul. Mande-as embutir na parede.

– Um verdadeiro guarda-tesouros do mundo – comentou Lord Winter, dirigindo-lhe um sorriso

pouco pronunciado.

Quando ele o olhava daquela forma, Zenia sentia a pulsação irregular e quente, como quando os lábios dele roçaram os seus dedos quando afagava o cabelo de Elizabeth. Ele olhou-a como se existisse um entendimento silencioso entre os dois.

Eles partilhavam Elizabeth. Eles tinham feito Elizabeth. Com o corpo dele no dela, a boca dele contra a boca dela.

Zenia disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Vai ensinar as carpas a responder à campainha?

– Pode fazê-lo – disse ele. – A Zenia e a Beth.

Ela alegrou-se. Ele queria que ela ficasse.

– Gostaria de o fazer?

– Sim – declarou ela, refugiando-se na observação intensa do garfo da fruta que tinha na mão. – Sim, decididamente.



Depois do jantar, o pai sentou-se diante da lareira segurando um pequeno copo daqueles licores de aspeto enjoativo que bebia sempre. Já tentara, durante o jantar, a abordagem do «membro do Parlamento», na qual aliciara Arden, através de algumas intrigas interessantes do mundo da política, a comprometer-se com algum distrito conveniente. Seguir-se-ia muito em breve o guião relativo ao «juiz de paz», provavelmente ainda antes da chegada do chá, e, por último, abordariam a possibilidade que Arden tencionava aceitar, seguramente para grande assombro do seu pai: «proprietário respeitado».

Estava determinado a encontrar algum propósito para si próprio em Swanmere. Tinha dito que iria tentar.

Mas, enquanto fazia tempo na sala com os pais e a sua pretensa mulher, o espaço parecia-lhe demasiado exíguo, não obstante a saleta ser maior do que a totalidade dos aposentos que manteve em Londres. Aproximara-se da lareira, mas estava demasiado quente, por isso vagueava pela sala, sem mais envolvimento na conversa entre os pais do que os breves acenos de cabeça e «sins, senhor» nas pausas apropriadas.

O jantar. A criada do segundo piso que fora dispensada. A necessidade de apreciar a fundo o carácter dos criados. A perda que Mr. Forbis representaria para o condado pois fora um magistrado excelente. Não, ele não acreditava que tivesse considerado a possibilidade de ocupar aquele lugar.

Quando o chá chegou, estava encostado a uma janela.

– Pode fazer o favor de servir o chá, Lady Winter? – pediu a mãe.

Arden ficou a observá-la. Não parecia muito à vontade quando levou a chávena à mãe dele. O pai recusou, aceitando apenas um prato de biscoitos.

Ela olhou para ele.

– Quer chá?

Não podia deixar de observar a ironia daquilo. Ela trouxe-lhe a chávena e colocou-a silenciosamente na palma da sua mão. Ele agradeceu-lhe. Em árabe. Embora ignorasse as suas palavras, ficou muito corada.

– Por favor, diga-nos o que significa, Lady Winter – comentou a mãe. – Considero muito indelicado

algumas pessoas falarem outra língua.

– Apenas me agradeceu pelo chá, senhora.

– Quantas palavras, apenas para dizer obrigado – disse o pai. – Que palavras são?

A pergunta foi recebida com um longo silêncio. Imóvel, Zenia parecia ter ganhado raízes.

– Não é assim tão ousado – declarou Arden. – Pode dizer-

-lhes.

– Que Alá te recompense, ó minha anfitriã – murmurou rapidamente, ficando mais vermelha –, e multiplique a tua descendência. – Zenia mordeu o lábio. – É uma bênção comum entre os maometanos.

– Um belo sentimento – replicou calorosamente o pai.

A mãe bebericou do chá.

– Os pagãos parecem estar sempre inclinados a multiplicar-se.

Ao lado de Zenia, Arden viu que o rubor do rosto passava a branco. Recebera o comentário como se fosse dirigido a si própria, o que poderia muito bem ser, conhecendo a propensão de Lady Belmaine para comentários cirúrgicos.

– Prometi-lhe que tomaria chá com a minha mãe – tornou ele em árabe. – Agradável, não é?

Ela lançou-lhe um olhar renitente de súplica.

– É bastante rude, Arden, falar numa língua estrangeira – repetiu a mãe.

– Apenas elogiava Lady Winter pela escolha dos sapatos – esclareceu ele. – Estava descalça quando nos conhecemos.

Zenia entreabriu os lábios. Tinha ar de quem seria capaz de lhe atirar com o chá à cara.

Ele não sabia porque o dissera. Tinha o propósito de ser cordial, pois não podia dar-se ao luxo de a enfurecer. O pai informara-o de que ela ainda não acedera a celebrar o matrimónio, e, contudo, não conseguira evitar. Era o único ponto em comum que ele encontrava, as memórias e a língua que partilhavam. Se conseguissem falar daquilo, se ele conseguisse dizer-lhe aquilo de que se lembrava e o que lhe acontecera depois de ela ir embora, se pudessem falar nas areias vermelhas e nas estranhas montanhas de Jabal Shammar e nas muralhas de Hail; se ele conseguisse encontrar o seu intrépido e corajoso lobito naquela mulher...

Poderia amá-la. Iria amá-la. Já a amava, mas não conseguia encontrá-la.

Ele desejava-a; o corpo dela inflamava-o, mesmo enfeitado com aquele vestido e aquela touca sombrios. Mas era-lhe estranha, era uma forma diferente, movia-se de forma diferente. Tinha necessidade de a encontrar dentro daquela nova formulação.

– Não será com certeza uma altura que Lady Winter deseje recordar – disse a mãe. – Esta noite está terrivelmente imprudente, Arden.

Era completamente verdade.

– Julgo que gostava mais dela nessa altura – continuou ele, escavando mais a sua própria sepultura. – Gostava quando andava descalça.

– Que coisa mais indelicada de se dizer. – Lady Belmaine pousou a taça de chá.

– Ela anda sempre de sapatos? – perguntou ele. – Assim como a Elizabeth nunca sai dos quartos que estão aquecidos?

– Claro que Lady Winter usa sapatos. O que é que lhe deu, Arden? – O pai olhava-o com uma irritação que lhe era familiar. Bebeu um longo trago de licor e pousou com força o copo na pedra da lareira. – Ou terei de acreditar que se trata de algo mais do que perversidade?

– É perversidade, Zenia? – perguntou Arden, olhando para o perfil do rosto inclinado. – Devo esquecer tudo aquilo que sabia de si, as coisas melhores, para que possa ser uma senhora inglesa?

Ela limitou-se a olhar para as mãos apertadas uma na outra. O pequeno ramo de flores de seda que trazia pendurado no pescoço subiu e baixou, naquele que foi o único movimento visível.

– Chá e bolinhos aromáticos! – disse ele com uma risada. – Sim, senhora. Veio ter ao sítio certo. A minha mãe é a autoridade suprema nesta matéria.

– Tenho de subir para ver como está a Elizabeth – disse Zenia, saindo prontamente, fugindo dele mais uma vez. Ouviu os passos apressados sobre a carpete e o som nítido da porta a fechar.



Elizabeth mostrava-se inquieta e petulante. Zenia tentou acalmá-la dando-lhe o peito, mas descobriu, para sua grande consternação, que já não tinha leite nenhum. Elizabeth chorava, sentada no seu colo. Zenia também tinha uma vontade desesperada de chorar; parecia-lhe um momento tão cruel para perder a única coisa que só ela podia partilhar com a filha.

Mas Elizabeth não parecia ter vontade de partilhar nada com ela. Recusava-se a ficar no colo de Zenia, recusava-se a ser ninada e a ouvir canções de embalar e não se deixava ficar na cama, tentando sistematicamente escorregar até ao chão para tentar abrir a porta para o quarto dos brinquedos. Se Zenia não a abrisse, ela começava a chorar. Foi assim que ele a encontrou aberta quando chegou.

– É só até ela adormecer – disse Zenia. Mas, claro, depois de ver o pai, Elizabeth só sossegaria quando ele a erguesse nos braços e a levasse às cavalitas. Ele pôs-se em mangas de camisa e ergueu-a com uma careta, começando a andar para a frente e para trás entre os dois quartos. Elizabeth arrulhava de alegria sempre que ele se baixava para transpor a soleira da porta. Houve um momento de perigo em que ela apontou para a porta do corredor e começou a soluçar, mas Lord Winter atirou-a suavemente para cima da cama e ela estava tão cansada que se deitou a rir para ele, despenteada, sem fôlego e com olhos de sono. Para desgosto de Zenia, ele sentou-se na cama ao lado dela e deitou-se sobre o cotovelo enquanto Elizabeth brincava com o colarinho aberto.

Adormeceu agarrada a ele. Ele e Zenia não se olharam uma única vez.

Ouviu-se alguém bater silenciosamente à porta do quarto; era o chá da noite de Zenia. A criada entrou e pousou a bandeja, fazendo uma cortesia à saída. Lord Winter continuou em cima da cama e Elizabeth moveu ligeiramente os olhos mas continuou a dormir.

Deviam parecer uma família a sério, pensou Zenia: um pai, uma mãe e uma filha.

– Coma – disse ele silenciosamente. – Eu não me importo.

O aperto que Zenia sentia na garganta não a deixava pensar em comer.

– Não me apetece comer nada agora.

Ele ainda não tinha olhado para ela.

– Compreendo que ainda não tenha a certeza... se quer ou não ser Lady Winter, realmente.

– Vamos acordá-la se falarmos – interrompeu Zenia, em voz baixa. – Julgo que seria melhor que pedisse ao seu pai para lhe destinar outro quarto.

Neste momento, ele olhou para ela; um raio de azul.

– Não – disse.

– A sua presença perturba-a. Não consegui que se deitasse com a porta fechada.

– Então deixe-a aberta.

– Não posso... – Levantou-se e voltou-se, para não ter de olhar para ele.

– Julga que vou violentá-la, Lady Winter? Traga um colchão para a ama, se sente necessidade de vigilância.

Como ouviu o barulho da cama, ela olhou e viu-o a soltar os dedos da filha. Quando se levantou, Elizabeth deixou-se rebolar para a cova morna que o seu corpo deixara e, relaxando, suspirou.

Zenia estava irritada com ele. Até então, Elizabeth nunca deixara mais ninguém dormir ao seu lado. Nunca.

Ele levantou a campânula de prata que cobria um dos pratos e comeu uma boa fatia de queijo. E Zenia ficou ainda mais irritada por ele não se coibir de ocupar o seu quarto.

– Quero que vá – disse com voz tensa. – Um cavalheiro partiria e encontraria outro sítio onde dormir.

– Oh, um cavalheiro. – Olhou de lado para ela. – Estou certo de que percebe muito do assunto.

– Por favor – disse ela.

– A Beth gosta que eu fique.

– Ela só gosta de si porque a deixa fazer tudo o que não deve.

Ele olhou-a demoradamente.

– Sabe que se insistir em mantê-la aprisionada poderá vir a constatar que ela não gosta assim tanto de si.

– Eu não a mantenho *aprisionada*. – Zenia soltou um suspiro pronunciado. – Ela sai sempre que o tempo está bom. O senhor não sabe nada.

– Zenia – disse, aproximando-se da janela fechada, de costas para ela, a voz subitamente intensa. – Sei algumas coisas.

– O que pode saber? Só a viu ontem, pela primeira vez na vida. O que é que sabe sobre o esforço que faço para a proteger? O que é que sabe sobre como tem sido desde que...

Ele voltou-se para ela. Ela virou o rosto.

– Disseram que os Sauditas o tinham levado. Havia sangue na sela. – A voz dela começou a tremer.

– Estava morto. E eu não vou deixar que a Elizabeth morra! O senhor não tem medo de nada, não tem juízo nenhum, não o preocupa se morre ou não, e eu não vou deixar que...

Ouviu-se um gemido vindo da cama; Elizabeth levantara a cabeça. Zenia não tinha reparado que elevara tanto a voz.

– Por favor, vá-se embora! – murmurou, sentando-se à secretária e fitando as campânulas de prata.

– Vá.

– Zenia...

– Vá. Vai acordá-la e eu não suporto quando ela chora.

Ele passou diante dela e entrou no outro quarto. Quando a porta começou a fechar-se, Elizabeth apoiou-se nos braços e começou a chorar.

– Deixe-a aberta – sibilou Zenia.

Ficou aberta. No outro lado, de repente, deixou de se ver a luz da vela, ficando o vão da porta às escuras. Elizabeth ainda ficou um bom bocado a olhar e, por fim, pousou a cabecinha na cama com um suspiro de satisfação.



Arden encontrava-se no escritório da propriedade, esforçando-se para não contemplar o céu cinzento, lá fora. O pai debruçava-se sobre um mapa aberto sobre a secretária, assinalando com o indicador cada campo que mencionava.

– Este campo fazia parte da abadia de Lyburn, mas o seu avô comprou-o quando Cole, o velho cavaleiro, teve uma apoplexia. Costumava ter um rendeiro, um Mr... De momento, não me recordo do nome dele. Vamos procurá-lo. Ali, aquele livro vermelho. Não, o de couro verde. – Impaciente, o conde aproximou-se da estante e sacou um livro-razão. Abriu-o em cima da secretária.

Arden voltou as páginas. As entradas e transações eram intermináveis, todas de há quarenta anos. Não tinha noção de como encontrar o nome de um rendeiro do tempo do avô nem do porquê daquela necessidade.

– Este homem ainda explora o terreno? – perguntou.

– Santo Deus, não. Deve ter morrido há uma década.

– Então é necessário encontrá-lo?

– Tem de começar pelo início, Winter. – O pai retomou o lugar à secretária. – Este é o tipo de processo que deves conhecer, se desejas ser um proprietário responsável. Ajude-o, Mr. Pinkney.

– O rendeiro chamava-se Samuel Brown, vossa senhoria – esclareceu o administrador, um homem silencioso com uma grande barba branca e uma barriga algo volumosa para o seu metro e sessenta e pouco de altura. Arden sabia que ele próprio explorava uma grande porção da propriedade, mas Mr. Pinkney não se demorava em conversas sobre este tema nem qualquer outro.

– Não, não – replicou o conde. – Quero dizer que deve ajudá-lo a procurar. Ele precisa de aprender. Bom, deixe estar, para já. O que é que esteve no campo da abadia no ano passado, Mr. Pinkney?

– Trigo, vossa senhoria.

– E o que vamos semear neste inverno?

– Trigo, vossa senhoria.

– Suponho, então, que começemos a arar o solo muito em breve.

– O campo está já arado e gradado, vossa senhoria.

– Excelente. – O conde acenou com a cabeça na direção de Arden. – Como vê, um inverno temperado coloca-nos dois passos à frente. Este ano, não há geada que nos atrase.

– Sim, senhor. – disse Arden. Pensou em levar Beth a passear nos bosques, em mostrar-lhe as tocas nas árvores e os rastos dos animais, e deu por si a olhar novamente pela janela.

– Neste momento estamos a arar algum campo, Mr. Pinkney? – indagou o conde.

– Os valados, vossa senhoria.

– Ah! Não falámos sobre os valados. E sobre a drenagem, que é muito necessária para a manutenção das valas. Esta tarde leve-o, Mr. Pinkney, e passe com ele pelas valas. Também pode ver a lavoura. Se vestir uma roupa apropriada, pode experimentar abrir um sulco. Aposto que não lhe vai ser tão fácil como parece. Será uma boa lição para si.

– Sim, senhor – disse Arden, sentindo o maxilar a contrair. Respirou e procurou relaxá-lo.

– Mr. Pinkney, deixo ao seu cuidado que não haja nenhum incidente com os bois. Não são como os cavalos, Winter, muito pelo contrário. Atiram-se para cima de si, se não tem cuidado. Afinal, talvez seja melhor deixar os rapazes tratar do arado. Não gostaria de o ver ferido por uma junta de bois.

– Não, senhor – disse Arden.

– Bom, o que se segue? Tome; ponha o livro no sítio. O campo do moleiro. Será melhor que Mr.

Pinkney lhe mostre os limites e as demarcações.

– Porquê? – indagou Arden.

O conde fez uma pausa.

– Conhece-os?

– Não.

– Então aprenda. Deve obrigatoriamente conhecer os limites e as demarcações.

O olhar de Arden voltou a procurar a janela. Apoiou-se no peitoril.

– Sim, senhor.

– O campo do moleiro tem sempre feno – informou o pai. – E o campo ao lado da vacaria. E onde mais?

Foi uma pergunta repentina. Arden compreendeu, tardiamente, que estava a ser questionado.

– Onde mais? – repetiu.

– Onde mais é que eu disse que havia feno?

– Em nenhum sítio que tenha mencionado.

– Julgo ter mencionado a segunda metade do campo da abadia. Não mencionei, Mr. Pinkney?

– Chegou a falar da abadia, vossa senhoria.

– Bem me pareceu. Deve tomar nota disto, Winter. Chegue essa cadeira, Mr. Pinkney, e dê-lhe caneta e papel.

Mr. Pinkney abriu uma secretária simples e entregou um caderno e uma caneta-tinteiro. Arden sentou-se. Registou algo. *Moleiro, vacaria, segunda parte da abadia sempre com feno. Aprender os limites e as demarcações.* Tinha a certeza absoluta de que ninguém tinha dito nada acerca de feno na segunda metade do campo da abadia.

O pai debruçou-se novamente sobre o mapa.

– Agora, a velha vacaria. Fez-se alguma coisa quanto à substituição daquele pobre sujeito, Mr. Pinkney?

– Mr. Fenton continua a levar o gado a pastar lá até vossa senhoria decidir fazer alguma alteração.

– Sim, a maldita cerca. Realmente, não vejo qualquer necessidade. O que pensa disto, Winter?

– Não faço a mínima ideia do que estão a falar.

– Devemos construir uma cerca na parte oeste do bosque? – disse o pai, fazendo um gesto impaciente sobre o mapa. – Realmente, não vejo qualquer necessidade.

– Oh, eu também não – anuiu Arden sem convicção.

– Mr. Fenton parece satisfeito – acrescentou o administrador.

O conde assentiu com a cabeça.

– Muito bem, então estamos todos de acordo. Sugiro que faça uma anotação sobre o rendeiro.

Sob o olhar atento do pai, Arden escreveu: *Vacaria velha, rendeiro contente.*

– Com efeito, Arden, porque não se ocupa do assunto?

– Ocupar-me de quê? – perguntou Arden.

– De procurar um novo rendeiro – disse o pai com a entoação de quem estava a esticar a paciência.

– Para substituir o antigo, que morreu.

– Creio que o agricultor Dingle será a melhor opção, vossa senhoria – disse Mr. Pinkney. – Fá-lo por dois e meio.

– Bem. Bem. Parece-me bem.

– Mas o Fenton não está lá? – perguntou Arden.

– Não, não. Não queremos que o Fenton continue a levar o gado a pastar ali – respondeu o pai. – De todo. Queixa-se da cerca.

– Pensei que estivesse satisfeito com a cerca.

– Arden – disse o pai –, receio que a falta de atenção tenha sido sempre uma das suas maiores limitações.

Arden olhou para o caderno. Cerrou os dentes com força. *Cerca*, escreveu. *Prestar atenção*.

– Tomamos café, cavalheiros? – perguntou efusivamente Lord Belmaine, reclinando-se na cadeira.

– Por favor, toque a campainha, Winter. Que manhã tão agradável. Um pouco húmida. Aconselho-o a levar o seu sobretudo quando sair.

– Sim, senhor – respondeu Arden. Levantou-se e puxou o cordão da campainha.

O conde olhou para ele, com um sorriso caloroso.

– É muito agradável tê-lo a trabalhar aqui. Faz-me bem presenciar isto.

– Sim, pai – disse Arden.

O pai olhou pela janela.

– Que manhã tão agradável! – repetiu, com alegria na voz.



Ao meio-dia, Arden não foi autorizado a visitar Beth. Estava a dormir, informou a ama que se encontrava ao fundo das escadas. Bem ouvia Beth a berrar, mas resolveu não confrontar a pobre mulher, que tinha um ar tão culpado e tão tenso que ele se apiedou dela. Ele próprio já se sentia sufocado pela autoridade.

– Volto mais tarde – disse ele –, Mrs...?

Ela fez uma cortesia.

– Chamo-me Sutton, senhor.

– Todas as minhas amas se chamaram Sutton e as governantas também – disse ele com um sorriso irónico. – Qual é o seu verdadeiro nome?

– Henrietta Lamb, senhor.

– Volto mais tarde, Mrs. Lamb. Quando lhe parece que será a melhor altura?

Ela ergueu a cabeça, mostrando uma expressão preocupada. Tinha o cabelo castanho liso preso atrás por baixo da touca.

– Não tenho a certeza de qual será a melhor altura, senhor. A senhora pensa que... a saúde de Miss Elizabeth requer paz e sossego completos, sem visitas.

Arden sentiu um assomo de raiva. Disse, porém, numa voz neutra.

– Está muito bem, mas visto que sou o pai, e não uma visita, poderá informar Lady Winter que voltarei às quatro para a caminhada diária de Miss Elizabeth. Espero encontrá-las a ambas prontas para me acompanharem.

– Sim, senhor.

– Obrigado, Mrs. Lamb.

A criada fez uma cortesia e seguiu escadas acima assim que ele deu meia-volta.



Não disse nada quando voltou, pontualmente às quatro horas, tal como advertira. Zenia estava pronta. Ela estava exausta e Beth estava exausta, pois tinham passado a manhã e a tarde numa sucessão de birras sobre tudo, desde calçar as meias ou comer cenouras até mudar as fraldas. Elizabeth chorava quando Zenia a deixava com a ama e chorava quando ela ficava.

Zenia estava determinada a não ceder a birras. Tentou palavras suaves e brincadeiras, tentou ser firme, tentou empurrar Elizabeth no seu carrinho. Até lhe bateu quando Elizabeth lhe mordeu a mão. Mas descobrira que a teimosia da filha era muito superior à sua. Às quatro horas, pela primeira vez na vida, Zenia sentia-se aliviada por poder entregá-la a outra pessoa.

Mas quando o rosto da filha se iluminou ao vê-lo, sentiu vontade de chorar. Zenia começou a tirá-la do berço mas Elizabeth empurrou-a, esticando as mãos para o pai com um gritinho de felicidade.

Zenia sentou-se a olhar pela janela, mordendo o lábio com força.

– Por favor, não a leve lá para fora – disse, sem se voltar.

– Não está muito frio...

– *Não* leve. Não está vestida para sair.

– Pois. Muito bem.

Fez-se silêncio. Ela aguardou pelo som dos passos dele a levar Elizabeth.

– Não vem connosco? – perguntou ele.

– Ela não quer que eu vá, asseguro-lho.

Um novo interregno, longo e desconfortável. Zenia tirou o lenço de uma manga, enrolou-o na mão e esperou que ele saísse antes de perder a compostura.

– Bom – disse ele. – Eu quero.

Quando olhou para ele, viu que tinha o sobrolho franzido. Zenia inclinou a cabeça para o regaço, só por um instante, só para controlar o seu lábio trémulo.

– Então não venha – replicou ele, irritado. Saiu do quarto e Zenia perdeu a sua oportunidade.

CAPÍTULO 19



—Passou uma semana – disse Lord Winter, com um ligeiro arrastar na voz, quase impercetível e nada habitual. – Ainda não teve notícias de Mr. Bruce?

Estava muito bem vestido, pois acabara de chegar do jantar de Natal destinado aos rendeiros. Durara a tarde inteira e entrara pela noite, em compridas mesas que encheram o *hall* de mármore e conversas que ascendiam pela escadaria. Elizabeth não tivera o passeio diário com o pai; estava sossegada mas mal-humorada, e nem sequer a presença do pai a alegrou. Quando este se debruçou sobre o berço para a beijar, começou aos pontapés e virou as costas.

Ele endireitou-se ficando a observar Zenia a tentar calçar-lhe as pequenas meias de lã e a atar as fitas da camisa de noite de Elizabeth. Sentia nele um odor intenso a tabaco e outro cheiro, doce e forte, no hálito, nenhum dos quais Zenia detetara nele antes.

– Não... não tive nenhuma resposta – replicou ela.

– Passou uma semana – repetiu ele.

Havia uma nota de acusação na sua voz. Também Zenia se interrogava e preocupava com a demora da resposta do pai, mas limitou-se a dizer:

– Estamos na época natalícia.

Arden manteve-se no mesmo sítio. Ela sentia o olhar dele. Se se voltasse, o ombro dele ficaria ao nível dos seus olhos e a gravata alta e as lapelas de cetim negro estariam tão próximas que bastaria inclinar-se ligeiramente para lhes tocar.

– O seu jantar foi agradável? – perguntou ela, num tom impessoal.

Arden emitiu um som rouco e não muito agradável. E, porque se encontrava inebriado pela primeira vez em treze anos, murmurou:

– Não. A convivência não me deixa nada à vontade.

Zenia olhou-o, surpresa. Ele pousou a mão em cima do berço. Viu-lhe um brilho nos olhos azuis e um trejeito trocista na boca. Mas, ao observá-la, subiu-lhe ao rosto um certo ar de devaneio.

– Sou perverso – disse. – Perdidamente perverso. – Pronunciou as palavras com diligente clareza, como se estas lhe ficassem coladas à língua. – Gostaria de a beijar. – Piscou os olhos num movimento lânguido. – Seria um tonto completo, não seria?

Zenia sentiu o rosto corar. Olhou para Elizabeth.

– Talvez não – disse, num sussurro tão ténue que duvidava que ele ouvisse.

Ele afastou-se do berço, deambulando como se já a tivesse esquecido. Zenia ficou imóvel por um

momento, mas depois acabou de atar as fitas da camisa de Elizabeth. Tirou a filha do berço. E, daquela vez, pela primeira vez, Elizabeth afastou-se de Lord Winter e nem sequer o chamou para andar nos seus ombros.

– Ma-ma – chamou, encostando o rosto ao ombro de Zenia, fechando as mãos e levando-as aos olhos.

Zenia deixou-o no meio do quarto de brincar com uma expressão de noivo rejeitado e levou Elizabeth para o quarto de dormir, pousando-a entre as almofadas. Debruçou-se e encostou ao rosto sonolento da filha o seu.

– Hoje não cheira lá muito bem, pois não? – sussurrou para a orelha rosada de Elizabeth.

– Ga-á – replicou Elizabeth. – Na-na-na-na-ga!

– Eu não me importo – sussurrou ela.

– Pa!

– Talvez eu não seja tão exigente como tu – murmurou Zenia, sentindo-se ousada –, para desdenhar um beijo.

Elizabeth esticou um braço e puxou-lhe pelo cabelo. Uma madeixa solta cedeu e caracóis escuros desenrolaram-se sobre o seu rosto como chuva. Elizabeth piscou os olhos e riu-se. Zenia adorava ver a filha a rir-se.

Elizabeth virou-se de barriga para baixo e Zenia puxou a roupa da cama, alisando-a. Já estava meio a dormir, de costas para a porta, quando Zenia soprou a vela pousada ao lado da cama.

Durante uma semana, a porta ficara aberta. Ele vinha às quatro horas para levar Elizabeth a dar o seu passeio pela casa e depois devolvia-a. Elizabeth jantava naquele que era o verdadeiro quarto das crianças, ao fundo do corredor, libertando o quarto dos brinquedos durante uma hora, para ele trocar de roupa. Depois ele desaparecia enquanto Zenia se mudava e a ama tomava conta de Elizabeth. Zenia subia pouco depois do jantar e preparava tudo o que era necessário para a deitar. Do seu lado, Lord Winter apagava a vela e o que quer que fizesse, fazia-o no escuro. Com o estabelecer da rotina, Elizabeth ficara menos instável, mas continuava a não querer que fechassem a porta. Zenia, que compunha o cabelo, olhava agora para lá.

Podia fechá-la. Elizabeth já estava a dormir e, pelo rressonar constante, era improvável que acordasse.

Zenia dirigiu-se para a porta. Ele estava sentado na cadeira de madeira da ama, virado para um canto, de olhar perdido. Tirara a gravata e o peitilho e ambos lhe pendiam da mão, a preto e branco.

Ela agarrou na maçaneta. Sentia o pulsar do coração na garganta. A luz da vela ao incidir sobre a boca e o maxilar transformava-lhe o rosto numa escultura sedutora; os olhos azuis pensativos olhavam para lo vazio.

– Lamento que o seu jantar não tenha sido agradável – disse ela.

Ele voltou a cabeça. Levantou-se. Durante um segundo fitou-a com aquele olhar novo e estranho.

– Tem o cabelo solto – disse.

Ela tinha-se esquecido. Mas, de repente, a forma como ele a olhava fê-la tomar consciência. O cabelo de uma mulher era a sua glória, à qual, entre os muçulmanos, apenas o marido devia aceder. Mesmo em Inglaterra, todas as mulheres traziam o cabelo bem preso debaixo das toucas.

Corou, voltando a ser novamente o jovem beduíno descalço com o cabelo caído sobre os ombros em torvelinho.

– Desculpe. Foi a Elizabeth que o soltou. Eu volto a apanhá-lo – disse, virando-se.

– Não – disse ele. – Tem de o fazer?

Já no umbral da porta, ela hesitou.

– Sente-se – disse ele, indicando a cadeira com uma pequena vénia. – Ou... Ela está a dormir?

Apago as velas?

Zenia encostou a porta.

– A luz não faz muita diferença, se ela já tiver adormecido. Penso que já.

– Ah – replicou ele.

Ela hesitou.

– Mas talvez esteja cansado.

– Não – disse ele. – De todo. Estou bastante repousado. – Franziu a boca num esgar de ironia. –

Não é que tenha dias muito ocupados.

Zenia sentou-se na cadeira de espaldar duro da ama.

– O seu pai disse que está a trabalhar na gestão da propriedade.

– Sim, claro. Sou um agricultor prodigioso. – A cerveja entaramelou-lhe o «prodigioso» e ele voltou a dizer a palavra, com um sorriso envergonhado. – Peço desculpa. Estou... um pouco tocado.

– Tocado?

– Bom – admitiu ele –, estou bastante bêbado.

Zenia vira uma ou duas vezes criados da mãe que se tinham embebedado, mas não era nada habitual; só quando conseguiam roubar as garrafas que, por vezes, Lady Hester recebia de presente de visitantes cristãos. No deserto, como era evidente, álcool era coisa que não existia, pois era proibido aos fiéis e, entre os wahhabitas, podia custar a vida. Observou Lord Winter com uma curiosidade apreensiva, pois nunca o vira beber mais do que um copo de vinho ao jantar.

Além do odor e da lassidão, e do pestanejar indolente, que lhe dava um certo ar de pirata, não parecia afetado. Equilibrava-se bem nos pés e não parecia propenso a bater nas paredes nem a bater em ninguém.

– Tenho andado a aprender sobre limites e demarcações – informou, inclinando a cabeça na direção da janela. – E a tratar de valas. E a evitar ser atacado por perigosas parelhas de bois.

– Hã? – retorquiu Zenia, baralhada.

Ele sentou-se no catre.

– Vejo bem que está impressionada. Acho bem que esteja. É difícil. – Pousou a testa nas mãos e enfiou os dedos no cabelo. – É tremendamente difícil. – Abanou a cabeça. – Não sei se consigo.

Nem nos piores dias que passaram no deserto, Zenia notara aquele tom de desespero na sua voz.

Juntou muito as mãos.

– Sempre soube que não há nada que não consiga fazer.

Ele ergueu a cabeça.

– Deveras? – replicou, olhando-a de lado.

– Sim – disse ela.

Ele fitou-a durante um bom pedaço.

– Sempre pensei o mesmo de si, Zenia. A flor que cresce em todo o lado. – Esboçou um breve sorriso. – Até aqui.

Ela apertou os joelhos contra o peito.

– Não é difícil, aqui. É fácil.

– É mesmo – acedeu ele. – Sabe, julgo que fomos ambos trocados à nascença. A Zenia nasceu aqui,

para ser uma senhora, e eu em Dar Joon, para ser um selvagem em estado puro, e as fadas trocaram-nos. – Foi uma partida cruel.

Ela olhou-o, perplexa.

– Não queria ter nascido aqui? Teria preferido Dar Joon?

– Sou perverso – replicou ele.

– É um louco – disse ela, com indignação.

De repente, ele sorriu.

– Ah! Pequeno lobo. Às vezes dou contigo ainda aí. Ainda comigo.

– Desejo esquecer tudo isso – disse Zenia, abafando as palavras na camisa.

– Porquê? – perguntou ele, numa voz rouca que lhe fez arder a garganta. – Porque é que quer esquecer?

Ela ergueu a cabeça.

– Não vai compreender.

– Porque quer ser uma senhora? – As pestanas dele iniciaram a sua descida lenta; ele percorreu-a com o olhar. – Se continuar sentada dessa forma tão pouco púdica devo avisá-la de que, no meu estado atual, não poderei responder pelas minhas ações.

Ela endireitou-se, pousando os pés no chão.

– Talvez seja melhor ir deitar-me.

Ele olhou-a com uma expressão visível de desejo.

– Não toquei numa mulher depois de si. E agora tenho de dormir neste catre sabendo que está mesmo do outro lado da porta. – Levantou-se, dando um pontapé num bloco desalojado, que aterrou contra a cómoda com um baque violento. – Se é que dormir é uma boa palavra.

Zenia levantou-se, dirigindo-se para a porta, para escutar Elizabeth. Mas não ouviu nada e hesitou. Ele já se tinha voltado e tirava a gravata e o peitilho do catre para os dispor no cabide de pé.

– Suponho que para si seja diferente – murmurou ele, tirando o casaco. – Suponho que as senhoras educadas não fiquem deitadas na cama a ferver. Um facto bem conhecido, meu rapaz! – Desabotoou o colete, como se julgasse que ela tinha saído, e atirou-o na direção do cabide.

A luz da vela intensificou-lhe a cor dourada das costas, articulando sombras com o movimento dos músculos. Mas os seus olhos dirigiram-se imediatamente para a grande cicatriz que lhe subia das costelas inferiores até debaixo do braço direito, uma ferida rudimentar de aspeto irregular que não cicatrizara bem, e que fora prolongada até ao peito por inconfundíveis marcas de queimaduras deixadas pelos ferros quentes, utilizados para cauterizar a pele lacerada, que constituía o tratamento dos beduínos para qualquer tipo de ferimento.

Ele deixou cair a camisa e voltou-se. Quando a viu, estacou. E o deserto voltou a nascer entre os dois, premente e real. Ela sabia o que acontecera e, conhecendo-o, sabia que ele não emitira qualquer som enquanto eles cortavam e procuravam a bala com uma faca ou quando verteram melaço a ferver sobre a ferida aberta, nem gritara quando aplicaram os ferros. Era um ferimento que deveria ter-lhe provocado uma morte lenta, coadjuvada pelo calor e pela sede.

Ele não disse nada. Debruçou-se sobre o catre, pressionando-o pesadamente, e puxou os cobertores e lençóis bem arranjados. Zenia observava-o: a linha vigorosa das costas quando se esticou, o pequeno passo atrás que deu para se equilibrar quando se levantou. Mal se lembrava de como fora quando ele lhe fizera Elizabeth. Doera-lhe, mas ela desejara-o; desejara-o o mais próximo dela possível.

– Se continuar por aqui – disse, tirando uma almofada do guarda-roupa e atirando-a para o catre –, arrisca-se a desempenhar o papel de Lady Winter na sua faceta mais íntima.

Iria ser sua mulher. Ele acedera. Não havia realmente uma razão para aquela espera. Sabia o que lhe responderia o pai; ela sabia o que era melhor para Elizabeth.

Ele endireitou-se, erguendo novamente as pestanas com languidez e olhando-a dissimuladamente.

– Estou morto de desejo, Zenia.

– Pode beijar-me, se quiser – disse ela.

Apanhou-o claramente desprevenido. Ficou com a mão parada na porta do guarda-roupa. Ela levantou ligeiramente o queixo. O seu coração enchia-lhe o rosto de vermelho.

– Sabe, com certeza – principiou ele em tom trocista – que, em Inglaterra, se um cavalheiro beija uma senhora, ela tem de casar-se imediatamente com ele.

– Bom – disse ela com um encolher de ombros displicente.

– Bom. – A sombra de um sorriso irónico curvou-lhe os lábios. – Uma resposta muito apropriada.

– Apoiou-se na porta aberta, cruzando os braços. – Mas não tão honesta como sim ou não.

– Disse que queria beijar-me. Eu disse que sim, que podia.

Arden olhou-a com uma expressão intensa, com uma atenção que a percorreu desde a ponta do vestido, passando pela cintura, pelos seios, até aos lábios.

– Se o fizer, Zenia – disse ele, lentamente – não tenha ilusões de que não ficarei por aí. E será o fim desta farsa. Casar-se-á comigo amanhã.

Ela ficou imóvel, sentindo-se insignificante, sem fôlego, sem saber o que queria, sem conseguir mexer-se. Humedeceu os lábios com a língua e viu os olhos dele fixarem-se imediatamente na sua boca.

Afastou-a da porta e aproximou-se dela. Zenia julgou que ele iria tocar-lhe, mas colocou-se à sua frente, a contemplá-la. Ela era tão alta como qualquer uma das inglesas que vira, e tão ou mais alta do que a maior parte dos homens beduínos, mas, se olhasse em frente, via-lhe apenas o arco musculado que conduzia ao pescoço, a linha do maxilar e a boca. Teria de levantar a cabeça para lhe ver os olhos.

– Amanhã, Zenia – voltou ele, suavemente – vamos casar-nos. A licença está pronta; o pastor virá assim que o chamarmos. Amanhã este disparate terá um fim.

Algures na sua mente, Zenia sabia que havia uma razão para ela ter de ponderar, uma consequência que seria imprudente ignorar, mas só conseguia sentir o calor magnético que irradiava dele. Só conseguia atender à recordação do corpo dele por cima do seu, do peso dele.

– Não vai... – principiou, mas não acrescentou mais nada, com medo de perguntar se ele alguma vez a afastaria de Elizabeth, e dele, com medo da resposta, incapaz de se furtar ao toque dos dedos dele na sua pele, da boca que procurava os seus lábios.

– Zenia – murmurou, com a mão aberta sobre a nuca dela, emaranhada no seu cabelo, voltando a face dela para si, aproximando-a do seu corpo. – Zenia. Meu Deus, por favor.

Mas não havia súplica nos seus beijos; havia apenas posse, o ímpeto e o sabor dele. O álcool era um perfume forte, impregnando por completo o ar que ela respirava.

Ele agarrou-a pela cintura. Ela sentiu a cicatriz nas mãos quando as deixou deslizar-lhe pelas costas despidas. Virou impetuosamente o rosto para o encostar ao peito dele, puxando-o com força contra si, sentindo-o mover-se com a respiração.

Ficaram assim. Ela sentia o ligeiríssimo oscilar das pernas dele, o suave balançar do seu tronco a

cada golfada de ar. Ele brincou com o cabelo que lhe descia pelo rosto, arrumando-o atrás da orelha, beijando-a na cabeça, na testa, nas pestanas e obrigando-a com um dedo sob o seu queixo a erguer novamente o rosto.

Beijou-a ardentemente. O corpo dela tremeu com uma ânsia dolorosa quando as mãos dele deslizaram por baixo do roupão solto, cingindo-lhe a cintura, subindo.

– Tanto tempo – murmurou –, passou tanto tempo. – Traçou com a boca um rasto quente, pelas pálpebras, as sobrancelhas, a testa dela, dizendo: – Não posso acreditar que seja real.

Afastou-lhe o cabelo do ombro. Inclinou-se para lhe beijar o pescoço exposto e abriu o roupão, fazendo-o deslizar e cair, deixando-a apenas de camisa de linho.

Tocou-lhe nos seios. Zenia gemeu. As suas sensações e a necessidade que tinha dele assustavam-na. Na sua vida nunca ninguém a segurara tão perto, exceto ele. De alguma forma, ele conhecia os seus segredos, sabia como mergulhar o seu corpo numa doce agonia, numa dor doce e eletrizante. Sentiu a carícia dele nos mamilos e o prazer desceu pelo seu corpo em ondas deliciosas.

Mas vai ficar?, pensou, desesperada. *Vai ficar sempre comigo?*

Não conseguia dar voz àqueles medos. A mãe, Miss Williams, Lord Winter... Todas as vezes que entregara o seu afeto, vira-o estilhaçado, perdido ou dispensado. Exceto com Elizabeth. Não lhe parecia ter coragem para amar além dela e, contudo, o seu corpo clamava pelo dele, que a segurasse, que voltasse a fazer parte de si.

Quer-me?, suplicou em silêncio quando ele a deitou ao lado dele no catre, quando lhe beijou o pescoço e lhe deslizou a mão pela anca. *Quer-me a mim, ou só à sua filha? Não sou apenas uma mulher que pretenda utilizar?*

Se ela se virasse de costas e se abrisse para ele, se ele a possuísse como daquela vez, como incitavam as mãos, o corpo e os beijos dele, se voltasse a receber a sua semente, estaria a consentir o domínio dele sobre si para sempre. No dia seguinte casar-se-ia com ela. Nunca mais recearia a fome nem a necessidade. Só teria de esperar que ele a abandonasse.

Porque ele o faria, sabia-o, nas profundezas da sua alma; ouvira-o na voz dele. *Não sei se consigo fazer isto*, dissera, e ela sabia que não. O demónio que o habitava incitava-o a procurar regiões selvagens, e a ruína; no presente, só ficava por causa de Elizabeth. E, mais do que tudo, ela temia desesperadamente que levasse Elizabeth com ele se conseguisse.

Estremeceu, cheia de desejo e de pesar quando lhe fez deslizar os dedos entre as pernas. Deitou-a, debruçando-se sobre ela e tentando desapertar as calças. Sentia nele o mesmo tremor que parecia enfraquecê-la, pois a sua mão estava incapaz de desapertar uns simples botões.

– Raios partam a bebida! – murmurou ele. Depois fez um sorriso sedutor e travesso, levando a mão dela à braguilha. – Pode ajudar-me, amada minha?

Apoiou-se no cotovelo, semicerrando os olhos na expectativa do prazer, cativante e sedutor, sombrio e quente, a beleza cruel do deserto amenizada na forma de um homem.

Zenia fez o que ele pediu. Sempre fizera o que ele lhe pedira; resistira e rendera-se, apaixonara-se e seguira-o, estando presente nas contrariedades mas sempre cheia de boa vontade. Os seus dedos tocaram no membro duro e ele gemeu como se lhe doesse. Debruçando-se sobre ela, apertando-se contra a sua mão, beijou-lhe ardentemente os seios.

Zenia sentia um tropel de sons na cabeça, o bater do coração nos ouvidos. Arqueou o corpo, fechando os dedos numa carícia compulsiva sempre que a língua dele lhe roçava no mamilo. Ele movia-se contra a mão dela, num ímpeto de veludo ao ritmo do gemido animal que lhe saía da

garganta. E Zenia ouviu algo mais, mas ele procurava, impaciente, colocar-se em cima dela, investindo claramente para entrar. Até que o som se tornou claro para ambos.

Ele parou. A pancada silenciosa na porta do quarto dela foi perfeitamente audível.

– É a minha bandeja do jantar – disse Zenia com voz sumida.

Ele olhou-a sem compreender nada. Depois rosnou:

– Malditas sejam até ao inferno! – E levantou abruptamente o corpo.

Percebendo que ele ia gritar, Zenia colocou-lhe rapidamente os dedos sobre os lábios.

– A Elizabeth – sussurrou, deslizando por baixo dele. Inicialmente, duvidou que ele a deixasse sair, pois a mão dele apertou-lhe a cintura, mas depois libertou-a, e rebolou na cama estreita, deitando-se contra a parede com o braço por cima dos olhos.

Ouviu-se uma nova pancada. Zenia agarrou no robe e cobriu-se com ele enquanto corria para o outro quarto, fechando a porta atrás de si.



Arden esperou. Ouviu o leve encostar da porta do outro quarto quando a criada saiu. Inicialmente, pensou que Zenia regressaria de imediato. Era tal o seu estado de expectativa e de excitação que não lhe passou pela cabeça que ela demorasse, que tivesse conseguido deixá-lo ali.

No seu estado alcoolizado, pensou que ela se sentisse como ele. Mas, gradualmente, vendo que ela não voltava imediatamente, ocorreu-lhe que se tratava de uma mulher, de alguém diferente. Abriu os olhos e ficou a olhar para a mancha escura do seu braço sobre o rosto.

Era o jantar dela, claro. Devia estar com fome. Naquele momento, Arden só conseguia pensar em saciar a fome que tinha dela, de a ter junto a si, de se esvair com ela. Mas ela era mulher, por isso era diferente. Ocupou-se com pensamentos eróticos, recordando a forma do corpo dela, os seios redondos e femininos; recordando o momento em que a vira a dar de mamar a Beth, o que desencadeou nele uma vontade firme e intensa de lhe fazer mais um filho.

Voltou-se, enfiando o nariz na almofada, à espera.

Ela não chegou. Ele não fazia ideia do tempo que passara, mas parecia-lhe suficiente para comer quatro dúzias de *scones* e beber dez bules de chá.

Sentou-se. Talvez fosse uma questão de timidez. Talvez estivesse à sua espera.

Ficou bastante tempo a olhar para a porta que separava os dois quartos, pensando sempre que a maçaneta iria rodar. Todo o seu ser parecia alimentar aquela expectativa, embora, na sua mente, começasse a nascer uma pequena dúvida.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta. Ao chegar, paralisado pelo medo de a encontrar fechada, não foi capaz de lhe tocar. Decidiu tentar ouvir algum som, algum sinal do outro lado.

Apenas silêncio.

– Zenia – sussurrou contra a madeira polida.

Ela não respondeu. Ele soube que estava trancada. Tocou na placa de latão, seguiu com os dedos as curvas gravadas. Fitou, estupidamente, o grão dourado do carvalho.

Se não fosse por Beth, tê-la-ia derrubado.

CAPÍTULO 20



Arden encontrava-se deitado, de olhos fechados, sem vontade de reconhecer o dia que despontava nem a raiva que sentia, mas rejeitando regressar aos sonhos. Nestes, fazia tentativas para nadar, para alcançar o vulto cinzento que via entre as águas turvas de plantas aquáticas, mas não conseguia que os seus membros se mexessem. O rosto lívido de morte da rapariga passava a ser o de Zenia, silenciada, submersa mas, ainda assim, clamando a sua ajuda.

Em algum momento da madrugada, a criada passara a avivar o fogo. Ele sentara-se debaixo daquela luz débil, confuso e com tanta sede que bebera meio jarro de água. Mas ficara novamente tonto e inebriado, mergulhando novamente em sonhos. Naquele momento, não fazia ideia das horas que eram, só que seria muito tarde. Sentia um enjoo doentio na barriga e parecia ter uma vara espetada na cabeça.

Passada a embriaguez, sentia-se magoado e desmoralizado. Fora há muito, muito tempo, mas as sensações físicas haviam-lhe trazido a recordação de um acordar mais terrível. Os sonhos eram sonhos; não tinha nenhuma memória real de ouvir a rapariga a gritar que a acudisse ou de a ver debaixo de água. Era um hiato no espaço e no tempo. Lembrava-se de ter começado a beber no quarto; lembrava-se de ter partilhado a bebida com um cavaliário simpático; lembrava-se de ter ficado todo atrapalhado com a gravata quando se vestira para ir ter com ela e de voltar a encher, por diversas vezes, o frasco da bebida nos decantadores da sala de estar. Seguiu-se um caleidoscópio de momentos: a forma como ela olhara para ele, silenciosa e assustada, o lago tranquilo, a tinta lascada do remo, o cisne a perseguir o barco numa corrida agressiva, a arensar e a erguer as asas. E mais nada. Exceto a recordação de estar sentado na margem, todo molhado, a chorar; só não sabia se acontecera de facto.

Eles disseram que ele tentara salvá-la. Que ela se tinha levantado, estupidamente, para tentar fugir ao cisne e que virara o barco. O pai e dois jardineiros haviam testemunhado diante do médico legista que tinham presenciado tudo, que Arden tentara puxá-la para a margem, mas que o medo a deixara tão histérica que se debatia com tudo o que se aproximava. O pai mandara matar o cisne.

Arden não se lembrava disso. Não se lembrava de mais nada. E ninguém viu naquilo outra coisa que não um trágico acidente. Afinal, que homem afogaria deliberadamente a sua noiva?

Mas a forma como o pai olhara para ele. Fora tudo assim... O acordar, enjoado e tonto, e o pai à espera...

Enfiou o rosto na almofada.

Deixara Swanmere e não voltara. Passaram-se anos até tornar a tocar em álcool, antes de conseguir sentir-lhe o cheiro sem que lhe desse a volta ao estômago. E, mesmo assim, mal bebia; apenas por requisito social, para se sentir menos exposto, menos pária entre os seus pares.

Matará-a e, contudo, aquela fora a sua emancipação. Adorara o seu exílio. Sentira-se vivo e real sozinho. Era com pessoas que ele se atrapalhava; era um fiasco, a desempenhar o papel da sua vida. Na pele de Haj Hasan tinha sempre a certeza do que dizer e do que fazer; na pele do ilustre Arden Mansfield, Lord Winter, dominavam-no a hesitação e o desconforto.

Na noite anterior, não devia ter-se permitido ficar a beber a cerveja que não parava de correr. Sabia que estava a ficar bêbado. Tinha a certeza de que não fizera nada de estranho, tirando o facto de passar o tempo a sorrir diligentemente mas num silêncio quase total. Todos os arrendatários tinham sido extremamente educados consigo, tão formais como ele, e o pai dera apertos de mão e pancadas nas costas e indagara sobre cereais, touros e provavelmente até demarcações. O perfeito e generoso proprietário rural inglês.

Não, fora depois do jantar, naquele quarto, que Arden se votara a um papel deplorável. E, daquela vez, não havia nenhum hiato alcoólico. Lembrava-se de tudo nitidamente.

Ouviu uma porta a abrir-se. A criada, pensou, protestando interiormente, mas logo ouviu a cadência suave de passinhos a correr e um *Ga!* inquiridor. Duas mãozinhas quentes agarraram-lhe o braço despido.

Virou-se, espreitando por cima do cotovelo. O rosto de Beth estava cheio de expectativa, os olhos escuros muito redondos e os lábios entreabertos.

– Bamo’ – disse, empurrando-lhe o braço.

Quando ele se ergueu sobre os cotovelos, ela riu-se e gritou de alegria. Aquele momento, por si só, deu valor à sua vida. Mas lembrou-se que na noite anterior ela lhe virara as costas e ele não esticou os braços para a sentar no seu colo como tinha vontade de fazer.

– Miss Elizabeth – sussurrou uma voz ansiosa pela frincha da porta. – Venha imediatamente para aqui!

Era a ama. Arden ficou tenso, na expectativa de ouvir a voz de Zenia, mas, quando a porta se abriu mais um pouco foi apenas Mrs. Lamb quem espreitou.

– Oh! Senhor! – disse, ainda num murmúrio. – Desculpe! Venha, Miss Elizabeth.

– Não é preciso – disse Arden, com a voz rouca do sono e do álcool. – Ela pode ficar. – Arden procurou a camisa, que estava no chão ao lado do catre, para ficar minimamente apresentável.

Beth correu para o armário dos brinquedos branco e bateu na porta. Arden levantou-se, inspirou profundamente para aliviar as náuseas que sentia e abriu-o. Em menos de nada, Beth tirara blocos, bolas e uma boneca de trapos.

A ama permanecia do outro lado da porta, pois via os dedos a preservar a abertura.

– Lady Winter está? – perguntou ele, hesitante.

– Não, senhor – disse a voz. – Foi para Oxford com sua senhoria. Por favor, fiquei encarregada de cuidar de Miss Elizabeth, senhor.

Não lhe parecera que ela lá estivesse. Sabê-lo de facto, porém... Saber que ela fugira, deliberadamente, tal como fechara aquela porta na noite anterior... Sentiu um aperto na garganta, um misto doloroso de raiva e rejeição.

Pegou em roupa limpa para si próprio, juntou-lhe a lâmina e o conjunto da barba e abriu a porta, quase derrubando uma Mrs. Lamb desconcertada.

– Vou vestir-me no quarto. Por favor, vista a Beth para sair e leve-a lá para baixo dentro de uma hora – acrescentou. – Depois poderá tratar de outras coisas, ou tirar a tarde, se quiser. Eu cuido dela hoje.

– Mas... senhor!

Passou diante dela.

– E queremos levar um cesto com comida. Com montes de biscoitos para a Beth. Mrs. Patterson sabe do que eu gosto.

Atirou a roupa para cima da cama, sob o olhar de consternação da ama.

– Senhor, receio que Lady Winter fique muito desagradada.

Ele sorriu-lhe.

– Sou mandrião por natureza, Mrs. Lamb. E já que o gato decidiu deixar a toca do rato sem vigia...

– Encolheu os ombros. – Teremos um dia de liberdade. Quando tencionam regressar, as senhoras?

– Lamento, senhor... Lady Winter não informou.

– Talvez queira vigiar o caminho de acesso e lançar um facho quando a carruagem aparecer.

– É muito mau, senhor – disse Mrs. Lamb, com uma austeridade que não lhe chegou aos olhos. – Custa-me enganar a senhora.

– Mrs. Lamb – voltou ele –, não nos denuncia?

A senhora tinha um semblante doce; nem o trejeito austero dos lábios lhe conferia um ar rígido. Além de evitar olhar para a sua figura meio despida.

– Saiba o meu senhor que criei três irmãozinhos sozinha, além de dois rapazes, nos Hastings e quatro, nos Thorpes. Sei tudo sobre rapazes.

– A Beth é uma rapariga – assinalou tranquilamente Arden.

– Pois é, senhor – replicou ela com uma cortesia –, mas o senhor e ela juntos não lhes ficarão atrás.

No quarto dos brinquedos ouviu-se algo a bater. Mrs. Lamb agitou-se, exclamando:

– Pronto. Está a ver? – E partiu a correr.



À tarde, Zenia estava ansiosa por regressar a casa. Nunca deixara Elizabeth sozinha durante tanto tempo, mas Lady Belmaine demorava-se com as primas mais velhas, segurando a mão da senhora acamada que já só falava em surdina, conversando com a irmã angustiada, dizendo a Zenia que procurasse um remédio específico num boticário específico, para que a irmã conseguisse dormir melhor, dando instruções à cozinheira de como preparar a provisão de comidas especiais que tinham trazido de Swanmere.

Apesar de estar apreensiva por causa de Beth, Zenia alegrava-se por ajudar no que podia. Na verdade, surpreendia-a presenciar aquele novo lado de Lady Belmaine, a calma eficiência com a qual a senhora restituía a ordem numa casa que caíra no caos. Não era uma mulher sentimental nem de mostrar muito afeto – abreviara rapidamente o choramingar da irmã com uma repreensão eficaz – mas, quando saíram da casa, as senhoras tinham o máximo de conforto possível e até sorriam.

– Voltamos na próxima semana – comunicou Lady Belmaine enquanto a carruagem passava os pináculos e as torres cinzentos da universidade. – Entretanto, tratarei de enviar caça e alguns ovos dos nossos. Não é possível encontrar ovos de jeito na cidade.

Os sinos tocavam na tarde límpida de inverno e viam-se alguns jovens de capas ao vento a correr pela rua, dedicados ao estudo, apesar das férias de Natal. Lady Belmaine fez um comentário acerca do barulho e lamentou que as primas não quisessem mudar-se para um sítio mais sossegado, ou até para Swanmere.

– Mas elas não querem falar no assunto – disse, com alguma impaciência. – Moram naquela casa desde que nasceram, tal como os seus pais. Devo dizer que nunca compreendi o atrativo de uma existência tão agarrada às origens, mas é a disposição vigente.

– Eu consigo compreender, senhora – replicou tranquilamente Zenia. – A sensação de ter um lar e não querer abandoná-lo.

Lady Belmaine dirigiu o olhar para o cetim cinzento e elegante do banco da frente.

– Não é muito parecida com a sua mãe, então.

Zenia olhou para o regaço. Era a primeira vez que Lady Belmaine falava na sua mãe.

– Não. Não muito.

– Houve uma altura em que fui uma grande admiradora de Lady Hester.

Zenia olhou-a, novamente surpreendida. A condessa continuava de queixo erguido; a agreste luz invernal revelava apenas ligeiras rugas na sua pele branca resplandecente.

– Porém, levou a sua independência demasiado longe – comentou Lady Belmaine. – Sabe que somos aparentadas?

– Não! – replicou Zenia, perplexa.

– Não é um parentesco muito próximo. Temos um avô materno em comum há quatro ou cinco gerações. Robert Pitt. Filho de Diamond Pitt. A minha ascendência é a linhagem dos Camelford, a sua dos Chatham e dos Stanhope.

Zenia conhecia a sua linhagem. A mãe falava dos seus antepassados com uma arrogância e um prazer sem limites. Lady Hester era neta de um primeiro-ministro e sobrinha de outro; adorava contar histórias sobre o patriarca implacável, Diamond Pitt, comerciante turbulento e cruel que construíra a sua fortuna à revelia da lei e da Companhia das Índias Orientais, e de Lord Camelford, o primo altivo e feroz, o mais aclamado duelista do seu tempo, campeão dos pobres contra vigaristas e escroques, com métodos mais próprios de um paxá sanguinário do que de um cavalheiro inglês; um par do reino que distribuía cem guinéus nas ruas, por vagabundos, e que mandava açoitar os cobradores de portagens por passarem moedas falsas de meios dinheiros e que morrera ao raiar do dia num duelo antes de completar trinta anos. Quando Lady Hester mandava abater um rebanho de ovelhas porque o pastor a enganava ou aplicava o «bastinado» a um criado insurreto, ou desafiava a tirania de algum emir, citava Lord Camelford como exemplo e guia.

– Não tinha conhecimento, senhora – disse.

– O sangue de Diamond Pitt – cogitou Lady Belmaine. – A chama do Oriente. É uma herança difícil. Perigosa, diriam alguns. Houve génio... Não diria menos do seu avô e do seu bisavô. Mas também um lado obscuro. Que não deve ser subestimado. A sua mãe tinha propensão para ir longe de mais nas suas paixões.

Zenia não podia negá-lo. Desviou o olhar de Lady Belmaine, para a janela.

– Diria que a sua mãe era desequilibrada? – perguntou tranquilamente a condessa.

– Não – replicou Zenia. – Eu sei que para os Francos... Quer dizer, eu sei que aqui as pessoas pensam assim, mas... No Oriente é diferente. É tudo mais intenso. Parecia feita para aquele tipo de vida.

– Compreendo – disse a condessa. – Mas a Zenia não.

– Não, senhora. De todo. Eu detestava aquela vida.

Lady Belmaine ficou silenciosa. Passado algum tempo, disse, sem qualquer mudança no tom de voz impessoal:

– É muito apegada ao meu filho?

Zenia sentiu-se invadir por uma estranha confusão. Desviou o olhar, incapaz de pensar numa resposta.

– Serei frontal – disse a condessa. – Preferiria que não fosse mulher dele.

– Eu sei, senhora – disse Zenia.

– Pensará, sem dúvida, que se deve ao caráter questionável do seu nascimento e da sua educação. Na verdade, se não a tivesse conhecido, ficaria horrorizada diante dessa perspectiva. Não desgosto de si, Zenobia.

– Obrigada, senhora – replicou Zenia num tom inseguro de confusão.

– Enquanto julgámos que o meu filho estava morto, não fui reticente a aceitá-la como minha nora. É uma mulher sossegada e de bom trato e, a bem dizer, não havia alternativa, pois não? Mas, agora, vejo-me forçada a dizer que esta união de sangues nefasto, das linhas mais traiçoeiras da herança de Pitt... Na última semana, tenho ouvido as crises da sua filha e fico receosa.

– A Elizabeth está muito bem. – Zenia apressou-se a sossegá-la. – É só que... Lord Winter dá-lhe demasiada liberdade.

O rosto de Lady Belmaine continuava perfeitamente inexpressivo.

– Julgo que não compreende o caráter da sua filha, Zenobia. Nem o caráter do meu filho. Também o meu marido nunca o compreendeu. – Tirou a mão do regalo e enfiou na bolsa o lenço que segurava, mas não sem que Zenia notasse que a franja de renda tinha sido desfeita.

– O que está a tentar dizer-me, senhora? – indagou Zenia, desconfortável.

– Bem, se não consegue ver por si própria não vejo como posso explicar-lho. Nenhum dos dois se contentará com um lar, Zenobia. Nenhum dos dois se deixará enjaular. Perdi o meu filho porque o meu marido não conseguiu entender isto. Poderei tê-lo tido durante breves momentos enquanto foi criança. Pelo menos até as suas paixões o dominarem, o que é natural, mas não durou muito. Fui induzida em erro pela minha própria educação. Supus que ele podia ser vergado e disciplinado tal como eu fui. O que se revelou um enorme erro. Conhecia o meu filho como o meu marido nunca poderia. Conhecia-o como a mim mesma.

– A minha filha está perfeitamente bem – disse Zenia, contundente.

A condessa voltou-se, olhando de lado para Zenia com um alçar das sobrancelhas.

– Não estou a dizer que todas as crianças mimadas estão possuídas por um demónio...

– Ela não tem demónio nenhum! – gritou Zenia, alterada.

– ...mas o facto de o sangue volátil que corre na sua família aparentemente não se manifestar em si própria, não a iliba da existência deste. E, no meu filho, é uma correnteza.

Zenia fitou-a, com a respiração alterada.

– Pode afirmar que não? – perguntou a condessa. – Que ele não faz a coisa mais absurda de que tenha vontade, sem pensar nas consequências?

Zenia baixou os olhos. Enrolou as pontas orladas da bolsa com tanta força à volta dos dedos que estes começaram a latejar.

– Mesmo que tivesse crescido na casa mais respeitável de Inglaterra, eu ter-me-ia oposto a um

casamento seu e do meu filho – afirmou Lady Belmaine. – Não faz sentido convidar ao desastre restabelecendo a linhagem que gerou a natureza instável da sua mãe. Já tem uma filha. Rezemos para que escape a este perigo. Mas, se estiver disposta a libertar o meu filho, e a si própria, desta união amaldiçoada, pode contar com a minha ajuda imediata e o meu compromisso com o seu bem-estar e o da minha neta.

Zenia deteve o olhar na correia de seda que balançava ao ritmo da carruagem. Pensou nas birras violentas de Elizabeth e na exultação de Lord Winter pelo perigo, a liberdade e a solidão. Dos ataques de fúria da mãe. Zenia já se tinha dito que ele não ficaria, que não seria capaz, mas ouvir Lady Belmaine proferi-lo, com palavras tão firmes e tão certeiras, afirmando que Elizabeth era igual, deixava-a doente de medo.

– O conde disse que, se eu não fizesse o que me aconselhava, a Elizabeth seria... – Não conseguiu dizer a palavra. – O que eu sou.

– O seu pai e a mulher passam muito tempo em França, não passam? Creio que se sentiria confortável numa casa agradável próxima de Paris. Ou talvez naquelas termas suíças onde Mr. Bruce tenciona fazer a cura da água. Poderá ter a certeza de que garantirei que a minha neta cresça em circunstâncias apropriadas, sem lhe faltar nada. Haverá dinheiro para a escola, ou para uma precetora, como preferir, e tudo o que possa desejar em termos de vestuário e de sustento. Não deve temer a rejeição social; eu própria tratarei disso. No Continente, estas coisas são tidas como prosaicas.

Zenia olhava pela janela, em silêncio. Ansiava a companhia do pai e de Marianne, e os dias amenos de proximidade em Bentinck Street. Queria fazer o que era melhor para Elizabeth. Queria paz e segurança. Queria que a filha crescesse em perfeita segurança, e, contudo, pensava nele, no desespero da sua voz quando dissera: *Não sei se consigo fazer isto.*

Ele não conseguia ficar. Zenia sabia, e dilacerava-lhe o coração que ele não pudesse fazê-lo sem se destruir. Sem se tornar no que a sua mãe se tinha tornado, numa montanha de gelo. Ele partiria e, quando o fizesse, poderia levar Elizabeth, se ela lhe garantisse esse direito.

Quando Zenia se voltou, Lady Belmaine observava-a com uma atenção inabalável.

– Poderá abster-se de mencionar isto ao conde ou ao meu filho – disse. – Falaremos em privado, se desejar explorar este assunto.



Durante a primeira hora, Mrs. Lamb ficara vigilante à janela enquanto terminava de cerzir, de olho em Lord Winter que brincava no relvado junto ao terraço com a filha. Guardava as suas opiniões para si, claro, mas foi com certa aprovação que viu a menina a brincar no exterior. Era mesmo daquilo que Miss Elizabeth necessitava, de umas quantas tropelias ao ar fresco do campo. Mrs. Lamb tratara de a agasalhar bem e Lord Winter, como era óbvio, não estava claramente nos seus dias e não iria levá-la para longe.

Ainda assim, a ama sentia-se desconfortável quando pensava em Lady Winter. Teve um momento de receio quando viu o conde em pessoa a atravessar o terraço para falar com o filho. Mas pareceram despedir-se amigavelmente. Mrs. Lamb soltou um suspiro de alívio e dedicou-se a fazer o molde para uma bata.

Tencionava chamá-los para almoçar, apesar de ter preparado o cesto. Miss Elizabeth iria com

certeza precisar de mudar a fralda e não era provável que o pai desejasse ocupar-se disso. Mas, quando Mrs. Lamb acabou de prender o molde com alfinetes e olhou para o exterior, o visconde, que pegara em Miss Elizabeth, dirigia-se para a outra ponta do relvado com o cesto.

Mrs. Lamb ainda ficou a observá-lo durante um momento, tapando a boca com os dedos. Não tinha direito a emitir opiniões – nenhum direito a não ser os muitos mais anos de experiência que tinha com crianças do que Lady Winter –, mas estava convencida de que o temperamento de Miss Elizabeth necessitava de um maior grau de liberdade, para evitar um caráter viciado e distorcido, como uma planta vigorosa que se visse obrigada a crescer num espaço demasiado exíguo. Consequia compreender o apego de uma jovem viúva à filha única, mas agora Lord Winter havia regressado. Bem... Também não tinha nada que emitir opiniões sobre os assuntos maritais de Lady Winter, mas era difícil não reparar na tensão óbvia que existia entre marido e mulher. Mrs. Lamb não gostava de ver Miss Elizabeth transformada num peão, mas receava bastante que Lady Winter se sentisse inclinada a reclamar a sua ascendência sobre a criança em maior medida do que era aconselhável.

Daria mais uma hora ao par de mandriões. A seguir, teriam de subir para a mudança da fralda e a sesta. Voltou a ajoelhar-se junto do tecido estendido no chão e pegou nas tesouras.

Passada uma hora, voltou a espreitar pela janela. Lord Winter e Miss Elizabeth tinham desaparecido do relvado. Mrs. Lamb foi buscar o sobretudo, fazendo estalar a língua.

CAPÍTULO 21



Arden tirou uma minhoca da mão, cheia de lama, de Beth quando esta se preparava para a comer, substituindo-a por um biscoito. Ouvia os apreensivos carcereiros a chamar ao longe, mas ignorou-os. Começaram a chamá-los quando eles acabaram de esvaziar o tanque das carpas. Beth adorara a parte de tirar a lama, manobrando a sua pequena pá inconsequentemente mas com grande entusiasmo, enquanto Arden escavava com grandes pazadas.

Não estavam nada secos, os dois. Arden calculara mal o momento em que a lama cederia e estava em cima dela quando a água castanha começou a infiltrar-se pela terra enfraquecida. Beth adorara o grito de surpresa do pai e juntara-se à festa, guinchando de entusiasmo e de frio. Pouco depois, da direção da casa, começaram a chegar os gritos inquietos. Arden, vendo o estado das suas calças e da bata de Beth, decidiu que seria mais sensato esperar que secassem um bocado.

Poderia não estar familiarizado com os limites e as demarcações de Swanmere, mas conhecia-lhe todos os caminhos e passagens secretos. Levava Beth, o cesto e as pás até à parte baixa do lago, sempre oculto pela colina, e arrastara o barco até à água. Beth entrou a seguir ao cesto e atravessaram a pequena distância em três remadelas. Ao ouvir os cães a aproximarem-se, Arden agarrara nela, libertando as roupas molhadas do anel enferrujado do cabeço de amarração, não sem deixar para trás a touca e um ou dois lacinhos, pegara no cesto e saltara para terra. O barco afastava-se da margem, mas ele não se demorou a prendê-lo. Subira pelo pequeno penhasco, por um caminho oculto pela vegetação e Beth ria-se nos seus braços quando a vegetação lhe roçava no rosto.

Tinham concretizado a fuga. Os gritos perdiam intensidade à medida que se embrenhava no bosque com a filha, onde lutaram com espadas feitas de ramos mortos, atiraram folhas secas pelo ar e puseram pedras rasas na cabeça. No seu ulmeiro, pousara Beth no chão e dera-lhe a pá de brincar e juntos principiaram a tarefa de reconstituir o túnel.

Pelo menos no que a Arden dizia respeito. Beth concluía que preferia minhocas e larvas e brincar com a terra.

A filha sentou-se num monte de folhas mortas a mastigar o biscoito. Arden viu-se obrigado a admitir que a secagem da roupa não lhe melhorara em muito a apresentação. Na textura e na cor, praticamente não se distinguia do seu entorno. Havia alguns panos macios, brancos e quadrados no cesto, mas passar-lhe algum deles pelo rosto sem dispor de água limpa iria deixá-la com um aspeto ainda mais vergonhoso.

Durante algum tempo, os gritos longínquos ganharam uma agitação crescente e vozes masculinas

faziam coro com as femininas.

– Receio que vamos pagar muito caro, menina – disse, pondo-se de cócoras à frente de Beth, partilhando a sandes de presunto, o que acrescentou um laivo de mostarda ao conjunto.

– Dá! – disse esta, com a boca cheia, esticando a mão.

Ele deu-lhe o resto da sanduíche e sacou o relógio do bolso. Quatro e um quarto. O sol começava a desaparecer. Zenia e a mãe dele regressariam dentro de uma hora, no máximo, se já não tivessem chegado.

– Estamos com medo? – perguntou a Beth.

Ela sorriu-lhe por detrás de uma fatia de presunto coberta de mostarda e de folhas, com os olhos escuros radiantes.

– Trememos como varas verdes – acrescentou.

– Ma-ma. – Beth deixou cair o presunto e gatinhou na direção dele. Ergueu os braços para que lhe pegasse.

– Sim, eu sei que está na altura de irmos. – Levantou-se com ela nos braços, recebendo riscas de lama dos seus pés no colete já imundo. – Não há necessidade de pressas. – Mas franziu o nariz. – Meu Deus. Talvez seja melhor.

Parou para encostar a pá à árvore e atirou os restos da refeição para o cesto. Quando atirou também o pano branco, ocorreu-lhe que poderia ser uma fralda.

– Pois bem – disse, descendo pelo caminho que circundava o lago. – Para que é que servem as amas? Vamos procurar Mrs. Lamb.

– Ma-ma – repetiu Beth.

– Se preferes ter um papá vivo, digo-te que seria melhor encontrarmos Mrs. Lamb primeiro. Mas não receies; eu sei como te pôr lá dentro.

Beth pousou a cabeça no ombro dele com um suspiro. Ele atravessou o bosque. Os chamados pareciam ter dado lugar a um silêncio sinistro, embora, quando se aproximou do lago, conseguisse ouvir um ou outro grito sombrio.

Parou assim que avistou o lago. Tinha barcos. Homens e barcos, redes e um grupo de pessoas num dos lados.

Estarrecido, viu o pai entre elas. Estavam a dragar o lago.

Durante algum tempo limitou-se a ficar parado a olhar.

Apoderou-se dele um pavor sinistro, como se presenciasse o seu próprio passado, e visse o que imaginara apenas. Sentiu um aperto no peito.

Então, num sobressalto, num apelo muito vivo a uma realidade diferente, reconheceu a mãe e Zenia, juntas, com a ama e as criadas à sua volta.

De repente, o choque converteu-se em constatação. Voltou a respirar; apertou com força os maxilares.

– Que perfeitos idiotas – exclamou entre dentes. – Não estão a imaginar que a afoguei?

Saiu do bosque e parou em cima da relva que desce até ao lago numa vertente inclinada. Ninguém olhou para lá. Ninguém reparou nele. Estavam todos concentrados nos homens e nas águas, e no chapinhar sombrio da lama no fundo do lago.

Não conseguia acreditar. Inicialmente sentiu apenas espanto, uma espécie de repugnante incredulidade, ao constatar a lenta progressão da rede na água. Não lhe pareceu real.

Um dos homens inclinou-se, tirando alguma coisa sem cor nem forma da água. Arden ouviu um som

estranho e terrível, um lamento agudo e débil.

Era Zenia, e o som foi o mais pavoroso que ele ouvira na vida; gelou-lhe o sangue.

Quis gritar para pararem com tudo aquilo. Mas ficou paralisado enquanto abriam a trouxa húmida em cima de um trincaniz. Não era nada, um pedaço de lixo ou de tela. Mas o som terrível não parecia cessar.

– Parem – murmurou. – Parem, parem! O que estão a fazer?

Ouvia Zenia; num pranto sem palavras. O que é que a tinham levado a pensar que fizera? Mal conseguia respirar com a feroz reação que aquilo lhe despertava. Sentiu crescer a raiva, que o deixou cego e surdo a tudo o que não fosse aquele som. Faziam-na acreditar que tinha afogado Beth; deixavam-na fazer aquele barulho, deixavam-na pensar que tinha afogado *Beth*.

Estava parado na colina à vista de todos, com Beth a ressonar no seu ombro e o cesto do piquenique ao lado.

Foi a ama quem o avistou, finalmente. Deu um grito e apontou.

O som terrível cessou, silenciado tão repentinamente como tudo o resto. Por um instante todos pareceram petrificados, com exceção de Zenia que desatou a correr, o mais depressa que as saias lhe permitiam, quase caindo no plano inclinado.

Começou novamente a fazer aquele som agudo e estranho com a garganta, soluçando quando se aproximou de Beth, estendendo os braços. Arden deixou a filha e viu Zenia cair de joelhos e abraçá-la com tanta força que Beth gemeu e começou a chorar.

Arden olhou para baixo e viu o pai a subir o declive à frente do grupo e a indignação que sentia encontrou um alvo.

– Tirem essas malditas redes da água! – gritou com violência. – Tirem-nas da minha vista.

O pai deteve-se e olhou para Zenia, para Beth e para o cesto do piquenique.

A boca de Arden curvou-se num desprezo violento.

– Foi o senhor quem ordenou isto? Maldito seja!

Durante um longo momento, o conde olhou para ele à distância em que estava. Depois virou a cabeça e deu algumas ordens contidas. Os homens dispersaram em direção ao lago, e Mrs. Lamb subiu para junto de Zenia.

– Sabe há quantas horas desapareceram? – perguntou o pai em tom neutro, olhando novamente para Arden. – O barco estava à deriva no lago. – Parecia dez anos mais velho do que naquela manhã. – A touca dela estava na água.

– O barco até podia estar afundado com o vestido de batizado dela lá dentro! – A voz furiosa de Arden ecoou no lago. Olhou para o pai com um sentimento perturbador, uma raiva que não era capaz de transformar em palavras. – Como é que pôde pensar numa coisa destas? O que é que lhe deu?

– O que é que lhe deu *a si*! – A acusação histórica de Zenia sobrepôs-se ao choramingar de Beth. Levantou-se com dificuldade. – Como é que se atreve a dizer isso? Como se atreve? Olhe para ela! Olhe para si! Ela podia ter morrido!

– Morrido de quê? – gritou ele. – Da lama e de uma fralda suja?

Beth começou a chorar a sério. Mrs. Lamb aproximou-se para a tirar dos braços de Zenia.

– Deixe-me dar-lhe um banho quente, senhora.

– Como é que deixou que a levasse? – gritou Zenia com irritação. – Disse-lhe que ficasse sempre com ela! Esta noite pode fazer as suas malas!

– Assim seja, minha senhora. Sou a única culpada. Deixe-me só vestir-lhe uma roupa limpa, e seca,

e depois faço o que me diz.

– Não se apresse demasiado a fazer as malas, Mrs. Lamb – disse Arden com frieza.

Zenia virou-se para ele enquanto a ama levava Beth.

– Até parece que pode dizer alguma coisa. A culpa não é dela, é sua! Não tem juízo nenhum; não sabe o que é ter juízo! É louco! Consegue imaginar o que senti, quando me disseram... Quando pensei... Que o senhor e a Elizabeth... No lago... – Sentou-se bruscamente no chão, com o rosto entre as mãos, no meio das elegantes saias cinzentas manchadas de relva.

– Zenia – tentou ele com a voz embargada, os olhos na cabeça dela. – Nunca deixaria que nada de mal lhe acontecesse.

– Eu não conseguiria viver sem o meu bebé – disse com aquela voz histérica, balançando o corpo para trás e para a frente. – Não conseguiria.

– Eu nunca a prejudicaria. Estava em segurança.

– Eu ausento-me por um dia... por um dia! – disse, com o rosto entre as mãos. O corpo dela estremeceu. – Não devia tê-la deixado consigo! Jamais!

Começou a chorar, estremecendo com soluços aflitivos. Arden ficou ao seu lado amaldiçoando o pai, vendo os progenitores que regressavam à casa com Mrs. Lamb e Beth que chorava, baixinho, com uma voz perdida. Permaneceu parado como se fosse incapaz de se mexer enquanto se recolhiam os barcos e as redes e o lago começava a clarear lentamente. Com Zenia sempre aos seus pés, soluçando convulsivamente.

– Vai ficar doente – disse ele. – Não chore assim.

Ela ergueu o rosto, devastada.

– Assusta-me tanto! Porque é que me deixa sempre com medo?

– Lamento. Não foi minha intenção assustá-la.

– Eles chamaram por si sem parar, e nunca respondeu.

Ele fitou o lago. Sabia que podia ter regressado antes que tudo acontecesse. Podia ter respondido aos chamamentos ansiosos. Podia ter-se entregado, com Beth, às garras bem-intencionadas e castradoras de Swanmere.

– Ouviu-os, não ouviu? – perguntou Zenia numa voz aguda e trémula.

– Sim.

– E não respondeu?

– Não – declarou ele.

– Porquê? – Zenia travou um soluço. – *Porquê?*

Ele sentou-se na colina, observando um cisne que saía, hesitante, dos juncos que cresciam na parte baixa do lago.

– Devia ter respondido! – gritou ela.

Ele arrancou um torrão de erva, esmagando-o entre os dedos.

– Esvaziámos o lago das carpas – disse ele. – Ela gostou. E depois levei-a à minha árvore. Estávamos ambos molhados e sabia que a Zenia... Estávamos a tentar secar-nos antes que nos visse.

– Fez rolar um pedaço de terra pela colina e acrescentou com ironia: – Também me assusta um pouco, sabe, mamã?

– Não é possível eu assustá-lo.

Ele fez uma fenda numa folha de erva com o polegar.

– Ai não?

Rasgou a folha ao meio e contemplou os dois pedaços.

– Nem sequer os demónios o assustam – replicou ela. – Eu nunca o vi assustado com nada.

Ele tentou unir as duas tiras de erva, mas estas partiram-se nos seus dedos.

– Talvez não tenha visto todas as partes de mim que há para ver.

– Até ficou para trás quando vieram atrás de nós em Hail. – Disse-o como quem profere uma acusação. – Ficou, quando sabia que o iam levar.

– E faria o mesmo outra vez. Eu... – Abanou a cabeça. – Não há nada que eu não fizesse por si e pela Beth.

– Não acredito em si. Não ficará aqui.

– Estou a tentar. Dê-me uma oportunidade.

– Não consegue. O senhor mesmo o disse. E se ficar, vai transformar-se... – Fez um pequeno som de desespero. – Como a minha mãe, ou a sua. O seu espírito não conseguirá suportar.

– Então venha comigo...

– Vê? – Voltou-se para ele, os olhos sombrios e intensos, o rosto a ficar afogueado. – É isso que vai acontecer! *Venha comigo!*, foi o que disse e levou-nos para as areias vermelhas, para a boca das armas dos wahhabitás, até ao próprio inferno. Não posso ir. Não irei. E não vou permitir que fique com a Elizabeth.

Arden contemplou o cisne negro que deslizava lentamente junto à margem, mergulhando o bico com movimentos graciosos.

– Talvez seja impossível compreendermo-nos um ao outro – disse ele, apático.

Arden sentiu que ela olhava para ele, tão direta e tão longamente que teve receio de se virar, de deparar com o seu rosto.

– Não compreendo como posso amá-lo e detestá-lo ao mesmo tempo – atirou Zenia.

A erva caiu-lhe das mãos.

– Agora – disse – estou aterrorizado.

– Porquê? – inquiriu ela erguendo o queixo, com orgulho e descrença.

– Por nada, por nada – replicou ele com falsa ligeireza. – Lembre-se de que sou impossível de assustar. Era uma piada. Tem tudo tanta graça. – Começou a desfazer outra folha de erva. – Já deixou bem claro porque é que... não gosta de mim. Só resta a outra coisa. – Encolheu os ombros. – Porquê. Se sim, porquê?

Ela olhou em frente.

– Porque é que o amo, é isso?

– Sim – respondeu, revirando a erva entre os dedos e esmagando-a. – É isso.

– Porque me deu a Elizabeth.

– Ah – reagiu ele. Com o sobrolho carregado, Arden olhou para o cisne que deslizava placidamente até à margem mais afastada. – Que original da minha parte. Trata-se de um feito sem paralelo nos anais da raça humana. Suponho que não existam mais de dois ou três milhões de sujeitos vivos que sejam pais de uma criança. – Atirou uma bola de erva para longe. – Na verdade, pareço não estar muito bem posicionado para repetir a proeza, uma vez que não regressou ao quarto ontem à noite.

Ela baixou os olhos. Ele não olhou diretamente para ela; apenas o suficiente para lhe ver o perfil, perfeito e familiar, a pele dourada pelo sol tardio. Não tinha a touca e o cabelo soltara-se no seu desespero. Caía-lhe agora numa cascata indómita pelos ombros, uma massa escura e revolta.

Algo na luz límpida do inverno e no rubor do pôr do sol conferia a toda a paisagem tons de vermelho muito vivo, ora suave ora escuro, como o crepúsculo nas areias vermelhas, fazendo-o reviver o deserto com toda a nitidez. Fora daquela mesma forma que ela se sentara, assim mesmo, no silêncio, a cabeça ligeiramente inclinada, entoando um canto suave no imenso vazio... E, estranhamente, como se a luz revelasse algum aspeto perdido da realidade, ou da memória, ou da visão, ele viu-a completamente, pela primeira vez. Era ela sentada ao seu lado naquele momento; o mesmo rosto, a mesma pessoa, o mesmo coração.

Todas as suas memórias se encaixaram, por fim. O jovem de passada solta não desaparecera, não morrera, mas sempre fora outra coisa. Não era um rapaz; nunca o fora. Fora a mulher que tinha ao seu lado que montara um camelo com um salto atlético e gracioso; que procurara a proximidade das suas costas para dormir; que o deixara entrançar contas turquesa e pérola no cabelo; fora aquela jovem mulher sóbria, linda e ponderada que racionara a água e a comida dele no deserto e que liderara as penosas subidas a dunas intermináveis e que chorara quando ele a colocara nas costas de um camelo, magra e leve ao ponto de desaparecer.

Ele lamentava infinitamente o que lhe fizera ao levá-la com ele. E, contudo, parecia-lhe agora que a jornada inclemente na companhia daquela amizade silenciosa e segura tinha sido a altura mais feliz da sua vida.

– Quem me dera estarmos novamente no deserto – sussurrou.

Disse-o antes de pensar, por causa da luz carmesim, da tarde clara, da descoberta do momento. Mas, de imediato, assim que proferiu aquelas palavras, soube que cometera um erro fatal.

– Não quero com isto... – apressou-se a dizer.

– Claro que não – disse Zenia numa voz que lhe pareceu invulgarmente calma. Recolheu as saias e levantou-se. Sem mais palavras, virou-lhe as costas e desceu a colina.



Estava em enorme desvantagem quando o seu pai o intercetou pouco depois do nascer do sol no corredor que dava para o quarto de brincar. Arden estava com fome, sujo e cansado, com a barba por fazer, pois passara a noite aos pés do ulmeiro depois de uma ceia breve no Cisne Negro, onde se tornou bem patente que a sua presença não era desejada por Mr. Harvey Hering, independentemente de como se sentissem a mãe e a filha. O velho olmo parecera-lhe um lar tão acolhedor como qualquer outro e menos desconfortável do que uma série de sítios onde já tinha dormido; fosse como fosse, não era uma cama.

– Onde esteve? – perguntou o conde.

– Fora – disse Arden.

– Está bêbado?

– Não – respondeu laconicamente, voltando-se para o quarto. – Bom dia para si também, senhor.

– Lady Winter foi à cidade – disse o conde. A porta do quarto dos brinquedos estava aberta. Do sítio onde se encontrava, Arden viu como se encontrava vazio. Entrou e parou a meio. O armário dos brinquedos estava igualmente aberto, mas sem recheio nenhum.

– Como seria de esperar – replicou Arden. – Depois de ser persuadida de que a filha poderia ser encontrada a todo o momento no fundo do lago, deve ter-lhe parecido melhor afastá-la do perigo iminente.

O pai seguiu-o, fechando a porta.

– Ontem foi um dia exigente para todos nós.

Arden puxou a calçadeira de baixo da cama com o dedo e tirou as botas.

– Talvez eu... – O conde hesitou. – O meu comportamento foi extremamente precipitado. Talvez lhe deva um pedido de desculpas.

Tanto quanto se lembrava, Arden recebera um pedido de desculpas do pai no máximo três vezes na vida. E, em todas elas, sentira-se ficar sem chão. Sempre que ouvia um pedido de desculpas do pai tinha vontade de desaparecer e daquela vez não foi diferente. Sentia-se desarmado e algo manipulado. Disse:

– Não... A culpa foi minha. Eu devia tê-la trazido para casa mais cedo. Quando os ouvi a chamar...

– Ainda assim, sinto que devo...

– A culpa foi minha – repetiu Arden com agressividade.

O conde apertou as mãos atrás das costas.

– Bom, lamento que tenha ocorrido.

– O que é afinal uma esposa? – Arden despiu o casaco. – Parecem ser o diabo. – Desapertou o colete enlameado e a camisa quente de flanela que trazia por baixo.

– Têm os seus momentos – replicou o pai, com um toque mordaz.

Ainda de camisa, Arden sentou-se no catre. Olhou para as mãos.

– Arden – voltou o conde –, se lhe é completamente impossível viver com aquela mulher, pagamos-lhe e mandamo-la para o Continente. Não há nada que possa apresentar contra si. Nenhuma testemunha, nem nenhuma certidão. A sua mãe sugeriu uma casa na Suíça.

– Quero a Beth – disse Arden com o rosto nas mãos.

– Seria parte do acordo. Iremos simplesmente admitir que nos enganou, afirmando ser Lady Winter, e que, agora que regressou, descobrimos que não era verdade. Em troca de uma compensação generosa e a nossa promessa de que não a processaremos pelo seu logro, ela deve conceder-lhe o direito de visitar a criança sempre que desejar e documentos que comprovem que nunca existiu casamento algum, nem deve fazer tais alegações sobre si. Na verdade, foi ela quem precipitou isto sobre si própria, atrasando-se tanto como se atrasou. – Encolheu os ombros. – Mas qualquer repúdio deve ser feito de imediato. Dará azo, sem dúvida, a um escândalo moderadamente desagradável e eu devo passar por um néscio completo por a ter acolhido. Mas esmorecerá assim que ela sair daqui.

– Por amor de Deus... Da última vez que falámos incitava-me a casar-me com ela imediatamente.

– Alimentava a esperança de que... Pensei que talvez sentisse algum afeto por ela, dadas as vossas... – O pai pareceu ficar desconfortável. – As circunstâncias da vossa união. Mas, sejam elas quais forem, no presente nenhum dos dois parece nutrir muito interesse pelo outro. É uma relação que sempre esteve, devo dizer, fora dos limites do razoável. Um erro completo. As origens sórdidas, a educação deplorável, para não falar na pobreza. Nunca desejei que procurasse uma mulher rica. Mas julguei que fosse uma relação de amor. Não sou tão orgulhoso como já fui. Não me teria oposto a um casamento por amor, desde que existisse algum indício de boas origens na mulher que escolhesse. E o sangue dela é muito bom, mesmo tendo nascido do lado errado do cobertor. Mas não se trata de uma união por amor. E a sua mãe está muito infeliz com tudo isto. As senhoras sentem estas calamidades sociais de uma forma mais premente, sabe como é.

– Ah – devolveu Arden. – Estou esclarecido. Calamidades sociais!

– Sabe Deus que não seria o primeiro jovem a ter uma amante, mas casar-se com ela... Seria um

golpe amargo na dignidade do nosso nome.

– Seria? – Arden desapertou a gravata e enrolou-a nos punhos, esticando-a.

– Creio que sabe que sim. – O conde deu uma volta ao quarto. Parou na janela, voltou para o catre e regressou novamente à janela, antes de falar. – Agora que está em casa, e que deseja ficar, a sua mãe mencionou que poderá gostar de ser apresentado a Lady Caroline Preston. A segunda filha de Lord Lovat, Deus o tenha em paz. Já a conheci; é uma jovem culta e enérgica, e também muito viajada. Não é um pãozinho sem sal. Tem espírito e um agradável sentido do ridículo. Julgo que gostará da sua companhia para o jantar.

Arden riu-se.

– Sim, as esposas são o diabo em pessoa, não são? – Olhou para o conde. – A sua deve ter-lhe dado uma noite miserável, para me estar a falar disto.

Lord Belmaine franziu os lábios.

– Está a desrespeitar a sua mãe – disse, mas notava-se alguma secura na irritação da voz.

Arden fitava a parede da frente, em silêncio, esmagando a gravata entre as mãos.

– Arden – insistiu o pai, cauteloso –, se lhe parece demasiado frio, lembre-se de que lhe ofereceu honradamente o máximo que pode oferecer. Os motivos dela ultrapassam-me, mas parece estar a rejeitá-lo.

Arden levantou-se. Puxou pela campainha.

– Bom – disse o pai. – Vou deixá-lo ponderar. – Abriu a porta.

Arden dirigiu-lhe um aceno breve.

– Por favor, diga à mãe que não virei para jantar. Vou a Londres.

O conde parou, com o maxilar tenso.

– Para que fim?

– Para desfrutar da minha perversidade – replicou Arden, encolhendo os ombros. – Para fazer a figura mais triste possível.

Lord Belmaine parou com a mão na maçaneta da porta. Um sorriso leve assomou-lhe aos lábios. Inclinou a cabeça, saiu e fechou a porta.



Zenia inclinou-se para espreitar pela janela da carruagem quando o laçao bateu pela terceira vez à porta do pai. A casa parecia estar muito fechada, embora Bentinck Street, debaixo da chuva miudinha, estivesse agitadíssima às oito e meia da manhã, hora do pequeno-almoço do pai e Marianne.

Por fim, a porta abriu-se ligeiramente. O laçao falou com alguém que estava lá dentro, mas a flecha não aumentou. Virou-se e desceu as escadas a correr, segurando na aba do chapéu para abrigar o rosto da chuva.

– Desculpe, senhora – disse, dirigindo-se a Zenia –, mas a criada diz que a família foi para Zurique na semana passada.

– Para Zurique – repetiu a ama, desanimada, segurando em Elizabeth e debruçando-se também para olhar para o laçao. Tinham viajado a noite inteira, e o cabelo estava a desprender-se-lhe da touca.

– Levaram a Marianne ao Dr. Lott! – exclamou Zenia com aflição. – Pensei que só iriam na primavera! – Tremiam-lhe os lábios, do cansaço e da longa noite. Se ao menos pudesse comunicar

com o meu pai...

O laçaio fez uma pequena vénia.

– Dizem que para mais informações nos devemos dirigir a Mr. Jocelyn, três portas abaixo – anunciou o laçaio. – Bato à porta, minha senhora?

Zenia suspirou de alívio.

– Mr. Jocelyn! – Agarrou com força no caixilho da janela. – Sim, por favor! Mas apresse-se, ou ele sai para o escritório. – Voltou-se para a ama e para Elizabeth, que fixava com olhos muito redondos a rua movimentada. – Está tudo bem. Tudo bem. Mr. Jocelyn vai aconselhar-nos sobre o que fazer.

– Então espero que possa aconselhar-nos a ir para casa – disse a ama, entre dentes, mas suficientemente alto para Zenia ouvir.

CAPÍTULO 22



—Muito sinceramente, minha querida, só posso aconselhá-la a voltar para ele como sua mulher. É, claramente, a melhor opção – disse Mr. Jocelyn, dando pancadinhas na carta que o conde enviara ao pai de Zenia. – Mr. Bruce deu-ma, com instruções de apresentar algum conselho que me parecesse oportuno, mas supus que ele já lhe tinha respondido, ou ter-lhe-ia escrito diretamente. Pergunto-me se a carta dele se terá perdido. Partiram tão depressa que deixaram tudo em desordem, mas dizia-se que o vento podia virar e impedir a passagem durante algum tempo se não viajassem imediatamente.

– Espero que ela não estivesse muito mal – disse Zenia com tristeza.

A casa dos Bruce pareceu muito fria e vazia, com panos a cobrir a mobília, sem cortinados e com as carpetes enroladas. Um estore estava aberto e a luz ténue recaía sobre a ombreira do elegante casaco castanho de Mr. Jocelyn. Estavam sentados à mesa do escritório do pai, com a carta aberta e um bule de chá que a própria Zenia preparara e transportara desde a cozinha, pois a cozinheira tinha partido com a família.

– Receio que o seu estado se tenha deteriorado consideravelmente, mas esperemos que o famoso Dr. Lott faça jus à sua reputação.

– Rezarei por isso – disse Zenia. – Rezarei para que assim seja.

– Mas, neste momento, é de si que temos de tratar – disse ele. – Julgo que se trata de uma proposta generosa e digna para atender ao seu bem-estar e ao da Elizabeth. Um casamento privado, devidamente celebrado com a licença correspondente, e um acordo de custódia muito bem redigido com reconhecimento de paternidade. Se estivesse a ocupar-me do assunto, não poderia pedir mais.

Zenia contemplou a carta, mordendo o lábio.

– Lamento que a casa esteja fechada – disse ele. – Seguramente que gostariam de descansar um dia ou dois antes de se meterem novamente a caminho. Mas os criados que não os acompanharam foram dispensados. Eu vinha hoje mesmo tirar a aldraba. Mas, se não se incomodar com esta contrariedade, tenho a certeza de que a criada e Mr. Barret ficarão mais um dia.

– Mande regressar a carruagem – disse Zenia em voz baixa.

Sentiu que ele a observava, confuso.

– Não pretende regressar, então? – perguntou.

Zenia juntou as mãos sobre o regaço, e pregou os olhos nelas.

– É impossível ficar aqui?

Mr. Jocelyn permaneceu em silêncio. Zenia observou o reflexo dos pingos da chuva na fileira escura dos livros de Direito do pai, padrões fugidios de luz no couro e nos títulos dourados.

O advogado deixou escapar um suspiro.

– Devo supor, então, minha querida, que existe uma razão muito forte para ter deixado Lord Winter. Ele maltratou-a?

– Não – respondeu ela com relutância. – Não a mim.

– Miss Elizabeth? – perguntou ele com perplexidade na voz.

– Ele é completamente irresponsável com ela.

– Irresponsável?

– É louco! – acrescentou Zenia com mais firmeza. – Pensei que a tinha afogado!

– Meu Deus! – disse Mr. Jocelyn.

– Não quero que ele a veja nem que tenha qualquer direito a fazê-lo. Acima de tudo, não quero que ele tenha o direito de me tirar.

Mr. Jocelyn passou os dedos pelo lábio inferior, franzindo a testa.

– Evidentemente, se existe algum perigo para a criança, tudo se altera. Tudo se altera completamente.

– Não quero voltar para Swanmere.

– Não, compreendo-a. – Acenou com a cabeça, ainda inquieto. – Nesse caso, teremos de voltar a abrir a casa. Irá precisar de uma cozinheira, claro. Poderá ser suficiente, uma criada? Eu... – Suspendeu o discurso. – Bom, seja como for, eu trato disso. O seu pai deixou-me uma certa autoridade para tomar providências nestes assuntos domésticos. Tem ama?

Zenia anuiu.

Mr. Jocelyn levantou-se, dobrando a carta.

– Devo ponderar o que será melhor fazer – disse, parecendo um pouco perturbado. – Devo ir até Edimburgo... Mas não... Seguramente que poderá ser adiado até depois do Dia de Reis. Se escrever ao seu pai, querida, poderá tentar expor a situação da melhor maneira possível, se é que me compreende. Até sabermos melhor em que ponto as coisas estão. Quando ele foi embora, julgava que estava tudo bem consigo.

– Compreendo – disse Zenia, levantando-se. Esticou o braço. – Obrigada, Mr. Jocelyn. Muito obrigada pela sua amabilidade!

Mr. Jocelyn corou, segurando-lhe a mão quase sem a apertar.

– Acredite que o prazer é todo meu. Vamos conseguir, senhora. Vamos conseguir.



No Clarendon, na sua sala particular, Arden olhou com irritação para o advogado bem-apessoado e cortês que viera em resposta à mensagem que dirigira a Zenia. Esperava que fosse o pai, pelo menos, mas já tinham chegado àquele ponto: advogados, hordas de advogados entre os dois, para distorcer e perverter tudo.

– Infelizmente, Mr. Bruce teve de se ausentar para a Suíça, onde a mulher será consultada por um médico eminente – esclareceu Mr. Jocelyn, num tom de voz que lhe pareceu bastante cordial. – Fiquei encarregado de tratar dos assuntos da filha na sua ausência. Ela procurou-me quando recebeu o seu pedido de reunião.

Abriu a pasta que tinha sobre os joelhos e tirou vários papéis. Entre estes, Arden reconheceu a sua mensagem, formal, equilibrada e racional, que lhe levava mais de uma hora a redigir.

– Não vejo que seja um assunto legal – disse com frieza –, eu falar com a minha mulher.

– Deverei clarificá-lo – disse Mr. Jocelyn, inclinando a cabeça na direção do seu cartão que Arden atirara para cima de uma mesa. – É verdade que sou um advogado de direito civil no tribunal eclesiástico, mas encontro-me aqui apenas como amigo de Mr. Bruce e da sua filha. Isto não significa que não assuma uma posição profissional, caso possa revelar-se necessário no futuro. Mas desejo ser perfeitamente sincero consigo, tal como a filha de Mr. Bruce foi totalmente sincera quanto ao histórico da sua relação com ela. – Olhou para Arden com uma expressão de entendimento. – Também já tive oportunidade de ler isto – informou levantando os cantos de um molho de papéis escrito em linhas muito apertadas – e posso dizer que a sua proposta se encontra perfeitamente em ordem. Dou-vos o meu reconhecimento por assumirem esta posição, dadas as circunstâncias.

Arden sentiu as costas relaxarem um pouco.

– Então porque está aqui, Mr. Jocelyn? – inquiriu, algo brusco.

– Para ser franco, Lord Winter, a senhora deixou-me apreensivo quanto à forma como o senhor trata Miss Elizabeth. É um assunto bastante grave e poderei, por muito severo que possa parecer, ver-me obrigado a aconselhá-la a rejeitar a sua generosa proposta.

– Raios partam! – exclamou Arden. – O que é que ela diz que eu fiz à Elizabeth? – Saltou da cadeira. – Que tentei afogá-la, aposto.

Mr. Jocelyn ergueu as sobrancelhas esguias.

– Talvez fosse possível contar-me a sua visão do assunto.

Durante bastante tempo, Arden ainda ficou de pé, com o corpo rígido, tentando não se exaltar com o desprate daquele desconhecido. Mas, antes de sair de Swanmere, tivera uma sessão longa e instrutiva com Mr. King. Havia coisas que Zenia podia fazer, se o pretendesse; formas de se colocar a si própria e a Beth fora do alcance dele e de o deixar entregue à selva dos tribunais durante o resto da vida.

Obrigou-se a relaxar as mãos e a sentar-se novamente. No tom de voz mais passivo que foi capaz de articular, explicou o confinamento a que Zenia, no seu zelo desproporcionado, sujeitava Beth, e o único dia de liberdade de que tinham desfrutado os dois.

– Não devia ter ignorado quando nos chamaram – disse, admitindo-o, constrangido. – Mas, por amor de Deus, ela nunca correu o mínimo perigo. Nunca.

– Estou a ver – disse Mr. Jocelyn. – Estou a ver.

– Quero falar com a minha mulher – disse Arden, obrigando-se a manter a calma. – Insisto.

O advogado não chegou a sorrir, mas olhou para os papéis, remexendo-os de forma inconsequente.

– Lord Winter, devo pedir-lhe desculpa. Julgo que, sem querer, acabei por me intrometer numa desavença entre o senhor e Lady Winter, que não me diz respeito. Devo pedir-lhe desculpa por tomar o seu tempo, mas o meu dever para com Mr. Bruce... – Arrumou os papéis e estendeu a mão ao levantar-se. – Espero que me perdoe esta intromissão e que acredite que desejo apenas o melhor para a sua mulher e a sua filha. Dir-lhe-ei que o melhor que tem a fazer é falar consigo, tal como solicitava na sua mensagem elegante, para poderem debater a situação os dois.

Arden acompanhou Mr. Jocelyn à porta. Alguns instantes depois, também ele partiu, saindo do hotel com o colarinho levantado para se proteger do frio. Estava habituado ao tempo de Londres, mas o vento parecia atravessar-lhe o casaco, provocando-lhe um tremor estranho. Baixou a cabeça,

virando para uma livraria na Strand.

Conheciam-no bem, ali. Aguardava-o um monte de livros de geografia e de ciência, mas o livreiro ficou algo perplexo quando lhe pediu um livro sobre conversação.

– Algo da filosofia grega, senhor? – perguntou o homem.

– Não. Inglês. – Arden folheava um atlas, sem erguer o rosto. – Exemplos. De como falar com... várias pessoas.

– Ah! Um livro de fluência, se estou a compreendê-lo bem, senhor. Formas de se expressar com elegância. Propostas de casamento, felicitações diversas, coisas deste teor?

Arden olhou para o cabo de Santa Maria, na ilha de Madagáscar, com a testa franzida.

– Sim, coisas desse teor.



Zenia escolhera um dos vestidos novos, sóbrio, de seda, com riscas castanho-avermelhadas e beges. Não tinha criada, pelo que teve de pedir a Mrs. Sutton que a ajudasse com o corpete e os botões.

– Chamo-me Mrs. Lamb, senhora, agora que não estamos na casa grande. Sua senhoria perguntou-me há algum tempo se me chamava mesmo Sutton e eu disse-lhe que não e desde então ele trata-me pelo meu nome.

Longe de Swanmere, Zenia descobriu que Mrs. Sutton, ou Lamb, como ela preferisse, tinha um caráter consideravelmente mais militante. Não fazia segredo da sua desaprovação quanto à ida de Zenia para a cidade e, em uma ou duas ocasiões, até se aventurara a manifestar o quanto respeitava Lord Winter, enquanto pai e enquanto cavalheiro, o que Zenia não aprovou. Mas naquele momento não tinha escolha, não conseguia tratar de Elizabeth sozinha; não enquanto a casa do pai permanecesse sem ninguém, portanto limitou-se a dizer:

– Se é o que prefere, não tenho qualquer problema em tratá-la por Mrs. Lamb. Devia ter-mo dito.

– Vai usar a touca com o lenço cor de laranja, senhora? – perguntou Mrs. Lamb, pegando em Elizabeth para a afastar do armário aberto, limpando-lhe o nariz e agarrando na touca em questão com a mão livre.

– Só vou ver Lord Winter – disse Zenia. – A preta que costume usar serve perfeitamente. Receio que a Elizabeth esteja a constipar-se.

– Se me permite dizê-lo, a senhora fica pavorosa com a touca preta – comentou a ama. – Sua senhoria irá passar por Oxford Street quando vier para aqui e não faltarão senhoras com vestidos da moda.

Zenia não ignorou a mensagem insidiosa do comentário, mas persistiu.

– Não quero que saia, por motivo algum, do quarto dos brinquedos com Miss Elizabeth – disse. Levou a mão à testa de Elizabeth. – Parece-me um pouco quente. Não deve trazê-la para baixo em circunstância alguma. Compreende?

– Senhora – A ama fez uma cortesia. Pegou em Elizabeth e levou-a embora, murmurando que qualquer criança que tivesse sido arrastada da cama e atravessado o país a meio da noite com certeza que teria febre. Zenia voltou a cabeça para a porta e, quando as ouviu chegar ao segundo patamar, tirou a touca preta e pegou na que tinha o lenço colorido no lugar da fita. «Capucine», fora o que a modista lhe chamara, mas tratava-se da cor laranja intensa das capuchinhas que cresciam no jardim

da mãe. Havia um xaile a acompanhar, tão fino que Zenia conseguia ver através dele, e um par de luvas beges com minúsculas flores condizentes bordadas nas costas.

Olhou-se ao espelho e pensou em todas as mulheres elegantes que se cruzariam com ele. Do cabelo preso pela touca escapavam caracóis que caíam junto ao rosto, perfeitamente limpos e cintilantes. O vestido era cingido na cintura e abria-se, volumoso, sobre as anáguas. Concebido e executado segundo a última moda, era perfeitamente inglês. Contudo, Zenia receava que ele continuasse a ver o rapaz maltrapilho do deserto quando olhasse para ela.

Ouviu bater à porta quando descia as escadas. Ele viera cedo. A criada saiu a correr da sala de estar enfiando um pano do pó no avental e abriu a porta. Zenia parou no último degrau.

Ele estava à entrada, um vulto escuro em contraste com a rua cinzenta, chuvosa. Tirou o chapéu erguendo a cabeça e olhando para ela com aqueles olhos azuis. Entrou.

Se o vestido inglês não foi capaz de ocultar o seu passado de pobreza, ele não o mostrou. Sério, fez uma vénia, entregando o sobretudo e as luvas à criada.

– Lady Winter – saudou, com formalidade. – Boa tarde.

– Por favor, suba – disse esta, voltando-se para subir. – Clare?

A criada fez uma cortesia, dirigindo-se imediatamente para as escadas de trás para preparar a bandeja do chá.

Zenia conduziu-o à sala de visitas. Ela e a criada tinham passado o dia anterior atarefadas a pendurar os cortinados e a tirar as capas de cima dos móveis e dos espelhos, mas, sem adornos e bibelôs, a sala continuava com um aspeto pouco acolhedor. As lamparinas emitiam uma luz amarelada na tarde escura.

– Está linda – disse Arden de forma abrupta, mas virou-se imediatamente, como se a sua atenção fosse desviada por alguma coisa na rua. Voltou a contemplá-la com um ar mais distante.

A expressão de prazer de Zenia atenuou-se face àquela expressão impessoal.

– Obrigada – disse. – Está com bom aspeto. – Estava como sempre parecera aos olhos dela: belo, masculino e sombrio. E, depois, aquele azul-cobalto do olhar. A sua presença física emanava uma impressão subtil de domínio, de solidez. Sentira-a no deserto; por isso o seguira e dormira perto dele. Seria capaz de o identificar entre cem homens que passassem na rua devido a essa impressão.

– Por favor, sente-se – disse ela, indicando uma poltrona próxima da lareira.

– Onde está a Beth?

– Lá em cima. Acaba de adormecer. Está com um pouco de febre e não desejo incomodá-la.

Por um momento, ele pareceu querer entrar em conflito, mas optou por fazer uma vénia, aguardar que ela se sentasse no banco de espaldar e, depois, colocar a poltrona à frente dela para se sentar. Clare entrou com o chá, um prato de pão cortado em fatias finas e manteiga. Pousou a bandeja na mesinha do chá à frente de Zenia e saiu, fechando a porta.

– Lamento não termos bolo – disse Zenia, servindo-o. – Deseja açúcar?

– É possível dispensarmos estas distrações de uma vez e falarmos, simplesmente?

Ela pousou o bule sem se servir e pousou as mãos no regaço.

– Se o deseja.

– Zenia – retomou ele. – Eu não sou bom nisto, chá e bolos. Não tenho paciência.

Ela olhou diretamente para ele.

– Suponho que prefira comer no chão, com as mãos?

O comentário seco pareceu apanhá-lo desprevenido. Olhou-a com o sobrolho ligeiramente

carregado.

– Polvilho a manteiga com um pouco de açúcar – perguntou ela –, para o deixar mais à vontade?

Um canto da boca de Arden subiu ligeiramente.

– Não. – Pegou na chávena, esticando o dedo mindinho com delicadeza exagerada. – Alinho no jogo, se tiver de ser. Como está a sua querida tia, Lady Winter? Ouvi dizer que faz vapores de hora a hora. Tenho uma receita de um emplastro de ruibarbo ótima! Extremamente eficaz. Claro que, se preferir uma cura mais permanente, nada se compara a uma dose fatal de arsénico.

Zenia não conseguiu evitar que os lábios lhe estremecessem. Pegou no bule, aproximando de si a chávena e o pires.

– Lembra-se de quando o *Chrallah* me acordou a meio da noite? – perguntou ele subitamente.

Zenia mordeu o lábio. *Chrallah*, o camelo de Lord Winter, habituara-se a ser mimado com pedaços de pão e, certa noite, enfiara o pescoço comprido na tenda, ficando a pairar acima deles como uma enorme serpente branca, respirando-lhes para o ouvido.

– Sim – respondeu ela. – Era uma tenda agradável, enquanto durou.

– Que exagero! O que é um buraquinho do tamanho de um camelo?

– Um do tamanho dele e outro do seu – exclamou ela. – Julguei que não ia conseguir libertá-lo.

– Disparates! Ria-se tanto que não conseguia fazer mais nada!

Os lábios de Zenia comprimiram-se, mas logo se distenderam sem permitir resistência.

– Pobre *Chrallah*, ali parado com uma tenda ao pescoço. Sempre com muita dignidade. – Zenia espreitou-o. – Ao contrário de si.

Quando os seus olhares se cruzaram, ambos sorridentes, Zenia sentiu o sangue a subir-lhe ao rosto. Desviou o olhar, embaraçada, e pôs açúcar no chá.

– Quando a Beth se ri, é como se a visse a si.

Ela bebericou do chá, sempre de cabeça baixa. Sentia o coração a bater com força, como se o momento seguinte, a próxima palavra que ele dissesse pudesse mudar a vida dela para sempre. Mr. Jocelyn aconselhara-a vivamente a casar-se com ele, apesar de todos os receios que ela lhe comunicara. Fizera com que parecessem insensatos e desproporcionados; não lhe parecera que Lord Winter fosse separar Elizabeth de Zenia, mesmo que a lei lhe conferisse os meios para o fazer, enquanto marido dela. Todos os maridos tinham aquele mesmo direito segundo a lei, dissera Mr. Jocelyn, mas era genuinamente invulgar encontrar um homem que fosse cruel ou louco ao ponto de o exercer. A alternativa, uma vida de mulher arruinada com uma filha ilegítima, era muito mais temível, enfatizou com veemência, tanto para Elizabeth como para Zenia.

Ficara esclarecida, mas não completamente convencida. Lord Winter não era um homem comum. Não seria a crueldade a motivá-lo mas sim aquela força diabólica, o mesmo *djinn* que impelira a sua mãe para o Oriente, o isolamento e a liberdade absoluta, o mesmo sangue que Lady Belmaine identificara no seu filho.

– Zenia – disse ele, com uma seriedade que a impeliu a levantar novamente o rosto –, quero dizer que...

Ela aguardou. O olhar dela pareceu distraí-lo da sua frase, embora Zenia tivesse o cuidado de ocultar do rosto quaisquer emoções. Ele hesitou, observando-a, como se esperasse que ela concluísse a frase por si.

– Quero dizer – prosseguiu ele, por fim, com menos autoridade na voz –, que tenho uma grande... Que sinto uma particular... – Levantou-se, voltando-se para a lareira, o que pareceu fazê-lo retomar o

fio ao pensamento. Disse abruptamente: – Sinto que não pode ter ponderado a sua posição de uma forma racional. Foi por essa razão que solicitei esta reunião. Estes malditos... Peço desculpa... Estes advogados falaram consigo, mas talvez nenhum lhe tenha feito ver o que significaria para si e para a Beth viverem à revelia da minha proteção legal. – Uniu as mãos atrás das costas e falou num tom de voz mais duro. – Se lhe parece tão horrível a ideia de se casar comigo que prefere não ser recebida em lugar nenhum, viver na pobreza, viver nas ruas, ter homens... ter homens a sentirem-se livres para a abordarem de uma forma insultuosa... A escolha é sua. Mas deve compreender que condena a nossa filha às mesmas indignidades. Parece julgar que não me importo com o bem-estar da Beth... – Apertou mais as mãos expondo as veias salientes junto aos nós dos dedos brancos. – Mas eu julgo que essa sua posição obstinada, egoísta, irrefletida, estúpida e teimosa é muito mais censurável e insensata. – Deu algumas passadas largas, parou e voltou a fitá-la com um pendor agressivo na boca e nos ombros. – Teria de ser bem mais monstruoso para a justificar!

– Não sou egoísta, nem obstinada nem insensata. Só quero proteger a Elizabeth!

Atrás dele, a chuva começou a bater com força nas janelas. Ele olhou-a com uma expressão feroz.

– Acha verdadeiramente que sou um monstro, Zenia? Que crime terrível julga que poderei cometer contra ela?

Ela baixou os olhos.

– Não acredito que prejudicasse a Elizabeth de forma deliberada.

– Obrigado – replicou ele com amargura.

– Mas se me casar consigo não terei autoridade para a proteger de nada que queira fazer. Mr. Jocelyn admitiu-o. Mesmo que não fosse o guardião dela, mesmo se não tivesse qualquer direito de fazer nada, se eu me casar consigo, não posso impedi-lo... Porque a lei não permite que a mulher se oponha ao marido. – Levantou-se. – Foi o senhor mesmo quem mo disse. Que podia fazer tudo o que quisesse com ela e que eu não podia impedi-lo.

– Eu estava irritado quando disse isso!

– Talvez esteja irritado quando decidir tirar-ma. Talvez estivesse irritado quando afogou a rapariga com quem ia casar-se.

Ele ficou pálido como se tivesse recebido uma estalada.

– Foi um acidente.

– Não foi isso que me disse.

Arden olhava-a muito tenso, com o maxilar contraído.

– Disse que não a queria. – Zenia teve de se obrigar a manter-se firme, sem recuar. – Que ela ia aprisioná-lo e que por isso a matou.

Os lábios dele entreabriam-se. Abanou a cabeça de forma quase impercetível.

– Porque deveria confiar em si? – gritou Zenia. – Não posso! – Deu meia-volta, roçando com a saia na cadeira de espaldar. Agora que falara, detestou tê-lo feito; não suportava ver a expressão brutal do rosto dele: apertava-lhe o coração, de remorsos e pavor.

Com voz grave, ele perguntou:

– Porque é que uma mulher confia num homem?

– Não sei – respondeu ela, engolindo em seco. – Posso garantir-lhe que não sei.

– Talvez porque ele a ame – disse ele, mal se sobrepondo ao som da chuva.

Ela virou-se. Mas ele não a olhou. Dirigia-se já para a porta, afastando uma cadeira como se mal a visse. Ela ouviu-o a descer as escadas. Momentos depois, a porta da frente bateu, com um estrondo

que ecoou pela casa. Zenia correu à janela, mas ele não passou por lá. Viu-o enfiar o chapéu na cabeça e descer as escadas sem se importar com a chuva, um vulto alto que girou sobre o balaústre de ferro e desapareceu no aguaceiro.



Arden amaldiçoou a chuva que caía e amaldiçoou-se a si próprio, atirando-se para o assento da carruagem, encharcando o couro fendido do coxim. Atirou o chapéu ensopado para o banco à sua frente. Estava mais ofegante do que deveria, não tanto pelo esforço de obter uma carruagem, mas pela emoção que sentia. Pela raiva e a angustiante constatação daquilo que dissera.

Fora seu propósito apresentar a situação de forma lógica e razoável; fora seu propósito ver Beth; fora seu propósito... Tudo menos aquilo que acontecera. Não havia homem mais inapto do que ele; quanto mais se importava com a situação, mais dava cabo de tudo. Depois de um início digno de um colegial desajeitado, vira-se prestes a apresentar a declaração que preparara... E, como cobarde que era, acanhara-se a meio e, daí para a frente, fora o descabro. Total. Mas agora sabia o que ela pensava verdadeiramente dele, aquilo que receava, e, ao ser confrontado ouvira-se dizer aquilo que o expunha completamente, a constatação que alimentara no seu coração solitário, no seu coração tão só, aquilo que nada no mundo o faria revelar.

Ainda lhe custava respirar. Estava quase em pânico porque dissera-o e ela não respondera; ele fugira sem lhe dar a possibilidade de responder.

Fitou o chapéu e o banco coçado cheio de buracos sentindo a água fria escorrer-lhe do cabelo pelo pescoço. Passara a vida inteira em perseguição, à procura de alguma quimera que ele próprio desconhecia; julgava sempre que a encontraria num sítio diferente daquele onde estava. Concluía, então, que não existia e que era tão tonto como o pai dizia. Compreendera, de uma forma distante, impessoal, que se sentia sozinho, e que desconhecia qualquer outra condição. Sempre se conhecera assim, rondando bosques e terras de ninguém.

Esfregou o rosto com ambas as mãos, pele molhada contra pele molhada, e abriu os olhos, espreitando por entre os dedos como um animal a olhar por uma jaula. Descobrira-o, aquilo que nem sequer soubera que procurava... Estava tão perto; possuía-o por breves momentos: alguns meses no deserto, uma semana... um dia, com a filha. E o medo de que pudesse desaparecer antes de conseguir voltar a alcançá-lo deixava-lhe os músculos tão tensos que a cabeça lhe doía e as mãos lhe tremiam com o frio penetrante.

CAPÍTULO 23



Zenia não imaginara que, após aquela única visita, ele não regressasse. A constipação de Elizabeth transformou-se em febre e o médico de Mr. Jocelyn diagnosticou sarampo. Inicialmente, Zenia ficara histérica, culpando a saída irresponsável de Lord Winter para o exterior, mas o médico declarou que, sem dúvida alguma, a doença resultava do contágio por alguém mais novo. E, de facto, naquela mesma tarde, chegou uma carta de Lady Belmaine com a informação de que as crianças da aldeia estavam todas com sarampo e que tinham verificado que a nova criada da ama, a jovem que tinha sido despedida há quinze dias por indolência e estupidez, menos de três dias depois de sair da casa apresentara manchas. Lady Belmaine aconselhava Zenia a ficar atenta a sintomas que pudessem surgir em Miss Elizabeth.

A doença passou por Elizabeth sem grandes estragos, um caso ligeiro, sem grande prurido e, depois de uma única semana de mal-estar, já queria sair da cama. Foi uma verdadeira bênção, disse o médico. Por ele, todas as crianças seriam deliberadamente expostas antes de fazerem dois anos, para ganharem imunidade quando a doença era praticamente inócua. Zenia não se mostrava tão otimista. Não dormira de preocupação e apenas a sua curta duração a deixara convencida de que a primeira doença a sério de Elizabeth não iria, a qualquer momento, revelar-se mortal.

Na quarta noite da crise, que veio a revelar-se moderada, até enviara uma mensagem a Lord Winter. Não acreditava verdadeiramente que Elizabeth corresse perigo de vida, mas julgara que ele gostaria de a ver. No seu coração, ansiava que viesse.

Ele não o fizera. Nem sequer respondera, embora o rapaz tivesse dito que ele continuava a residir no hotel.

O que chegara fora um embrulho dos escritórios de King e King, com uma nova proposta, visto que Miss Zenobia Stanhope parecia ter rejeitado a anterior.

Ela voltou a aguardar no escritório do pai, enquanto Mr. Jocelyn analisava os papéis com a testa franzida e acenos de cabeça.

– Receio que agora tenhamos algo com que nos preocupar – disse. – Não gosto do tom de ameaça com que os documentos estão redigidos, minha querida. Não gosto mesmo nada. A fraude é uma coisa muito séria.

– Não menti a ninguém – disse Zenia. – Quando Lord Belmaine me perguntou se tinha provas do casamento, respondi que não.

A voz saiu-lhe frágil. Quase se sentiu indisposta, ao deparar de forma tão repentina com as

consequências da sua indecisão. *Uma obstinação irrefletida e estúpida*, fora o que ele dissera, e ela estivera muito perto de concordar. Agora seria tratada como uma criminoso ou, na melhor das hipóteses, como um caso de caridade, completamente dependente da generosidade dos Belmaine. Contava ainda com a promessa do pai, mas ficara a saber, pelas observações assaz indiretas de Mr. Jocelyn, que as condições dos Bruce não lhes permitiriam suportar facilmente o encargo de uma filha e de uma neta.

– Desejaria que não tivéssemos chegado a este ponto – disse o advogado. – É trágico, minha querida. Trágico. Supus, quando estive com ele... Mas, se Lord Winter perdeu a paciência, poderemos censurá-lo? Do seu ponto de vista, se o matrimónio não vai ser celebrado, então esse facto deve ser tornado imediatamente explícito, para que seja livre de se casar com outra pessoa. – Abanou novamente a cabeça. – Sem dúvida que o advogado o aconselhou a investir numa ação vigorosa para obter uma resolução.

Zenia inclinou a cabeça. Não dera pormenores sobre a reunião que tivera com Lord Winter, apenas que nada ficara decidido.

– Bom – disse ela –, a Elizabeth e eu vamos para a Suíça. Pelo menos, o meu pai está lá. E deve haver uma casa e dinheiro para ela.

– Não tanto assim – disse Mr. Jocelyn. – Esta oferta não é tão vantajosa como a outra, mesmo em termos pecuniários. E deixaram vários caminhos em aberto, que dependerão, nomeadamente, do seu carácter e da sua conduta. Contudo, poderemos negociar nesses pontos. Lord Belmaine está algo nervoso com o seu papel na alegada fraude; pode ver que existe uma cláusula referente apenas a ele. E, claro, o desejo de Lord Winter de ver Miss Elizabeth joga a nosso favor.

– Oh, é horrível – desabafou Zenia.

– Receio que este tipo de situações raramente seja muito bonito. – Aclarou a garganta. – Lamento dizer que o mais provável é que se torne ainda menos agradável.

Zenia permanecia sentada, com as mãos no regaço, muito apertadas. Enquanto Mr. Jocelyn estudava o contrato, os seus lábios começaram a tremer. Uma lágrima escorregou-lhe pelo rosto.

– Só quero ficar com a Elizabeth – declarou com voz combalida. – Oh, meu Deus... Serei deportada?

– Minha querida! – disse, apresentando-lhe imediatamente um lenço impecável. – Peço-lhe imensas desculpas. Não devo assustá-la. Com toda a certeza que não. Se, com estas condições, tiver de ir para o Continente, fá-lo-á, muito antes de que surja tal risco. Estou convencido de que os Belmaine não têm realmente intenção de lhe interpor uma ação por fraude; é apenas um pretexto para a pressionar a libertar Lord Winter. Mas, independentemente do papel que possa assinar, devem estar preocupados com a possibilidade de a Zenia regressar, no futuro, e reclamar a sua condição de esposa. Dirigiu-lhe um sorriso mecânico. – Na verdade, se conseguisse encontrar algum jovem que tivesse a felicidade de se apaixonar por si e se casar consigo, deixaríamos de ter quaisquer preocupações. Estou seguro de que ficariam encantados por poder retirar estas acusações, já que o seu casamento com outro homem anularia quaisquer receios.

– Neste momento, detesto a palavra casamento – declarou Zenia. – E também não aprecio muito os homens.

Ele ficou a olhar para ela durante algum tempo, com o rosto afável algo inclinado para o lado, os olhos castanhos pensativos.

– Peço desculpa – disse ela, ao tomar consciência de como falara. – Não me referia a si, como é

evidente! Mas não creio que a resposta seja mais um casamento – concluiu, passando os dedos pelo tampo macio da mesa. – Existe a Elizabeth.

– Sim, claro – disse ele, como se ela o tivesse arrancado a um pensamento longínquo. – Miss Elizabeth. Minha querida, não precisa de ir ver como ela está? Gostaria de ter algum tempo para refletir sobre uma ideia que acaba de me ocorrer. Amanhã terei de ir a Edimburgo, sabe, por isso por favor dê-me uma hora para ponderar.

– Espero que fique para jantar – disse educadamente Zenia.

– É muito gentil; será um prazer.

Zenia deixou-o já com a caneta pronta sobre uma folha em branco, satisfeita por lhe passar o fardo a ele. Mas, mesmo na companhia de Elizabeth, Zenia não conseguiu dissipar a nuvem de preocupação. E de dor. Consequia admiti-lo enquanto olhava para o rosto sério da filha, que tentava fazer passar um saquinho de feijão pela abertura estreita de um copo de lata. Se Lord Winter era capaz de ver Zenia no riso de Elizabeth, ela via-o com perfeita clareza na intensidade e na determinação da filha.

Já sofrera com o seu desaparecimento; mas aquela perda atual era diferente. Ela própria a provocara e, contudo, no preciso momento em que conseguira o que queria tivera perfeita noção do golpe devastador que iria ser. Não esperara que ele cedesse; confiara, absurdamente, que ele não o faria; que, se ela o recusasse uma vez e outra, isso não o faria partir mas sim mudar.

Como se através do tormento a que o sujeitava repetidamente pudesse exorcizar o *djinn* que o impelia a ser como era. Como se pudesse apagar a infelicidade que lhe via nos olhos e dar-lhe vontade de ficar. Alegria em ficar.

Mas ele não iria mudar. E ela, com a sua insensatez, arruinara o seu futuro. E pior, muito pior, o futuro de Elizabeth.

Clare assomou à porta.

– Mr. Jocelyn pede para a ver agora, senhora.

Zenia levantou-se do chão e inclinou-se para dar um abraço a Elizabeth que a ignorou. Tirando um gorjeio feliz da filha, não desviou da tarefa os olhos nem os dedinhos teimosos.

No escritório, Mr. Jocelyn estava em pé diante do fogo, a aquecer as mãos. Mesmo assim, estavam bastante frias quando pegou na mão dela e a conduziu para uma cadeira colocada à sua frente.

– Minha querida, tenho algo a propor que irá, sem dúvida alguma, surpreendê-la. Quero deixar bem claro que não deve sentir qualquer tipo de obrigação. Trata-se apenas de uma sugestão e, se não lhe agradar, não há mais nada a dizer. Disse que não lhe agrada a ideia do casamento; na verdade, exprimiu alguma aversão aos homens em geral, embora eu saiba que não acredita nisso. Mas deixe-me apresentar apenas um plano que poderá... Que deixo apenas à sua consideração.

Confusa, Zenia olhou para ele. Mr. Jocelyn pareceu-lhe bastante agitado, quase envergonhado.

– Tenho a certeza de que pensou num plano excelente, Mr. Jocelyn, seja ele qual for.

O comentário fê-lo sorrir, um sorriso mais natural.

– Bom, não é muito profissional, e eu não estaria sequer em posição de o sugerir, caso tivesse efetuado alguma diligência formal. Contudo, é quase uma inverdade eu afirmar que sou um simples amigo da família. Minha querida, a ideia de se casar comigo seria muito angustiante para si?

Os olhos de Zenia, que fitavam diretamente os olhos afáveis e castanhos de Mr. Jocelyn, ficaram mais redondos. Desviou o olhar.

– Eu... não tinha pensado...

– Calma, minha querida. Calma. Deixe-me apresentar um pouco melhor o meu plano. Por coincidência, também eu tenho ponderado a possibilidade de me casar. Por razões profissionais, e para ter uma vida mais confortável... E, claro, pela companhia. Mas, veja, eu não sou um homem muito passional, nem sequer de andar a cortejar senhoras, por isso tenho feito poucos progressos. Sem querer ser exaustivo, receio, por pura indolência, não ter feito grandes avanços. Pensei que talvez uma viúva fosse uma opção adequada. Não quero ofendê-la com as minhas palavras, mas gostaria de ser claro. Não procurarei ter grande intimidade física. – O seu rosto corou ligeiramente. – Gosto muito de crianças, mas sou o segundo filho e não tenho necessidade de me preocupar com coisas como o prolongamento da linhagem. – Aclarou a garganta. – Como disse, não tenho uma natureza apaixonada.

Continuava a sorrir, mas agora parecia desconfortável e balançava o corpo entre um pé e o outro, como se desejasse retirar o que dissera.

– Compreendo – disse Zenia, desejando sinceramente voltar a deixá-lo confortável. – Oh, sim, vivi no Oriente, Mr. Jocelyn, onde é perfeitamente conforme preferir um rapaz, pode ter a certeza. Mas compreendo que aqui é algo que não se faz abertamente.

O rosto de Mr. Jocelyn inflamou-se e ele desviou imediatamente o olhar.

– Minha querida! Não disse tal coisa. Desejo que não coloque essas palavras na minha boca e que não volte a mencionar uma coisa dessas!

Zenia olhou para as costas muito direitas, o rosto afogueado e a rapidez com que olhou pela janela. Inundou-a uma inusitada ternura por ele. Devia estar tão só!

– Claro que não – disse. – Por favor, não quis, de modo algum, perturbar um amigo.

Ele inspirou profundamente, procurando o lenço de bolso e assoando-se levemente. Passado um pouco, olhou-a com um sorriso reservado.

– Sim, seja como for, julgo que podemos ser amigos. Foi um prazer conhecê-la, e à sua filha. Se puder proporcionar-vos uma casa confortável e alguma companhia, uma vez ou outra, em troca do mesmo, seria uma honra para mim. Mas não deve precipitar-se, minha querida. Deve tirar tempo, enquanto eu estou em Edimburgo, para pensar. Talvez deseje escrever ao seu pai. Vou enviar uma breve indicação a Mr. King, para ver como receberiam a notícia, mas deverá levar o seu tempo para decidir. Muito tempo!



Ainda não tinham passado duas horas desde a partida de Mr. Jocelyn quando Zenia teve de descer novamente para receber Lord Belmaine.

Recebeu-o no escritório do pai, pois desejava o suporte de toda a solidez e dignidade que os livros de Direito deste podiam proporcionar-lhe.

– Não posso dizer-lhe nada agora – disse, ao fechar a porta, não querendo arriscar a deixá-lo falar primeiro.

Ele fez uma ligeira vénia.

– Bom dia, senhora. Não desejo pressioná-la. Gostaria apenas de lhe perguntar como está a saúde da Elizabeth e se sabe por onde anda o meu filho.

– A Elizabeth teve sarampo – respondeu rapidamente Zenia, simultaneamente aliviada e desiludida, e não desejando revelá-lo.

Ele franziu a testa.

– Era o que receávamos! Como está ela?

– Foi apenas uma crise ligeira, com pouca febre. O médico diz que já está em segurança, embora ainda vá mantê-la resguardada no quarto um pouco mais.

– São boas notícias. – A expressão carregada converteu-se num sorriso. – O sarampo não é coisa com que se brinque, como alguns julgam. Lady Belmaine mencionou que houve um surto na nossa aldeia e temos estado muito preocupados. É muito reconfortante saber que correu tudo bem! Quer que o Dr. Wells a observe, só para ter a certeza? É o nosso médico na cidade e não há ninguém com melhor reputação.

– Não me parece que seja necessário, obrigada. Ela está a recuperar muito bem.

Ele fitou-a mas ela não o convidou a sentar-se.

– Gostaria muito de apresentar os meus cumprimentos ao seu pai, se ele estiver em casa.

– Foram para Zurique.

O conde pareceu surpreendido.

– Então está aqui sozinha?

– Mr. Jocelyn, amigo do meu pai, tem cuidado de nós. Vive só algumas portas mais à frente e posso contar com ele para tudo.

– Estou a ver – disse ele.

– É advogado no tribunal eclesiástico – continuou ela.

A expressão agradável de Lord Belmaine desapareceu.

– Deveras – disse.

– Tem sido muito amável.

– Bom – disse o conde, dando a volta ao chapéu. – Deve procurar-me, se puder ser-lhe útil. Só tem de enviar um recado a Berkley Street.

– Obrigada – disse Zenia, sem afabilidade.

– Não lhe roubo mais tempo, senhora. – Lord Belmaine fez outra pequena vénia, com a mesma frieza. – Presumo que não tenha visto Lord Winter?

– Da última vez que o vi, a Elizabeth ainda não estava doente. – disse ela secamente. – Talvez possa encontrá-lo no clube, ou no hotel Clarendon.

– Obrigado. Não devo demorar. Tenha um bom dia, senhora.



Zenia não sabia o que pensar da visita de Lord Belmaine. Quando soube que era ele, julgou que iria começar a importuná-la para que assinasse alguns papéis, mas ela estava determinada a não fazer nada enquanto Mr. Jocelyn estivesse ausente. Estava verdadeiramente irritada por ele a ter visitado sob um pretexto tão esfarrapado; nem sequer pedira para ver Elizabeth e devia saber perfeitamente bem onde o filho se encontrava. Quis apenas perturbá-la, pensou, abalá-la, e quando um rapaz chegou logo a seguir à refeição do meio-dia com uma mensagem escrita em papel timbrado do Clarendon, teve a certeza absoluta.

Parou no vestíbulo e quebrou o selo com as mãos bastante trémulas.

Não era a caligrafia de Lord Winter, mas a do pai.

Por favor, venha imediatamente. Belmaine.



Estava uma carruagem à espera com o rapaz e, no Clarendon, o porteiro conduziu-a diretamente à suíte de Lord Winter. Zenia já tinha percebido que ele estava muito doente, o que não evitou que ficasse abalada com a expressão no rosto do pai quando este foi recebê-la à porta.

– Teve sarampo? – inquiriu ele, antes de dizer qualquer outra coisa.

– Sim – respondeu ela –, quando tinha dez anos.

Ele segurou a porta e, ao entrar, Zenia voltou a cabeça porque ouviu Lord Winter elevar a voz. Durante alguns instantes, julgou que ele gritava com algum criado, mas reparou que as palavras compunham uma sucessão de impropérios em árabe, que estavam reduzidos a murmúrios quando ela entrou apressadamente no quarto.

– Sou o doutor Wells, minha senhora – cumprimentou um homem de cabelo grisalho com um nariz recurvo de traço cruel, cujo aspeto feroz era exacerbado pela expressão sisuda que fazia ao tentar segurar Lord Winter com um braço por cima do peito. – Abra aquela lanterna e traga-a para aqui. – Indicou a cómoda com a cabeça, na qual se via uma lanterna pequena e estranha com uma porta minúscula. – Senhor, se puder segurá-lo do outro lado. Não demorarei muito a ter de o atar, se não conseguirmos fazer melhor do que isto.

A respiração pesada de Lord Winter parecia encher o quarto; ele tentava virar-se para um lado e para o outro, fazendo força contra as mãos do pai. Por baixo da barba, o rosto esquelético estava corado e Zenia viu as manchas na zona do pescoço e dos braços, muito menores do que as de Elizabeth mas mais escuras, embora em algumas já estivesse a formar-se uma descamação fina.

– Segure a luz perto do rosto dele, por favor, senhora – disse o Dr. Wells. – Muito perto. Aponte-a para os olhos dele.

Zenia levantou a lâmpada, Lord Winter sobressaltou-se com a luz, esticando-se para trás com um som angustiado. Quando o médico lhe pegou no rosto entre as mãos e tentou fazê-lo girar a cabeça, Lord Winter também tentou afastar-se para trás, quase arrastando o Dr. Wells para cima dele.

– Um tipo forte – murmurou o doutor, reposicionando-se, com as mãos grandes ainda a empurrar o ombro de Lord Winter para diminuir os movimentos inquietos. – Esperemos que muito forte. O vírus entrou no cérebro. É uma sequela mais comum na papeira do que do sarampo, mas a aversão violenta à luz, a rigidez do pescoço, o episódio que a criada relatou de náusea e vômito, a desorientação, juntos sugerem inflamação dos tecidos do cérebro. A nossa tarefa será evitar que ele caia no coma e aliviar a pressão nos pulmões o melhor que conseguirmos.

Lord Winter parou por um momento, com os olhos meio fechados e o peito subindo e descendo rapidamente. Proferiu claramente uma frase longa, entrecortada apenas por inalações frequentes e profundas.

O Dr. Wells franziu o sobrolho.

– Não me agrada nada esta conversa incompreensível. Se estivesse acompanhada de fraqueza dos membros, não esperaria que vencesse o dia.

– É árabe – esclareceu Zenia. – Não é... completamente incoerente.

– Ai é? – O rosto feroz do médico quase cintilou de alegria. – Fico aliviado, senhora, muito mais aliviado. Como não existe fraqueza dos membros em nenhum dos lados, julgo que poderemos descartar o medo de uma encefalite fatal fulminante, pelo menos por agora.

Inclinou a cabeça, compondo o estetoscópio e com movimentos ágeis tirou a camisa a Lord Winter

para lhe descobrir o peito.

– Meu Deus – disse –, que ferimento tão feio! Quanto tempo tem isto?

– Quase dois anos – disse Zenia. – Foi uma bala que o atingiu no deserto.

– São marcas de ferros – protestou o médico.

– É o que se faz neste tipo de situação, entre os «bedu» – esclareceu.

O Dr. Wells abanou a cabeça.

– Bárbaros – murmurou e, debruçando-se, auscultou com o instrumento os pulmões de Lord Winter.

Enquanto o médico o amarrava e sangrava, Lord Winter continuou a entrecortar a respiração com palavras ásperas. Zenia sentou-se ao lado dele, a afagar-lhe o antebraço, por baixo do garrote, enquanto o pai, sentado do outro lado, agarrava a mão do filho com os dedos entrelaçados nos dele.

Não lhes comunicou o significado das palavras de Lord Winter; que se dirigia a ela continuamente, sem nunca a tratar pelo nome, chamando-lhe pequeno lobo e Selim, dizendo-lhe que a levaria para casa, que ela devia continuar a andar, que ele a levaria se ela não conseguisse, mas que tinham de continuar.

– Está a pedir água – disse Zenia ao médico, quando o ouviu dizer pela quarta vez que os odres estavam vazios.

– Ele recusa-se a beber – disse o conde com ar infeliz. – Já tentei que bebesse.

Zenia encheu uma chávena do jarro que estava no toucador. Debruçou-se sobre ele, afastando-lhe o cabelo húmido da testa quente.

– *El-Muhafeh* – sussurrou –, é a sua porção.

Os movimentos inquietos diminuíram um pouco. As pestanas ergueram-se. Sem virar a cabeça, olhou lentamente para ela.

– Agora? – começou, mas desatando logo a tossir. Os olhos azuis pareciam embotados.

– Beba – voltou ela, sempre em árabe. – Eu sei de quanto é que precisa.

– Está tão quente – disse, em inglês, fechando novamente os olhos. – Onde está a Beth?

– A dormir – respondeu ela.

– Eu levo-a para casa – disse, empurrando as cordas com os braços.

O médico terminou de prender um penso ao braço do doente e disse:

– Venham, gostaria de falar com ambos no outro quarto enquanto ele está imobilizado.

– *El-Muhafeh*, eu estou mesmo aqui – sussurrou ela, tocando-lhe na testa. – Chame-me, se precisar de mim.

Ele ouviu-a, pensou ela, pois abriu os olhos, mas recomeçou a fechá-los e a mexer a cabeça, fazendo um esforço enorme para respirar.

Na sala de visitas, o Dr. Wells escrevia instruções.

– Vou deixar-lhes um tónico, e vou mandar preparar os comprimidos e enviá-los daqui a uma hora. Lady Winter, tem alguma experiência a cuidar de doentes?

– Sim – replicou ela. – Tratei da minha mãe durante vários anos.

– Excelente. Será muito benéfico aplicar-lhe uma cataplasma de farelo quente no peito, tantas vezes quantas quiser. Há aqui uma criadita que me descreveu a evolução da doença dele, o que foi uma enorme ajuda. Julgo que ela tem estado a tratar dele, segundo aquilo que sabe, e que se mostrará completamente disponível para a ajudar a obter aquilo de que precisar. Qualquer alimento de carácter nutritivo ou estimulante que consiga que ele coma e tanta água ou vinho quanto possível. Tenha

sempre por perto algum caldo de carne.

Continuou a dar instruções, registrando-as no papel. Quando terminou, o conde perguntou com uma voz inexpressiva:

– Existe alguma possibilidade... De que ele não sobreviva?

– Caro senhor, tenho esperança de que consiga fazê-lo. Julgo que o *fará*, mas não devo enganá-los. Está gravemente doente. A incursão de um adulto nestas doenças que habitualmente se contraem na infância está pejada de perigos. Existe já uma complicação séria, a encefalite. Se se desenvolver mais alguma nas próximas vinte e quatro horas, uma pneumonia ou uma pleurisia ou um agravamento da encefalite, as perspectivas não serão animadoras. É isto que devemos evitar, se pudermos. – Começou a arrumar os instrumentos. – Não me coíbo de dizer que teria sido muito mais fácil para ele ter apanhado sarampo quando ainda andava de fraldas.

O conde tinha o rosto pálido e cansado. Assentiu com a cabeça. Quando o médico se levantou e se despediu, Lord Belmaine mal pareceu ver a mão que ele lhe estendeu, apertando-a com um aceno de cabeça e com murmúrios vagos.

– Minha senhora. – O Dr. Wells voltou-se para ela, como se tivesse percebido que o conde não estava concentrado. – Volto logo à noite. Aqui está o meu cartão; deve mandar chamar-me imediatamente se houver alguma alteração, particularmente no que se refere aos pulmões.



Zenia mandou avisar em Bentinck Street que não iria dormir a casa, enviando instruções para o banho de Elizabeth e sobre o que devia usar de manhã, assim como um pedido relativo às suas próprias necessidades. Mas foi uma mensagem breve; estava totalmente entregue à tarefa de cuidar do doente e de dar réplica ao discurso turbulento e desconexo de Lord Winter. Às vezes ele pensava que estavam no deserto e outras parecia estar perdido em algum sítio desconhecido, à procura de alguma coisa, dela ou de Elizabeth ou de um colar de pérolas. Falava-lhe em árabe ou inglês e compunha-lhe os lençóis, pois ele estava constantemente a desprendê-los com os movimentos constantes.

– Julgo que está mais calmo desde que a senhora chegou – disse o conde, à porta do quarto.

Ela segurou a cataplasma quente contra o peito de Lord Winter, sentindo as mãos a subir e descer a cada árdua respiração. Ele tentou tirá-lo, puxando a musselina com os dedos.

– Quente – murmurou. – Está tão quente.

– Eu sei – disse ela. – Mas estamos quase a chegar.

– A Ghota? – perguntou ele.

– Sim.

– Consigo vê-la – disse ele, saltando na cama. – Céus! Dê-me a minha espingarda.

O conde colocou-se rapidamente à cabeceira, devolvendo o filho às almofadas.

– Aqui não precisa de nenhuma espingarda, camarada – disse ele com firmeza.

Lord Winter começou a tossir, o seu peito a arfar sob as mãos de Zenia.

– Pai – disse com a voz enrouquecida. Assomou-lhe aos lábios um sorriso débil. – Julguei que não viria.

O conde fez uma careta feroz.

– Claro que vim.

Lord Winter virou a cabeça, como fazia sempre que a luz estava demasiado brilhante.

– Este é o meu túnel – disse ele, incisivo.

– Sim – disse o pai, ao acaso.

Seguiu-se um longo silêncio. Zenia viu o olhar ausente de Lord Winter e ouviu a sua respiração laboriosa.

– Quer entrar? – perguntou num sussurro, titubeante como uma criança.

O conde envolveu a mão do filho na dele.

– Não há nada que eu mais deseje – disse, com a voz embargada.

Lord Winter mexeu os lábios, mas foi assolado por uma série de arquejos profundos. Começou novamente a mexer a cabeça, respirando com dificuldade. Zenia pegou na cataplasma já fria e levou-a para a sala de estar. Não parecia ter tido muito efeito. À medida que a noite caía sabia que a pressão nos pulmões ia aumentar; com a sua mãe, sempre fora assim. Tentou não pensar naquela altura terrível em que tanto Lady Hester como Miss Williams tinham tido febre. Zenia tinha apenas doze anos e os criados roubaram o que conseguiram e fugiram, exceto uma menina da idade de Zenia. Da cama, a mãe insistira que preparassem uma das suas misturas salinas para Miss Williams, mas Zenia agora tinha a certeza de que a criadita acertara mal as proporções. Fora depois da mistura que Miss Williams sentira uma dor tão forte no estômago que começara a gritar e a retorcer-se, tendo caído por fim num estado de estupor que se prolongou por três dias e culminou na sua morte. Quando Lady Hester soubera que Miss Williams estava morta, os seus gritos ecoaram pelas paredes, terríveis como os de um animal selvagem ou de um demónio a consumir-se no Inferno.

Fora depois da morte de Miss Williams que Zenia fora enviada para o deserto. De pé na sala de estar, Zenia olhava sem ver a mesinha colocada ao lado da porta, até que conseguiu afastar os velhos medos da sua mente. Reparou então no canto de um papel que tinha caído da mesa, inclinando-se e pegando-lhe. Era a sua própria mensagem, que lhe escrevera há alguns dias, com o selo ainda intacto.

Zenia seguiu na mensagem. Poderia ter sido enfiada por baixo da porta e alguém lhe ter dado um pontapé sem notar. Talvez ele não se tivesse recusado simplesmente a visitá-la ou a responder-lhe. Estava doente há algum tempo, embora a criada tivesse dito ao Dr. Wells que ele só tinha perdido a razão naquele dia, quando ela acreditara que estava a melhorar.

Zenia pensou nos documentos legais que lhe tinham sido entregues. Deviam ter sido enviados antes de ele ficar assim tão doente; teriam demorado algum tempo a ser redigidos. Mas agora não conseguia concentrar-se neles. Não lhe parecia importante; nada além do som laborioso da respiração dele e das tentativas de o fazer beber, e de tomar o tónico e os comprimidos, e manter a temperatura do quarto constante, agora que a noite caía e ele parecia perder a força para falar ou se mexer, limitando-se a ficar parado, com a testa seca a arder e a debater-se com a respiração ofegante. O Dr. Wells tinha reservado um quarto no hotel, avisando-os de que estivessem a contar com uma crise, e deixando instruções para o acalmarem quando esta chegasse.

Lord Belmaine estava ao lado da cama, sentado numa cadeira. Parecia julgar que Zenia sabia de muito mais coisas do que sabia; perguntou-lhe mais de uma vez se julgava que ele estava a ficar pior, e se deveriam chamar o Dr. Wells.

– Julgo que está a dormir – disse ela.

– Oh, a dormir! – exclamou o pai dele, aliviado.

Sentou-se a olhar para o filho. À luz ténue da lâmpada, os seus olhos brilhavam.

– Nunca o vi doente – murmurou. – Nem uma única vez.

Zenia sentiu o pânico que lhe ia na voz. Disse, com pretensa calma:

– Ele teria de ser mesmo muito forte para sobreviver ao ferimento que fez no deserto. Agora estará ainda mais forte, depois de um mês de comida excelente e de descanso em Inglaterra.

– Sim, é verdade – disse Lord Belmaine, alimentando o desejo de ser tranquilizado. Depois de um longo silêncio, perguntou: – Miss Elizabeth sofreu desta maneira?

– Oh, não – disse Zenia. – Não.

– Ainda bem. – O conde pigarreou. – É muito mais fácil quando são crianças, isso é certo.

– Sim, também foi isso que o médico da Elizabeth disse.

Lord Belmaine olhou para o filho. Levantou-se subitamente e deu alguns passos, depois parou e voltou-se.

– A culpa é minha.

Zenia olhou para ele. Estava parado no meio do quarto com um olhar angustiado.

– A culpa é minha – disse novamente. – Sempre procurei garantir que não adoecesse; tinha pavor de que ficasse doente. Sarampo, que Deus me perdoe.

Ela abanou prontamente a cabeça num gesto de negação, mas ele continuou a falar.

– Não o deixei ir para escola nem misturar-se com as crianças da aldeia. Nunca esteve doente. Pensei que fosse benéfico... Não sabia... Pensei que estas coisas ficavam ultrapassadas. Não sabia que um adulto podia contrair sarampo, muito menos... – Deteve-se. – Sabe Deus que aprendi que podia perdê-lo com todos aqueles malditos empreendimentos a que se dedica! Ver aquela cicatriz... Mas isto, fui eu que provoquei; se ele morrer e a culpa for minha... – Abanou cegamente a cabeça. – Peço a Deus que me perdoe, porque eu nunca me perdoarei a mim próprio.



Foi depois da uma hora que mandaram chamar o médico. Inicialmente, parecia que Lord Winter respirava com mais facilidade, a ponto de Zenia lhe pousar a mão no pescoço para sentir a respiração. Sentiu a pele muito quente e seca mas nenhuma pulsação, apenas um ligeiríssimo elevar do peito em arquejos minúsculos e sem som. Agarrou-lhe na mão frouxa e abanou-o, mas ele não teve reação, inclinando a cabeça sobre a almofada.

Zenia procurou Lord Belmaine com o olhar, mas este já se tinha levantado e dirigia-se para a porta. Os minutos que Dr. Wells demorou a chegar pareceram horas. Zenia não largou a mão de Lord Winter, apertando-a com tanta força que os seus músculos doíam.

O médico entrou apressadamente, pedindo mais luz, afastando Zenia e debruçando-se para levantar as pálpebras do seu doente.

– Entrou em coma. Lady Winter, quero que fale com ele. E vossa senhoria também, sobre qualquer assunto. Façam-lhe perguntas, digam qualquer coisa que vos pareça poder suscitar uma resposta. Árabe será adequado, uma vez que o usou nos seus delírios. Vou tratar de que preparem um banho quente.

O conde parecia aterrorizado; não parecia sequer capaz de seguir as instruções do médico, ficando parado aos pés da cama com as mãos muito apertadas.

Zenia inspirou profundamente, sentou-se na cama e começou a falar.



Sentia os pés a arder. Não conseguia tirá-los da areia vermelha, que o engolia até ao pescoço num calor abrasador.

Mas ouvia uma voz, constante, familiar que o chamava com palavras que não conseguia compreender.

Via luz por todo o lado, uma luz branca e fria. Tinha tanto calor que só queria ir em direção àquela luz fria. Tentou deixar-se ir, tornar-se leve para subir, ignorando a voz insistente que o chamava. O calor era intolerável, não podia ficar mais tempo, torturado naquele forno vermelho, que o enchia de angústia.

Mas a voz continuava a falar. Não conseguia compreendê-la; talvez não tivesse sido sempre assim, mas agora era. Queria dizer-lhe que parasse, que o deixasse dormir, que o deixasse procurar a luz fresca. Por vezes, parecia-lhe que se tinha ido embora, só porque voltava a ouvi-la. E, estranhamente, ouvia o pai a falar com ele, e a morte na voz do pai. Entregou-se a ela, flutuando facilmente na sua direção, cada vez mais fresco, até, por fim, as vozes se dissiparem, juntamente com tudo aquilo que conhecia.

Ouviu uma canção doce e suave. Havia um anjo e uma catedral e depois a catedral esfumou-se como num sonho, mas a melodia permaneceu. A sua mente vasculhou fantasias e visões, tentando atribuir à canção o lugar que lhe era devido. Viu uma linha brilhante e compreendeu que era luz; feria-lhe os olhos, mas ele queria ver quem cantava.

Abriu os olhos, pestanejando com a dor. Havia uma mulher, que segurava as suas mãos entre as dela e cantava com tanta sinceridade como se estivesse numa igreja, lendo um livro de cânticos. Por instantes, não foi capaz de se lembrar do nome dela, mas recordava-se dela. Recordava-se daquela canção.

Tentou perguntar-lhe se ela era um anjo, mas foi surpreendido pela debilidade da sua própria voz. As palavras saíram-lhe num sussurro ténue, que até ele teve dificuldade em ouvir.

Mas ela ouvia-o. Ergueu a cabeça. As mãos dela apertaram as suas.

Lembrou-se do nome dela.

– Pequeno lobo – disse, mais forte, cingindo as mãos dela.

E ela sorriu. Era como o amanhecer, como a luz na montanha subitamente refletida espalhando toda a sua glória.

– Voltaste – disse ela. E, com a mesma rapidez com que sorrisse, ela começou a chorar.

Ele fechou os olhos. Sentia o rosto húmido contra a sua mão. Gostaria de continuar a ouvi-la cantar, mas não conseguia manter-se desperto durante tempo suficiente para lho pedir... O sono envolveu-o no seu manto, seguro e profundo, velado por ela, que o prendia à vida com aquela mão.

CAPÍTULO 24



—Dez dias de cama, foi o que o doutor mandou – disse Mrs. Lamb –, e dez dias serão!

Na verdade, Arden não estava preparado para sair da cama. Fechou os olhos e suspirou, engolindo o tónico com uma careta. Sentia-se fraco e sonolento, e parecia haver grandes períodos de tempo dos quais não se lembrava. Naquele momento estava sentado na cama, apoiado em almofadas, mas não se importaria de estar deitado.

– A Zenia esteve aqui – disse.

– Pois esteve – confirmou a ama –, e o médico disse que a senhora foi muito corajosa.

– Onde está?

– Em Bentinck Street, senhor, a dormir, se tiver juízo.

– Quando é que ela volta?

– Então, senhor, agora vai dizer que é uma enfermeira mais bonita do que Henrietta Lamb? Ela tem de cuidar do bebé e eu vou cuidar de si até poder andar de novo pelo seu pé. E não está mal pensado, porque ainda estou para ver o homem que não faz a vida miserável à esposa que cuida da sua recuperação.

– Ela podia trazer a Beth. Podiam ficar no quarto ao lado.

– Credo!, não quer que ela o veja com esse aspeto tenebroso. Aquele Mr. Jocelyn não é nada mal apessoado, mas o senhor, mete medo ao susto.

– Mr. Jocelyn – indagou Arden bruscamente, começando a tossir.

Mrs. Lamb lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Tem vindo todos os dias e ficado para jantar várias vezes.

Arden ergueu-se na cama. Mrs. Lamb trouxe uma bandeja com papas de várias cores, de aspeto repugnante, em diferentes pratos.

– O que é isto? – perguntou ele com voz rouca.

– Vitela picada, pudim de legumes e puré de nabos.

– Não consigo – disse Arden, afastando a cabeça.

Mrs. Lamb pegou no tabuleiro.

– É um homem muito elegante, Mr. Jocelyn – comentou ela. – É solteiro. Com certeza que lhe agrada jantar com uma senhora, para variar. Foi para Edimburgo, mas volta a seguir à Candelária.

Arden aclarou a garganta, fitando o tabuleiro com ar taciturno.

– A senhora um monstro, Mrs. Lamb.

– Pois, é assim. Estou habituada a que os meus doentes me tratem mal. Criei um monte de rapazinhos.

Mas Arden não era um doente difícil, apesar das profecias de Mrs. Lamb. Embora tivessem dito que estivera muito perto da morte, pela segunda vez em dois anos, poucas memórias tinha dos últimos dias. Recordava-se de sentir um frio glacial e de se irritar com a comichão súbita que sentira na pele, mas pouco mais do que isso, além de sonhos estranhos e de que Zenia estivera lá com o pai. Comparado com o inferno que fora sobreviver ao ferimento que sofrera no deserto, as semanas de agonia e de privação, aquela cama confortável e todos os cuidados que tinha eram o Céu.

Não sentia verdadeiramente dor, exceto na garganta inflamada, antes uma lassidão que lhe tomava conta do corpo e da mente. Nem sequer se importava com a presença diária do pai; o conde vinha e sentava-se a ler e a escrever durante horas a fio, mas pouco dizia, deixando as perguntas e as admoestações para Mrs. Lamb, cujo instinto lhe permitia saber com precisão até que ponto podia ir. Arden falava uma vez ou outra com o pai, sobre tópicos inócuos como o tempo e qual seria o prémio da caça à perdiz, em janeiro, mas o conde parecia estranhamente comedido, quase tímido.

O médico ia e vinha, informando quando Arden podia sentar-se na cadeira ou quando podia caminhar no quarto. Pouco a pouco, foi-se sentindo novamente ele próprio, já não tão sonolento ou com vontade de se deitar, menos sensível à visão da comida. De certa forma, era até um interlúdio agradável. Aguardou pacientemente que o seu corpo se recompusesse, gozando de uma paciência até então desconhecida baseada na certeza de que Zenia o amava.

Importunavam-no diariamente com a ameaça de Mr. Jocelyn, mas não a levava a sério. Sabia que o pai enviava a Zenia todos os dias notícias dos seus progressos e, ainda que tivesse preferido vê-la, descobrira que a sua vaidade se deixara afetar pela descrição de Mrs. Lamb, de que estava com um aspeto lamentável. Quando as erupções cutâneas do sarampo começaram a desaparecer, a sua pele bronzeada começara a pelar e não se sentia inclinado a deixar-se ver com aquele aspeto de galo a mudar de plumagem. Pensou em escrever a Zenia pela sua própria mão, para lhe dizer o que sentia, como acordara com o seu cantar, mas começara vinte vezes e todas as tentativas pareciam desembocar num «Obrigado» formal e vazio, que em nada transmitia aquilo que ele queria dizer.

Por isso, aguardava. Uma vez perguntou ao pai se ela mencionara alguma coisa acerca do futuro, mas o conde abanou a cabeça.

– Não, quando a visitei pela primeira vez, antes de descobrir que estava doente, ela disse que ainda não podia dar nenhuma resposta. Mas desde então não falou em nada. Só a visitei duas vezes, e rapidamente. Ela parece estar bem e Miss Elizabeth também já está quase boa.

Arden franziu a testa.

– Nunca chegou a falar-lhe daquele plano maldito para a enviar para fora, pois não?

– Nada. De todo, garanto-lhe. Na verdade, Mr. King diz que não consegue encontrar a proposta que começou a elaborar; que um empregado novo entrou ao serviço depois do Natal e parece tê-la colocado em lugar incerto. Disse-lhe que não se incomodasse a redigir outra.

– Muito bem – disse Arden. – Pode dizer-lhe que a rasgue, se a encontrar.



Zenia decidiu que Mrs. Lamb talvez tivesse razão e que, num dia tão limpo e tranquilo, Elizabeth iria gostar de ir ao parque. Ainda estavam em janeiro e fazia bastante frio, mas as convicções que

alimentara acerca de isolar a filha para a proteger de qualquer ameaça possível tinham sofrido um duro golpe. Falara longamente com Mrs. Lamb e com o médico sobre a saúde das crianças e dedicava-se agora a ler alguns livros recomendados, com indicações sobre o assunto. Alguns não eram muito convincentes, mas descobria que conseguia aceitar a ideia de que, desde que fossem evitadas alterações violentas de temperatura quando a criança estava a transpirar, a exposição ao ar fresco e frio, em tempo seco, era, acima de tudo, benéfica. Além do mais, há semanas que o tempo de Londres estava feio e húmido e parecia impossível ignorar aquele primeiro domingo de sol esplendoroso.

Desde logo, ninguém parecia querer desaproveitá-lo. Zenia não disse nada quando Mrs. Lamb insistira que Hyde Park iria estar demasiado cheio de gente e que Regent's Park seria uma escolha muito melhor. Desde que regressara, na semana anterior, depois de cuidar de Lord Winter, Mrs. Lamb sujeitava Zenia aos esforços mais descarados de casamenteira. Embora não lhes fosse completamente alheia, de todo, não podia esquecer a papelada que lhe chegara do escritório de Mr. King. Segundo Mrs. Lamb, Lord Winter estava em pulgas para a ver, o que, Zenia sabia, só podia ser um exagero. Se tinha assim tanta vontade de a ver podia tê-la visitado. Há uma semana que se sabia recuperado e livre para sair de casa. De cada vez que batiam à porta, Zenia corria rapidamente a escovar o cabelo ou a tirar o avental, mas ele nunca viera.

Parecia-lhe altamente suspeito, porém, todo o entusiasmo que Mrs. Lamb mostrava com aquela saída. Tão suspeito lhe parecera que decidira levar o vestido azul-celeste de lã, que Lady Belmaine desaprovava para o jantar mas que, relutantemente, admitira poder adequar-se a uma saída de passeio. Tinha um casaco curto e justo com galões pretos e, com a capa e o regalo pretos, e uma touca preta com uma fita azul para atar por baixo do queixo, parecia-lhe bastante alegre. Aproximou-se do espelho para tentar ver se, de facto, realçava o azul-escuro dos seus olhos ou se seria apenas imaginação sua. Mas não havia tempo a perder com aquilo, pois Mrs. Lamb entrou a correr com Elizabeth, anunciando que a carruagem estava à porta para levar a senhora à igreja.

Tinham combinado que Mrs. Lamb e Elizabeth iriam ter com Zenia depois da missa, pois St. Marylebone ficava mesmo junto ao parque. Elas estavam à sua espera. Elizabeth estava vestida com tanta roupa que só se viam os pés e o rosto, mas os seus olhos observavam tudo o que a rodeava, fascinada.

Zenia deu-lhe um abraço risonho, só porque a filha parecia uma trouxa com pernas, enrolada em todos aqueles casacos e calças, com a sua pequena capa por cima. Mrs. Lamb pegou-lhe para seguirem um rapaz que as ajudou a atravessar a rua e transpuseram os portões do parque.

Naquele dia de céu azul e perfeito, a extensa fachada de casas brancas que ladeava o perímetro do parque resplandecia. Nos domos espiralados, dispostos com a mesma regularidade perfeita das casas que, todas iguais, se prolongavam ao redor do parque, notavam-se ligeiros sinais de verdete. No interior da grade de ferro, senhoras passeavam protegidas por capas tão claras como o vestido de Zenia, vermelhas, púrpura e douradas, de braço dado com cavalheiros de casacos escuros.

Elizabeth contemplava em silêncio os bandos de crianças que corriam debaixo das árvores despidas, que atiravam migalhas aos patos ou bebiam o chocolate fumegante de um dos vendedores de bebidas.

– Vou comprar uma tarte – anunciou Zenia.

– Tenho a certeza de que ela vai gostar – disse Mrs. Lamb com amabilidade. – Embora, nem há uma hora, tenha comido as papas de aveia todas.

Quando Zenia voltou, a ama estava sentada num banco a observar Elizabeth e um rapazinho que olhavam um para o outro, os dois muito quietos e sérios, separados por menos de um metro de distância. À passagem de Zenia, um bando de crianças passou a correr e os dois pequenos caíram em cima da relva. O rapazinho começou a chorar, mas Elizabeth levantou-se a rir-se. Começou a correr em círculo, com os braços abertos para manter o equilíbrio, enquanto as outras crianças dançavam à sua volta.

Zenia estava vigilante. Sentou-se, então, ao lado de Mrs. Lamb e dividiu a tarte, comendo a sua parte com prazer.

Elizabeth voltou a cair e quando se levantou já as outras crianças a tinham passado, gritando e empurrando-se. Ficou a olhar para elas. Depois de alguns passos hesitantes naquela direção, perdeu a coragem e olhou para Zenia e Mrs. Lamb com alguma reserva.

Subitamente, o seu rosto iluminou-se.

– An’a!? – gritou começando a correr num ângulo que a faria passar mesmo ao lado do banco.

Zenia voltou-se. Lord Winter estava inclinado e as compridas abas do sobretudo azul-escuro varriam o chão. Elizabeth correu para os braços do pai com toda a velocidade que as suas pernas lhe permitiam. Ele levantou-a no ar.

Alguns metros atrás dele estava um oficial do exército, bem-parecido com o seu penacho e bordados dourados, mas para Zenia não havia trajo mais soberbo do que a sóbria simplicidade de Lord Winter; não havia homem mais belo, mais alto nem com um sorriso mais bonito. Sorriso esse que ainda lhe animava o rosto quando instalou Elizabeth num ombro e olhou para Zenia.

Sentiu um trejeito de timidez nos lábios. Mrs. Lamb fez uma expressão de completa inocência. Ele estava mais pálido do que o habitual, mas parecia recuperado. Olhando para ele agora, Zenia mal conseguia lembrar-se do rosto esquelético dos dias de doença. O seu sorriso e o seu corpo tinham vida e movia-se com autoridade e fluidez, pousando Elizabeth e sentando-se sobre os tornozelos aos pés de Zenia.

– Olá – saudou com doçura, olhando para ela e novamente para Elizabeth.

– Como está? – perguntou Zenia.

– Perfeitamente bem. – Sentou Elizabeth nos joelhos, encostando a cabeça à dela. – Mas agradeço-te que não voltes a contagiar-me, meu amor.

Elizabeth gorjeou alegremente.

– An’a! – disse, olhando-o de tão perto que os narizes dos dois se tocaram.

– Parece robusta – comentou ele.

– Está ótima. Correu tudo muito bem.

Seguiu-se um momento constrangedor, em que o som das crianças a gritar e de uma banda a tocar nalgum sítio distante do parque não deram a Zenia novas ideias para alimentar a conversa; pelo menos, nenhuma que se sentisse à vontade para abordar em público. Ele parecia contemplar com fascínio um pato a correr atrás de uma criança.

Levantou-se, fazendo Elizabeth deslizar do joelho. Durante um momento de pânico, Zenia pensou que ele ia partir.

– Talvez gostasse de... – Ele pigarreou. – Sou membro da Sociedade Zoológica. Gostaria de dar um passeio nos jardins?

Zenia ergueu o rosto. Antes de poder responder, ele acrescentou rapidamente:

– Hoje a casa dos bichos está aberta para membros. A Beth provavelmente iria gostar de ver os animais.

Ela sorriu.

– Seria agradável.

Ele tirou o chapéu, esticou os braços e pegou em Beth, encavalitando-a nos ombros.

Zenia franziu os lábios e o sobrolho.

– Não me parece boa ideia tirar o seu chapéu com este frio.

Ele entregou-o a Mrs. Lamb, tirando a saia de Elizabeth da frente do rosto ao mesmo tempo que olhava de lado para Zenia, divertido.

– Mas posso ficar mais uma meia hora cá fora, por favor, mamã?

Ela respondeu com um olhar empertigado.

– Alguém tem de tomar conta das crianças e dos loucos.

Ele sorriu-lhe, segurou nas mãos de Elizabeth sobre as orelhas e começou a percorrer o caminho largo.



Mrs. Lamb e Zenia ocuparam-se a trocar comentários sobre o parque e o tempo no percurso até aos jardins da Sociedade Zoológica. Arden escutava em silêncio, sentindo-se alegre e tranquilo, sentindo o calor e o peso de Elizabeth nos seus ombros.

Nos dias longos e plácidos do seu recobro, chegara a uma decisão. Ela fora importunada por advogados; informada com frieza dos seus melhores interesses e dos de Beth; Arden fizera amor com ela como se a possuísse por direito. O que era verdade, mas havia formas e convenções; havia uma forma correta de se comportar nestes assuntos e ele havia negligenciado esse aspeto gravemente.

Uma senhora, informava o seu livro de dicção e boas maneiras, tinha o direito de ser cortejada.

Sem que tivesse exatamente planeado com Mrs. Lamb, a mais flagrante das aliadas, optara por este encontro no parque. O tempo fizera-lhe um grande favor e Mrs. Lamb fizera o resto. Nos últimos três dias ia diariamente até lá, na esperança de que elas aparecessem, mas o facto de ser domingo dera-lhe a desculpa do zoo, que, no que dependesse dele, demoraria horas a visitar.

– Deixe-me levá-la lá abaixo para dar de comer aos patos, senhor – disse Mrs. Lamb, quando saíram do Círculo Interior, onde o aroma da terra recentemente trabalhada permeava a tranquilidade de inverno dos canteiros. Sem preocupações de subtileza, acrescentou: – Não precisam de se apressar. Vamos ter com os senhores ao outro lado da água.

Arden trocou Beth pelo chapéu, e ela desatou a correr desajeitadamente atrás de um pato-real provocador versado em manter suficiente distância. Arden não se permitiu ficar constrangido: aprendera que quanto mais tempo passava, mais difícil seria induzir a língua a formar palavras; começaria a imaginar que soariam ridículas, a figura triste que faria aos olhos dela. *Por Deus e S. Jorge!*, disse para si próprio com ironia, lançando-se no discurso que havia preparado:

– Miss Bruce – principiou, espreitando o perfil de Zenia. – Gostaria de a tratar por Miss Bruce porque gostaria de recomeçar tudo. Do início. Gostaria de... – Começou a sentir-se tonto naquele papel, o que lhe minava a confiança. – Talvez lhe pareça ridículo, mas se pudéssemos recomeçar como se acabássemos de nos conhecer... Ocorreu-me que os mal-entendidos entre nós poderão resultar das circunstâncias invulgares, da forma peculiar como... acabámos nesta situação. Isto é...

Não me conhece neste contexto, nem eu a conheço a si. E espero... gostaria muito... ficaria muito honrado, isto é... de poder conhecê-la, Miss Bruce.

Pronto, pensou. Tão absurdo como temia. E ela não olhava para ele, nem respondia. Arden ficou parado de chapéu na mão, até que se lembrou da parte seguinte. Enfiou a mão no casaco e tirou um botão de rosa branco do colete.

– Porque é tão rara como uma rosa no inverno – disse, num plágio desavergonhado do seu livro de dicção. – Pensei em si quando a colhi.

Claro que ele não tinha precisamente colhido a flor; obtivera-a, a conselho de Uma Senhora com Classe, a autora do seu livro, e dera-se a grande trabalho e despesa para encontrar a única florista da cidade que não se riu com a ideia de procurar uma rosa branca verdadeira na presente estação; um pormenor que, aparentemente, não era relevante para as senhoras com classe.

Ela aceitou, contemplando a flor sem levantar a cabeça. Arden não conseguia ver a expressão do seu rosto.

Aguardou.

À sua volta, as nuvens da sua respiração congelavam. Observou à distância um cão preto que transpunha a grade que delimitava o parque.

– Há várias pétalas que estão danificadas – observou, porque o vazio do silêncio se fizera insuportável.

Ela deu uma risadinha. Para completa humilhação de Arden, começou a rir-se às gargalhadas.

Ele continuou diante dela, muito tenso, vendo os transeuntes que se voltavam ao ouvi-la a rir; devia ser óbvio que ela estava a rir-se dele, do que ele fizera e dissera, pois segurava a rosa à vista de toda a gente.

Sentia-se tão acalorado e indisposto como há duas semanas, com o rosto corado de humilhação e o maxilar crispado. Teria preferido enfrentar uma bateria de armas pesadas de Ibrahim Pasha a estar ali, mas não conseguia pensar em nenhuma alternativa.

– Oh! – disse Zenia, erguendo o rosto. – Oh, é verdade que pensou em mim?

Lentamente, Arden viu que ela tinha as faces coradas de frio e de prazer, os olhos cheios de uma alegria tão nova e inocente como a de Beth. Continuava a rir, numa série de soluços estranhos que lhe saíam da garganta e que, constatou subitamente, se aproximavam do choro.

– Claro que pensei em si – replicou ele com gravidade. – E, se pensa rir-se da minha rosa, Miss Bruce, quero que ma devolva.

A rosa desapareceu por baixo da capa de Zenia.

– Isso ser-lhe-á negado, senhor.

A réplica dele não se destacava pela sua espirotuosidade, mas ele nunca sentira particular necessidade de gracejar com as suas amantes nem de procurar conquistar nenhuma mulher. De uma maneira geral, descobrira que se olhasse de determinada forma para uma mulher que desejava, fazia-se compreender, e depois elas procuravam-no ou não. Mas sempre se tratara de mulheres experientes; não vinham em busca de pilhérias. Embora não tivesse disso qualquer noção, Lord Winter, com o seu distanciamento e a sua reserva, o aspeto satânico e as viagens intrigantes, a forma implacável como terminava qualquer ligação quando lhe fosse conveniente, era considerado perigoso, inclusive junto das mulheres que eram, elas próprias, consideradas perigosas.

Naquele momento sentia-se um pateta desajeitado. Sabia como lidar com as mulheres, se se tratava de saciar os seus apetites; se ela fosse a típica viúva apaixonada, deixá-la-ia simplesmente falar

enquanto a conduzia para o seu quarto, ou o dela. Mas por mais que desejasse levar Zenia diretamente para a cama, segurá-la nos braços, entrar nela e saciar-se até nenhum dos dois conseguir mexer-se, ela era completamente diferente. O seu desdém condená-lo-ia ao exílio. Sentia-se como um vagabundo que aguardasse à porta de um compartimento iluminado, em que, a qualquer altura, poderia ser convidado a entrar ou escorraçado.

– Posso oferecer-lhe o meu braço? – perguntou, seguindo os conselhos de Uma Senhora com Classe. Ela aceitou, sem dizer nada. E quanto mais ela guardava silêncio, mais ele se sentia na iminência de dizer algo estúpido ou precipitado.

– Gosta de flores? – perguntou ele, não particularmente inspirado mas seguro.

– Sim, muito – respondeu ela, sorrindo-lhe.

– De quais é que gosta mais?

– Julgo que... – principiou, inclinando de tal forma a cabeça que ele não lhe conseguia ver o rosto por baixo da touca. – Rosas brancas – murmurou ela.

Esteve quase, mesmo quase, a replicar *Que gratificante!*, em tom irónico, mas deteve-se a tempo.

– Então fico muito satisfeito por ter finalmente conseguido encontrar uma. Pode acreditar que não foi tarefa fácil.

Ela olhou-o de soslaio, algo surpreendida.

– Onde é que encontrou rosas nesta altura do ano?

– Ah... – respondeu ele. – Ah!

Apesar da resposta inspirada, ela continuava a fitá-lo com ar inquiridor.

– Encomendei-a numa florista – informou ele, vendo-se obrigado a abrir o jogo. – Mas, se a tivesse apanhado, teria pensado em si com certeza.

Ela continuava a olhá-lo de lado, com os lábios ligeiramente franzidos. Ele não conseguia perceber se estava ofendida ou divertida.

– Comprei um livro – prosseguiu ele, em desespero. – Sabe, tem uma recomendação para cada mês. Em janeiro é uma rosa branca.

Ela voltou a cabeça, olhando em frente enquanto caminhavam.

– Julgo que tem razão, senhor. – Talvez devêssemos conhecer-nos melhor. Talvez eu não saiba nada de si.

– Então deixe-me adverti-la imediatamente de que sou um destrambelhado – replicou ele com jovialidade. – Supondo que ainda não o adivinhou.

Ela ergueu o queixo.

– Por favor, senhor... Deixe-me tirar as minhas próprias conclusões.

Ele fez uma vénia.

– A prerrogativa de uma senhora.



Quando se aproximavam dos portões rústicos, à entrada dos jardins da Sociedade Zoológica, Lord Winter abrandou subitamente o passo.

– Maldição! – exclamou, entre dentes. Quando Zenia o fitou com ar interrogativo, ele voltou-se para Mrs. Lamb. – Eu levo-a...

– Winter! – gritou uma voz de senhora, modulada no mais fino dos sotaques, mas sem desmerecer

em energia. – Como está? A sua querida mãe escreveu-me com as notícias do seu regresso, são e salvo. Todos os anjos se regozijam no Céu, meu querido, mas portou-se muito mal, a pregar-nos um susto tão grande!

Tratava-se de uma senhora de alguma idade e considerável estatura que estendeu a mão enluvada de negro. Estava acompanhada de duas senhoras mais jovens e Lord Winter virou as costas a Zenia e Mrs. Lamb para lhe dirigir uma vénia breve.

– Minha senhora – disse –, como está?

– É bom de ver que não tem a mínima ideia de quem sou, pois não? Sou Lady Broxwood, prima direita da sua mãe – esclareceu a senhora, imperturbável, olhando para as duas amigas. – Já nos cruzámos umas quinhentas vezes, mas como não ando de camelo, não me liga nenhuma.

– Oh, com efeito – disse a mais jovem das duas, uma rapariga loira e bonita, de pequena estatura, vários anos mais nova do que Zenia. – É... – Deteve-se, parecendo envergonhada.

– Permita-me, Mrs. George, que lhe apresente Lord Winter – disse Lady Broxwood.

A mulher mais velha avançou e apertou a mão de Lord Winter com firmeza, e o seu rosto sardento iluminou-se com um sorriso aberto e contagiante.

– É um enorme prazer – disse. – As rugas causadas pelo sol e o riso que rodeavam os olhos contrastavam alegremente com as roupas de viúva. – Gostaria muito de o ouvir falar das suas viagens.

– Mrs. George e a sobrinha também são viajantes famosas – disse Lady Broxwood. – Lady Caroline, apresento-lhe Lord Winter. Winter, Lady Caroline Preston.

A jovem apertou-lhe a mão com a mesma confiança da tia. O rosto iluminado pelo entusiasmo conferia-lhe verdadeira beleza.

– Não imagina quanto desejava conhecê-lo, senhor! Os cavalos árabes são a minha paixão! Oh, tia... Lady Broxwood... não estão a tratar este cavalheiro com o devido respeito. Ele trouxe a égua mais soberba que já nasceu no deserto, a *jelibiyat Colar de Pérolas*!

Zenia notou uma alteração na expressão reservada de Lord Winter, que reteve a mão de Caroline por uns instantes.

– Está familiarizada com os cavalos do deserto?

– Oh, sou uma mera diletante, asseguro-lhe – replicou ela. – Mas tenho um correspondente muito bem informado no Cairo e outro em Bombaim. Diz-se, senhor, que tem um valor incalculável. Inimaginável. Desejo tanto vê-la! Irá trazê-la a Londres?

– Tem de ir vê-la a Swanmere – disse ele de imediato.

– Que gentil da sua parte! Ficarei encantada. Na verdade, mal consigo exprimir-me! Estou eufórica! Não sonhava ter uma oportunidade destas – exclamou ela, sorrindo, com a mão ainda na dele, sorrindo também a Zenia. Aquele olhar direto pareceu alertar as outras senhoras para a sua presença e seguiu-se um momento de expectativa.

Lord Winter fez uma pausa em que um canto da sua boca ascendeu ligeiramente; um meio sorriso irónico que partilhou com ela.

– Gostaria de lhes apresentar... – principiou com um instante brevíssimo de hesitação – Miss Bruce, minha amiga querida.

– Fico muito contente de a conhecer, Miss Bruce. E quem é ela? – perguntou alegremente Miss Caroline, voltando-se para Elizabeth depois de todas cumprimentarem educadamente Zenia. Esta inclinou-se e fechou os lábios com força, enchendo de tal forma as bochechas de ar que Elizabeth

começou aos gritinhos, a esticar a mão para lhe tocar no rosto. – É sua sobrinha, Miss Bruce? Que linda criança. E sortuda por ter uma tia tão boa como a minha, que a leva para todo o lado.

– Esta é Miss Elizabeth – disse Lord Winter, quebrando o longo silêncio que acompanhou o comentário inocente. Foi tudo.

Foi um golpe duro, ser apresentada como Miss Bruce e não o ouvir reconhecer Elizabeth como sua filha. Uma ansiedade amarga alojou-se no fundo do estômago de Zenia. Juntamente com os papéis, o contrato que a enviaria para a Suíça, proporcionava uma nova e arrepiante interpretação da súbita galanteria de Lord Winter e na sugestão de que comesçassem tudo de novo. Não podia culpá-lo; só podia censurar-se a si própria. Contudo, depois da doença dele, depois de toda a preocupação, todo o receio e todo o amor que sentira por ele... De alguma forma, dera-lhe a impressão de que teria outra oportunidade, que ele lha concedia com aquela rosa branca e hesitante cavalheirismo. Durante alguns momentos, durante meia hora, ela julgara que... Acreditara em algo que ignorava se corresponderia às intenções dele.

Reparou que Lady Broxwood a observava daquela forma atenta e inexpressiva própria das amigas da condessa de Belmaine. Embora Zenia não tivesse convivido socialmente durante o luto dos Belmaine, no círculo restrito de Swanmere, sempre fora apresentada como sua mulher. Se Lady Broxwood convivia com a mãe dele, então devia suspeitar da identidade de Zenia e do seu papel na vida dele, assim como o de Elizabeth. Zenia aguardou, apreensiva, algum comentário frio ou indelicado, mas Lady Broxwood só via Lord Winter à sua frente.

– É um enviado do Céu, Winter – anunciou ela, sumariamente. – É membro da sociedade do zoológico, não é? Acabam de nos dizer com toda a desfaçatez que hoje, para entrar, teremos de estar acompanhadas por um membro.

– Sim – disse ele, com alguma frieza. – Sou membro.

– Que rapaz mais odioso... A senhora sua mãe não o ensinou a ser bem-educado? Far-lhe-á a moça entrar conosco? Pagamos o nosso bilhete, garanto-lhe, se os seus bolsos estão assim tão depauperados!

– Não, não... talvez Lord Winter já esteja comprometido – disse calmamente Mrs. George. – Eu própria tenho intenções de me inscrever, agora que voltámos para Londres. Visitamo-lo noutro dia.

– Disparates – retomou Lady Broxwood. – Lady Caroline não tem parado de insistir consigo desde que desembarcaram. Diga-me, Miss Bruce, tenho a certeza de que Miss Elizabeth ficará *aux anges* se puder montar um elefante, não lhe parece? Lady Caroline pode mostrar-lhe.

Lady Caroline riu-se.

– Claro, mas não fique tão horrorizada, Miss Bruce! Eu sei muito bem o que faço. Com quatro dias de idade já andava em cima de elefantes. Não deve ter medo deles. Nas mãos certas, são as mais dóceis criaturas. Conseguem apanhar uma pena do chão.

– Ou do seu chapéu – acrescentou Mrs. George. – Mas não censuremos Miss Bruce por manter uma distância prudente destas criaturas. Tu, minha jovem, és demasiado otimista e decerto que um dia isso terá um fim.

– Então tia, já a vi perseguir uma tigresa montada no *Tulwar*! Mrs. George é perfeitamente intrépida, asseguro-lhe... Muito mais corajosa do que eu, e astuta, também! Na Índia, não há caçador nenhum que não siga os seus conselhos a localizar javalis.

– Então, criança, estás a envergonhar-me profundamente – disse a tia, com alguma aspereza, apesar do sorriso gentil. – Não é tudo verdade, e muito menos o tipo de relato que conquiste a admiração

dos círculos educados.

– Então os círculos educados são totalmente absurdos – declarou teimosamente Lady Caroline. – Se não apreciam as pessoas tal como são, não quero saber deles! Qual é a sua opinião, Lord Winter?

– Creio que os círculos educados são toleravelmente absurdos – vaticinou.

– Muito bem, falou o nosso oráculo – disse Lady Caroline. – Vamos visitar os animais! Miss Elizabeth e eu estamos mortinhas por andar de elefante!

CAPÍTULO 25



Para Arden, a tarde assumiu contornos de pesadelo. Depois de algumas tentativas vãs de exercer algum tipo de autoridade e de alguma organização que pudesse separá-lo a ele, Zenia e Beth pelo menos alguns metros do grupo, Arden descobriu que, de todas as coisas que não fazia ideia de como comandar, um grupo de mulheres era o cúmulo da perversidade e da obstinação festiva.

A certa altura estava a entrar na casa dos leões com Beth ao colo, Lady Caroline ao seu lado e Zenia atrás, mas o grupo mudava incessantemente de disposição e ele seguia, por vezes, com Mrs. George, por vezes, com uma Mrs. Lamb inexpressiva, e, de vez em quando, para seu temor, com Lady Broxwood. Não acreditava que aquela mulher fosse afável, nem sequer cortês; não fazia a menor ideia do que ela sabia ou presumia, mas Lady Caroline não parava de lhe fazer perguntas, perfeitamente inteligentes e desafiantes, sobre os animais e as intenções da Sociedade Zoológica ao recolhê-los, obrigando-o a responder ou a fingir que não tinha ouvido.

Àquela altura devia pensar que ele era incrivelmente surdo, mas, sempre que tentava ficar para trás e ir ao lado de Zenia, era interrompido por uma das senhoras, que reclamava a sua atenção: Lady Broxwood solicitando-lhe que dissesse a Mrs. George qual foi a temperatura mais elevada registada no deserto da Arábia; Mrs. Lamb ordenando-lhe que lhe passasse Miss Elizabeth para lhe mudar a fralda; as perguntas de Lady Caroline sobre as diferentes sílabas utilizadas para conduzir camelos. Só Mrs. George parecia ser capaz de caminhar em silêncio, a maior parte do tempo ao lado de Zenia, o que acabou por lhe parecer o menor dos males, portanto deixou-se de organizações e deixou-as levar a melhor.

Sentiu-se o odor inquestionável a animais exóticos quando abriu a porta da morada dos grandes felinos. As senhoras desfilaram diante dele. Agarrou bem em Beth e seguiu pelo meio do corredor largo e comprido, esparsamente iluminado e muito frio, com jaulas de um lado e do outro.

Num dia tão bonito de inverno, não havia muitos membros a ver a exposição, salvo alguns cavalheiros de ar sério, um sentado à frente do leopardo preto com um bloco de desenho e um rapaz que perguntava insistentemente ao tratador a que horas iriam comer. A sua voz aguda ecoou pelo corredor e, mais ao fundo, o ronco de um leão converteu-se num rugido estrondoso. Quando as reverberações esmoreceram, Lady Caroline comentou baixinho:

– O meu coração fica frio e quente ao ouvir um som destes.

Arden olhou para ela com algum interesse. Era uma rapariga invulgar; tê-la-ia apreciado muito mais se não estivesse sempre a incomodá-lo. Para mulher, não era difícil falar com ela. E era, sem

dúvida, um prazer para os olhos. No seu estado de provação prolongada, Arden facilmente se deixava impressionar pela anatomia feminina e a pele suave e rosada de Lady Caroline, assim como o seu generoso peito, causaram-lhe boa impressão em relação a esse aspeto. Sentia-se um idiota lascivo, mas com Zenia ficara muito tímido, muito receoso de uma recusa, de voltar a dizer algo errado, e ela não o ajudava; não falava facilmente como Lady Caroline nem lhe fazia perguntas para as quais ele conhecia imediatamente a resposta, nem se colocava ao lado dele a respirar daquela forma exuberante que fazia elevar os seios e esticar os botões do casaco ao estilo militar. Não, Zenia ficava para trás mesmo quando ele tentava aproximar-se dela, diminuindo os passos até praticamente ficar parada, o que obrigava o grupo inteiro a parar e a reunir-se para olhar para a ave ou o animal mais próximo como se tivesse sido esse o motivo da paragem.

Quando chegaram ao fim do aviário, já desistira. A tarde que ia passar com Zenia fora completamente arruinada; decidiu que, pelo menos, iria aproveitar o tempo com Beth, que se deliciava diante de cada animal, e depois talvez pudesse levá-las a casa, e entrar, e falar com Zenia, e se ele fosse particularmente afável, se, talvez, tivesse a sorte imensa de ela se sentir particularmente afetuosa...

Parou, com Beth nos braços, imaginando o ato sexual com todos os detalhes, sem sequer reparar que estava a olhar para Lady Caroline, que parara diante da jaula de um tigre; consciente apenas da passada rítmica do felino, acima e abaixo na jaula, acima e abaixo, cingido pelos estreitos limites da sua cela, uma batida vigorosa que acompanhava a cadência da sua imaginação.

Lady Caroline olhou para ele por cima do ombro, com algumas rugas na testa.

– Dirá que sou uma tonta sentimental, mas não consigo evitar desejar que eles fossem livres. Veja como anda de um lado para o outro, a veemência dos olhos dele. Deseja ir-se embora, regressar ao seu elemento.

Profundamente envergonhado, Arden obrigou-se a abandonar a fantasia erótica e a atentar ao momento presente.

– Sim – disse, com uma voz que lhe pareceu ecoar com demasiada força no corredor. Olhou dissimuladamente para Zenia, para tentar ver se ela o observara. Julgava que sim, embora não pudesse virar-se para ter a certeza.

– Concorda, Lord Winter? – perguntou Lady Caroline, sorrindo-lhe. – Mas creio que compreenderia. As pessoas falam muitas vezes em liberdade, mas creio que é necessário conhecer o verdadeiro preço de uma vida em liberdade para a valorizar genuinamente. Se este animal estivesse na selva, todos os dias da sua existência seriam de luta e de ferocidade. Aqui é fácil, mas ele continua a desejar a liberdade. Provou-a e tudo o que não se lhe assemelhe será sempre uma tortura.

– Certamente – concordou Arden, desejando que ela não tivesse escolhido um corpete tão apertado. – Uma tortura.

Lady Caroline deu-lhe o braço, e voltou-se para continuar a descer o corredor.

– Ainda bem que não considera as minhas ideias tão estranhas como por vezes me dizem que são. Ainda não frequentei a sociedade londrina. A minha tia advertiu-me que poderei não gostar. Diz que as pessoas conseguem ser muito desagradáveis e rígidas e receio não me enquadrar muito bem.

– Tenho a certeza de que se enquadrará – disse ele, parando para deixar Beth espreitar um ocelote que enfiava a pata pelas grades – Por muito má que seja a situação.

Ela riu-se como se ele tivesse dito uma grande piada e as gargalhadas ecoaram até ao teto.

– Tranquiliza-me muito.

Ele encolheu os ombros.

– Não sou grande especialista nisso – declarou ele. – Detesto a sociedade educada.

A mão dela fez mais força no braço dele.

– Detesta? Ela baixou a voz e aproximou a cabeça dele. – Não deveria dizê-lo, porque Lady Broxwood tem sido tão gentil, mas sou da mesma opinião. Não há nada mais aborrecido do que um baile ou uma reunião festiva. Em Bombaim, costumávamos dá-los, mas eu aborrecia-me tanto que quase gritava de tédio. Mas a tia e o tio George prometiam-me sempre que me levavam a caçar, ou a caminhar nas montanhas. Já estive nos Himalaias, Lord Winter?

– Não – respondeu ele.

Ela segurou-lhe o braço.

– Quem me dera ter o privilégio de estar lá, senhor, para ver a sua expressão quando lá for.

Arden começou a sentir-se encurralado. Voltou-se, constatando com consternação a proximidade de Zenia.

– Leva-la demasiado próxima – disse ela, rispidamente, e, por um instante, ele julgou que se referia a Lady Caroline, pendurada no seu braço, mas constatou que Zenia se referia a Beth e ao ocelote, que se esticavam um para o outro.

– Claro – replicou ele, utilizando o afastamento do felino malhado para se libertar de Lady Caroline. – Sou o único a considerar isto aqui algo lúgubre? Vamos estugar o passo para dar de comer aos macacos.



Lord Winter não era o único a sentir tristeza. Zenia passara por todos os matizes do ciúme, desde a raiva e a mágoa, ao desespero, com o coração partido pela expressão tão intensa com que ele olhava para Lady Caroline e para o tigre enjaulado.

Zenia detestava as mostras zoológicas. Detestava ver os felinos de olhos da cor do âmbar às voltas, inquietos, pelas suas prisões: a sua beleza indómita, a sua frustração. Detestava Lady Caroline por abordar o assunto, por seguir ao lado dele quando tinha Elizabeth nos braços, por detestar a sociedade educada, por ser exata, precisa e facilmente a mulher perfeita para sua esposa.

Lady Caroline adorava a selva e os lugares bravios, abordando com leveza adversidades e perigos. Foi a primeira a dar de comer aos macacos e aos ursos e as súplicas que dirigiu a Zenia foram tão encantadoras, de que Miss Elizabeth estaria completamente segura em cima do elefante, que Zenia se sentiu obrigada a deixá-la montar o animal. Supusera que seria Lord Winter a acompanhar Elizabeth, mas Lady Caroline também subiu com eles. Elizabeth, entre os dois, gritava «Fante! Fante!» com toda a força que conseguia, enquanto as enormes orelhas do animal esvoaçavam languidamente para a frente e para trás na marcha possante pelo pátio, em que cada passada cavava um círculo na lama. Lady Caroline acenava-lhes, com as saias muito abertas, deixando à mostra as botas e os tornozelos, embora ela fingisse, com um sorriso malicioso, descer as anáguas, o que ainda chamava mais a atenção de Lord Winter, pensou Zenia com irritação.

– Espero que não tenhamos estragado a vossa saída – disse Lady Broxwood em voz baixa, aproximando-se de Zenia enquanto esta observava a cena.

– Claro que não – replicou ela friamente.

– Lady Belmaine desejava especialmente que ele lhe fosse apresentado. Parecem dar-se bem, não é

verdade?

Zenia não conseguia suportar; olhou de lado para Lady Broxwood.

– Habitualmente não me confessaria a uma pessoa da sua posição, Miss Bruce – retomou a mulher mais velha –, mas como sei que está prestes a partir para o Continente com a menina e Lord Winter aparece tão raramente em sociedade, não consegui deixar passar uma oportunidade tão boa para os dois se conhecerem. – Dirigiu-lhe um olhar penetrante. – Tem sido muito discreta. Confio que continuará a sê-lo.

– Não tem com que se preocupar, senhora – disse Zenia, com um trejeito orgulhoso dos lábios. – Vamos para casa assim que a Elizabeth descer.



Lord Winter acompanhou Zenia até à porta principal de Bentinck Street enquanto a enorme e elegante carruagem de Lady Broxwood aguardava junto à curva.

– Zenia, eu volto assim que as deixar... Na porcaria do sítio onde morarem – disse, enquanto Zenia, com Beth nos braços, aguardava que a criada abrisse a porta. Mrs. Lamb parou ao fundo das escadas observando a escotilha do depósito do carvão com supremo interesse.

– Não é necessário – replicou ela. Zenia conseguira evitar que a voz lhe tremesse durante a odisseia de se libertarem do grupo, de suportar a discussão sobre se deveriam todos regressar a casa na carruagem de Lady Broxwood, de ouvir o entusiasmo de Lady Caroline e o convite para jantar de Mrs. George. Lord Winter aceitara o convite, fitando Zenia. E ela recusara, claro, valendo-se da sua irmã fictícia, a mãe anónima de Elizabeth. – Não é necessário regressar – dizia-lhe agora, sentindo a ameaça do tremor.

– Foi horrível, eu sei – disse baixinho. – Lamento, querida.

A porta abriu-se. A criada segurou-a, fazendo uma cortesia.

– Vou regressar – anunciou ele. – Quero falar consigo.

Zenia entrou. Não se virou para olhar para ele. Ouviu Mrs. Lamb entrar e a porta fechou-se atrás dela.

– Por favor, troque a roupa da Elizabeth imediatamente – disse Zenia, entregando-a à ama. – Cheira a animal. – Sem parar, Zenia subiu as escadas com passos pesados.

No quarto, arrancou a capa e as luvas, atirando o regalo para um canto. Puxou pela touca e começou a andar como os animais enjaulados.

– Não suporto – disse, ofegante, mordendo o lábio. – É impossível, impossível, impossível. – Os olhos humedeceram-se. – É impossível! – gritou.

Parou, olhando para o pequeno jardim. Lágrimas de irritação desciam-lhe pelo rosto.

– Fui eu que provoquei isto! Não os ouvi. Foi culpa minha. Oh, Elizabeth, foi culpa minha – protestou, encostando os punhos e a testa à janela fria. – Se, pelo menos...

Se pelo menos o quê? Se pelo menos já fosse casada com ele? Se, pelo menos, fosse como Lady Winter que observara os dois? E, se não fosse, Lady Caroline, seria outra; outra mulher livre e intrépida com um coração igual ao dele, que ele próprio não conhecia; ele ainda acreditava nalgum tipo de ligação que pudesse uni-los... Zenia não sabia se ele continuava a referir-se ao casamento ou à casa na Suíça, mas não fazia diferença. Ela não suportava nenhum dos dois. Estava decidido.

Sentou-se de rompante na secretária. A carta para Mr. Jocelyn, que estava em Edimburgo, não

demorou assim tanto a escrever. Só que ela passou muito tempo a olhar para a folha em branco, a chorar, e depois pousou a cabeça nos braços e lançou-se num pranto até ficar rouca.

Mrs. Lamb entrou silenciosamente e pousou-lhe uma mão no ombro. Zenia endireitou-se, desviando o rosto.

– Sua senhoria prometeu que iria voltar – disse a ama com firmeza. – Deve ter um pouco de fê nele, senhora.

– Não está a compreender – disse Zenia, pousando a testa na mão.

– Uma semente de mostarda move montanhas. E isto é apenas uma pequena colina, senhora, se me permite.

– Não está a compreender. Ela é perfeita para ele. Ele nem sequer se compreende a si próprio. A liberdade é tudo para ele. É a sua vida. Como aqueles animais nas jaulas, se não puder ser livre, acabará por sucumbir. E se... se eu não... se eu não tiver a coragem de o deixar partir, agora, terei de testemunhar... isso a acontecer. – Engoliu em seco. – Iria matar-me.

– O quê? Acredita que ele vai definhar até à morte se não puder andar às cavalitas de um elefante no deserto? Quando a tem a si e à Elizabeth em casa?

– Ele leva-a!

– Então, senhora, talvez devesse ir também!

Zenia fungou.

– Não está a compreender! Não sabe o que é o deserto... Não é elefantes, nem caças ao tigre com criados, nem nada daquilo que Lady Caroline disse. É a vida e a morte, e ele tem de viver entre as duas, senão não vive.

– Disparates. Nunca ouvi uma conversa assim.

– Ele tem um *djinn*, um demónio no sangue. A minha mãe tinha. E eu receio que a Elizabeth também tenha.

– Por favor, senhora, um demónio! O seu próprio marido. Se fosse uma criança, punha-lhe pimenta na língua por essa conversa fiada!

Zenia começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

– Oh, não o viu. Nunca o viu quando é Abu Haj Hasan e investe contra os Sauditas ou os Rowalla. É tão belo e tão temível. Eu sou a única que sabe. – Abanou a cabeça. – A única.

Ficou a olhar o vazio, recordando aquilo que queria esquecer e não conseguia. Era o homem atormentado pelo seu demónio que ela aprendera a amar; o homem a quem confiaria a sua própria vida mas a quem temia do fundo da sua alma por ele não saber o que era o medo.

– Então, senhora – disse Mrs. Lamb. – Deixou que aquela catraia tonta a deixasse triste com aquela conversa toda sobre elefantes. Seque os olhos, pois sua senhoria não demorará a regressar.

Zenia endireitou-se.

– Não. – Regressou ao papel. – Não o verei. Não posso. – Escreveu umas garatujas, dobrou a carta e entregou-a a Mrs. Lamb. – Deve enviá-la diretamente para os correios. Procure um rapaz para a levar imediatamente, está a compreender?

Mrs. Lamb abriu a boca, com claro intuito de protestar. Mas depois fechou-a. Fez uma cortesia.

– Sim, senhora.



Foi a ama quem foi ter com Arden à porta e parou no patamar, fechando a porta atrás de si.

– A senhora não se encontra em casa – declarou.

– Está assim tão mau? – perguntou ele em tom apreensivo.

– Se fosse um dos meus, puxava-lhe as orelhas, senhor. Puxava-as bem puxadas! Deixar que aquela rapariga se agarrasse a si e não parar de lhe fazer olhinhos. É inconcebível!

– Pareceu que a olhei dessa maneira? Certifiquei-me de que não o faria.

Mrs. Lamb bufou.

– Depois de todo o trabalho que tive a convencer a senhora de que gostava dela!

– Ela nem sequer me recebe?

– Pior, senhor. Fiquei de encontrar um rapaz que levasse isto aos correios. – Abanou a mensagem de maneira a deixar em evidência o nome e a morada de Mr. Jocelyn. – Claro que, como é domingo, o correio não está aberto.

Ele estendeu a mão.

– Eu levo-a.

Mrs. Lamb recolheu o papel.

– Oh, Deus me guarde, senhor... Já me intrometi muito mais do que era devido. E se a senhora descobre?

– Mrs. Lamb – replicou ele com gentileza –, quem a censuraria por obedecer às ordens de quem a emprega?

Ela hesitou.

– Pois é, senhor. Pois é – disse ela, parecendo ponderar.

– De uma forma geral, não tenho considerado necessário interferir entre si e a sua senhora, mas agora faço-o. Eu responsabilizo-me por esta carta, se tiver bem presente quem lhe paga o salário.

– Sim, senhor – replicou ela, fazendo uma cortesia com um sorriso. Entregou-lhe a mensagem. – Ela está muito perturbada, senhor. Aquelas outras senhoras complicaram muito a tarde, especialmente Lady Broxwood, aquela megera. A minha irmã tomou conta das meninas do filho dela e a mulher é... Bom, senhor, eu não devia falar mal dos que são superiores, e não o farei. Mas é uma megera. Ainda assim, acho que, de manhãzinha, a senhora poderá estar arrependida do que quer que tenha escrito nesta carta e detesto enviá-la de forma tão impulsiva.

– Mais uma razão para a proteger de um ato não pensado, Mrs. Lamb. Para que são os maridos?

– Confesso que às vezes me questiono – disse Mrs. Lamb. – O senhor quase enlouqueceu a pobre rapariga. Só diz que o senhor é um demónio, veja só, e não consegue decidir se o acha belo ou assustador! Isto é conversa para um cristão?

– Belo? – repetiu imediatamente Arden.

– Não há dúvida de que é um cavalheiro bem-parecido, quando tem cuidado com a sua aparência – disse Mrs. Lamb, olhando-o de cima a baixo –, embora eu não goste de incentivar a vaidade nos homens nem nas crianças.

– Ela disse que achava o *djinn* bonito? – perguntou ele.

– Essas palavras pagãs! – resmungou a ama.

– O *djinn*, o demónio – apressou-se ele a corrigir.

– Ela disse – atirou Mrs. Lamb – que é a única que sabe. – Deu meia-volta para entrar. – Sou cristã e batizada e não vou ficar no alpendre a discutir tolices destas. Um bom dia para si.

Arden enfiou a mensagem no bolso e saltou os degraus. Desceu rapidamente a rua e, assim que

dobrou a esquina, esqueceu todo o cavalheirismo e abriu a carta.

Meu caro Mr. Jocelyn, apraz-me dizer que aceito o seu pedido. Como a minha situação se tornou insuportável, ficar-lhe-ia imensamente grata se pudéssemos casar-nos assim que as formalidades no-lo permitirem.

Grata,

Z. S. B.

Arden parou no meio da rua.

Depois começou a praguejar com violência. Transpôs a valeta lamacenta com um passo impetuoso, parando o trânsito apenas com a força selvagem do seu olhar.



Zenia estava de vestido de viagem e olhava para Mrs. Lamb com o sobrolho carregado. A teimosa recusa da ama em acompanhar Zenia e Elizabeth ao Norte era a última gota. Desde o dia em que a resposta de Mr. Jocelyn chegara, e que incluía bilhetes de comboio e instruções detalhadas para Zenia se encontrar com ele no Yorkshire para celebrarem o casamento, visto que, por razões de negócios, ele não poderia ausentar-se de Edimburgo durante tempo suficiente para ir a Londres, a ama perdera toda a sua gentileza maternal. Embora continuasse a cuidar de Elizabeth com afeto, depois de ter finalmente compreendido que Zenia não só não era casada com Lord Winter mas também tencionava desposar outro homem, opusera-se terminantemente a empreender a viagem.

– Seria um crime obrigar esta marota a fazer uma viagem destas! Até ao Yorkshire! Em janeiro! Quando ela acaba, praticamente, de se erguer do seu leito de morte! – declarou Mrs. Lamb. – E num daqueles pavorosos caminhos de ferro que explodem todos os dias! Eu não quero participar nisto. Faço já as minhas malas, se é o que quer, mas não vou consigo nem arrumo uma escova de cabelo sequer para a ajudar!

– Não posso deixá-la aqui! – gritou Zenia, embora, na carta, Mr. Jocelyn a tivesse aconselhado vivamente a fazer exatamente isso, pelas mesmas razões que Mrs. Lamb enunciara.

– Então, sugiro que repense se quer fazer a viagem, senhora. É uma monstruosidade. É perverso. Se não fosse pelo bem da pobre Miss Elizabeth, saía imediatamente desta casa, sabendo o que sei agora.

– Não há nada de perverso no meu casamento com Mr. Jocelyn! – Zenia sentia-se à beira de um ataque de nervos. Passara miseravelmente o tempo que mediou entre o envio da carta e a receção da resposta, constantemente dividida entre o arrependimento e a determinação, mal conseguindo comer com o sofrimento que a dilacerava. Agora que a resposta chegara, sentia-se inquieta e infeliz, com medo de que um segundo de hesitação a fizesse perder a coragem.

– É perverso porque já é casada! – Mrs. Lamb ergueu o queixo com a altivez dos puros.

– Já lhe disse que não sou!

– É casada aos olhos de Deus. E tem de pensar na sua menina.

– Mrs. Lamb, por favor! Falta muito pouco tempo. Temos de estar na estação às dez ou perdemos o comboio que devemos apanhar.

– Estou a dizer-lhe, senhora, que não vou. Se pretende cometer este ato ímpio, então pode deixar

Miss Elizabeth comigo. Pelo menos a sua inocência não será manchada pelos pecados da mãe.

– Não é um pecado! – gritou Zenia. – *Não é!*

A ama fitou-a, atônita. Estupefacta, Zenia identificou na sua própria voz o temperamento irascível de Lady Hester.

Trémula, inspirou profundamente.

– Lamento – disse. – Lamento. Mas temos de ir.

Mrs. Lamb cerrou os lábios com obstinação. Ao constatar o sinal de recusa, Zenia sentiu dentro dela uma grande violência, um desejo incontável, de agarrar no objeto mais próximo e o atirar contra a parede.

– Muito bem – disse, ofegante, com receio de perder o controlo sobre si própria. – Muito bem, pode ficar aqui com a Elizabeth. Mas não pode deixar Lord Winter visitá-la. E ele não pode levá-la para lado nenhum!

– Ele é pa...

– Ele não tem direito de lhe tocar! – gritou Zenia. – Se eu regressar e ela não estiver cá, faço questão de a ver enforcada por isso. Levo-a à força pelo rapto da minha filha, está a compreender? Vai para a força! – A voz de Zenia ecoava pela porta aberta até à escadaria. Juntou as mãos com força e ficou imóvel, tentando controlar-se. – Está a entender-me? – perguntou, num tom de voz mais firme.

– Sim, senhora – disse Mrs. Lamb, visivelmente atemorizada. – Seja como for, julgo que sua senhoria não está em Londres.

– Como é que sabe?

A ama fez uma cortesia, com os olhos no chão.

– Penso que disse isso da última vez que tentou visitá-la e a senhora não quis recebê-lo.

– Bom – disse Zenia. Reparou que respirava de forma mais regular. – Ainda bem. Assim será mais fácil. Sei que será responsável com ela.

– Sim, claro, senhora. Prometo que tudo correrá como habitualmente.

– Não demorarei mais do que quatro dias.

– Sim, senhora – disse Mrs. Lamb, submissa.

CAPÍTULO 26



—O seu cavaleiro tem família em Whitby? – perguntou um dos companheiros de carruagem, um homem entroncado com um forte sotaque do Norte e mãos calejadas que pareciam não se ajustar ao chapéu novo de seda, que ele não parava de desempoeirar com o lenço de assoar.

– Não tenho a certeza – respondeu Zenia. Abriu a carta de Mr. Jocelyn sobre o regaço, verificando pela centésima vez que em York deveria apanhar um comboio para um lugar chamado Grosmont, onde ele iria ter com ela. O canto do papel estremecia com o balanço suave do comboio. Claro que a carta, redigida com a caligrafia cuidadosa do secretário que assinara a página no fundo, dizia que ela estava no comboio certo, o que não era de surpreender, pois o guarda ferroviário de York tinha pegado no bilhete dela, o último dos bilhetes que Mr. Jocelyn enviara, tinha-o lido, sorrido e tinha-lhe indicado a carruagem correta. – Aí não menciona, mas devo sair em Grosmont.

Os três cavaleiros riram-se.

– E vai, senhora – disse o capitão de navio –, pois o caminho de ferro termina aqui. Depois terá de ir de carruagem até Whitby. Em Grosmont pouco há além de uma pedreira. Whitby pelo menos é uma cidade portuária.

A observação desencadeou uma discussão amigável sobre os méritos de uma vida em terra ou no mar, enquanto Zenia se dedicou a observar a paisagem de agrestes charnecas com os lábios cingidos de dúvida. Há dois dias que viajava, transportada pelas novas locomotivas a uma velocidade de cinquenta ou até sessenta quilómetros por hora. Ainda bem que não trouxera Elizabeth com ela, pois teria sido impossível não perder as ligações entre comboios e comer e dormir dentro de carruagens. Significava, porém, que não havia ninguém para a reconfortar, à medida que as cidades e os campos ficavam para trás e desapareciam, transformando-se naquela paisagem erma e desolada, salpicada de neve.

Recordava-lhe bastante o deserto. Embora muito fria, era inóspita como o deserto: o pequeno comboio deixava para trás vales acolhedores para subir a colinas pejudas de rochedos e o vapor do seu esforço assomava-lhe à janela. Comparado com alguns dos motores grandes das linhas mais extensas do Sul, aquele parecia um animal ronronante, uma criatura viva, como um elefante, que erguia a chaminé como se fosse uma tromba em direção ao céu. Zenia sentira-se inclinada a dar-lhe uma palmadinha e uma palavra afável, embora já tivesse aprendido que no comboio tudo estava coberto de cinzas e fuligem.

Só havia uma carruagem de primeira classe. Inicialmente sentira-se desconfortável ao constatar

que os seus companheiros de viagem eram todos homens, pois descobrira que, ao viajar sozinha, se encontrava vulnerável a todo o tipo de avanços desagradáveis de alguns cavalheiros, mas os três homens revelaram-se corteses e amigáveis, e não tomavam familiaridades indesejadas. Além do capitão, os outros eram um supervisor e um engenheiro de minas que, sem serem homens muito refinados, se dispunham a tratá-la com inquieto respeito. Um já se oferecera para a levar até à casa da mãe dele, em Egton Bridge, onde Zenia poderia aguardar, caso o «cavalheiro» não estivesse em Grosmont à sua espera.

Zenia esperava sinceramente que estivesse. Não tinham sido incluídos bilhetes de regresso. Não percebia como é que não tinha notado antes, só que, assim que partira, a sucessão dos bilhetes, dos comboios e a confusão dos horários a tinham impelido a continuar com uma espécie de ritmo próprio.

Estava a abrandar. Até aquele comboio era mais lento, como se não tivesse pressa de chegar a lado nenhum antes que escurecesse, embora se vissem nuvens baixas e cinzentas de neve iminente.

– Olhem para aquele tipo – disse subitamente o capitão.

Zenia voltou-se como todos os outros, olhando através da ligeira nuvem de cinzas, quando o comboio seguiu a curva de uma colina.

– Por Deus! – disse o supervisor. – O que é, um cigano?

No outro lado de uma depressão inóspita, um cavaleiro deteve a montada no alto da escarpa. Recortado no céu plúmbeo, era uma figura imponente, com largas túnicas em tons de escarlate, dourado e azul-turquesa, com uma capa negra que esvoaçava ao vento. O cavalo era muito branco e estava igualmente aperaltado, com borlas compridas a enfeitar-lhe a sela e uma cauda que varria a neve do chão.

– Deve ser um cigano – vaticinou o capitão. – Que animal imponente.

O comboio seguiu a sua marcha e o vulto desapareceu tão subitamente que Zenia quase não tinha a certeza de o ter visto. Mas o seu coração estava aos pulos.

Era um cigano, disse para si própria. Mordeu o lábio.

– Por favor, senhor – murmurou –, o que é um cigano?

– Nunca viu um cigano, senhora? – perguntou o capitão, bastante surpreendido. – Aqueles que andam em caravanas pelas estradas e negoceiam em cavalos e leem a sina e dançam, e que não se coíbem de roubar?

Zenia abanou a cabeça. Durante os quilómetros seguintes, enquanto a chuva caía até ao fundo do vale, os homens regalaram-na com histórias de ciganos, com descrições das suas roupas e estranhos costumes até ela acreditar que eles tinham razão, que fora um cigano o que eles viram.

– Estamos a abrandar? – perguntou.

– Sim, estamos – disse o engenheiro de minas. – Estamos a subir a encosta. O próximo troço vai ser algo aborrecido.

– Ali está ele outra vez – exclamou o capitão. – Está a seguir-nos, o descarado.

Voltaram a avistar o cavaleiro, que seguia a meio galope pela crista, mais próximo, e a crina e a cauda brancas do cavalo a esvoaçar ao vento. Zenia viu o lenço vermelho enrolado sobre o rosto, tapando tudo à exceção dos olhos. Ele cavalgava sem tirar os olhos do comboio. De repente, voltou a deter-se, e o cavalo sapateou com as patas dianteiras. Ouviram-se uns vivas ténues do vagão aberto de segunda classe que seguia atrás.

– Estamos a abrandar – disse Zenia, ansiosa.

Ninguém lhe ligou.

– Estavam todos a olhar para o cavaleiro, que erguera uma espingarda acima da cabeça, com o braço erguido para o céu. Do vagão de segunda classe ouviu-se uma ovação.

– Este tipo está a deixar-me um pouco apreensivo – comunicou o engenheiro.

– Disparates – afiançou o capitão. Olhou para a janela com o sobrolho franzido. – Alguém traz alguma arma de fogo?

– Os guardas estão armados, creio eu.

O supervisor do chapéu de seda deu uma risada escarninha.

– Com cassetetes!

O cavaleiro voltou-se, incitando o cavalo a descer a vertente, num ângulo largo, em direção ao comboio em movimento. A locomotiva parecia progredir a um ritmo cada vez mais lento. O cavaleiro voltou a desaparecer, oculto pelo rebordo do vale.

– Quantos crê que serão? – perguntou o capitão, com o maxilar tenso de determinação.

– Um bando deles, não? Escolheram um bom sitio – comentou sombriamente o engenheiro. – A locomotiva não vai conseguir subir a elevação que precede Beck Hole.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Zenia com ansiedade.

– Terá de se puxar as carruagens, senhora. O comboio vai parar em Goathland, daqui a um momento.

Subitamente, ouviu-se a detonação de uma arma de fogo, inconfundível por cima do ruído sibilante do ranger de rodas do comboio.

– O que foi isto? – exclamou o supervisor.

– Estão a atirar sobre ele! – gritou Zenia.

– Ele está a atirar sobre nós! – gritou o engenheiro no mesmo instante, agachando-se por baixo da janela. – Baixe-se, senhora!

Zenia afastou a mão do homem e pôs-se a olhar pela janela, tentando encontrar o cavaleiro, aterrorizada porque não o via.

– Veio do vagão de segunda classe – informou o capitão, ajoelhando-se no assento para espreitar pela janela alta. – Um deles tem uma pistola, graças a Deus!

O comboio começou a andar mais rápido. O silvo estridente atormentou-lhes os ouvidos quando a carruagem começou a abanar com a velocidade.

– O que está a acontecer? – inquiriu o capitão, olhando em redor.

– Santo Deus, ele não vai parar em Goathland! – exclamou o engenheiro. – Vai tentar subir a vertente!

A velocidade aumentou. Pela janela desfilou um pequeno grupo de casas, depois os casebres espalhados pela charneca, dois homens a correrem ao lado do comboio e a soçobram quando este empreendeu a descida de um declive pronunciado, cada vez mais rápido. Por cima do som do comboio, ouviu-se uma detonação estridente e gritos vindos de trás.

– Irão disparar sobre ele? – gritou Zenia.

Esticou o pescoço para procurar o cavaleiro, avistando imagens fugazes quando o comboio desceu uma ravina arborizada. O vestuário garrido contra o fundo cinzento e negro fazia dele o alvo perfeito, mas o comboio avançava rapidamente, sacudindo-se e balançando nos seus carris e ele galopava, em rasgos de cor entre as árvores despidas.

– Meu Deus, que cavalo fantástico deve ser! – gritou alguém.

Ouviu-se mais uma detonação, que fez estremecer Zenia.

– Louco! – suspirou entre dentes. – Que Alá o proteja!

– Não receie, senhora! – O capitão deu-lhe uma pancadinha no joelho com a mão pesada. – Julgo que aquele louco está sozinho.

Zenia nem sequer se voltou. Atenta aos tiros, procurava ver o cavaleiro. O comboio transpôs um trecho plano e curto e começou a subir o declive subitamente pronunciado que enfraqueceu a locomotiva. Ouviu-se um terceiro tiro, e um quarto quando as árvores ficaram mais esparsas e o cavaleiro de túnica entrou em campo aberto, acompanhando o comboio. Algo como um suspiro coletivo chegou-lhes do vagão mais modesto. O cavaleiro voltou-se na sela. Zenia ouviu-o apresentar um grito de guerra do deserto e apontar a espingarda para o ar disparando quatro tiros em sucessão como uma salva triunfante.

– Odeio-te, odeio-te, odeio-te! – disse baixinho. – O que estás a fazer?

– Maldição, os tontos ficaram sem balas – informou o capitão do seu posto. – Que trastes, em vez de aguardarem por uma boa oportunidade para atirar.

À medida que a velocidade do comboio era travada pelo declive, o cavaleiro aproximou-se. A locomotiva movia-se com dificuldade, cada vez mais lentamente. Agora, Zenia conseguia ver os olhos do cavaleiro, olhos que pareciam rir-se de forma sobre- -humana por baixo do manto. O cavalo branco avançava num galope fácil e poderoso, voando sobre pedra e neve, saltando ravinas, constantemente ao nível da sua janela.

– Os travões, homem! – gritou o engenheiro. – Por amor de Deus, se ele não se prepara, caímos para trás!

O guincho dos travões acorreu em resposta. O sacão violento converteu-se num tremor quando o comboio parou finalmente. Agora Zenia conhecia o cavaleiro com a certeza da fúria cega, de uma terrível exaltação, vendo-o guinar o cavalo em direção às carruagens, posicionar-se ao lado destas e esticar-se para abrir a porta da carruagem que ela tinha ao seu lado antes de o movimento da máquina cessar, com a espingarda pronta, caso fosse ameaçado pelos homens que saltavam do vagão da segunda classe.

O comboio parou com um sobressalto no mesmo instante em que a porta se abriu.

– Solta-a, seu canalha! – gritou o capitão, saltando para o impedir quando o cavalo parou à porta e a reincarnação vistosa e disfarçada de Haj Hasan agarrou em Zenia pelo braço, puxando-a de forma brutal.

Ela temia tanto que alguém o alvejasse ou que ele alvejasse alguém, que só lhe ocorria gritar *Não!*, perante a confusão de corpos que tentavam interferir ao mesmo tempo.

– Sim – rosnou ele. – Vem comigo.

Todos os cavaleiros tentavam resgatá-la. De repente, ele apontou a espingarda para dentro da carruagem, pondo um fim abrupto a todo aquele movimento. Das narinas da égua saíam nuvens de vapor.

– Muito bem – disse ele. – Tenham a amabilidade de soltar a minha mulher.

– A sua mulher! – exclamou o supervisor.

Zenia viu que alguns dos passageiros do vagão de segunda classe se aproximavam, detendo-se quando ele virou o cano da espingarda naquela direção. Os empregados do caminho de ferro gritavam junto à locomotiva, mas, entre o estrépito do metal e o silvo angustiado desta, pareciam completamente dedicados a não deixar que o comboio deslizesse para trás.

– *Mexa-se!* – berrou Hasan, arrancando o *keffiyeh* que o mascarava. – Vai dar-lhes o dia todo para recarregarem?

Ao ver o rosto dele, as trevas e a chama intensa, o demónio que era a vida e a força dele, desdenhando a lei, alimentando-se do perigo, a emoção que lhe apertava a garganta libertou-se.

– Maldito seja! – gritou, sobrepondo-se ao gemido do vapor.

A égua atirou a cabeça para trás, revirando os olhos no meio dos gritos e da comoção. O som apagado de uma detonação falhada fê-lo olhar.

– Pequeno lobo! – gritou. – *Yallah!*

Ela atirou-se para a frente, libertando-se do capitão, tropeçando e caindo nos braços de Lord Winter.

– Maldito seja! – soluçou quando ele pegou nela, negando aos seus pés o último apoio sólido. – Maldito seja, maldito seja! – gritou ela, agarrando-se aos ombros dele quando se sentou, afundando o rosto nas pregas de lã da capa dele. – Porque é que me faz isto?

Zenia sentiu o cavalo girar. Uma rajada de vento fez voar a capa mostrando-lhe o comboio imobilizado, suspenso a meio da vertente avassaladora, onde, naquela tarde de inverno, todos os rostos os olhavam, boquiabertos. E foi a última vez que os viu, pois ele começou a subir a galope, ultrapassando a locomotiva paralisada. No alto, ele parou, sorrindo como um selvagem para os vultos que, inutilmente, os perseguiam a pé. Os montes e o céu reverberaram com a salva estrondosa quando ele esvaziou a espingarda.



– Muito divertido – comentou Zenia tensamente, ao recuperar o domínio da própria voz quando cavalgavam debaixo da neve. – E agora, se me levar a Grosmont, irei ter com Mr. Jocelyn, como pretendia.

O braço cingiu-lhe mais a cintura.

– Mr. Jocelyn não está lá.

Zenia endireitou-se, sentindo o vento cortante no rosto.

– O que é que lhe fez?

– Eu? Nada. Certamente que continua em Edimburgo, bem, a repousar.

– Mas... – Zenia fez uma pausa. – Edimburgo? – perguntou, começando a desconfiar.

– Porque é que estaria noutro lado?

Ela fitou a charneca em tons de púrpura e cinzento. Pensou na carta de Mr. Jocelyn, escrita e assinada por um secretário, com os bilhetes anexos que a conduziram precisamente àquele lugar isolado, àquela hora.

– Roubou a minha carta – disse, furiosa. – Meu Deus, é capaz de tudo! De tudo para ficar com a Elizabeth. Estava tão seguro de que a traria, à revelia de todos os conselhos? Que bem que me conhece! Quase que o fiz, mas Mrs. Lamb frustrou-lhe os planos. Poderia ter levado a Elizabeth, presumindo que ela não morria naquele ataque absurdo...

Arden parou imediatamente a égua.

– Não quis que ela viesse – disse ele com aspereza. – Nem que houvesse tiros. Os guardas não andam com armas; foi algum valentão da segunda classe que começou a disparar e o incompetente do engenheiro que fez o que pôde para espetar o comboio!

– Então porque é que acenou com a espingarda? – gritou ela, tirando a neve do rosto.

– Para seu mero divertimento – foi a resposta cáustica.

Zenia rodou sobre a sela. Não conseguia ver-lhe o rosto, só o maxilar e a boca, e a lã colorida que lhe envolvia o pescoço.

– Fui um ingênuo – acrescentou, com voz áspera. – Queria acompanhar o comboio a galope, apanhá-la em Goathland e partir. Muito romântico, como vê. Mr. Jocelyn nunca pensaria em nada assim.

– Claro que não – gritou ela. – Ele não é um lunático!

Os flocos de neve voavam contra o rosto de Lord Winter, cristais brancos que persistiam por um instante antes de derreterem na sua pele.

– Pois – replicou ele, com voz tensa –, e, se fosse por ele, continuaria aninhada num canto de Dar Joon, não é assim?

– Pelo menos – disse ela, voltando a olhar em frente e segurando na touca –, não estaria no meio do nada a atravessar uma tempestade de neve!

Ele levantou a capa e puxou-a para ele, encostando as costas dela ao seu peito, cobrindo-lhe a boca, o maxilar e os ombros com o tecido escuro. Encostou a mão aberta ao seu rosto, segurando a capa. Zenia sentia o cheiro dele impregnado na lã e na seda, o latejar do pulso que encostara ao seu rosto, tão familiar.

Ele inclinou a cabeça, levando a boca ao pescoço dela.

– Há mais coisas que não fará com Jocelyn – murmurou numa voz envolvente. – Porque o mato primeiro, e depois a si.

Zenia suspirou, pois o seu corpo respondeu ao dele como sempre fazia, à revelia da sua vontade e bom senso.

– Ele disse-me que prefere que não haja intimidade física – replicou ela friamente.

– Então é mentiroso – disse Lord Winter, aquecendo-lhe o rosto ao falar. – Ou outra coisa qualquer.

– É um homem bom e gentil, que nos proporcionará, a mim e à Elizabeth, um lar seguro. Nunca me faria ameaças de morte.

– Mas ele sabe o que o espera? Ele sabe quem passará a ser, assim que se fartar da sua casa acolhedora de Bentinck Street?

– Nunca me fartaria.

– Disse a Mrs. Lamb que era a única pessoa que me conhecia. – Apertou-a com o braço firme. – Mas esqueceu a outra metade, Zenia. Esqueceu-se que eu também a conheço a si.

Um estranho estremecimento, mais profundo que o frio, pareceu invadir-lhe os membros e o coração.

– Não sei o que está a dizer.

– Estou a dizer – soprou-lhe suavemente ao ouvido – que eu sou o seu demónio. Em si, ao seu lado e por cima de si. Fuja para onde quiser, pequeno lobo, mas eu estarei sempre consigo.

Zenia começou a tremer.

– São superstições tolas.

– Julgou mesmo que poderia casar-se com Jocelyn e viver uma vida insignificante em Bentinck Street? Que eu não iria persegui-la e atormentá-la até à morte, se o fizesse? Nunca a deixaria escapar das minhas garras. Veja onde está agora.

– Basta desta conversa de demónios! É a Elizabeth que quer, não a mim!

– A Elizabeth é feita de mim e de si. E a senhora é minha desde que a arrastei de Dar Joon, a choramingar que tinha visto um *djinn*.

Zenia lembrou-se daquela noite e do demónio que a perseguira; do som dos cascos e da sua voz. Sentia o corpo todo a tremer. *É o frio*, pensou, mas o calor dele irradiava para o seu corpo.

– Passei a vida inteira à procura – murmurou contra o ombro e o pescoço dela. – Corri metade do globo à sua procura e o Inferno também. Bentinck Street fica ali mesmo ao virar da esquina.

Ela arquejou:

– Tenho medo de si.

Ele agarrou-a com mais força, cingindo-lhe o pescoço.

– Tentei ser uma criatura civilizada. Tentei viver a sua vidinha de segurança, e a senhora atirou-se para os braços de Mr. Jocelyn quando eu não consegui ser o que queria que eu fosse. Agora, sou o que sou e vou fazer de si quem é. Não serei misericordioso.

CAPÍTULO 27



A neve caía com tanta intensidade que a pequena casa que via ao fundo pouco mais era do que uma janela iluminada num vulto escuro. Estava localizada num lugar abrigado da montanha. O vento acalmou momentaneamente quando Lord Winter incitou a égua a descer e os flocos de neve fluíam, ligeiros, em redor.

Algumas ovelhas de rosto negro, que se tinham instalado no lado abrigado do vento, levantaram-se prontamente para os observar. Parou diante da porta, libertando-a. Gelada pela neve, a capa estalou. Ela gemeu vigorosamente quando os dedos adormecidos tocaram no chão.

– O fogo está aceso – informou ele. – Vou pôr a égua no abrigo.

Zenia mal conseguia fechar os dedos para levantar o trinco. Mas, no interior da parede de pedra espessa, aguardava-a uma transformação surpreendente. No exterior, a neve caía assim como o dia; lá dentro uma luz quente e aroma de pão fresco, com o fogo a crepitar na enorme lareira de pedra como se acabasse de ser alimentado.

A luz que irradiava revelou as paredes caiadas de um dos compartimentos: limpo mas com mobília avulsa, cadeiras com sinais de uso de modelos laboriosos, muitas vezes reparadas, que tinham perdido o dourado exceto nos cantos mais remotos. Uma cama de dossel, com três colunas imponentes e uma quarta sem qualquer adorno, exibia cortinas desgarradas, algumas de seda azul-celeste e outras de xadrez castanho gasto. A pesada tapeçaria turca, aparentemente sem mácula, que cobria as lajes do chão também contava a sua história, pois um dos cantos, que a cama não ocultava, estava comido pelo fogo.

Em cima da mesa estavam dispostas como pétalas várias fatias de pão de aroma adocicado. Zenia, com a capa e a touca ensopadas de neve derretida, os pés e as mãos recebendo dolorosamente o regresso do calor, sentiu-se observada. Um gato branco olhava-a, deitado no damasco vermelho de uma das poltronas. Levantou-se, revelando uma cova ajustada ao seu corpo. Zenia fitou-o também, tonta de exaustão, de frio e de fome, mal conseguindo decidir por onde começar.

As dobradiças rangeram quando Lord Winter, afastando uma cortina comprida, entrou pela porta do lado da lareira, compondo uma figura estranha, coberta de neve, completamente desenquadrada daquele contexto, com as suas túnicas coloridas e o *keffiyeh* cingido à cabeça por um cordão dourado e negro. Deixou cair um carregamento de lenha junto à lareira, com pancadas surdas que fizeram o gato saltar para o parapeito de uma janela. O gelo caía do casaco de Arden em finos veios até ao chão.

As camadas de lã e de seda proporcionavam calor, mesmo nas noites gélidas dos desertos do norte, mas não protegiam da humidade. Ao tirar o lenço revelou os caracóis húmidos colados ao pescoço.

– Pode ficar aí a pingar, se quiser – disse ele, de frente para o fogo –, mas eu vou despir tudo o que está molhado.

Zenia olhou em redor, consciente da ausência de privacidade, a não ser que fosse para o abrigo fazer companhia ao cavalo. Trémula, viu-o tirar as diferentes túnicas, até ficar apenas de camisa, inglesa, e calças justas. Quando tirou a última túnica branca, olhou para ela por cima do ombro.

– Eu disse-lhe que não me sentia misericordioso – declarou. – Quer que a dispa antes de morrer de frio ou prefere ser a Zenia a fazê-lo?

Ela desapertou a fita que prendia a touca.

– Suponho que os raptos não se preocupem em trazer roupas secas para as suas vítimas.

Ele indicou a cama.

– Pode ficar com todas as mantas que quiser.

Com um acesso de irritação, Zenia pendurou a touca e a capa no gancho ao lado da porta e sentou-se, desapertando os cordões das botas para gáudio dos seus pés. Afinal, ele conhecia cada centímetro dela. Para que queria ela a privacidade? Tentou chegar aos botões, mas a tarefa que seria árdua em qualquer circunstância, provou ser impossível com dedos desajeitados e dormentes. Solto um suspiro de frustração, virando-se para a cama.

– Terá de mos desapertar – atirou.

Ele aproximou-se por trás dela e desapertou os botões e os colchetes. Zenia olhava para a cama, de queixo erguido, pronta a afastar-se a qualquer momento, se ele tentasse fazer amor com ela.

Ele não tentou. Limitou-se a dizer, quando lhe desapertava o corpete:

– Não sei como consegue usar uma coisa destas.

Estava longe de ser a sua peça de roupa favorita, mas não disse nada. Quando terminou, ela inclinou-se para tirar o vestido pela cabeça. Abriu-o cuidadosamente sobre uma cadeira para secar e o corpete sobre outra.

Sentia que ele a observava. Continuava a ter sobre o corpo muito mais roupa do que usara no deserto, diversas anáguas e duas camisas, uma das quais de seriguiha grossa, mas algo na rigidez da postura dele, na descontração artificial da sua pose, não a deixava duvidar de que compunha uma imagem provocadora.

Muito bem, pensou irritada, que se sinta provocado. E quanto à aturada busca que empreendera por ela pelo mundo inteiro, nos primeiros três meses nem sequer se dera conta de que ela era mulher. E ela estava tão cansada e abalada que não lhe sobrava energia para gastar em timidez. Depois do frio que passara, o calor parecia envolvê-la, penetrando na sua mente. Não queria saber do recato; só queria secar-se à lareira.

Quando ele se sentou, enxotando o gato do cadeirão de damasco vermelho, Zenia inclinou-se para tirar as anáguas e a camisa de lã, que estava ensopada. Durante um instante sentiu o ar frio na pele despida e um arrepio incontável percorreu-lhe as costas. Sentiu os seios a tocarem na camisa de linho quando se debruçou, levantando-a, para tirar a liga.

Ele levantou-se novamente, praguejando baixinho. Zenia esticou uma perna, fazendo deslizar uma meia molhada.

– Tem fome? – perguntou ele.

– Imensa – disse ela, sentando-se, sem olhar, para tirar a meia do pé.

Momentos depois, um prato rachado com o brasão dos Belmaine aterrou com estrondo ao seu lado, na mesa. Tinha um pedaço de pão com manteiga. Um copo de cidra de um pequeno pipó chegou-lhe com a mesma brusquidão.

Zenia comeu, mexendo os dedos gelados, sem meias, fazendo esgares de dor. Ergueu os olhos e deparou com ele a observá-la com um olhar que queimava como o calor que lhe invadia os membros.

– Que sítio é este? – perguntou ela, evitando o olhar dele.

– Costumava vir para aqui caçar – foi a resposta breve. – Lagópodes-escoceses.

– O que tenciona fazer comigo?

– Casar-me, pequeno lobo. A não ser que me obrigue a fazer pior.

– E o que seria esse pior? – indagou ela em tom ácido. – O seu contrato em que eu deverei mudar-me para o Continente ou serei acusada de fraude?

Ele dirigiu-lhe um olhar penetrante.

– Chegou a vê-lo?

– Claro que o vi. Mr. Jocelyn explicou-me tudo. Tudo.

Ele praguejou em voz baixa.

– Não devia tê-lo visto. Foi um erro. – Os olhos dele desviaram-se. – Quero que nos casemos.

– Para poder levar a Elizabeth quando quiser.

– Maldição, eu quero que nos casemos – replicou ele com irritação.

– Vai obrigar-me?

– Sim. – Deu uma risada severa. – Acredite.

– Não pode – replicou ela. – Não é legal.

Ele sorriu com frieza.

– Tem andado a ouvir demasiados advogados. – Sentou-se numa cadeira à frente dela. O colarinho alto da camisa abriu-se. Com um olhar lânguido, disse: – E, para uma mulher tão relutante, anda a tentar o perigo.

Zenia voltou-se para o fogo, contemplando as chamas amarelas e cor de laranja que lançavam sombras sobre as túnicas e os vestidos que secavam.

– Mas julgo que gosta de viver perigosamente – murmurou. – Julgo que não é a mulher bem-comportada que Mr. Jocelyn pensa.

– Sou uma senhora. Posso ser uma senhora.

– Uma senhora – disse ele – não se apresentaria em camisa a um homem que não é seu marido. Uma senhora teria desmaiado naquele comboio; não me teria amaldiçoado e procurado os meus braços ao mesmo tempo. Uma senhora – continuou, com particular ênfase – não exhibe as ligas.

– Mas eu pedi-lhe que parasse o comboio? – ripostou ela com veemência. – Pedi-lhe para brincar de alvo a quem quisesse atirar? Pedi-lhe para atravessar uma tempestade de neve de quilómetros, encharcada até aos ossos e meio congelada? Pedi-lhe que roubasse a minha carta e me fizesse embarcar nesta viagem absurda? – Levantou-se, erguendo a voz contundente: – Alguma vez me deu o direito de escolher?

– Então, Miss Bruce, ainda mal tinha começado a cortejá-la, com todos os preceitos e toda a aprovação de Uma Senhora com Classe, seguindo todas as regras... – levantou-se, indo debruçar-se sobre a mesa – quando, para minha consternação, descubro que pediu outro homem em casamento.

Tenha piedade! – Bateu com o punho na mesa. – É *assim* que trata um cavalheiro? Talvez funcione com senhoras a sério, mas consigo é um desastre retumbante.

– Porque não é a mim que devia cortejar! Case-se com Lady Caroline! Case-se com alguém que parta consigo e seja aquilo que quer.

– Eu quero-a a si!

– Está a mentir! Quer a Elizabeth e eu posso tirá-la de si!

– Maldita seja! – rugiu ele, circundando a mesa com tal agressividade que ela recuou até sentir o fogo atrás de si. – É igualzinha à sua mãe!

– Não *sou*!

– É pior do que a sua mãe! Pelo menos ela era sincera. A Zenia quer dominar tudo e todos e ainda ter uma auréola.

– Não sou pior do que a minha mãe – gritou ela, afastando o cabelo molhado que lhe caiu sobre o rosto.

– Não é? Ouça-se a si própria! O seu pai disse-me que ela lhe gritou até ele partir! Obrigou-o a sair; suponho que o atormentou até ele não conseguir suportar mais aquela conversa de ela ser a ruína do futuro dele, aquela palhaçada sobre o orgulho dela. Céus! E ela sabia que estava grávida dele. Juro-lho que ela o afugentou tal como me está a fazer a mim, Zenia, mil e uma coisas até eu não aguentar mais! Porque tinha de ser ela a mandar; não suportava que ninguém tivesse domínio sobre ela; tinha de ser ela a ter o controlo sobre tudo e todos e o que não pudesse controlar ela ou desfazia, ou matava ou combatia até à morte. – Os seus olhos azuis faiscavam entre as pestanas, onde se viam ainda pequenas contas de água. – A forma como se bate comigo. Vem quando eu estou fraco e débil de mais para falar e desaparece quando eu me restabeleço... Desaparece para se casar com Jocelyn! *Jocelyn!* – berrou. – Quando é que ia dizer-me? Quando fosse tarde de mais? Por amor de Deus, Zenia! Por amor de Deus! – Abanou a cabeça, sentando-se e pousando a testa nos braços. – Teria posto uma bala no cérebro.

Ela fitou-o.

– Só quer a Elizabeth.

Ele deu uma risada áspera, sem erguer a cabeça.

– Claro que a quero. Claro. Quero vê-la crescer, quero conhecê-la. Porque é que isso faz de mim um demónio?

– Porque vai levá-la consigo e deixar-me sozinha – sussurrou ela.

Ele abanou a cabeça.

– Não sei o que fazer para que confie em mim.

– Eu quis confiar. – Os lábios dela tremeram. – Quis fazê-lo. Estava a tentar – disse ela. – Mas depois vi-o com Lady Caroline e vi como a olhou quando ela falou de liberdade. E eu sei que não me atrevo.

Ele ergueu a cabeça.

– Como é que a olhei?

– Como se... ela fosse uma deusa.

– Uma deusa. – Ele levantou-se, servindo de tela para as suaves sombras que dançavam com o fogo. – Uma deusa – repetiu, sem ênfase. – Do tipo filosófico, é isso que quer dizer? Aquelas figuras imponentes ao estilo greco-romano, que vestem musselina humedecida e seguram em tochas da liberdade? Foi assim que olhei para ela? Com reverência, adorando a liberdade aos seus pés?

– Não – disse ela. – Não.

– Não lhe pareço suficientemente maravilhado?

– Parece estar a assistir a um sermão insuportavelmente entediante. Não foi assim que olhou para Lady Caroline e para o tigre.

Ele abandonou a contemplação reverente da cornija da lareira.

– Talvez não – replicou –, mas aposto que é uma boa representação de um tipo a apreciar o decote drapeado de Nike, a deusa grega alada.

Ela desviou o rosto.

– Olhou para Lady Caroline como se ela fosse tudo para si.

Ele ficou parado. Ela sentiu que a observava. Quando o espreitou, o seu rosto duro apresentava uma nova expressão, uma expressão que ela desconhecia, um leve sorriso de apreciação que lhe curvava os lábios enquanto a observava.

– Revela-se tremendamente ingénua, meu amor. Pergunto-me como é que Uma Senhora com Classe me aconselharia a explicá-lo.

Ela não podia recuar, pois o calor do fogo já lhe queimava a barriga das pernas. Mas, quando ele se aproximou, parecia que os seus pés se colavam à carpete por meio de uma força invisível. Ele parou a olhá-la e o seu sorriso transformou-se noutra coisa, numa atenção mais profunda.

Era como se ela estivesse do lado de fora da jaula do tigre de passo inquieto, provocando-o porque ele era maior, mais natural e mais selvagem do que ela – e porque podia – e, de repente, constatasse que as grades que o aprisionavam haviam desaparecido.

Os olhos dele desceram-lhe apenas até ao rosto, mas ela sentia que ele a explorava e a desvendava por inteiro: a sua pele, a sua figura, a pulsação, que acelerava. O centro da sua atenção estava simultaneamente nela e muito longe; as suas pestanas escuras resguardavam o olhar concentrado, de um azul profundo.

– Era assim que eu olhava para Lady Caroline? – murmurou ele.

Começara já a esquecer Lady Caroline, mas a pergunta despertou a lembrança e um ciúme veemente.

– Sim – respondeu ela, recuando ligeiramente ao mesmo tempo que olhava em frente, para o colarinho aberto da camisa dele.

Arden agarrou-lhe nas mãos, apertando-as contra o peito, com as palmas estendidas para lhe dar a sentir os músculos firmes por baixo da camisa.

– Tanto quanto me lembro, ela dizia algo sobre soltar os tigres.

Zenia quis fechar os dedos, mas ele não deixou.

– Ela disse que o tigre desejava ser livre. Que sabia o que era a liberdade, e que esse era o seu elemento. E que, mesmo que a sua vida fosse uma luta constante, menos do que isso se revelaria uma tortura.

– Pois – replicou ele, pensativo. – Bem julguei que seria um discurso erudito, digno de uma deusa greco-romana. Quer que lhe diga em que pensava?

Zenia baixou os olhos.

– Vai dizer a verdade?

– Oh, nada mais que toda a vulgar verdade. – As mãos dele apertaram as dela. – Receio que fique enormemente desapontada ao descobrir o verdadeiro teor do meu carácter. Olhe para mim.

Ela olhou. A energia perturbadora manifestava-se com clareza e força no rosto dele.

– Pensava no que iria fazer se me deixasse entrar em sua casa a seguir ao zoo. Pensava que Mrs. Lamb iria levar a Beth para dormir a sesta e que a Zenia provavelmente seria demasiado modesta e polida para me dizer para subir ao seu quarto e fazer uma sesta consigo, por isso deveríamos acabar na sala para dois dedos de conversa. E, naturalmente – prosseguiu, encolhendo os ombros –, eu iria mostrar-me um conversador nato, extremamente galante, maravilhosamente pertinente, sempre com a resposta perfeita na ponta da língua. Atrevo-me a dizer que não me reconheceria nesse papel, mas, a verdade é que foi isto. E a Zenia deveria sorrir-me com frequência. – Os seus lábios curvaram-se num trejeito irónico. – Tudo isto seria meramente introdutório, claro. Um momento de contemplação. Julgo que já tinha dispensado a bandeja do chá e fechado a porta da sala quando Lady Caroline chegou à parte em que desejou que todos os pobres leões e tigres pudessem ser livres. – Moveu a mão dela, ainda sob a dele e acariciou-lhe o rosto. – Teria de sorrir muito. Talvez possa sorrir-me agora, para dar um efeito realista.

Zenia não conseguiu evitar sorrir ligeiramente.

– Estava a pensar em mim – disse –, mas a olhar para ela.

Ele virou a mão dela, beijando-lhe a palma e o pulso.

– Era muito mais frequente tê-la na minha linha de visão. Não desejo analisar a mente feminina, mas sempre que tentei procurá-la, deparava sempre com um enxame, um tropel, uma turba de matronas intrometidas. No exército, com aquilo que fez, seria abatida a tiro ao amanhecer por comportamento covarde e traiçoeiro.

Ela baixou a cabeça.

– Suponho que não tenha sido muito corajoso da minha parte.

– Não foi a tua melhor prestação, pequeno lobo. Nem a minha. Aceitemos que fomos ambos dominados e completamente vencidos pelo inimigo.

Ela olhou para ele.

– Mesmo assim, não parou de olhar para ela. Reparou muito mais vezes nela do que na tia ou em Lady Broxwood.

– Zenia, amada minha, vou tentar despertar a sua compaixão. – Juntou as mãos dela entre as suas, fitando-as. – Quero que imagine um sujeito que passou mais de dois anos numa vida de completo celibato. Que tem a mulher mais bela, desejável e excitante a dormir no quarto ao lado; que a vê amamentar a filha; que fica acordado de noite a pensar que vai morrer se não puder tocar-lhe novamente e que sonha com ela e imagina o que lhe faria; que se encontra no pico de um devaneio que tem lugar na sala de visitas dela, numa cadeira... Já chegámos à cadeira da saleta?

Ele recuou um passo levando-a consigo, sentando-se numa das cadeiras. Pousou as mãos na cintura dela e abriu-as. Com olhos intensos, fitou-lhe os seios, aproximando as mãos e unindo-os. Zenia suspirou. Os lábios dele afastaram-se.

– Ele está a sonhar... No seu devaneio está sentado numa cadeira e ela está à frente dele, sem quase nenhuma roupa, só uma camisa; a luz, por trás dela, revela-lhe o corpo. Se eu me aproximar dela, se eu...

Beijou-lhe a pele por cima da camisa, suave como uma pena, fazendo-a atirar a cabeça para trás e fechar os olhos. Não devia permiti-lo, não devia. Mas naquela luz ténue, docemente tentada, era difícil mobilizar resistências.

– Em algum lugar – murmurou ele –, alguém fala sobre tigres.

– Lady Caroline – sussurrou ela.

– Não faço a menor ideia de quem seja e acho o assunto tremendamente tolo. – Enfiou os dedos por baixo dos ombros da camisa, fazendo deslizar o tecido pelos braços. – Estou muito mais interessado em saber como é que se tira esta peça de roupa fascinante. Estes laços soltam-se? Estes lacinhos cor-de-rosa? As raparigas são criaturas maravilhosas, deslumbrantes e delicadas. Devem ser costurados na camisa, seja como for proporcionam uma bela imagem. – Roçou-lhe os mamilos com os polegares, um gesto que a fez arquear o corpo contra ele. Ele sorriu, absorto, repetindo e observando o corpo dela. – Belos seios que encham o tecido – cogitou ele. – Recordo-me de forma muito vaga... muito vaga, repare... que talvez os botões de Lady Caroline constituíssem uma imitação muito pobre desse mesmo efeito, portanto é possível que eu o tenha feito, à falta de modelo melhor. – Puxou por uma das fitas e observou o resultado com interesse. – Talvez me tenha fixado na estrela menor, por um momento, talvez, por me ser apresentada com tanta insistência.

– Mais do que uma vez.

– Zenia! – disse, mergulhando o rosto nos seios dela. – Eu só olhei. Passaram dois anos!

– O tempo foi o mesmo para mim – retorquiu ela. – E nunca pensei em mais ninguém, nem olhei para mais ninguém, nem sequer por um momento.

Ele inspirou profundamente o aroma da pele dela e inclinou a cabeça, encostando-a ao peito dela. Brevemente, Zenia sentiu a carícia do cabelo dele e o seu peso. Depois, ele endireitou-se.

– Estou a ver que fui iludido – retomou, com nova dureza na voz. – Pensei que estávamos a discutir a minha devoção religiosa por Lady Caroline e a necessidade de me casar com ela porque ela deseja libertar tigres aprisionados, mas agora descubro que o tema são os vulgares ciúmes, e que eu me encontro em desvantagem, por ser ignóbil ao ponto de notar um colo feminino que me é imposto. – Libertou o segundo laço, desfazendo-o por completo com um movimento do indicador. – Enquanto a menina, que é pura como a neve, se limitou a combinar casar-se com outro homem, o que, presumo, devo aceitar docilmente, dando graças por ser libertado. – Afastou a camisa com os polegares, expondo-lhe a pele. – Talvez agora possa ser a Zenia a explicar-se, porque a sua lógica não me parece, de todo, convincente.

O que ele estava a fazer não promovia em nada o seu raciocínio lógico. Desatara os lacinhos da camisa até à cintura e, embora não a beijasse, ela sentia a sua respiração quente nos seios. Ele tocou-lhe novamente nos mamilos e ela arqueou-se despidoradamente contra as suas mãos, pedindo a boca dele.

Ele puxou-a para si com brusquidão. E foi como a doce sensação de amamentar Beth mas diferente, mais profunda e intensa, um homem exigindo a posse do seu corpo. Ela encostou-se a ele, a cabeça atirada para trás e as mãos abertas sobre os seus ombros. Ele despiu-lhe mais a camisa, expondo-a até à cintura e deslizando as mãos por baixo do tecido para a impelir a sentar-se no colo dele.

– Muito persuasiva – replicou ele com um sorriso perturbante. Tinham ambos a respiração acelerada. Ele continuava com as mãos nas ancas dela segurando a camisa que deixara praticamente de a cobrir.

Zenia abanou a cabeça, com abatimento.

– Não quero que ela o tenha – disse, apertando-lhe o rosto entre as mãos. – Não quero testemunhá-lo.

– Lady Caroline? – O rosto dele estava tenso sob os seus dedos. – Supõe genuinamente que desejo dar a volta ao mundo com uma mulher que me faz discursos sobre independência e adversidade? – Fez um sorriso escarninho. – Enquanto, sem dúvida, bebe limonada e dá ordens, confortavelmente

instalada no seu elefante.

– Diz isso agora, mas...

– Céus, eu conheço o tipo, Zenia! Não me atrevo a ir a uma conferência em Londres; devem estar na porta à espreita a ver se me veem. – Deu uma risada. – Deve existir um manual de debutantes, algures, com o meu nome em «Belmaine»: *Deve mencionar as aventuras dele com ar de veneração e irradiar grande entusiasmo pela geografia da Ásia. Diga que adora camelos e que detesta valsas.* – Fez uma careta, semicerrando os olhos. – Julgo que acrescentaram uma nova indicação: *Escolha um vestido apertado e respire com vigor, pois ele encontra-se lastimavelmente vulnerável.*

Ela rodeou-lhe a cabeça com os braços e segurou-o contra si, rindo de desconsolo, embalando-o.

– Sabe que o amo, não sabe? Eu amo-o.

– Alegra-me ouvi-lo – disse ele, meio abafado. – Não é bonito de se dizer a um homem por quem se tem moderada estima.

Ela levantou-lhe o rosto entre as mãos e fitou-o. Ele beijou-lhe a pele do pulso, num leve roçar, descendo as mãos pelas suas ancas e puxando-a para ele sem desviar o olhar.

– Sei que acabará por partir – murmurou ela, numa litania de autoconvencimento pois sentia a sua vontade a sucumbir à vontade dele. – Acabará por partir. Se não for com Lady Caroline, partirá sozinho.

– Zenia – contrapôs ele. – Zenia, só quero ir até àquela cama. – Introduziu uma mão entre os dois, respirando com vigor. – Nem isso.

Ela sentiu o seu membro ereto entre as pernas abertas. Ele beijou-lhe o pescoço e o lóbulo da orelha e o braço que lhe envolvia a cintura puxava-a contra ele.

– Tudo o que quiser – murmurou ele. – Tudo o que lhe agradar. Eu nunca a deixarei.

Deixará, gritou ela em silêncio, perdida nas sensações de prazer que ele desencadeava, afastando-o com as mãos enquanto o seu corpo se arqueava para corresponder à voracidade dele. Estremeceu quando ele lhe lambeu os seios e a abriu, a ergueu, e ela pensou descontroladamente que fariam outra criança, outra parte dele que poderia preservar, ansiando, subitamente, senti-lo dentro de si.

– Quero outro filho seu – disse-lhe ao ouvido.

– Sim, meu Deus – respondeu ele sem hesitar. – Sim, Zenia.

Ela encostou o rosto ao ombro dele e tocou com audácia as suas partes masculinas. Arden inspirou profundamente apertando-lhe as nádegas com força.

Ele parou, sentindo um profundo estremecimento interno quando Zenia o acariciou e conduziu com a mão dela. A cada deslizar dos dedos que revelavam o seu comprimento e a sua forma, todos os seus músculos pareciam preparar-se.

– Quer matar-me – sussurrou ele. – Sei que é isso que quer.

Ela ergueu a cabeça. O cabelo, agora solto, agitava-se ao acaso à volta deles. Uma estranha e excitante sensação de dominação acompanhava as carícias de Zenia; a nitidez do olhar dele foi-se esbatendo, mais distante e absorto, como se, ao olhar para ela, visse algo distante e fascinante. A respiração dele tornou-se entrecortada; atirou a cabeça para trás, mas sem a largar.

Zenia ergueu o queixo. Elevou-se e fê-lo entrar nela numa estocada única e profunda, abrindo-se com o seu próprio peso. Sons desarticulados saíam da garganta dele; Arden impulsinou-se para se introduzir ainda mais, segurando-lhe sempre a anca.

Mas a posição de Zenia dava-lhe controlo sobre ele. Era quando ela se movia, fletindo o corpo e

as ancas à procura da fonte do seu prazer, que ele inspirava em doce êxtase. Balançava-se contra ele, desfrutando intensamente da dor da penetração.

– Não me deixará – disse num sibilo ofegante. – Não me deixará, nunca.

Ele abriu os olhos, assustando-a com a feroz intensidade do seu olhar. Era como ter o *djinn* a olhar para si, o *djinn* selvagem que ela nunca conseguiria dominar ou repudiar, e a sua pequena invocação parecia demasiado pequena e débil para o controlar.

Mas podia roubá-lo. Podia alimentar aquela semente dentro dela, apoderar-se dela para si própria, como um filho mais para amar quando ele partisse.

Parou de se mover. Sentiu o corpo dele, quente e tenso, por baixo de si. Arden esticou os braços e segurou-lhe o rosto, descendo-lhe pelos ombros e pela cintura, segurando-lhe as nádegas, puxando-a ardentemente contra si.

– Por favor – disse ele, numa súplica tensa.

Ela continuava sem se mexer, aprisionando-o.

– Não vai partir – repetiu, ordenando, hipnótica.

– Nunca – disse ele, molhando os lábios.

– Ficaré em Swanmere.

– Onde quiser. Onde quiser.

Sentia as mãos dele sobre a sua pele, com dedos que a puxavam desesperadamente para o seu corpo.

Ela suspendeu os calcanhares do chão, debruçando-se. O movimento absorveu-o profundamente, tanto que foi doloroso, mas sem anular a felicidade pura que advinha da união dos dois. O corpo dela investiu sobre o dele, ansiando o preenchimento, ofegando, abandonado à necessidade incensurável que o êxtase absoluto que ouvia na garganta dele lhe despertava. Os dedos de Arden agarraram-na com ferocidade. Ele movia-se por baixo dela, arqueando-se, alimentando de forma poderosa o pico da paixão dela.

Um estremecimento radiante pareceu apoderar-se de Zenia, uma alegria pura, como se a vida dele se derramasse nela, permeando-a novamente. Ela cingiu-o, segurando-lhe a cabeça contra o seu seio enquanto os dois corpos palpitavam juntos.

Zenia continuou agarrada a ele, gemendo. Sentia a mente em branco e, contudo, cheia de energia, voltando do paraíso para o presente, recuperando lentamente a consciência de si; dele, das pernas esticadas, do roçar do cabelo dele contra a sua pele, da imponência do corpo que sustentava o seu peso.

Ele afagou-lhe o rosto com o seu, inspirando com um som agreste.

– Obrigado – disse, com braços frouxos a rodear-lhe a cintura. – Oh, meu Deus, obrigado. – Inspirou profundamente, elevando os ombros e o peito.

Zenia inclinou-se sobre ele.

– Diz-se sempre obrigado? – perguntou ela com a boca encostada ao cabelo dele.

– Hã?

– Diz sempre obrigado, depois de o fazer.

– Digo? – indagou ele.

– Sim.

– Que tipo tão educado – disse ele, com um risinho. – O civilizado Lord Winter.

– Também lhe agradeço.

– Quando quiser! Sou um seu criado, senhora. – Ele suspirou, relaxando contra o corpo dela. – Sempre que quiser.

Zenia mordeu o lábio, enfiando os dedos no cabelo dele. Não acreditou nas promessas que lhe fizera, de que ficaria. Fizera-as para obter o que queria; mas ela roubara-lhe o que desejava. Sentiu um triunfo secreto e egoísta; uma alegria miserável por poder guardar uma parte dele consigo; que ele poderia partir mas sem realmente a deixar. Desde que tivesse Elizabeth, e agora outro filho, pois tinha a certeza de que acontecera, e ele não pudesse levá-los, estaria a salvo do medo de ficar sozinha, uma força tão obscura e ameaçadora do seu interior que era quase como um *djinn*.

– Esta posição é ainda mais agradável do que eu imaginei – murmurou ele –, mas creio que tenho os dedos dos pés a ficar dormentes.

Zenia afastou-se, redescobrimdo a timidez quando se levantou e reparou na camisa enrolada na cintura. Virou-lhe as costas, para a compor.

Ele aproximou-se por trás, envolvendo-a num abraço antes de ela o conseguir.

– Não sou um raptor completamente retrógrado. Esqueci-me de lhe trazer roupas secas, mas lembrei-me de trazer a licença. – Fez-lhe cócegas no pescoço com o nariz. – Deseja esperar até de madrugada ou devo ir buscar o cura agora?

CAPÍTULO 28



Zenia ficou tensa.

– Agora?

– Se quiser. Pode ser aqui, os seus amigos advogados disseram-me que a licença é válida para qualquer altura e qualquer lugar.

– Está a nevar – replicou ela, nervosa.

– Eu não me importo – murmurou ele. – Não demoro a trazê-los. – Abraçou-a mais. – Por outro lado, não me importaria nada de ficar aqui fechado consigo durante dias a fio, se vier aí uma verdadeira tempestade de neve.

– Fechados? Encurralados pela neve, é isso? – perguntou ela, afastando-se.

– Não é provável – respondeu ele. – Mas não receie. Temos provisões e lenha suficientes.

– A Elizabeth! – exclamou ela. – Não posso ficar aqui encurralada!

– A Beth está ótima e perfeitamente feliz. Deixou-a com Mrs. Lamb, não foi?

– Sim, mas... – Zenia tocou nas roupas. – Oh, ainda estão encharcadas!

– Não vai a lado nenhum esta noite – declarou ele vendo-a a abanar o vestido, espalhando gotas de água por todo o lado. – Zenia, não seja tonta.

– Mas vai haver uma tempestade de neve! Não posso abandoná-la durante tanto tempo!

Ele pegou no vestido e atirou-o para cima da cadeira.

– Talvez devesse ter pensado no assunto antes de vir para norte.

Zenia agarrou o vestido.

– Foi culpa sua. O senhor é que me atraiu para aqui.

– Veio para se casar com o Jocelyn – rosnou ele. – Por mais perfeito que o homem seja, não controla tempestades.

– Quero ir-me embora! – gritou ela. – Quero ir ter com a Elizabeth.

– Tudo bem – disse ele. – Eu levo-a. Mas passamos pelo presbitério. Quero que nos casemos antes de partirmos.

– Não há tempo – insistiu Zenia, espremendo uma das meias. – Já deve estar a nevar demasiado.

Ele tirou uma lanterna de um gancho e acendeu-a. Dirigiu-se para a porta e abriu-a, saindo para o vento e o frio.

– Parou – anunciou, segurando na lanterna.

Abraçando-se para se proteger do frio, Zenia colocou a cabeça fora da porta. O vento empurrava-

lhe a camisa contra os braços e uma nuvem de fumo desenhou-se no círculo luminoso da lanterna. Não se viam flocos de neve a cair e, no chão, a camada revelada pela lâmpada não chegava a três centímetros.

– Pode recomeçar – disse ela, buscando o calor da lareira quando ele voltou a entrar. Zenia sentou-se e começou a enfiar a meia desagradavelmente molhada no pé. – Saímos agora.

– Para nos perdermos na charneca à noite, no meio da tempestade? Será muito bom para a Beth. Se insistir em iniciar viagem esta noite, podemos ir até ao presbitério de Grosmont; consigo encontrá-lo. O padre pode casar-nos imediatamente e passamos lá a noite. Depois, amanhã, apanhamos o comboio.

– Não se atreveria! – desdenhou, fitando-o. – Prendem-no por ter atacado o comboio.

– Nada disso – disse ele.

– Não pode ter a certeza. – Zenia levantou-se.

– Posso ter a certeza porque metade do caminho de ferro é meu!

Zenia arquejou.

– É seu!

Ele acenou com a cabeça de forma impaciente, pegando no casaco.

– Não interfiro com o seu funcionamento, mas tenho a certeza de que pensarão duas vezes antes de processar o seu acionista maioritário. Especialmente quando não fiz nada, tendo-me limitado a acompanhar a marcha do comboio e a ser alvejado.

– E a arrancar-me da carruagem.

– É minha mulher – disse ele. – Tenho esse direito.

– Não sou sua mulher.

– Bom – retorquiu ele, com uma centelha de perigo no olhar –, estamos prestes a tratar disso, não estamos?

Zenia esquivou-se ao seu abraço. Compôs a camisa e colocou os braços à volta do corpo.

– Lamento. Não devia... Não desejo fazê-lo.

A expressão de desconfiança dele alterou-se, transformando-se numa raiva intensa.

– Eu sabia! – Atirou a capa para longe. – Eu sabia que não tinha nada a ver com a Beth. O que é que eu fiz?

De imediato, o histerismo apoderou-se dela.

– Enganei-me! Estou cansada! Não vou casar-me consigo! Quero ir-me embora! – Ouvia a mãe na sua própria voz, o que a deixava ainda mais exaltada. Começou a chorar descontroladamente. – Deixe-me ir, deixe-me ir.

– Não – declarou ele, sobrepondo um tom cortante ao choro dela.

– Quero ir! – gritou ela.

– Então vai deixar-me – disse ele, com ar de desdém. – E pagamos todos o preço dos seus medos absurdos! A Beth, também. Tal como a sua mãe a fez pagar a si pelo orgulho dela.

– Tenho de ir. Tem de me deixar ir.

– Não – declarou ele.

– Vai abandonar-me! – A voz dela atingiu alturas de pânico. – Vou ficar sozinha!

– Meu Deus, diz-me que sou eu quem quer ser livre... Mas a Zenia é que quer! – A voz dele também subiu de tom. – Não confia em ninguém além de si própria. Eu encontrei o que procurava! Encontrei-a a si. Não preciso de procurar mais.

– Não, não – disse ela, abanando a cabeça. – Não é verdade. Não acredito.

– O que é que tenho de fazer para que acredite em mim? O que posso dizer?

– Nada.

– *Nada!* – gritou ele. – Vive como minha mulher há dois anos; eu quero casar-me consigo; deixou-me... – Apontou. – Naquela cadeira... não a violei, pois não? O que é que vai fazer depois *daquilo*, casar-se com o Jocelyn?

– Sim, vou casar-me com ele!

– Está louca! Agora não quererá ficar consigo! – ripostou ele, com incredulidade.

– Quer! – gritou ela, incansavelmente. – Quer, quer! Pode fazer-me cem filhos, que ele continuará a querer casar-se comigo! Ele quer filhos, mas não quer fazer o que senhor faz!

Ele ficou a olhar para ela.

– Está tão louca como a sua mãe.

– *Não* estou! – gritou ela, tapando as orelhas. – Ele quer filhos!

– E o que sou eu, então... O garanhão de serviço? É por isso que me deixa... – A voz enraivecida esmoreceu. Avançou um passo. – É por isso?

– Sim – soluçou ela. – Sim, sim, sim!

Tremendo como varas verdes, Zenia levou as mãos à cabeça e enrolou-se num casulo. Fechara os olhos com força. No silêncio, caiu de joelhos a chorar.

Dentro de casa, não se ouvia um único som; nada, além do vento a assobiar nas paredes e na chaminé.

– Muito bem – disse ele com voz gélida. – Vista-se. Não a importunarei mais, *madame*.



Embora estivesse gelada dentro do vestido molhado, enrolara a colcha da cama à sua volta e, encavalitada no cavalo à frente dele, mal notava o vento na charneca cinzenta. Tinham cavalgado tanto desde o caminho de ferro que Zenia não esperava estar perto de nada. Mas não passara mais de um quarto de hora quando reparou que a massa escura de que a égua se aproximava não era um grupo de árvores assinalando o fim de um vale, mas sim uma casa.

O vento uivava. Era uma casa solitária, no limiar da charneca, debruada pelo suave resplandecer da neve e do céu. Quando se aproximavam, brechas nas nuvens deram passagem ao luar, que incidiu sobre uma fila dupla de janelas altas.

Sem ser enorme como Swanmere, a casa era, ainda assim, imponente, elevando-se, escura e silenciosa num cenário sem árvores. Ele conduziu o cavalo entre colunas de pedra e atravessou o terreno plano, fazendo estalar a neve. Em vez de parar junto à escadaria dupla de balaustrada, que reluzia com os fios de neve soprados pelo vento em cada patamar, contornou-a até uma escada mais pequena. Desmontou, deixando Zenia, e aproximou-se da porta, batendo.

Passado bastante tempo, alguém abriu. Um raio de luz incidiu nos degraus e na neve. Ela não conseguia ouvir o que ele dizia, mas um homem desceu com ele, com a gola do casaco levantada e uma lanterna na mão.

Zenia cingiu a colcha contra o corpo quando o criado os conduziu pelos degraus e entraram, deixando-a com Lord Winter junto à porta. Esperaram num corredor mal-iluminado, revestido a madeira, repleto de baús e de botas.

Com uma expressão distante, ele aproximou uma mecha de enxofre de vários candelabros.

– Suponho que viu as nuvens a reunir-se – disse, sacudindo neve do casaco, sem olhar para ela. – Esta noite, não haverá tempestade, mas se lhe for possível suportá-lo, sugiro que fique aqui até amanhã e nessa altura peço a Mr. Bode que a leve à estação. A sua mala está aqui, por isso tem roupas secas.

– Onde estamos? – perguntou ela em voz baixa.

– Na minha casa – foi a resposta lacónica.

– Oh... Mas pensei que...

– Bem-vinda ao meu abrigo – disse ele sucintamente. – A minha tia deixou-me há vários anos. Tem minas e ovelhas, e o caminho de ferro. Um rendimento independente do meu pai, abençoada seja. – O rosto dele alegrou-se um pouco quando uma governanta idosa entrou no corredor, compondo apressadamente a touca. – Mrs. Bode – anunciou. – Há algum sítio onde a senhora possa dormir?

A governanta esboçou uma vénia periclitante, expondo a corcunda ao inclinar a cabeça. Numa estranha combinação de nervosismo e autoridade, disse:

– Terá de ficar no antigo quarto da senhora, mas não lhe sei dizer se a chaminé funcionará.

Zenia aguardou dentro da colcha o desenrolar da conversa sobre a chaminé e a capacidade de Mr. Bode para acender a lareira. Sem esperar que o outro criado voltasse, Lord Winter pegou numa braçada de lenha da caixa que estava à porta sob os protestos pouco esperançosos de Mrs. Bode. Atrás da governanta, que segurava a vela, Zenia seguiu-os pelo corredor, entrando na casa.

Aquele sítio tinha o mesmo aspeto da casa do pai em Bentinck Street, com lençóis a tapar a mobília, as portas fechadas; mas ali havia uma impressão de desocupação permanente, um cheiro a pó e a fechado, com os seus corredores cheios de caixas e itens obscuros, o frio impregnando a casa como se nunca se acendessem lareiras. No piso de cima, o quarto que Mrs. Bode abriu estava escuro e gelado; o vento abanava as janelas e num peitoril via-se neve por baixo de um caixilho onde panos se substituíam ao vidro.

– Ela não pode dormir aqui – disse Lord Winter em tom impaciente. – Olhou em redor com a testa franzida. – Lamento, senhora – disse, na direção de Zenia –, é a casa de um homem solteiro. Mrs. Bode, amanhã quero que trate daquela janela. Os postigos, pelo menos, devem estar em condições.

– Sim, senhor – respondeu, olhando para Zenia, de mulher para mulher. Quando Lord Winter passou por elas em direção ao vestíbulo, a governanta disse entre dentes: – Não me prestou a menor atenção quando lhe disse que o postigo tinha caído, senhora, ocupado como andou com Mr. Bode durante toda a semana com a cabana do guarda-caça; não sei o que queria que eu fizesse, mas não me vê a mim em cima de nenhuma escada para partir o pescoço.

Quando Zenia assentiu educadamente, a governanta pareceu ver no gesto um convite para se desculpar ainda mais.

– A casa de um homem solteiro, sem dúvida, senhora, e já só ficámos eu e Mr. Bode, já velhos, a cuidar deste sítio enorme que está a cair aos pedaços, enquanto sua senhoria anda a correr o mundo inteiro, sem passar tempo nenhum aqui. Faço o meu melhor, minha senhora, mas tenho setenta e seis anos e nem uma rapariga sequer para me ajudar; peço-lhe que me perdoe por a casa estar neste estado.

– Não se preocupe, Mrs. Bode – disse Zenia. – Lamento incomodá-la. Só vou ficar uma noite e ficarei bem em qualquer sítio que me destinar.

– Oh, vai-se embora tão depressa? – perguntou a velha senhora com desilusão. – Tive esperança de

que, com uma nova senhora... Costumava ser uma casa muito bonita, quando Lady Margaret era viva, paz à sua alma.

– Lamento – devolveu Zenia –, mas não sou... – Constatou que não conseguia dizer à frágil idosa que não era a nova senhora. – Tenho a certeza de que era muito bonita.

Mrs. Bode dirigiu-se para as escadas e Zenia seguiu-a.

– Garanto-lhe que era, senhora. Mas se um cavalheiro vive entre dois quartos como um eremita... – Baixou a voz quando iniciaram a descida. – A humidade vai levá-lo, receio, como eu e Mr. Bode não nos cansamos de lhe dizer. Mas ele é... Tenho a certeza de que sabe como ele é, senhora. Um amo bom e generoso, mas sem a mínima noção de como cuidar de uma casa. Além do teto e das quatro paredes, não liga a mais nada. Aposto que se vivesse debaixo de uma ponte nem notava a diferença. Digo-lhe, senhora, fez-me muita pena quando o vi entrar, cheio de livros e de armas e de mais nada. Um cavalheiro reservado e tímido como ele. Fiquei muito feliz quando soube que se tinha casado e que tinha uma mulher para cuidar dele, porque parecia destinado a tornar-se um daqueles cavalheiros estranhos que nunca falam com ninguém, que colecionam de tudo e que estão sempre sozinhos no quarto; eu só não estaria viva para o ver, mas pareceu-me uma pena.

Lord Winter saiu de uma porta que dava para o *hall* das escadas, sacudindo bocados de madeira das mangas.

– Terá de servir – disse. – Mrs. Bode, eu procuro outro sítio para dormir. Traga a mala da senhora para aqui, e lençóis lavados; essas coisas. – Quando a governanta se afastou, ele olhou para Zenia. – É o melhor que consigo fazer, receio – disse abruptamente, indicando a porta.

Zenia entrou num compartimento revestido a madeira, forrado de livros com diversos objetos espalhados por todo o lado: rolos de mapas e caixas de conchas e bilhetes de viagem; um guarda-sol de seda vermelha e dourada bordado, como aqueles que se utilizam para proteger os paxás quando viajam de camelo, encostado à janela. Ao lado deste, numa sombria cortina verde, uma pele de cobra enorme pendia até ao chão.

Por trás do guarda-fogo elegante, ardia já o lume, quebrando o frio da biblioteca. Lord Winter pegou noutra acha e atirou-a para o fogo, contemplando as chamas.

A luz dançava no rosto dele e num relógio de talha dourada pousado entre pedaços de uma escultura partida dispostos em cima da cornija da lareira. Maços de anotações manuscritas adejavam suavemente ao ar que saía da chaminé, seguros por um busto de mármore rachado. Zenia reconheceu um *hijab*, um amuleto com um encantamento para afastar o mal, pendurado numa tira de couro que pendia da orelha pétrea da escultura.

Num canto ao lado da lareira estava um sofá turco cheio de almofadas e lençóis amarrotados. Mrs. Bode entrou com roupa lavada pousada sobre a mala de Zenia.

Quando ela começou a fazer a cama no sofá, Lord Winter voltou toda a sua atenção para o fogo e disse:

– Aqui não deverá ter frio. Desejo-lhe uma boa noite.

Passou diante de Zenia e saiu antes que esta pudesse responder.

– Peço desculpa, senhora – disse Mrs. Bode. – Mas sua senhoria tem razão; é um quarto confortável, se não se importar com a cobra e as outras coisas. Quer que peça a Mr. Bode para tirar daqui a cobra, senhora?

Zenia olhou-a com dúvida.

– Refere-se à pele?

Mrs. Bode começou a rir nervosamente.

– Refiro, sim. Aquela velharia horrível. Não era uma cobra a sério, claro! Não estamos assim tão mal! – Prendeu o cobertor. – Mas não estamos bem. Se tivesse sabido que a senhora vinha teria chamado algumas raparigas para deixar a casa apresentável. Pagava do meu próprio bolso, se fosse preciso!

– A pele de cobra não me incomoda – declarou Zenia. – E já dormi em sítios muito piores do que este, Mrs. Bode.

A governanta deu uma última palmada no sofá.

– É gentil da sua parte, senhora. Muito gentil. Deseja torradas?

– Não, obrigada. Estou muito cansada.

Mrs. Bode fez a sua vénia periclitante.

– Então, a campainha está ali, senhora. Talvez a manhã nos dê um céu azul e possa ver a casa com outra luz.



A manhã não trouxe um céu azul. Pelas fendas dos cortinados, divisava-se apenas um cinzento plúmbeo. Zenia, sentada no sofá com o seu traje de viagem, lia a mensagem de Lord Winter e não mostrou grande interesse pela bandeja de torradas e chá que Mrs. Bode trouxera.

Indicava-lhe as horas a que devia sair para apanhar o comboio, que a carruagem estaria pronta e pedia-lhe um momento para falar com ela sobre um assunto de negócios antes de ela partir.

Zenia aguardou o máximo que pôde. Sentou-se a contemplar a desordem da biblioteca, as secretárias, as notas e os mapas. Não tinha um aspeto acolhedor, antes parecia um grande armário utilizado para armazenar coisas. Contudo, comprazia-se no cheiro familiar que marcava o quarto, e a ela. Dentro dela.

Sabia que Arden não a pediria novamente em casamento. Ela fora demasiado longe; tomara a sua decisão final. A criatura da noite anterior, que gritara com ele, que lhe berrara, parecia-lhe agora distante, sentindo porém, que não a abandonara e que a separava dele.

Era uma íntima angústia, uma dor que ela conhecera desde sempre. Desejava estar com Elizabeth para a aplacar e esquecer, sabendo, porém, que por muita felicidade que alcançasse, ela permaneceria, inalterável, sub-reptícia. Era uma dor que lhe parecia mais segura e mais familiar do que a própria felicidade, porque a esta poderia fugir-lhe, poderia perdê-la, e a sua ausência deixaria uma ferida insanável.

Naquele momento, compreendia a sua mãe como nunca compreendera. Lord Winter tinha razão. Sabendo que o pai não iria ficar, que não poderia ficar, fez com que ele partisse. Dentro de Zenia existia também uma raiva terrível, e medo. Começou a puxar os pelos escuros do regalo, com receio de se encontrar com Arden, sem saber ao certo se começaria a gritar com ele ou a suplicar o seu perdão pelo que dissera para que ele a libertasse.

Por fim, Mrs. Bode veio dizer-lhe que ele desejava falar com ela, conduzindo Zenia para o quarto ao lado, outro compartimento elegante preenchido de livros e estranhos objetos. Ali havia uma mesa comprida de jantar, metade dela ocupada por mapas e atlas abertos e com a outra vazia, à exceção de uma cafeteira e de restos de pequeno-almoço. Nos espaços deixados pelos quadros e por cima da lareira, viam-se armas reluzentes sobre estantes bem conservadas: pistolas e espingardas francas

juntamente com armas orientais, mosquetes magnificamente entalhados e cimitarras douradas.

Ele estava de pé ao lado da única cadeira que se via na mesa, vestido como o vira naquele primeiro dia em Dar Joon, de casaco desportivo e botas altas.

– Deve partir dentro de um quarto de hora – disse, sem a saudar. – Quero chegar a um entendimento relativamente à Beth.

A sua voz tinha uma tonalidade de perigo, uma determinação que parecia intensificada pelo arsenal reluzente.

– Passei a noite a pensar – continuou. – Não sei o que espera de mim, nem que tipo de acordo fez com o Jocelyn, mas se alimenta a expectativa de que nós sejamos amantes, sendo casada com ele, saiba que é impossível. Se... se o que se passou na noite passada der origem a outra criança, tudo o que acordarmos agora relativamente à Beth também será válido para ela – informou, com o maxilar cerrado. – Está a compreender?

Zenia assentiu. Mal conseguia levantar os olhos dos pratos que estavam em cima da mesa, nos quais se via que também ele não comera grande coisa.

– Quero que a Beth saiba quem eu sou – principiou.

– Se insiste – disse ela. – Se crê que será melhor para ela.

– Maldição! Não julgue que pode opinar sobre aquilo que é melhor para ela. – Fechou a boca com força, como se quisesse falar mais mas não se permitisse fazê-lo.

– O que mais? – perguntou Zenia.

– Quero vê-la. Diariamente, se me aprouver.

Zenia abanou a cabeça.

– Não – disse com veemência.

Ele voltou-se para a janela.

– Tem assim tanto medo de que eu a roube?

Tinha, mas também de o ver.

– Creio que seriam demasiado difíceis, as visitas. Para ela. Poderia aprender a gostar de si, a desejar vê-lo, e ficar magoada quando não o fizesse.

– Quando não mo permitissem – corrigiu ele, grave e implacável.

– Vai ficar em Inglaterra? – perguntou ela.

Ele não respondeu. As provas da sua vida errante estavam por todo o lado.

– Então não posso voltar a vê-la? – perguntou ele friamente. – Nem sequer uma vez?

– Falarei do assunto a Mr. Jocelyn e verei o que ele sugere. Terei de ponderar.

Estava a contar que ele se enraivecesse, mas Arden limitou-se a manter a postura e a olhar pela janela com ar distante.

– A carruagem chegou – disse, quando se ouviram as rodas e os cascos a afundar na neve gelada.

O coração de Zenia começou a bater com muita força. Olhou para uma chávena de café, ainda cheia, que arrefecera sobre a mesa.

– Suponho – disse ele –, que tem razão e que sairei do país. – À medida que falava a sua expressão não se alterou mas parecia perder toda a humanidade. Olhou pela janela com um distanciamento férreo. – Suponho que tem igualmente razão quanto a ser melhor para a nossa filha e para todos nós se eu não voltar a vê-la.

– Seria menos doloroso.

– Seria? – Sorriu; um sorriso pequeno e empedernido. – Excelente.

– Tenho de ir – disse ela, em desespero.

Ele voltou-se, quase como se se tivesse esquecido de que ela estava ali. O relógio da lareira começou a soar quando ele olhou para ela.

– Sim, claro.

Abriu-lhe a porta e seguiu-a até ao vestíbulo principal. Mrs. Bode aguardava, espreitando os degraus.

– Mr. Bode pôs-lhe um tijolo quente, senhora – disse, abrindo a porta com os olhos baixos.

Quando saiu, Zenia viu que a égua árabe estava agasalhada e amarrada à carruagem. Olhou para Lord Winter.

– *Shajar al-Durr* pertence à Beth – disse, com o cabelo ondulado pelo vento gelado. – É para ela. Não é para si nem para o Jocelyn. Mr. Bode tratará de a acomodar no comboio.

Zenia assentiu.

– Adeus – disse ele, com uma pequena vénia. Deu meia-volta e entrou em casa.

CAPÍTULO 29



Zenia subiu para a carruagem com a imagem da expressão que lhe vira no rosto quando ele lhe voltara as costas: sombria e austera, incomunicante; sem emoção, raiva ou arrependimento. À luz do dia, a casa era um retângulo cinzento solitário com bonitas janelas altas, completamente isolada na paisagem erma, pois os estábulos e os anexos estavam mais abaixo no vale.

Ouviu Mr. Bode dizer algo aos cavalos. A sege arrancou, fazendo estalar a neve. Depois de passar os portões deu uma volta e começou a descer lentamente a colina, por um caminho estreito que ladeava o vale.

Tentou pensar em Elizabeth, na viagem que a esperava, mas não conseguiu afastar a expressão que lhe viu ao fechar a porta. Passaria a ser a última memória dele, que se sobreporia a todas as outras. Com a respiração agitada, levou as mãos enluvadas às têmporas e ao rosto.

Iria passar. Sabia que iria passar, e ela ficaria segura e vazia. Era o pior. Em Londres, Elizabeth estaria à sua espera.

A estrada seguia o contorno do vale, e ela voltou a ver a casa, como uma sentinela na charneca.

Este é o meu túnel, dissera ele, num dos seus delírios. *Quer entrar?*

– Não ficarias – sussurrou ela. – Não ficarias.

Mas era ela quem partia. Mordeu os nós dos dedos por baixo da luva, encolhida de infelicidade, vendo a casa desaparecer. De repente, pareceu-lhe ouvir a voz da mãe, aos gritos, a expulsar da casa um dos criados; a expulsar Zenia de Dar Joon. Fitou o banco à sua frente. Recordou-se da noite da morte de Miss Williams. Zenia gritara com a mãe histérica por esta ter matado a única pessoa que amara. E lembrou-se da figura da mãe, imponente, sobre ela, com as suas vestes brancas, como um *djinn*, amaldiçoando-a com pragas em árabe. Lembrou-se do beduim silencioso que a levava para o deserto, para o exílio, sozinha, completamente só, aterrorizada e só entre estranhos.

De repente, agarrou na correia e puxou-a com frenesim. A carruagem parou lentamente. Mr. Bode abriu a portinhola do teto.

– Senhora?

– Volte para trás – disse ela, com a garganta tão apertada que mal conseguia falar.

– Volto para trás, senhora? Peço desculpa, mas a estrada aqui é demasiado estreita, senhora, e podemos perder o comboio. Esqueceu-se de alguma coisa?

Zenia abriu a porta com violência, enquanto o *djinn* da mãe lhe gritava advertências ao ouvido, cegando-a e sufocando-a. Ao descer para o chão, desequilibrou-se, mal ouvindo a voz de Mr. Bode.

– Volte – exclamou. – Quero entrar! *El-Muhafeh!*

A mãe continuava a uivar profecias e ameaças; culpava Zenia pelo remédio que matara Miss Williams; tratava-a por infiel, covarde e mulher sem valor e sem identidade; vociferava contra a confiança, que só um louco acreditaria no amor; o que era o amor senão a ilusão de uma mulher débil, uma loucura, uma peste; ele não a amava, só o deserto, ao que ele regressaria, rendendo-se ao chamamento inevitável, não hoje ou amanhã, mas precisamente quando ela tivesse começado a precisar dele e a dar-lhe a sua confiança...

Zenia vacilou, a meio caminho da subida para a casa, com Mr. Bode no seu encalço, a chamá-la. Sentiu o apelo da vida da sua mãe; a determinação em prender Elizabeth a si, em não a deixar partir, tal como a mãe prendera Zenia e Miss Williams, entre a doçura e o terror, com a força bruta do domínio que exercia sobre elas... Zenia sabia com uma certeza terrível que tinha o mesmo poder dentro dela e o conhecimento para o utilizar. Não queria fazê-lo, mas quando pensou que ficaria sozinha, nos dias que viriam, estacou no meio da neve, tiritando de medo.

– Não sou como a minha mãe – disse. – Não sou.

Deu mais alguns passos, voltou-se e olhou para a carruagem, que continuara a descer, afastando-se dela. Sentiu-se tomar pelo pânico.

– Não quero ficar sozinha – gritou. Começou a correr, tropeçando, escorregando no chão coberto de neve. Parou, ofegante. – Quero estar segura! Detesto o deserto! Vai deixar-me!

Mas lembrou-se do rosto dele. Do rosto dele e dos quartos daquela casa deserta. E um homem cada vez mais estranho, sozinho e distante, sem falar com ninguém. O *djinn* da sua mãe uivava furiosamente no vento, afastando-a dele de forma implacável, prometendo paz e refúgio; prometendo a ausência de perda, porque não havia mais nada a perder.

Começou a correr. Não sabia se descia ou se subia, até a casa surgir à sua frente. Subiu os degraus e entrou no corredor escuro, descobrindo-se naquela morada, fechando a porta atrás de si.

Estava ofegante. O seu coração batia com tal força que não ouvia nada à sua volta; nem sequer os seus próprios passos quando atravessou o corredor e parou diante da porta do quarto dele.

Arden estava sentado a uma das secretárias, debruçado sobre um livro, tão imóvel que nem lhe pareceu real. Parecia alguém que estava muito distante.

Voltou uma página, debruçando-se mais: um cavalheiro inglês, sozinho, intensamente dedicado ao livro que tinha diante de si. Zenia via as letras. A gravura para a qual olhava tão intensamente ainda estava coberta por uma folha de papel mata-borrão presa à lombada.

– *El-Muhafeh* – chamou, desesperada –, ajude-me!

Ele ergueu a cabeça de imediato e levantou-se, derrubando o livro.

O rosto dela desfigurou-se.

– Há um *djinn*! – gritou. – É a minha mãe!

Ele olhava para Zenia como se ela própria fosse uma aparição sobrenatural.

Ela agarrou-se à ombreira da porta, abanando a cabeça.

– Não existem *djinns* – exclamou ela. – É tudo superstição e ignorância. Não é cristão.

Os olhos dele semicerraram-se.

– O que se passou?

Ela fechou os olhos.

– Tenho medo. Ela está na minha cabeça. Ela faz-me fazer coisas, e dizer coisas! Está a transformar-me em alguém como ela! Está a fazer-me deixá-lo. – Os olhos dela abriram-se. – Está a

compreender? – gritou. – O senhor prometeu proteger-me!

Ela viu a força primordial erguer-se dentro dele, o demónio que julgara temer. Arden avançou com uma passada súbita, mostrando os dentes num sorriso feroz.

– É minha, pequeno lobo. Não deixo que ela a possua.

– Tenho medo! Tenho medo de não conseguir impedi-la!

– Quem a salvou quando ficou só em Dar Joon?

– O senhor – sussurrou ela. – Nunca temeu o *djinn*.

– Nunca – declarou ele.

– Não são reais – disse ela. Mas o seu coração acreditava neles, sentia o poder malevolente que estendia as suas garras sobre ela. Olhou para ele, envergonhada por lhe pedir que a tranquilizasse. – Mas, a minha mãe... Eu sonho com ela. E se o senhor me deixar? E se se for embora e eu acordar e a sentir?

Ele não lhe tocou. Limitou-se a fitá-la, com o seu sorriso diabólico.

– Eu escrevo-lhe um encantamento – anunciou. – Para a proteger.

À porta, Zenia ficou a observar com os olhos muito abertos. Ele pegou na tira de couro da escultura que estava em cima da lareira e levou-a para a secretária. Acendeu uma vela e rasgou um pedaço de papel, onde escrevinhou.

Cuidadosamente, com sobriedade, enrolou o papel e segurou-o ao fumo durante um momento. Zenia contemplou os lábios dele, mas Lord Winter proferiu o curto encantamento em silêncio, com concentração.

Com uma faca, rompeu o selo do amuleto, uma caixinha de prata do tamanho de um torrão de açúcar, atirando ao lume o conteúdo. Colocou-lhe no interior o encantamento que fizera, voltou a selar a prata fazendo pressão com a faca e levantou-se.

– Eu disse que estaria sempre consigo – murmurou, levando-lhe o amuleto ao pescoço. – Pequeno lobo, isto prende-me e defende-a. Para sempre.

Ela pousou a mão no amuleto e agarrou-o. Não acreditava em magia, que era a influência da sua mãe, a loucura da sua mãe, as ilusões do Oriente. Mas era tão forte a certeza da expressão dele, tão reconfortante...

Pela primeira vez, com o amuleto ao pescoço, ela sentiu-se inundar de convicção. Era como água límpida, como um manto enrolado à sua volta, olhar o rosto dele, o rosto forte e resoluto, sem medo de demónios, a certeza tranquila e pura da sua eterna presença.



Zenia não largou o amuleto durante todo o casamento, que foi celebrado no vestíbulo frio, diante de Mr. e Mrs. Bode. E, quando o cura copiou os votos que escreveu e lhos entregou, também não os largou. Manteve-os no seu regaço enquanto desfrutaram de um jantar surpreendentemente delicioso, organizado por Mrs. Bode, na sala, rodeados de armas e de mapas.

Havia um outro lugar na mesa preparado para o cura jovem e reservado, que se limitou a pestanejar e a dedicar-se discretamente a comer a sopa, quando Lord Winter disse:

– Agora que os pais da Beth celebraram um casamento cristão... – Parou a meio da frase. – Quero dizer que...

Aparentemente, não havia mais nada que quisesse dizer depois daquele passo em falso. No

silêncio constrangedor que se seguiu, lançou um olhar pesaroso a Zenia, acompanhado de um breve gesto de arrependimento. Depois disso, não pareceu muito inclinado a falar mais, mergulhando num dos seus silêncios.

Mas Zenia não se importou. Sentia-se leve e satisfeita com tudo. Depois de um longo interregno, durante o qual nenhum dos cavalheiros pareceu muito inclinado a tirar os olhos da sopa, aventurou-se até a sugerir que talvez pudessem demorar um dia, ou dois, a regressar a Londres, já que Elizabeth estava excelentemente entregue a Mrs. Lamb.

Lord Winter olhou em redor com uma careta.

– Que sítio fantástico para uma lua de mel!

– Temos a cabana – sugeriu Zenia.

Ele olhou para ela e para o cura atento, e corou. Ela notou o vermelho a subir-lhe pelo pescoço e o rosto. Ele pigarreou.

– Refere-se à casa do guarda-caça?

Zenia lembrou-se de que Mrs. Bode o apelidara de tímido. Fora uma descrição tão incongruente com aquilo que ela conhecia dele que nem sequer lhe prestara atenção. Reservado, sim; instável e difícil de compreender. Agarrou no amuleto e observou Lord Winter com curiosidade, o olhar altivo focado no vidro, as sobranceiras escuras ligeiramente arqueadas, como se tivesse sido ofendido.

É tímido, pensou, contemplando-o com profundo afeto.

– Ontem à noite parecia bastante confortável – disse ela, placidamente.

Ainda corado, ele dirigiu-lhe um olhar ardente, mas logo se dedicou a fitar o copo com ar sisudo, fazendo-o girar entre os dedos.

Entre dois cavalheiros tão reservados, parecia caber-lhe a ela, então, a condução da conversa. Conseguiu envolvê-los, à vez, com especulações sobre o tempo e questões sobre os deveres paroquiais do cura, assim como uma descrição da posição relativa da propriedade de Lord Winter e do caminho de ferro; mas, só com o tópico das armas é que conseguiu envolvê-los aos dois.

O cura, cuja timidez não lhe permitira colocar ele próprio as perguntas, seguiu com agrado a iniciativa de Zenia, embarcando numa torrente de perguntas sobre a coleção de Lord Winter. Aparentemente, era um aficionado das armas, e ficou deslumbrado com várias das peças penduradas nas paredes e entusiasmadíssimo quando Lord Winter pegou na espingarda de repetição *Colt*.

O clérigo ouviu com apaixonada atenção o seu anfitrião descrever o comportamento e desempenho da arma numa série de situações no deserto. Espalharam-na desmontada pela mesa enquanto o carneiro arrefecia e Mrs. Bode se tornava belicosa.

– É mesmo uma casa de solteiro – murmurou percutivelmente a governanta ao levantar os pratos. – Armas por todo o lado, e a senhora permite.

O cura desfez-se logo em desculpas enquanto Lord Winter ergueu a cabeça com uma expressão algo perplexa. Sentou-se, deixando a espingarda desmontada entre as ervilhas e o pudim rico.

– Lady Winter está à vontade com armas – disse, algo à defesa. – Ela própria sabe atirar muito bem.

Zenia, com receio de que Mrs. Bode não tivesse as armas em grande consideração, reuniu as peças e montou a *Colt*, como fizera mil vezes no deserto depois de a limpar e olear. Ergueu os olhos, deparando com um sorriso irónico de Lord Winter e o clérigo maravilhado.

– Deve estar ansioso por regressar a esses lugares tão estranhos e maravilhosos – disse o cura, afável. – Planeia partir em breve?

Zenia tocou no amuleto que lhe pendia do pescoço. Envolveu-o com os dedos.

– Não – respondeu Lord Winter. – Estou um pouco cansado de lugares estranhos e maravilhosos. Estou satisfeito por me encontrar aqui em segurança. – Olhou de soslaio para Zenia. – Se a varicela não me matar.

O cura propôs um brinde a Lady Winter. A conversa, mais fluida agora, conduziu a coisas mais mundanas e o clérigo despediu-se depois da tarte de maçã e do porto. Zenia voltou para a sala de jantar quando os dois homens se demoraram nas escadas. Da janela, viu o cura receber a sua retribuição, dando toda a mostra de surpresa e sentido agradecimento, partindo, então no seu pequeno *buggy*.

Lord Winter ficou a observá-lo durante um momento. Zenia aguardou, julgando que ele regressaria, mas ele voltou-se e dobrou uma das esquinas da casa, desaparecendo.

Sentou-se à janela, tentando imaginar a sala de jantar sem os expositores das armas e a desordem de livros e de mapas. Reparou em duas pequenas cascatas talhadas em madeira, de flores, frutos e animais selvagens, que delimitavam o espaço sobre a cornija da lareira e, dispersas sob a profusão de mapas, estavam mesinhas de apoio e as poltronas bordadas que pareciam tão elegantes como as de Swanmere.

Ficaria bonita, limpa e arrumada, com os cortinados rosa renovados e as madeiras e os estanhos polidos. Com certo assombro, constatou que era dela. Mrs. Bode fizera várias observações que implicavam que Zenia seria indesculpavelmente descuidada nos seus deveres se não tratasse de organizar a casa e de confinar cobras e armas a um território específico, masculino e reservado.

Mas Zenia não tinha a certeza do que pensaria Lord Winter. Talvez o deixasse desconfortável, mais inclinado a partir. Talvez ele quisesse viver em Swanmere, para manter aquela casa como seu refúgio.

A dúvida começou a assombrá-la. Não lhe parecera ligeiramente perturbado quando dissera que se sentia satisfeito por estar em casa? E a espingarda, a excitação no deserto... não tivera o mesmo brilho no seu olhar quando falava dele?

Passou bastante tempo sem que ele regressasse. Ela fechou os olhos e colocou ambas as mãos sobre o *hijab*.

Ouviu o som de um cavalo lá fora e a voz dele a gritar o seu nome. Zenia saltou e debruçou-se sobre a janela.

Estava montado em *Shajar*, sem sela, mesmo por baixo da janela, e sorria-lhe.

– *Yallah!*

A égua saltitante recuou, fazendo esvoaçar a crina como se estivesse pronta para um *ghrazzu*.

– Abra, minha amada!

Ela abriu a janela de guilhotina. O ar frio entrou.

– O que está a fazer?

– A repetir o meu único sucesso – declarou ele, soprando nuvens de gelo e esticando um braço para ela. – A raptá-la novamente. Desta vez, terá de cooperar um pouco mais, a não ser que deseje ver-se arrastada da janela.

– Está louco – gritou ela, a sorrir.

– Bom – disse ele –, parece funcionar bastante bem.

– E Mrs. Bode diz que é um cavalheiro tímido.

– Não sou muito bom a fazer conversa – admitiu.

– Posso sair pela porta?

– Não, minha amada, é demasiado simples e consensual. – Aproximou a égua. – Deve sair pela janela, para provar que me ama.

Ela sentou-se no peitoril.

– Não tenho capa.

– Quantos escrúpulos! Quando a sua devoção eterna é posta à prova... Baixe-se. Estamos de partida.

Com o braço à volta da cintura dela, colocou-a à sua frente. Zenia teve um momento de desequilíbrio, mas ele agarrou-a com firmeza. O cavalo deu meia-volta, seguindo o rastro que o *buggy* deixara na neve.

Ela voltou a olhar para a casa. À luz vespertina, a pedra dourada e as janelas brancas e altas eram bonitas de se ver com a charneca ao fundo, onde se notavam já faixas de erva amarela e de rochas.

– A Elizabeth e eu viveremos aqui? – perguntou ela, receando que não fosse apenas uma pergunta.

Ele riu-se.

– Espero-o sinceramente. – Depois, a voz dele mudou, e disse, com alguma tensão: – Suponho que prefira Swanmere. É muito mais civilizado, obviamente.

– Sim – disse ela –, mas esta casa é minha.

Ele apertou-a contra si.

– É exatamente isso que penso, pequeno lobo.

– Talvez não goste assim tanto de estar aqui se pusermos as suas armas num quarto especial.

– Hum – disse ele, fazendo-lhe cócegas com o nariz. – Estou a ver que Mrs. Bode tem falado consigo.

– Posso comprar tecido para fazer cortinados novos para a sala?

– Pode esvaziá-la toda, queimar tudo e começar de novo. Não passam de velharias. Queime a casa, se quiser, e dormimos na cabana.

– É um autêntico filisteu. Mrs. Bode diz que não se importaria de viver debaixo de uma ponte.

– Isso faria de mim um trol e não num filisteu. E suspeito que poderá haver toda uma fortuna em velhas obras de arte ultrapassadas, portanto talvez seja melhor não queimar tudo, pelo menos não sem fazer um inventário.

Avistaram a casa do guarda-caça, aninhada num dos extremos da charneca.

– O que é um trol? – perguntou ela.

– Um demónio, pequeno lobo. Os *djinns* que vivem debaixo das pontes e do chão.

– Oh... – disse ela.



À noite, depois de Arden a possuir lenta e profundamente e ter adormecido, quente, ao seu lado, Zenia contemplou o rosto dele à luz do fogo. Sentia o amuleto de prata contra o peito.

Perturbava-a. Dera-lhe um conforto imediato, mas quando lhe tocava, sentia-se herege e nada inglesa. Sentia-se resvalar para o mundo do Oriente.

Casara-se com ele. Ele compreendera-a a ponto de perceber que naquele momento de crise seriam os seus medos mais profundos a responder; a mágica fantasia da fé da mãe, o reino dos demónios e dos poderes sobrenaturais. Portanto, concebera-lhe um amuleto.

O pior de tudo era que ela acreditara nele. Ainda que a razão batesse o sentimento, no seu coração sabia que aquele *hijab* o prendia. Vira-o claramente quando ele a fitara, quando ele falara para ela; quando respondera à sua magia.

Saiu cuidadosamente da cama, ajoelhando-se diante das últimas chamas. Ele mexeu-se e ela ergueu os olhos rapidamente, com vergonha de que ele visse o que fazia; mas ele limitou-se a mudar de posição. A luz incidia-lhe sobre o rosto e o ombro despido, na pele dourada e nas sobrancelhas e cabelo escuros que se misturavam com as sombras.

Zenia segurou no amuleto, franzindo a testa.

Não precisava de magia para confiar nele. Não precisava de magia para o ter junto a si. Inspirando trêmula e profundamente, abriu o selo de prata com uma faca larga que tirou da mesa. Atirá-lo-ia para o fogo, o encantamento.

O rolinho de papel caiu sobre a sua mão, cheirando a fumo e ligeiramente escurecido pelas chamas da vela. Mas, antes de o atirar para a lareira, hesitou... e resolveu abri-lo.

Sentiu o coração apertado quando viu aquela escrita cabalística, a caligrafia mística que não era nem árabe nem inglês, nem nada que lhe fosse familiar. Vincava a negro a tira de papel com uma elegância e um poder estranhos. Fascinava-a e repelia-a ao mesmo tempo, como o seu ar demoníaco, uma energia elétrica que a deixava renitente em entregá-lo ao fogo.

– Creio que está ao contrário – disse ele.

Zenia olhou para ele com um pequeno gemido assustado.

– Vira-o ao contrário, pequeno lobo. E depois vem para a cama.

Ela inverteu o fragmento de papel. E, de imediato, as palavras vincadas tornaram-se claras.

Amo-te, dizia a caligrafia elaborada, o encantamento mágico que visaria prendê-lo.

Amo-te.

Com todo o cuidado, ela voltou a enrolar o papel e a colocá-lo no amuleto. Fez força com a faca para tornar a selar a prata que fechava o talismã. Depois pô-lo ao pescoço e subiu para a cama, entregando-se aos seus braços convidativos, em segurança.

NOTA HISTÓRICA

Embora a heroína deste romance seja uma criação inteiramente minha, Lady Hester Stanhope e Michael Bruce, o seu jovem amante, foram reais, tão fantásticos e incríveis como a sua história sugere. Fui fiel aos factos históricos disponíveis sobre eles, extrapolando apenas a partir de vazios. Embora não exista qualquer prova de descendência ilegítima da história de amor que viveram no deserto, houve um período de tempo, imediatamente depois de Lady Hester insistir para que Michael a abandonasse no Líbano, em que ela sofreu de uma doença à qual chamou «a peste». É certo que ao seu redor ocorreu uma grave epidemia de peste bubónica, mas os sintomas relatados por Lady Hester não lhe correspondem. Durante a longa recuperação, que durou de oito a dez meses, isolou-se inclusive de Mr. Meryon, o seu médico de confiança, tendo ressurgido repentinamente, pronta para partir à caça de tesouros no deserto. Chegou a haver um rumor, publicado num jornal francês, em como teria tido um ou mais filhos de Bruce; mas as provas históricas sobre este assunto terminam aqui.

A história de Lady Hester Stanhope e de Michael Bruce mereceria um romance exclusivo. Para os interessados, recomendo a biografia breve de Lady Hester em *Passionate Pilgrims: English Travelers to the World of the Desert Arabs*, de James C. Simmons. A maioria das biografias mais antigas está marcada por alusões a Lady Hester como uma velha caquética aos trinta e quatro anos e a comentários infundados sobre o carácter «débil» de Michael Bruce, os quais não fazem justiça ao dramatismo acentuado e à intensidade da ligação entre os dois. A correspondência reunida entre Bruce e Lady Hester, publicada em *The Nun of Lebanon: The Love Affair of Lady Hester Stanhope and Michael Bruce*, e *Lavalette Bruce: His Adventures and Intrigues Before and After Waterloo*, ambas publicadas por Ian Bruce, seu descendente, conferem ao leitor um retrato mais claro e justo de um jovem interessante e complexo que, embora possa não ter correspondido às aspirações de grandeza a que tanto o pai como a amante procuraram sujeitá-lo para satisfazer as suas próprias ambições, pelo menos teve uma vida para além de Lady Hester Stanhope.

Quanto a velhas caquéticas que tenham ultrapassado a módica idade de trinta e quatro anos... Bom! É realista supor que um homem bonito e saudável de vinte e poucos anos (o qual, mais tarde, provou que poderia ter qualquer mulher que quisesse) só estivesse interessado em Lady Hester por razões políticas? Vendo bem, não fazendo caso de suposições de biógrafos nem de evidências históricas, suspeito que a real relação entre Lady Hester e Michael poderá ser completamente apreciada ouvindo a canção «Maggie May³», de Rod Stewart.

³ Canção que aborda a relação entre um jovem e uma mulher mais velha. (N. da T.)